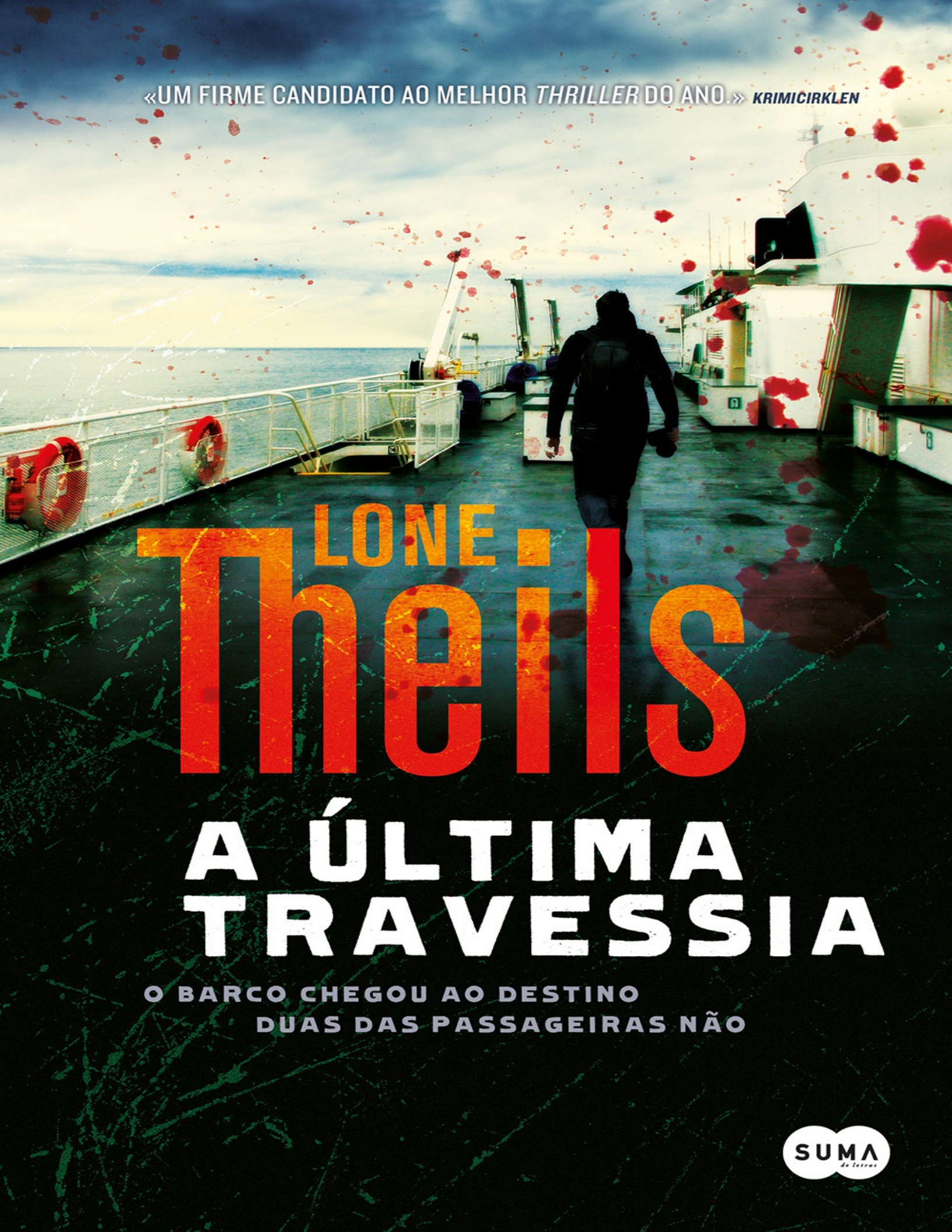
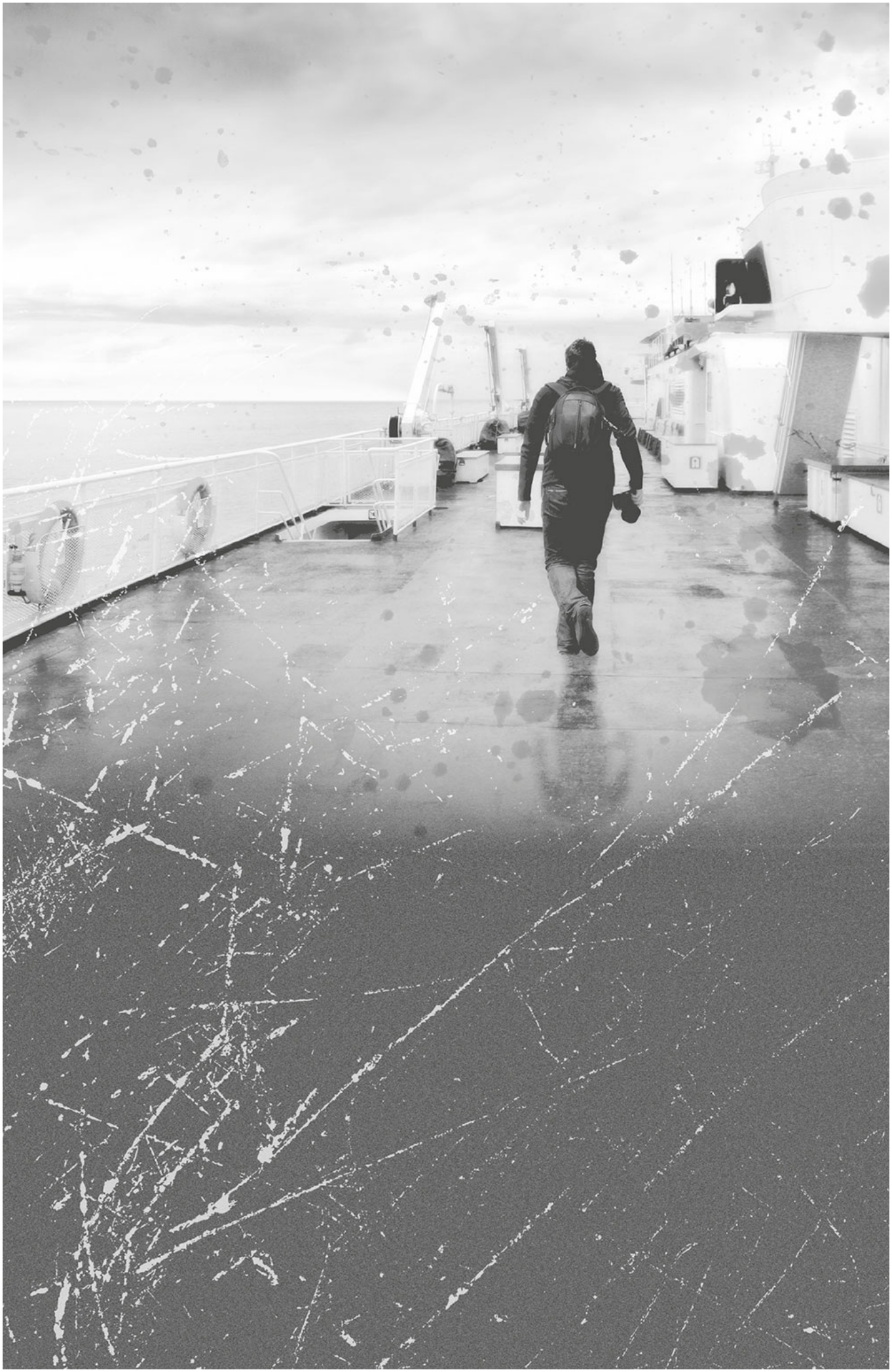

«UM FIRME CANDIDATO AO MELHOR *THRILLER* DO ANO.» KRIMICIRKLEN
LONE
Theils
A ÚLTIMA TRAVESSIA
O BARCO CHEGOU AO DESTINO
DUAS DAS PASSAGEIRAS NÃO
SUMA de Letras

LONE THEILS

A ÚLTIMA TRAVESSIA

Tradução de
JOSÉ REMELHE





1

O homem de cabelo rarefeito parecia um professor de meia-idade, de origem africana, como tantos outros. Usava calças cinza-claras e uma camisa acabada de passar a ferro. Calma e metodicamente, serviu chá *Earl Grey* em chávenas de porcelana floridas. Quando se inclinou por cima da pequena e maltratada mesa com o tampo de ladrilhos e juntou cortesmente leite ao chá, Nora sentiu uma ténue fragrância a óleo de amêndoa e detergente. Deitou-lhe dois torrões de açúcar e mexeu uma vez. De seguida, começou a descrever execuções, violações, mutilações e assassínios.

Os relatos volutearam na mente de Nora, uma atrocidade pior do que a outra. Crianças de uma escola que testemunharam a violação em grupo da sua professora antes de serem assassinadas com catanas. Massacres de aldeãos que só pararam quando estavam demasiado cansados para levantar os braços, pelo que trancaram os sobreviventes e os cadáveres no mesmo espaço até ao dia seguinte, quando retomaram a carnificina. O homem que, para sua própria segurança, podia ser tratado apenas por «Sr. Benn», retomou a monótona narrativa.

Nora agarrou a chávena com força. Sentia uma enorme vontade de lançar o chá quente à cara do impassível homem. Conseguir uma reacção, detectar um vestígio de humanidade naquele rosto inexpressivo. Emoção. Arrependimento.

Porém, controlou-se. Porque é assim que Nora Sand, correspondente estrangeira da revista semanal dinamarquesa *Globalt*, funciona: escuta, reúne informações e escreve. É uma profissional.

— Tenho uma última pergunta — disse, num tom neutro.

O homem mirou-a com um olhar que havia muito abandonara a humanidade.

— Diga.

— Porquê? Porque foi que o fez?

O homem encolheu ligeiramente os ombros.

— Porque não? Eles mereciam. Não passavam de baratas. Nós limitámo-nos a limpar a cozinha.

Nora estremeceu. Mexeu num botão do gravador. Depois, desligou-o e levantou-se, um pouco demasiado abruptamente.

Pete, que estivera sentado a um canto, também se levantou, trocou as objectivas da câmara e meteu mãos à obra.

Fotografias sombrias do homem que agora se chamava Sr. Benn. Fotografias desfocadas do seu rosto. Grandes planos das suas mãos escuras. E apesar de as mãos do Sr. Benn estarem limpas e as unhas bem tratadas, Nora pensou que ainda vislumbraria vestígios de sangue.

Eram imagens de um homem que mantivera a sua liberdade, porque optara por denunciar os seus superiores. As provas por ele reveladas haviam-lhe permitido passar pelo sistema de asilo britânico e desfrutava actualmente de uma vida tranquila numa vila costeira do Sul de Inglaterra onde a coisa mais excitante que acontecia era o festival anual. Nora sentiu vontade de vomitar.

*

Pete assomou à porta. Nora desenterrou do bolso a chave do carro e atirou-lha. Ele apanhou-a em pleno voo.

— Conduz tu. Estou esgotada — disse ela, sentando-se no lugar do passageiro do maltratado *Ford Mondeo* de Pete.

Ele soergueu as sobrancelhas.

— Foi duro?

Era um homem de poucas falas, mas, quando falava, as suas palavras eram ponderadas e pronunciadas com um inconfundível sotaque australiano.

Nora tinha imenso para desabafar, mas as palavras ficaram presas na garganta.

— Há limites para aquilo que…

Em silêncio, Pete guardou o seu equipamento na bagageira, entrou no carro e ligou o motor. Ao invés de seguir pela via que os levaria até à auto-estrada para Londres, optou pelo caminho da costa.

Nora não reagiu. Trabalhavam juntos desde que, cinco anos antes, ela viera para Londres como jornalista inexperiente. Depois de inúmeros trabalhos e viagens entre África e países da Europa de Leste, praticamente conseguiam adivinhar os pensamentos do outro.

Quando chegaram à pequena aldeia piscatória de Brine e estacionaram nas traseiras de um *pub*, o Sol lançava os seus raios mortiços sobre a paisagem.

Nora estremeceu e puxou a gola do casaco até às orelhas.

Deambularam até à praia, onde o mar pardacento se fundia com o céu madrepérola. O vento mordiscava-lhes as maçãs do rosto e, meia hora mais tarde, Nora conseguia sentir o veneno lentamente a abandonar-lhe o sistema. Ou melhor, o veneno fora encapsulado, reduzido a um tamanho aceitável e acondicionado num lugar escuro do seu âmago, numa prateleira com histórias de conteúdo e calibre semelhantes.

— Vamos, regressemos à aldeia. Fazem um peixe maravilhoso. Já cá estive com a Caroline — disse Pete.

Como sempre, a sua voz deixou transparecer alguma tristeza quando referiu o amor da sua vida, que regressara havia muito a Melbourne e se casara com um cirurgião.

Atravessaram azinhagas estreitas que pareciam assustadoramente desertas durante a semana de trabalho antes do assalto da temporada turística.

— Ei, espera lá.

Nora parara à porta de uma loja muito diferente das que habitualmente atraíam os turistas: as lojas

pintadas de cor pastel, onde se podiam adquirir artigos de cerâmica, e as que vendiam iguarias como peixe fumado. A tinta da fachada estava a descascar e tinha as janelas imundas, mas Nora conseguiu vislumbrar alguma coisa por trás do vidro da montra: uma mala de cabedal coçado, a adição perfeita para a colecção que tinha em casa.

Tentou abrir a porta e, para sua surpresa, conseguiu.

O cheiro a bafio e pó voou até ela de uma sala apinhada de tantas coisas, que as paredes ameaçavam desabar. Livros com capa de couro acumulavam-se em pilhas altas a todo o comprimento de uma parede e, nas outras paredes, havia estantes repletas de copos de cristal e incoerentes peças de porcelana.

Os poucos espaços entre as estantes eram ocupados por gravuras de qualidade variada. Nora deu por certo que os barcos eram o tema predilecto.

Numa sala dos fundos, ouvia-se um disco riscado de Glenn Miller a tocar *In the Mood*. Por trás do balcão, um homem com uma enorme barba ruiva acompanhava a música, cantarolando, enquanto polia um castiçal de cobre.

— Bem-vinda — disse, com um sorriso.

Nora retribuiu-lhe o sorriso e deu uma olhadela rápida pela loja. Sentiu-se tentada a ir ver um recipiente de manteiga prateado com a forma de vieira, mas voltou a atenção para a mala que vira na montra.

— Posso ver melhor, por favor? — perguntou, apontando para a mala.

O homem saiu de trás do balcão, gingando. Era um homem grande, mas mexia-se com uma notável agilidade, ziguezagueando por entre os desgastados móveis em segunda mão e o acervo de artigos usados de aspecto surrado.

Afastou uma caixa de estanho e uma pilha de LP e retirou a mala de baixo dos artigos expostos na montra.

— Chegou apenas na semana passada. Está em excelente estado — disse ele.

Nora estendeu a mão para lhe tocar. Era pele genuína. Castanho-escura, com arranhões. Tinha aquele aspecto desmazelado apetecível.

— Quanto está a pedir por ela? — disse, com indiferença.

O homem rabujou e semicerrou os olhos.

— Que me diz a cinquenta libras?

Nora fez uma careta.

— Estava a pensar mais em vinte.

— É pele genuína — refutou o homem.

Nora experimentou o fecho. Não abria. Franziu o cenho.

— Está encravado?

O homem encolheu os ombros.

— Nada que um gancho de cabelo ou um pouco de destreza manual não resolvam.

— Sim, mas pode ter alguma coisa lá dentro. Pode estar cheia de bolor.

O homem pegou na mala e abanou-a. Ouviu-se um baque surdo.

— Hum. Pode ser papel. Ouça, se aceitar por quarenta libras, fica com o conteúdo de borla. Vendido no estado em que se encontra. Pode ter lá dentro um bilhete de lotaria premiado. Quem

sabe? Uma oportunidade única!

Três minutos depois, Nora saiu da loja, com menos trinta libras no bolso, mas com a mala na mão.

— És incorrigível — disse Pete, revirando os olhos.

— Eu sei, eu sei. Mas tens de concordar que é perfeita para aquele espaço por baixo da mesinha de café ao lado da arca.

Pete abanou a cabeça e puxou-a colina acima.

Comeram solha fresca frita com puré de ervilhas e batatas fritas. Quando regressaram ao carro e Pete pôs a tocar o CD dos The Eagles e programou o GPS para «casa», Nora recuperara o suficiente para começar a compor mentalmente o artigo sobre o professor do Ruanda.

Quando Pete a deixou à porta do seu apartamento no Belsize Park, estava exausta e tudo o que conseguiu fazer foi entrar em casa, escovar os dentes e meter-se na cama.

2

O som do Big Ben ecoou pelo apartamento. Era o toque especial do seu telemóvel que ela reservara para o chefe, Oscar Krebs. Era conhecido entre os seus colaboradores como o Lagostim, graças ao seu talento para detectar fragilidades nos artigos e os retalhar com as suas garras até os desmanchar, ou o jornalista aparecer com uma investigação mais convincente. Pelo menos, era o que dizia. Havia colaboradores da revista que afirmavam que o epíteto se devia à cor da sua cara quando estava sob tensão.

Nora respeitava a sua obsessão de rever duas ou três vezes todos os artigos antes de os publicar na *Globalt*. Porém, estava farta da incapacidade crónica do Lagostim para compreender o conceito de Hora de Greenwich. Já era suficientemente mau ele esquecer-se de que era uma hora mais cedo do que em Copenhaga. Era ainda pior insistir que era uma hora mais tarde. Depois de tentar explicar-lho diversas vezes, Nora acabou por aceitar que havia coisas que nunca se explicariam a um chefe.

— Calculo que já estejas a pé há horas — disse o Lagostim, parecendo enérgico e alegre.

De olhos semicerrados, Nora consultou o despertador na mesa-de-cabeceira. Eram 6h30 em Inglaterra. Passou as pernas para o lado de fora da cama.

— Hum.

— Excelente. Quando entregas o artigo sobre o Ruanda? Reservámos-te a página sete e vamos para o prelo esta tarde.

Ela murmurou alguma coisa sobre as 14 horas, hora dinamarquesa, desligou e foi a cambalear até à única divisão decente do apartamento que transformara em sala de estar/estúdio/biblioteca/*kitchenette*. Ainda meio a dormir, realizou o seu rotineiro ritual matinal. Ligou o portátil, depois a televisão na BBC News 24, pôs a chaleira ao lume e arrastou-se até à minúscula casa de banho.

Foi então que a sua rotina foi interrompida de forma abrupta ao dar por si esparramada no chão do corredor, depois de tropeçar na mala que largara ali na noite anterior, já tarde. O fecho tinha-se aberto, espalhando um monte de polaróides pelo chão. Nora sentou-se no chão e abriu completamente a mala.

Pegou nas polaróides e folheou-as. Todas retratavam raparigas jovens, adolescentes. Raparigas

sozinhas, de pé, encostadas a paredes, em interiores e exteriores, numa pose que pouco variava. Todas olhavam directamente para a objectiva da câmara.

Algumas namoriscavam manifestamente a câmara, com um sorriso. Outras pareciam tímidas e desajeitadas. A julgar pelos penteados e pelas roupas, Nora calculou que as fotografias teriam sido tiradas entre o decénio de 1980, pelas calças à MC Hammer, o gel no cabelo e as blusas largueironas, e o decénio de 1990, tendo em conta a fotografia de uma rapariga com uma *T-shirt* dos U2.

Calculou que a colecção deveria pertencer a um fotógrafo amador, chegando a esta conclusão graças ao que aprendera ao trabalhar com Pete. Não se tratava de um portefólio profissional, mas de uma extravagante tentativa de um fotógrafo provinciano de dominar a difícil arte da fotografia. Um homem com um fascínio por jovens mulheres, mas que obviamente nunca teria aprendido nada sobre a escolha do tema ou da iluminação, e que não possuía a menor veia artística. Encolheu os ombros e estava prestes a fechar a mala, quando o seu olhar foi atraído por uma imagem que se destacava das demais.

Duas raparigas na mesma fotografia. Uma loira sorridente, um pouco gorducha, mas bonita. Ao seu lado, uma rapariga pequena de cabelos pretos fazendo uma careta ao fotógrafo. A fotografia deveria ter sido tirada no Verão; estavam de calções e tinham como pano de fundo uma superfície branca. Calculou que a *T-shirt* coçada com as palavras «Feed the World»[1] fosse de um ou dois anos depois do concerto *Live Aid* em 1985.

Porém, não foi a *T-shirt* que chamou a sua atenção. Foi o sinal com a enorme seta vermelha por trás das duas raparigas e a inscrição, em dinamarquês: *Plataforma de estacionamento 2*.

Pôs a polaróide de lado e foi à casa de banho, escovou os dentes e lavou a cara. Preparou uma chávena de *Nescafé* forte, misturou um pouco de leite, sentou-se em frente do computador e ligou o gravador.

A voz impassível do Sr. Benn encheu a divisão e, nas horas que se seguiram, a vida de Nora resumiu-se a ele e aos horrores do seu relato. Os seus dedos adejaram sobre o teclado.

*

Nora enviara o artigo e, enquanto aguardava o retorno, fez uma fraca tentativa para organizar as pilhas de papéis que tinha na secretária. Verificou o frigorífico e pensou se teria energia suficiente para uma viagem à Whole Foods em Kensington. Era capaz de passar horas nos três pisos repletos de alimentos seleccionados e regressava sempre a casa com a carteira vazia e um carregamento de queijo de cabra italiano, bolachas de cereais, groselhas biológicas ou *cheesecake* da padaria. Contudo, sentia que este não era um desses dias.

Havia alguma coisa na fotografia na plataforma de estacionamento que a perturbava; evocava aquela tristeza que se sente quando se olha para antigas fotografias de soldados, jovens sorridentes que pensavam ser imortais, mas que hoje existem apenas sob a forma de letras gravadas num memorial de guerra cheio de musgo na Normandia.

Tentou afastar aquela sensação de desgraça. Nos dias de hoje, as duas raparigas ter-se-iam já casado e divorciado várias vezes, e esquecido a travessia de *ferry* que tinham feito havia decénios.

Porém, Nora pegou mais uma vez na fotografia das duas raparigas. Uma morena, a outra loira. O olhar da rapariga loira era ríspido, como que a desafiar quem estava por trás da objectiva, como quem diz: «Que raio é que queres?» A morena parecia tímida. Tinha a cabeça inclinada para o lado e os olhos postos no chão, como se não tivesse coragem de olhar directamente para o espectador.

Consultou o verso da fotografia. Nada.

O silvo do intercomunicador interrompeu-lhe os pensamentos.

— Quem é? — atendeu, hesitante.

— Boa tarde. É a polícia. Recebemos uma queixa de violência doméstica — alguém disse em dinamarquês com um vincado sotaque da Jutlândia do Norte.

Que chatice! Esquecera-se completamente de que tinha combinado ir almoçar com Andreas.

Eram amigos desde o secundário, mas no baile de finalistas Andreas bebera demasiado e declarara-lhe o seu amor eterno. Como Nora não conseguira retribuir-lhe os sentimentos e perguntara se poderiam ser apenas amigos, ele passara a evitá-la.

Pouco depois, Nora fizera um *inter-rail*, tendo depois passado em Inglaterra o ano sabático, e Andreas ingressara na Academia de Polícia. Desde que concluíra a formação, subira de posto e ocupava agora um cargo no Departamento de Crimes Violentos. Nora nunca deixara de seguir os seus passos de longe, e agora o tempo parecia ter curado o seu orgulho ferido. Ele encontrara-a no Facebook e enviara-lhe uma mensagem a dizer que estaria em Londres durante duas semanas e que estava a frequentar um curso sobre células terroristas ministrado pela Scotland Yard.

Nora consultou a agenda, que acabara debaixo de um exemplar antigo do *Guardian*, de um relatório da OMS sobre a pobreza infantil e de um artigo sobre imigração que arrancara do *The Economist*.

Não restavam dúvidas. Dizia: «Almoço, Andreas — 13h30».

— Então, como é que é? — disse ele pelo intercomunicador.

Ela abriu-lhe a porta.

— Sobe. Demoro um minuto.

Os ombros largos e o cabelo amarelo como o milho por cima de uns olhos castanhos eram Andreas, exactamente como ela se lembrava dele. Porém, conseguia perceber que os anos haviam deixado a sua marca no seu rosto. Tinha crescido.

Andreas abriu os braços sem proferir palavra e ela desapareceu no seu enorme abraço.

— Continuas encantadora como uma sereia — disse ele, com o seu sorriso matreiro.

Nora revirou os olhos.

— Pelo menos, não deixaste crescer um bigode de pontas caídas como os polícias da banda desenhada. Eu não conseguiria aguentar.

Fez sinal com a mão e convidou-o a entrar, fazendo que o apartamento parecesse ainda mais microscópico com um polícia alto e musculoso lá dentro.

— Estive a trabalhar desde que me levantei de manhã. Preciso de um duche rápido antes de irmos a algum sítio. Queres café enquanto esperas?

— Jura! Pensei que ias levar-me a almoçar fora com o teu quimono de *kung-fu.* Tornaste-te muito enfadonha com a idade, não achas? — Andreas sorriu e olhou à sua volta.

Nora fingiu ficar ofendida, apontou para a chaleira e atirou a cabeça para trás.

— Água. Café. Leite no frigorífico. Eu estarei na casa de banho.

Deixou a água morna escorrer-lhe pelo corpo enquanto pensava aonde levar Andreas. Havia o restaurante biológico Honey Bee Café mesmo ao virar da esquina, ou podiam ir ao bar de *tapas* que havia à beira da estação do metro. Desistiu da ideia. Era demasiado exótico para o dinamarquês da Jutlândia do Norte que ele continuava a ser. Decidiu-se pelo pequeno restaurante turco nas traseiras do supermercado.

Secou o cabelo e vestiu rapidamente uma *T-shirt* branca pouco usada, umas calças de ganga pretas e umas sandálias. Depois de passar o lápis à volta dos olhos azul-esverdeados e aplicar um pouco de batom brilhante nos lábios, estava preparada para um almoço catita.

Quando regressou à sala de estar, Andreas estava pensativamente sentado com uma caneca de café numa mão e a polaróide das duas raparigas na outra.

— É algum artigo em que estás a trabalhar?

Nora abanou a cabeça.

— Comprei ontem uma mala velha e essa fotografia estava no meio de um monte delas apanhadas por trás do forro — explicou, gesticulando para a mala que continuava no chão do corredor. — Não sei o que é, mas essa fotografia tem alguma coisa que me deixa com a pulga atrás da orelha. E irrita-me não compreender o quê. Tenho a sensação de que deveria saber — disse.

Andreas semicerrou os olhos.

— Parece que uma das raparigas está a usar uma pulseira. Tens uma lupa?

Nora remexeu algumas gavetas e encontrou uma debaixo de um monte de alfinetes-de-ama, giz de cor e velhos carregadores que nunca chegara a deitar fora.

Tirou a polaróide da mão de Andreas. Ele estava certo: conseguiu ver uma pulseira com letras individuais no pulso de uma das raparigas. Estava desfocada, mas Nora conseguiu ler um «L»… e possivelmente um «E» ou um «I».

Seria Lene? Line? Lisette? Lea? Nenhum desses nomes a ajudou a perceber o que a intrigava na fotografia. Será que o *ferry* onde a fotografia fora tirada tinha alguma coisa de familiar?

Andreas interrompeu-lhe o raciocínio.

— Não sei se tu já, mas eu ainda não tomei o pequeno-almoço, por isso, que me dizes? Vou comer alguma coisa hoje ou não?

*

Pouco depois, estavam sentados no Abdul's e Andreas deixara Nora espantada ao fazer o pedido da ementa como um cliente habitual. *Köfte*, *cacik* e *pide*, tendo mesmo dito *Tesekkür* a Abdul, que mostrara o seu melhor sorriso para celebrar o ocorrido.

Nora soergueu as sobrancelhas.

— Que foi? — disse Andreas, maliciosamente. — Ou pensas que o Aeroporto de Aalborg não tem partidas internacionais?

— Desculpa. É que eu lembro-me de ti como sendo do tipo mais tradicional. Tive de te azucrinar durante horas só para te convencer a experimentar lasanha — disse ela, com um sorriso bastante envergonhado.

— As pessoas mudam — disse ele, com um ligeiro encolher de ombros.

Abdul trouxe um jarro de água gelada e o pensamento de Nora começou a incidir novamente na fotografia das duas raparigas.

— Aquela fotografia tem alguma coisa que me incomoda. É como se eu tivesse obrigação de as conhecer — começou.

— Passa-se o mesmo comigo — disse Andreas, concordando com a cabeça.

— Muito bem. Temos duas raparigas. Uma delas tem o nome começado por «L». Ou se calhar teve um namorado com o nome começado por «L». Num *ferry*? Lise no *ferry*? Line? Lis…?

De súbito, no preciso instante em que Abdul pousou em cima da mesa um cesto de plástico com pão turco morno, lembrou-se.

— Lisbeth! — disse ela, batendo com a palma da mão na testa. — Santo Deus, Andreas! É a Lisbeth. «L» de Lisbeth. Não te lembras do caso? As raparigas do *ferry* de Inglaterra?

Tratava-se de um daqueles casos que por vezes eram abordados em documentários. Na Páscoa passada, quando ela regressara à Dinamarca e almoçara com Trine na sua casa de férias, Nora apanhara o final de um programa no qual se afirmava, uma vez mais, que o que acontecera a Lisbeth e à outra rapariga, de cujo nome Nora não se recordava, continuava envolto em mistério.

Andreas anuiu, partiu um pedaço de pão e meteu-o na boca.

— Sim, estou recordado.

Nora puxou pela cabeça para se lembrar do caso.

— Tem alguma coisa que ver com o desaparecimento delas do *ferry*. E como nunca mais foram vistas.

Andreas encolheu os ombros.

— É um caso antigo. O meu palpite é que acabaram no fundo do mar e nunca serão encontradas. Agora que penso melhor, o meu tio Svend trabalha com um dos fulanos que investigaram o caso original.

A comida chegou e ficaram em silêncio enquanto se serviram. Quando já estavam a comer havia algum tempo, Nora não conseguiu conter-se mais.

— Podes, por favor, telefonar ao teu tio? Tenho de saber já.

Andreas recostou-se e mirou-a com os olhos semicerrados.

— Achas que podes esperar até acabarmos de comer?

— Por favor? Eu peço o café — tentou aliciá-lo.

Andreas suspirou e pegou no telemóvel.

Nora olhou para Abdul e fez sinal para que ele trouxesse o café enquanto Andreas telefonava ao tio.

O café foi servido de um pequeno jarro de cobre para dois minúsculos copos, acompanhado por dois pedaços de delícias turcas eximiamente dispostas num papel rendilhado.

Enquanto Andreas falava com o tio, Nora serviu café para ambos. Sorveu o café forte e juntou-lhe um torrão de açúcar para diminuir o sabor amargo.

Andreas terminou a chamada.

— Está bem. Beijos para a Annika.

Ele demorou o seu tempo, bebeu café, fez uma careta e juntou-lhe açúcar.

Nora fulminou-o com o olhar.

— Vá lá. Desembucha.

— Tinhas razão. O meu tio trabalha com o Karl Stark, que era um jovem sargento em Esbjerg quando as raparigas desapareceram. Nunca conseguiu esquecer o caso.

— Então, que aconteceu?

— O meu tio só se lembra de algumas coisas: as duas raparigas viviam num lar de acolhimento para crianças com problemas perto de Ringkøbing. Oito crianças e três adultos partiram numa viagem de três dias a Londres. Lisbeth e Lulu desapareceram durante a travessia de *ferry*. Esfumaram-se. Ou mergulharam, conforme o ponto de vista. Nunca mais foram vistas. A mochila preta da Lisbeth foi encontrada na plataforma superior, e é a única pista.

— Ah, era isso. A outra chamava-se Lulu — interveio Nora.

— Um programa televisivo investigou o caso no ano passado; calculo que tenha sido esse o documentário de que apanhaste o fim — arriscou Andreas.

Nora ponderou por instantes.

— Hum. O teu tio ainda mora em Esbjerg?

— Não. Conheceu o amor da sua vida, a Annika, e mudaram-se para Dragør. Ele agora trabalha na Unidade de Homicídios de Copenhaga, tal como o Karl Stark. Queres que peça o número dele ao meu tio?

— Sim, por favor — disse Nora, confirmando com a cabeça.

Sem que lho pedissem, Abdul trouxe mais café e piscou o olho a Nora quando ela olhou para ele, espantada.

— É um dia especial, Menina Nora. É muito bom vê-la sem o seu telemóvel, e a não vir cá apenas para levar comida para comer à secretária — disse, com um sorriso.

Andreas abanou a cabeça e sorriu.

— Há coisas que nunca mudam. Ou será que mudam? — disse.

E assim começou a inevitável conversa sobre quem estava a fazer o quê. O que era feito de Ole, Klaus e Red Rita; quem se casara, quem estava em casa a cuidar dos filhos ou dedicado à carreira.

— Então, e tu? — perguntou Nora debilmente, depois de Andreas ter dado conta dos divórcios, das carreiras no sector público e do nascimento de gémeos dos seus antigos colegas de turma.

Ela investigara, obviamente, o perfil de Facebook de Andreas assim que ele a contactara, mas a informação não era muita. Ele não tinha indicado o estado civil. Tudo o que ela conseguira depreender dos grupos a que ele pertencia era que continuava a participar em provas de triatlo, não perdera o entusiasmo pelos Monty Python e continuava a ser adepto do Chelsea.

— Sim, então e eu? — repetiu Andreas.

Nesse preciso instante, o telemóvel dela tocou. Era o Lagostim.

— Olá. O artigo não está nada mau, mas quero que reescrevas algumas secções. Acho que poderá ser possível identificar o homem com base na informação geográfica, por isso, disfarça. E abrevia o terceiro parágrafo. Ele está a repetir-se. Estou a mandá-lo de volta. Tens trinta minutos. Chau.

Desligou antes de ela ter tempo de responder.

Nora tirou da bolsa uma nota de vinte libras e pousou-a em cima da mesa.

— Desculpa. É trabalho — explicou.

O semblante de Andreas era inescrutável.

Nora tentou aplacá-lo.
— Quanto tempo estarás cá?
Ele brindou-a com um dos seus sorrisos matreiros.
— Vai à tua vida. E vai mandando umas mensagens de correio electrónico.

3

Nora acordou ao som de uma fanfarra de cornetas anunciando que a companhia aérea de baixo custo se congratulava por ter chegado mais uma vez dentro do horário previsto ao Aeroporto de Copenhaga.

Era um voo nocturno, que a obrigara a levantar-se antes das 4 horas da manhã para ir para o Aeroporto de Stansted, e adormecera mesmo antes de o avião ter assumido a posição na pista.

O livro que planeara ler — um ambicioso tomo sobre os conflitos gerados pelo petróleo em África — jazia fechado no seu colo, e ela meteu-o na bolsa antes de se levantar e se dirigir para a área de chegadas.

Lá estava ele em todo o seu esplendor, acenando com um copo de papel do Starbucks, como se ela não tivesse avistado imediatamente o seu fato verde-escuro. Ela não conhecia mais ninguém que usasse colete. Principalmente em Junho. A maior parte do seu rosto radiante estava coberta por uma barba grisalha. Christian Sand era um afamado historiador, especializado na Dinamarca do século XVI, e dera à filha o nome da famosa princesa Leonora Christina.

— Papá. Não era preciso vires buscar-me.

— É sempre um prazer. De qualquer forma, eu tinha tempo livre antes de ir àquela conferência em Estocolmo na próxima semana. Estou a trabalhar numa nova teoria sobre Leonora Christina e a fuga do marido do cativeiro no Castelo de Hammershus — explicou num tom entusiasmado, enquanto pegava na mala de Nora.

Regressaram a casa em Bagsværd num pequeno *Fiat Punto* verde em que o seu pai se fazia transportar havia mais de um decénio. O carro pertencera inicialmente à mãe dela, mas depois de ela os ter deixado, o pai mantivera-o como uma prova de quase vinte anos de casamento maioritariamente feliz.

A casa tinha o inconfundível cheiro do pai. Livros poeirentos, fumo de cachimbo e pão de centeio em fermentação numa enorme terrina de barro na copa. Preparou-lhes café numa cafeteira na cozinha, enquanto Nora largava a mala no seu antigo quarto no andar de cima. A sua cama de pinho natural estava onde sempre estivera; até os seus antigos pósteres do Tintin continuavam nas paredes. Havia sempre a possibilidade de alguma coisa poder um dia levar Christian Sand a interessar-se pelo

desenho de interiores e fazer mudanças na casa, mas Nora não conseguia imaginar o quê.

Tirou da mala o seu vestido de gala às bolinhas e pendurou-o num cabide para este se alisar antes da noite do dia seguinte.

— A festa começa às 17 horas. Passamos primeiro por casa da tia Ellen para lhe dar boleia e ao tio Jens até ao hotel — explicou-lhe o pai. — O David não vai. Está nos jardins comunitários. Não consegue lidar com tanta gente — disse, com um pequeno suspiro.

Nora não ficou surpreendida. Nunca fora oficialmente diagnosticado autismo ao seu irmão mais velho, que era extremamente inteligente, mas a julgar pelo que Nora lera, era disso que padecia.

O seu emprego de escrivão numa importante companhia de seguros tirava todo o partido do seu talento para a matemática, além de lhe permitir trabalhar em casa na maior parte do tempo, evitando assim o contacto com aqueles seres humanos desconcertantes e frustrantes que povoavam a Terra.

Num dia bom, era um pouco introvertido e tímido. Nos dias maus, era intratável. Uma pessoa ou lidava com David à sua maneira, ou nada feito.

— Deixa lá, estou certa de que vai ser uma festa fantástica, papá. Já terminaste o teu discurso?

O pai assentiu.

Nora estava ansiosa por se encontrar com a sua tia preferida, que vivia em Kalundborg, e tratara de tirar uma folga para estar presente na festa do seu septuagésimo aniversário.

— Está bem, já que tem de ser, mas vê lá se passas pela redacção, já que estás em Copenhaga — ordenara-lhe o Lagostim.

Ela pretendia fazer precisamente isso antes de ir almoçar, já tarde, com Louise no complexo da Danmarks Radio em Ørestad.

Apanhou o comboio da linha S na Estação de Bagsværd, apeou-se em Nørreport e percorreu a pé o resto do caminho até à redacção da *Globalt*, que ocupava dois andares num edifício que tinha um alfarrabista no piso térreo.

— Ei, Menina Sand — exclamou, com júbilo, Anette da recepção.

De uma extensa fileira de jornalistas, editores, fotógrafos, revisores e investigadores desgastados pelo trabalho numa revista ambiciosa como a *Globalt*, Anette era provavelmente a única presença constante na redacção.

Trabalhava lá desde que a *Globalt* lançara o primeiro número, e assumira o papel de mãe-galinha dos jornalistas e editores. Organizava-lhes as consultas no dentista, enviava flores para as mulheres quando eles ficavam a trabalhar até mais tarde e dava ouvidos a queixumes grandes e pequenos, sem nunca falar deles a outras pessoas.

O Lagostim não fora o primeiro editor a sugerir que se incluísse o nome dela na ficha técnica. Sem ela, afirmava, a revista simplesmente não seria editada todas as semanas.

Nora tirou da bolsa uma embalagem de doces sortidos que comprara no aeroporto e pousou-a no balcão.

Anette sacudiu um dedo na direcção dela.

— Menina feia! Sabes muito bem que isto me faz mal — disse, disfarçando mal o regozijo.

A embalagem não tardou a desaparecer na gaveta de cima, onde permaneceria até à emergência seguinte que exigisse uma boa quantidade de açúcar.

— O Lagostim está na sala de reuniões; acabaram agora mesmo a reunião das 13 horas. Ele hoje

está de bom humor — acrescentou.

A sala de reuniões ficava escondida por trás de uma *kitchenette*, e, para chegar lá, era preciso passar por arquivos e pilhas de colecções de jornais encadernadas, que ninguém sabia para que existiam.

— Ah, a nossa correspondente no estrangeiro, se não me engano — disse o Lagostim com um sorriso, levando à boca uma pastilha de nicotina.

Corria pela redacção a piada de que o Lagostim poderia ter deixado de fumar havia dois anos, mas que desde então enfardava uma embalagem de pastilhas de nicotina por dia. Quando os prazos apertavam, era frequente vê-lo enfiar na boca três pastilhas ao mesmo tempo.

A mesa de reuniões estava cheia de canecas vazias. Havia uma pretensiosa caneca em forma de pinguim com uma citação de Virginia Woolf, pertença da editora de cultura, Viola Ponte. Havia outra que o editor de desporto surripiava todos os dias, pelo que Viola Ponte se via obrigada a usar uma caneca lascada do Brøndby IF que ninguém seria capaz de assumir ter levado para ali.

O quadro de avisos por trás do Lagostim estava coberto de folhas A4, rascunhos de páginas da revista em diversas fases de execução. Algumas incluíam já texto e fotografias. Outras encontravam-se manifestamente vazias, apenas com algumas senhas rabiscadas à pressa.

— Conta lá: em que estás a trabalhar actualmente? — perguntou o Lagostim, recostando-se na cadeira e entrelaçando os dedos atrás da cabeça.

— Bem, tenho algumas ideias. Conversei com o Pete sobre passar algum tempo em África a recolher testemunhos. Por exemplo, podíamos…

— Claro, mas acabámos de publicar a história do Ruanda. Não tens nada mais… local? — O Lagostim parecia impaciente.

— Médio Oriente? — arriscou.

— Hum… — O Lagostim não pareceu convencido.

Nora respirou fundo.

— Está bem, tenho uma coisa que pode transformar-se numa história. Ainda não sei se tem pernas para andar. Lembras-te daquelas duas raparigas que desapareceram na travessia de *ferry* para Inglaterra?

O Lagostim abanou a cabeça, como que a tentar recuperar um fragmento de informação de um cérebro habituado a processar os aspectos mais intrincados da política externa estado-unidense do *New York Times* e as complexidades da Bolsa de Valores de Francoforte.

— Hum, nem por isso.

— Tal como disse, não sei se tem pernas para andar, mas encontrei uma fotografia que pode estar relacionada com o caso, que foi muito badalado na época. Duas adolescentes desapareceram do *ferry* durante a travessia de Esbjerg para Harwich no decénio de 1980.

— Hum. Isso não será um pouco… histórico? Na minha opinião, é mais apropriado para uma revista feminina semanal. Antes da secção das palavras-cruzadas — alvitrou o Lagostim.

Nesse instante, Anette chegou com um monte de documentos.

— Para assinar. E de preferência um pouco mais depressa do que da última vez — admoestou-o, rodando sobre os calcanhares.

— Anette, és uma pessoa muito vulgar — entoou o Lagostim pomposamente.

Anette revirou os olhos.

— Lembras-te de duas raparigas que desapareceram de um *ferry*… em… quando é que foi, Sand?

Antes de Nora ter tempo para responder, Anette trovejou:

— Podes crer que me lembro! Eu era adolescente quando isso aconteceu e seria capaz de ler tudo o que encontrasse sobre o caso. Só anos mais tarde é que me atrevi a andar de *ferry* outra vez.

— A sério? Então, gostarias de ler mais coisas?

— Sim! — afirmou Anette resolutamente, e voltou para a recepção, onde o telefone começara a tocar.

— Compreendo.

O Lagostim olhou fixamente pela janela durante algum tempo.

Nora aclarou a garganta com discrição.

— Está bem, Sand. Vamos experimentar. Sai um pouco do nosso estilo, mas porque não? Duas semanas. E não te esquivas das tuas tarefas habituais enquanto andares atarefada a resolver mistérios, percebeste?

— Percebi. Obrigada. Contudo, não posso prometer que… — começou, mas o telemóvel do Lagostim começou a apitar como um *pacemaker* no bolso da sua camisa. Tirou-o de lá e franziu o cenho ao consultar o visor.

— Hum. Um número da Rússia. Tenho de atender — disse, gesticulando com a mão, dando por finda a audiência.

Nora deu uma volta pela redacção. A maioria dos colaboradores já tinha ido de férias, mas encontrou Magnus na secção de fotografia, absorto na edição das fotografias da sua recente ida ao Afeganistão.

De uma maneira geral, ela não gostava de fotografias de guerra, mas Magnus já recebera três galardões internacionais apesar de ter apenas vinte e cinco anos e, mais uma vez, tinha-se excedido. Captara para a eternidade o medo nos olhos das pessoas, a poeira, o desalento, o tédio e a emoção da vitória.

Virou-se para trás quando a sentiu espreitar por cima do ombro.

— Olá, Nora — disse casualmente, e voltou a atenção para o ecrã.

— Magnus, qual é a situação do nosso arquivo fotográfico? Está acessível aos jornalistas?

— Claro que sim. Basta pesquisar a base de dados. Que procuras?

— Um caso de meados do decénio de 1980.

— Nesse caso, não o encontrarás no nosso arquivo, querida. Como sabes, a *Globalt* só foi criada em 1998.

Após uma pausa, durante a qual ajustou o contraste de cores numa paisagem do deserto, disse:

— Mas podes sempre tentar o *ServiceMedia*. Eles reuniram a maior parte das reportagens fotojornalísticas da imprensa dinamarquesa de todos os tempos. Podes utilizar a minha senha, se não disseres a ninguém.

— Obrigada — disse ela, sentando-se diante do primeiro computador que encontrou.

Primeiro, procurou no Google «desaparecimento *ferry* Inglaterra» e não tardou a encontrar diversos artigos sobre Lulu Brandt e Lisbeth Mogensen, que haviam desaparecido sem deixar vestígios.

Ao fim de alguma investigação, obteve mais informações sobre a história relatada nos jornais nacionais, o *Ekstra Bladet* e o *BT*, bem como uma grande reportagem num jornal local, o *Ringkøbing Amts Dagblad*, em que o jornalista realçara o facto de o lar de acolhimento em que as jovens viviam — um lugar chamado Vestergården — se localizar apenas a quinze quilómetros da vila de Ringkøbing. Imprimiu as notícias para poder consultá-las mais tarde.

De seguida, tomou nota da data do desaparecimento — 4 de Agosto de 1985 — e iniciou sessão na página do *ServiceMedia*, fazendo uma pesquisa utilizando a senha de Magnus, que era Hendrix78. Ela não perguntou o significado, mas ele explicou:

— É o meu cão — disse, com um sorriso, apontando para a fotografia de um bóxer a babar-se por cima da sua secretária.

Existiam oito fotografias relacionadas com o caso. O *Ringkøbing Amts Dagblad* tinha três. A primeira ilustrava a Vestergården; a segunda, um homem de barba de sorriso largo, referenciado como Kurt Damtoft, director da Vestergården, e ela ficou com a vaga sensação de já ter visto a terceira imagem. As duas raparigas faziam parte de um grupo de adolescentes sorridentes no porto de Esbjerg, enquanto aguardavam para fazer a viagem de uma vida. Lisbeth parecia semicerrar os olhos por causa do Sol e, ao lado de um enorme leitor de cassetes com colunas, uma Lulu de cabelos negros sorria timidamente para a câmara.

Nora consultou o *Ekstra Bladet* e o *BT*. Ambos incluíam fotografias do processo judicial contra Kurt Damtoft e dois dos seus colegas. «Negligência grosseira!», alardeava enfurecido o *Ekstra Bladet*. Os dois jornais haviam publicado as fotografias das duas raparigas no porto com o *ferry* em plano de fundo.

«A última imagem das raparigas com vida», lia-se numa das legendas que acompanhavam o artigo, que chegava mesmo a concluir que «as duas bonitas jovens da Jutlândia foram assassinadas no mar».

Nora remexeu a bolsa e encontrou a agenda onde guardava a polaróide das duas raparigas. Pegou nela e analisou-a novamente.

Era evidente que a fotografia do *Ekstra Bladet* não fora a última fotografia que as raparigas tinham tirado com vida. Alguém fotografara Lisbeth e Lulu a bordo do *ferry* quando elas estavam separadas dos outros adolescentes da Vestergården. A questão era saber quem, e porque ninguém entregara a fotografia à imprensa quando a investigação do desaparecimento das raparigas estava no seu apogeu. E como fora acabar numa mala em Brine.

Em troca de uma chávena de café, Magnus concordou em digitalizar a fotografia. Nora enviou-a para o seu próprio endereço electrónico e pediu-lhe que imprimisse algumas cópias. De seguida, imprimiu algumas cópias da fotografia do grupo e meteu tudo na bolsa antes de partir para ir apanhar o comboio para Ørestaden.

4

Conhecera Louise quando ambas realizaram o exame de admissão para a Escola de Jornalismo. Havia alguma coisa naquela rapariguinha com o cabelo cortado à escovinha e os brincos bamboleantes que chamara a atenção de Nora durante o intervalo. Quando começaram a conversar, não tardaram a perceber que tinham o mesmo sentido de humor e que Louise se esquecera de levar comida ou dinheiro para os testes que ocupariam o dia inteiro.

Depois de algumas incursões em revistas alternativas e clandestinas, Louise surpreendeu toda a gente ao arranjar emprego na DR, a televisão estatal dinamarquesa, em que actualmente era uma temida e respeitada produtora do departamento noticioso. Não se sabe bem como, mas a verdade é que fontes reconhecidas por se recusarem a aparecer na televisão nunca conseguiam dizer que não a Louise. Era daquelas mulheres que fazem as coisas acontecer.

Nora apeou-se do comboio, dirigiu-se à recepção e registou-se. Três minutos depois, uma radiante Louise desceu as escadas com uma pilha de papéis debaixo do braço.

— Olá, linda! Que bom ver-te — disse, consultando o relógio de pulso no mesmo movimento. — Tenho vinte e cinco minutos. Estou à espera de um telefonema dos colaboradores do Bertil Brask — prosseguiu, aludindo ao mais recente CEO desacreditado a levar uma empresa à falência.

— Ele concedeu uma entrevista à televisão? — Nora estava estupefacta.

— Estão a ponderar e, para mim, é quanto basta — disse Louise, optimista.

Foram até à cantina.

— Como está o Tobias? — perguntou Nora, enquanto se sentavam, pousando o almoço na mesa.

Louise fez um esgar.

— Já está a planear o Crisma para o próximo ano. Não sei como foi isto. Num dia, é um doce e adorável rapazinho com covinhas na cara; no outro, é um adolescente rabugento sempre com os auscultadores do *iPod* nos ouvidos, a fazer beicinho pela casa. Isto quando se digna a aparecer em casa.

Aos dezassete anos, Louise engravidara do baixista de uma banda britânica. Nunca mais o vira, mas nove meses depois do triunfante concerto de despedida da banda na Dinamarca, dava à luz o Tobias. De algum modo, Louise prosseguira os estudos com um filho nos braços, vivendo de uma

bolsa, sem a ajuda dos pais, que nunca aceitaram a criança.

Conversaram sobre homens. Sobre os seus chefes e sobre como uma interminável série de cortes orçamentais resultara no despedimento de muitos dos seus antigos colegas, na imprensa e também na rádio e na televisão. Quando Louise acabou a sua água e começou a levantar-se, Nora lembrou-se da polaróide que tinha na bolsa.

— Será que podes ajudar-me? Gostava de ver um programa que foi transmitido no ano passado. Um episódio da série *Casos Inexplicáveis*.

Louise levantou-se, pegou no tabuleiro e levou-o até à banca.

— Não há problema. O arquivo deve-me um favor. Vou já ligar-lhes. — Pegou no telemóvel e agendou-lhe uma visita.

— Pede para falar com a Susanne — disse-lhe.

O telemóvel começou a tocar a meio do abraço de despedida.

— Sim. É a própria — disse Louise, no seu tom profissional. Acenou para Nora e formou com a boca as palavras «Bertil Brask».

Nora seguiu a sinalética e acabou por encontrar o arquivo, que era dirigido por uma mulher gorducha e sorridente, de cabelos grisalhos, com uma camisa amarela, sentada por trás de um balcão.

— És a Susanne?

A mulher assentiu.

— E tu vens da parte da minha amiga Louise? Em que posso ajudar-te?

Nora explicou o que procurava e Susanne introduziu a informação no computador.

A resposta surgiu menos de dez segundos depois de ela carregar no *Enter*.

— Aqui está. *Casos Inexplicáveis*. Repetido em 5 de Abril do ano passado — disse, tomando nota de um extenso número num pedaço de papel.

— Espera aqui — disse Susanne. De seguida, levantou-se da sua cadeira de escritório, passou por Nora e franqueou uma porta que se abriu depois de ela passar o seu cartão de identificação por um leitor, que trazia pendurado numa fita à volta do pescoço.

Nora sentou-se e analisou o *design* moderno da divisão, que fazia parecer que quaisquer vestígios de humanidade haviam sido sistematicamente apagados. Só se viam ângulos pronunciados e divisórias de vidro.

Levantou-se de um pulo quando a porta se abriu e Susanne assomou com uma enorme cassete cinzenta.

— Aqui tens. Não podes levá-la, mas podes ver aqui — disse, apontando para uma porta com um letreiro que dizia *Sala de Reuniões 2*.

Nora recebeu a cassete, entrou na sala, ligou o leitor de vídeo e sentou-se à mesa de reuniões vazia.

O logótipo vermelho do programa *Casos Inexplicáveis* surgiu no ecrã ao som da sinistra banda sonora que abrira o programa nos últimos dez anos.

O apresentador, Jens Blindkilde, apareceu envergando uma gabardina diante daquele que seria certamente o Terminal de Ferryboat de Esbjerg. Como sempre, tinha estampada no rosto uma expressão solene.

— Nesta noite, investigamos um caso que durante anos tem assombrado as polícias dinamarquesa e britânica. O caso de duas jovens que desapareceram sem deixar rasto durante uma travessia de *ferry*

entre a Dinamarca e a Inglaterra. O caso das raparigas do *ferry* para Inglaterra — disse, com uma voz portentosa.

Nora remexeu a bolsa até encontrar uma caneta e um bloco de notas com algumas páginas em branco. Meia hora depois, a ficha técnica percorria o ecrã e Nora reviu os seus apontamentos.

Lulu e Lisbeth tinham sido vistas pela última vez meia hora depois de o *ferry* zarpar de Esbjerg. Uma passageira, que Blindkilde e a sua equipa de investigadores tinham conseguido localizar, estava convencida de que as vira na companhia de um homem, mas passados todos estes anos não conseguia lembrar-se se era loiro ou moreno, alto ou baixo. Apesar de o apresentador empregar por três vezes durante o programa a palavra «sensacional» para se referir à testemunha, Nora não ficou convencida. Parecia um beco sem saída. Tinham localizado o pai biológico de Lulu, mas este recusara-se a prestar declarações. Não via a filha desde que esta lhe fora retirada aos dez anos.

Numa comunicação escrita, declarara que «não passa um dia em que não pense no que poderá ter acontecido à minha querida e doce Lulu».

Foi incluído um breve excerto de uma entrevista a um homem chamado Karl Stark que, depois de ter sido agente da polícia em Esbjerg, chegara a inspector em Copenhaga. Breves minutos com um homem angustiado de cabelo grisalho que não parecia ter muito para acrescentar.

Em determinado plano, olhou directamente para a câmara.

— Aquelas meninas merecem que se faça justiça. Alguém deve saber o que lhes aconteceu — suplicou.

Nora ejectou a cassete, guardou-a na respectiva caixa, voltou para junto de Susanne e devolveu-lha, agradecendo.

Saiu para o sol, tirou o telemóvel do bolso, procurou um número de telefone em www.krak.dk e telefonou ao tio de Andreas, Svend Jansson, que morava perto de Dragør. Ele lembrava-se bem dela e gostaria muito de perguntar a Karl Stark se ele teria tempo para falar sobre o caso com ela. Dois minutos depois de desligar, recebeu uma mensagem de texto com uma morada em Dragør e um convite para tomar café na manhã seguinte.

*

Quando se levantou na manhã seguinte, havia na cozinha um pão de centeio acabado de cozer. Cortou uma fatia, juntou-lhe queijo e foi até ao terraço apanhar os raios do Sol matinais.

O pai estava absorto a ler uma coluna no *Weekendavisen*, mas resmungou amigavelmente debaixo do guarda-sol quando a sentiu.

— Podes emprestar-me o carro hoje? — disse ela, com a boca cheia de pão de centeio.

— Posso. Desde que chegues a tempo de irmos até Kalundborg — retorquiu, e depois, sem mais, continuou: — Como está a tua mãe?

— Está bem, acho. Da última vez que falei com ela, ia a caminho de um curso sobre mosaicos na Toscana. O Patrick continua a chateá-la para se mudarem para Devon. Mas ela está a viver em Londres — informou Nora.

— Ai, sim? Mas também, que diabo é que ela iria fazer lá? — pensou o pai em voz alta.

— Não há nenhuma hipótese de isso vir a acontecer. Ela não consegue viver longe da British

Library, do British Museum e dos seus adorados papéis. Caso contrário, começa a trepar paredes — disse Nora. — Resta saber se o Patrick consegue aguentar por muito tempo.

— Bem, acontece que ela é apenas a pessoa mais versada em Cromwell do país. Na minha opinião, ele é que tem de fazer as malas e mudar-se. Devon! Pois sim.

Nora foi tomar duche e deixou-o a ler o jornal. A verdade é que detestava falar sobre Patrick e o seu passado, porque isso abria velhas feridas que mais valia deixar sarar. Ela detestava reviver o dia em que regressara a casa mais cedo do mergulho matinal com Andreas e encontrara a mãe junto à entrada, com uma pequena mala lilás com rodas, à espera de um táxi.

— Mamã, aonde é que vais? Estiveste a chorar?

Sem lhe responder, a mãe dissera:

— Nora, porque regressaste tão cedo?

Antes de Nora ter a possibilidade de dizer mais alguma coisa, o táxi chegara e Elizabeth partira.

Nora entrara lentamente em casa, encontrando os escombros de um homem a quem chamava pai. Um homem que acabara de perder o amor da sua vida e que nunca compreenderia como isso acontecera.

O que acontecera fora um produtor de maçãs de Devon chamado Patrick. Nora recusara-se a trocar uma única palavra com ele e com a mãe durante os cinco anos que se seguiram.

Tentou esquecer tudo aquilo enquanto secava o cabelo.

Meia hora mais tarde, estava pronta para ir a Dragør.

Andou às voltas pela velha aldeia piscatória durante algum tempo até encontrar a pequena casa amarela em Skippervænget.

Jansson estava de tronco nu, sentado no jardim da frente a beber água fria de um copo de fundo grosso. Era evidente que acabara de cortar a relva. Em cima da mesa à sua frente, uma pequena garrafa térmica azul-turquesa, duas chávenas de café e um exemplar da *Søndag* aberto nas páginas das palavras-cruzadas. Em cima da revista, estavam uns óculos de senhora vermelhos.

Quando ela parou diante da vedação branca, ele olhou-a com ar inquisitivo.

— Nora?

Ela anuiu.

— Entra — disse, avaliando-a com o olhar. — Sim, eu lembro-me de ti. Costumavas ir nadar com o Andreas, não era?

Nora confirmou e Svend Jansson foi a casa buscar mais chávenas de café para Nora e Karl Stark. Quando regressou, fez sinal para a revista e os óculos.

— A Annika foi ali ao vizinho. Alguma coisa sobre uma nova receita de peixe que quer experimentar hoje ao jantar — explicou. — Mas suponho que não seja por isso que aqui estejas. O Karl não demora. Não tem muito tempo. Creio que vai buscar o neto ao voleibol.

— Vi-o num episódio da série *Casos Inexplicáveis*.

— Sim. Suponho que tenha achado que era uma obrigação com as raparigas não desistir das buscas. E se houvesse alguém que se lembrasse de alguma coisa passados todos estes anos? Um minúsculo pormenor que pudesse dar-nos uma pista sobre o que realmente aconteceu — disse, com ar triste, abanando a cabeça.

Nesse instante, o portão do jardim abriu-se e o homem de cabelos grisalhos que Nora vira na

televisão dirigiu-se a passos largos para a mesa de jardim.

O seu olhar tinha a mesma firmeza do aperto de mão.

— Nora Sand — disse, olhando de relance para o relógio de pulso. — Tenho menos de 17 minutos livres, e estou a fazer isto como um favor ao Svend.

Nora agradeceu-lhe a franqueza.

— Muito bem. Vamos ao que interessa. Eu vi-o no programa *Casos Inexplicáveis*. Conseguiu alguma pista nova?

Karl Stark abanou a cabeça.

— Passei a noite inteira atento às linhas telefónicas para as quais as pessoas deveriam telefonar. Recebemos catorze chamadas. Todas brincadeiras ou falsas confissões. Um homem de Greve acreditava ter visto a Lisbeth viva e bem de saúde no seu ginásio local, onde dava aulas de *spinning* todas as noites de quarta-feira. Uma médium de Herning asseverou que os restos mortais da Lulu se encontravam perto de água, o que, se aconteceu o mais provável, não será surpresa nenhuma.

— Que acha que aconteceu?

Karl Stark demorou algum tempo a responder. Serviu café, juntou-lhe uma colher de açúcar e mexeu.

— Na verdade, não sei. Pensei no caso durante anos. Foi um dos meus primeiros casos depois de vir para Esbjerg. Perdi a conta das vezes que revi o processo, perguntando a mim próprio o que mais poderíamos ter feito, o que nos terá escapado. As pessoas não se esfumam simplesmente. Poderiam elas ter saltado borda fora num pacto de suicídio? Não creio — disse, e então baixou a voz. — Nunca o revelámos à imprensa, mas encontrámos um recorte na mochila que pertencia à Lisbeth. Pertencia a uma revista para adolescentes e explicava como se tornar modelo em Londres. Porque saltaria borda fora se tinha sonhos para o futuro?

Passou os dedos pelo cabelo e abanou a cabeça.

— Sou um velho idiota. Quando me mudei para Copenhaga, trouxe comigo uma cópia do processo. Durante os primeiros anos, consultei-o sempre que tinha tempo. Ficava a olhá-lo, à procura de ligações inexistentes até quase perder o juízo. É como quando o dentista nos fura um dente. Estamos sempre a passar a língua por lá. Mas agora… depois de o programa de televisão ter sido infrutífero, acho que desisti. Nem sequer os familiares telefonaram a perguntar sobre a investigação. Já aconteceu há muitos anos e há sempre novos casos para investigar.

Nora pegou nas impressões do *Ekstra Bladet* e pousou-as em cima da mesa.

— É correcto afirmar que esta foi a última fotografia das raparigas?

Karl Stark fitou-a, depois olhou para o artigo com a fotografia do grupo da Vestergården à espera para embarcar. Assentiu.

— O processo não tem mais, nem apareceram testemunhas com outras fotografias?

Stark abanou ligeiramente a cabeça.

Nora tirou a agenda da bolsa, pegou na polaróide e pousou-a em cima da notícia.

— Gostava que pudesse explicar-me isto — disse.

Karl Stark agarrou na polaróide e semicerrou os olhos para a observar mais atentamente. Segundos depois, pousou-a como se lhe queimasse as mãos.

— Por amor de Deus, rapariga! De onde saiu essa fotografia? Nunca a vi antes.

Arrancou uma página da revista de Annika e envolveu a fotografia com ela.

— Quem lhe tocou?

— Ah. Eu… o Andreas. Mais ninguém, acho. Pelo menos, desde que a encontrei — disse Nora.

Stark inspirou profundamente.

— É a primeira nova prova que recebemos desde que arquivámos o processo — disse. — Diga-me imediatamente como foi que conseguiu esta fotografia. Quero saber tudo.

Nora serviu café e contou-lhe a história da pequena aldeia piscatória de Brine e da mala cheia de polaróides de jovens raparigas.

Enquanto fazia o seu relato, Svend Jansson foi a casa buscar uma pinça e um envelope branco, onde meteu a fotografia. Depois, entregou o envelope ao seu antigo colega.

— Espero que não se importe de que eu fique com isto — disse Karl Stark, mas não estava a pedir autorização.

— Veremos se a equipa forense consegue alguma coisa. Duvido, mas pelo menos terão algo com que se entreter — gracejou. — Eu próprio seguirei as pistas. Pode não dar em nada, mas eu tenho de saber — acrescentou solenemente.

— Oláaa… — ouviu-se uma alegre voz feminina.

Annika vinha a subir o caminho do jardim, carregando nos braços ruibarbo acabado de apanhar.

— Olha o que o Flemming nos deu! — exclamou alegremente antes de se dirigir às visitas. — Ele ofereceu-vos café?

Karl Stark disse que sim com a cabeça, esvaziou a sua chávena e apertou as mãos de Nora e Annika antes de desaparecer pelo caminho abaixo, rumo ao jogo de voleibol.

Nora ficou mais meia hora e só a deixaram ir embora depois de aceitar um frasco de compota de morango caseira.

Quando chegou ao carro, telefonou impulsivamente ao irmão. O telefone tocou quatro vezes, mas a chamada foi parar ao atendedor, que a convidou a deixar mensagem.

— Olá, é a mana. Estou por cá. — Não era preciso dizer mais nada. Se ele quisesse encontrar-se consigo, contactá-la-ia.

Fez marcha-atrás para sair do estacionamento e regressou a Bagsværd.

*

A festa de aniversário excedeu as expectativas. A tia Ellen conseguia animar qualquer ocasião com os seus vestidos florais e o seu riso genuíno, e o seu instinto gregário era reforçado quando estava rodeada da sua adorada família e amigos. Tinham feito brindes, cantado e dado uma longa caminhada junto ao mar a ver o pôr-do-sol.

Na manhã seguinte, Nora teve o raro prazer de receber um telefonema de David e foi de carro até aos jardins comunitários em Amager, com pãezinhos frescos e um daqueles doces de canela dinamarqueses aos quais ele não conseguia resistir.

Passaram duas horas juntos e David parecia estar de bom humor quando lhe mostrou a sua colecção de peónias, um dos poucos interesses que rivalizavam com a paixão dos algoritmos. Não fez pergunta alguma sobre a vida dela em Londres.

Não obstante, ela disse-lhe. Falou-lhe sobre Andreas, que estava em Londres, sobre a sua viagem com Pete na semana anterior, e como o «fotomóvel», que era assim que chamavam ao *Ford Mondeo* de Pete, quase os deixara ficar mal na auto-estrada. Nora sorriu enternecidamente ao lembrar-se do impressionante arsenal de palavrões australianos proferidos pelo fotógrafo. Em vez de se rir com o cómico relato sobre Pete em pânico, David informara que era muito importante verificar sempre o nível do óleo do motor antes de se fazer uma viagem longa.

— Acho que ele aprendeu a lição — asseverou Nora ao irmão antes de regressar a Bagsværd.

O pai não estava em casa, pelo que Nora devorou uma sanduíche antes de fazer a mala e apanhar o comboio para o aeroporto.

5

Uma hora mais tarde, Nora estava a consultar os horários dos voos na zona de trânsito. Ainda era muito cedo para ir para a porta de embarque. Vagueou pela livraria e sondou as listas de *best-sellers* sem ter grandes esperanças. Não valia a pena comprar nada em inglês; os livros eram muito mais baratos em Londres, mas de vez em quando tinha a necessidade de mergulhar num bom romance dinamarquês.

Porém, nenhuma ficção lhe agradou, pelo que passou da literatura de viagem para uma pequena secção de não-ficção com livros sobre a maneira mais rápida de ter êxito nos negócios, e sobre como os Soviéticos enfrentaram o Cerco de Leninegrado. Já na secção dos policiais encontrou um arrepiante *best-seller* que prometia relatos dos mais tenebrosos assassínios na história recente da Grã-Bretanha, intitulado *Murders of the Century*[2] .

A famigerada assassina de crianças britânica Yvonne Loft olhava malevolamente da capa, esboçando um sorriso, como se as dez jovens vidas que roubara, e pelas quais fora condenada, não passassem de uma piada cruel que apenas ela e o seu amante e cúmplice compreendiam.

Nora pegou no livro por impulso e folheou-o até uma secção central com fotografias em preto-e-branco. Para ilustrar melhor o caso Yvonne Loft, o autor encontrara uma fotografia dos amantes assassinos a comer gelado de mãos dadas e com um sorriso de orelha a orelha. A legenda deixou Nora com vontade de vomitar.

«Yvonne Loft e Harry George desfrutam de um dia em Brighton. Acredita-se que a fotografia tenha sido tirada algumas horas antes de o casal ter raptado e assassinado Timothy Kent, de sete anos.»

Nora pensou se seria possível comer gelado enquanto se faziam planos para matar uma criança. Não era a crueldade em si que a deixava horrorizada. Era o modo imperceptível como se insinuava para a normalidade, para o quotidiano, ensinando-nos que nunca podemos sentir-nos seguros. Que uma cara simpática pode esconder a mais profunda maldade.

O sorridente casal apaixonado, saboreando um gelado de morango enquanto planeava violar e estrangular o filho de alguém. O pacato professor de uma aldeia no Ruanda num acesso de fúria com uma catana. O afável marido que afoga a mulher na banheira para receber o seguro de vida. Nora estremeceu e estava quase a pousar o livro quando o seu olhar incidiu na página oposta, onde uma

fotografia no canto inferior esquerdo chamou a sua atenção.

A pequena fotografia deixou-a toda arrepiada.

Resolutamente, enfiou o livro debaixo do braço, foi até ao balcão e pagou-o; de seguida, encaminhou-se para a porta de embarque.

Assim que encontrou o seu lugar no avião, voltou à fotografia e analisou-a com mais atenção.

Uma jovem com o cabelo apanhado no cimo da cabeça olhava silenciosamente para a câmara. Estava de pé, com os braços caídos ao longo do corpo, com uma parede branca a servir de fundo. Nora não reconheceu a cara, mas podia muito bem ser uma das polaróides da sua mala.

A legenda não era especialmente informativa: «Jean Eastman, de dezanove anos. A descoberta do seu corpo levou a polícia à detenção de William Hickley.»

Nora procurou o capítulo sobre William Hickley — ou Bill Hix, como insistia em ser tratado.

O livro estava repleto de lugares-comuns: William Hickley tivera uma infância de privações e sem amor, com uma mãe dominadora. Nunca conhecera o pai. Logo desde o primeiro dia, o menino tivera imensa dificuldade para fazer amigos na escola, tendo-se dedicado à fotografia, que se tornara num passatempo ao qual dedicava todo o tempo.

Vivia com a mãe quando, aos trinta e dois anos, fora desmascarado por uma coisa tão trivial como um pneu furado. Encostara à berma de uma estrada principal para trocar o pneu numa tarde de sexta-feira em Outubro de 1992. Um simpático agente da polícia parara para o ajudar. Antes de William Hickley ter tempo para recusar a ajuda, o amável polícia já abrira a bagageira para ir buscar o macaco e o pneu suplente.

O que o agente Ross Carr vira naquele dia deixara-lhe marcas psicológicas tão profundas, que nunca mais voltara ao serviço activo, tendo-se aposentado com um esgotamento nervoso e problemas de sono dois anos antes do previsto.

Jean Eastman fora uma beleza local, que trabalhara numa florista em Dorchester, mas não tinha nada de belo quando estava enroscada, despida e fria, enrolada numa lona verde. No sítio onde os seus olhos em tempos haviam cintilado, havia agora dois buracos e na sua boca o agente Carr lobrigara uma negrura que o atormentaria o resto da vida. A língua fora-lhe cortada.

William Hickley fugira a pé, enquanto o polícia vomitava na berma da estrada. Depois de andar a monte durante uma semana de caça ao homem nacional, acabara por ser avistado por um ornitólogo perto de uma casa de férias no Lake District.

A casa de férias fora cercada e, quando Hickley percebera que estava em desvantagem, entregara-se. A investigação conduzira à casa da mãe de Hickley e até à cave trancada à chave, que era o domínio do filho. Vanessa Hickley opusera-se com todas as forças à investigação policial e, ainda hoje, insiste que o seu filho foi vítima de um erro judicial.

Na cave, que fora transformada num quarto escuro, a polícia encontrara um contrato de arrendamento de um armazém nos arredores de Dorchester. A morada localizava-se a três quilómetros do local onde Hickley tivera o furo. No deteriorado edifício, a polícia encontrara três carros destruídos, cinco bolsas de senhora, um conjunto de bisturis, oito sutiãs, dois sofás e um armário fechado à chave. Quando arrombaram o armário, encontraram cartas de condução e outros documentos pessoais pertencentes a cinco mulheres dadas como desaparecidas, incluindo Jean Eastman, de dezanove anos.

No fundo do armário, a polícia encontrara também um envelope com vinte e três fotografias de mulheres, todas na mesma pose: encostadas a uma parede, olhando directamente para a câmara. Porém, não fora isso que abalara a equipa de investigadores ou fizera os principais títulos dos jornais. Fora a tenebrosa descoberta de quinze línguas, muito bem conservadas em vinagre num frasco de vidro acondicionado no fundo do armário, que a polícia apelidara de «Armário dos Horrores».

A esperança do inspector James McCormey de uma simples confissão e admissão de culpa fora gorada durante a primeira tentativa de interrogatório a William Hickley.

Depressa se tornara evidente que Hickley pretendia alegar insanidade para assim evitar a pena de prisão. Alegara que Deus o mandara matar e comer Jean Eastman.

— Porque lhes cortou as línguas?

— Deus mandou-me comer-lhes as palavras, comer-lhes a tagarelice desprovida de conteúdo. Enfiá-las na minha boca com amor — explicara William Hickley com toda a seriedade.

James McCormey tentara reiteradamente apelar para William Hickley e para o seu *alter ego*, Bill Hix, para terminar a incerteza e o sofrimento das famílias das mulheres desaparecidas e identificar as quinze línguas.

Em resposta, apenas obtivera conversa fiada ou silêncio. William Hickley fora enviado para avaliação psiquiátrica.

Um painel de cinco técnicos especializados concordara, por unanimidade, que Hickley tinha capacidade para compreender a amplitude e as consequências dos seus crimes, pelo que fora considerado apto para ir a julgamento.

A polícia de Dorchester conseguira identificar nove raparigas de vinte e três fotografias que Hickley deixara esquecidas. As restantes fotografias foram divulgadas à imprensa do Reino Unido. Cinco mulheres entraram em contacto. Duas delas nem sequer sabiam que William Hickley as tinha fotografado. As outras três fizeram relatos semelhantes de um jovem de cabelo escuro que lhes prometera trabalho como modelos.

Mary Johnson, de dezasseis anos, dissera que fora abordada enquanto esperava pelo pai à porta da National Gallery em Londres. Quando o pai chegara e ela se voltara para apresentar o fotógrafo, o jovem tinha desaparecido. Nunca mais voltara a vê-lo até a polícia lhe pedir que o identificasse entre oito fotografias de homens que correspondiam à sua descrição. Apontara para William Hickley sem a mínima hesitação.

James McCormey e a sua equipa haviam trabalhado até à exaustão, tentando encontrar os restos mortais das quinze mulheres a quem as línguas haviam sido cortadas. Escavaram o jardim de Vanessa Hickley de uma ponta à outra, operação que resultara na descoberta das ossadas de um cão morto havia muito tempo, identificado como um *Collie*, e numa queixa apresentada pela Sra. Hickley contra a polícia por perseguição.

De seguida, os técnicos forenses tinham-se concentrado nos terrenos contíguos ao armazém. Lenta e metodicamente, haviam avançado desde o edifício em círculos concêntricos. Haviam exultado quando um técnico encontrara provas de que a terra a quatrocentos metros do armazém fora remexida no último ano. Peritos tinham retirado cuidadosamente finas camadas de solo até revelarem ossos, chegando mais tarde à conclusão de que eram ossos de vacas.

O Ministério Público decidira concentrar-se no único caso relativamente ao qual existiam provas suficientes para garantir uma condenação, em vez de comprometerem futuros julgamentos. William Hickley fora devidamente condenado pelo homicídio de Jean Eastman, com uma pena de prisão perpétua. Fora transferido para o Estabelecimento Prisional de Wolf Hall, onde continuara até aos dias de hoje, mencionava o autor, acrescentando que, até ao momento, quatro secretários de Estado britânicos haviam recusado a presença de Hickley diante de uma comissão de liberdade condicional.

Porém, para James McCormey, a investigação não terminara. Todos os anos, sem excepção, visitaria William Hickley, na tentativa de o levar a revelar-lhe a localização dos restantes quinze corpos. Nos dois primeiros anos, Hickley sentara-se por trás do vidro blindado, pegara no telefone e ouvira McCormey com um sorriso trocista. Nunca proferira palavra, mas deixara McCormey suplicar-lhe desesperadamente enquanto o olhava com desdém.

No terceiro ano, dissera ter encontrado Deus e que estava disposto a expiar os seus pecados.

— As famílias precisam de ter paz — confidenciara a McCormey com piedade simulada, enquanto desenhava um mapa de Underwood, uma floresta que distava cerca de trinta minutos de carro da casa onde passara a infância em Dorchester.

McCormey tivera de puxar os cordelinhos e pedir vários favores até conseguir os recursos necessários para examinar a área.

Não obstante, o Ministério Público tentara dissuadi-lo apelando para o seu bom senso: Hickley já estava a cumprir pena e havia muitos novos casos por resolver com que ocupar a polícia e os técnicos forenses sem eles a desenterrar o passado.

— Porque está a fazer isto? O culpado está detido, a cumprir pena perpétua.

— Pela verdade. Devemo-lo às famílias que não sabem o que aconteceu àquelas que amam — fora a resposta de McCormey.

«No momento da edição deste livro», escreveu o autor, «não tinham sido encontrados corpos em Underwood».

O avião começou a contornar Stansted e Nora bocejou para aliviar a pressão nos ouvidos.

Consultou a página dos direitos de autor do livro. Era a quinta edição. Muito poderia ter acontecido desde a primeira. Pensou no que McCormey teria actualmente para dizer sobre o caso.

Teriam Lisbeth e Lulu sido vítimas de William Hickley, o homem que se apelidava de Bill Hix? Nora sentiu-se tentada a desistir da teoria por ser absurda. Afinal de contas, Dorchester ficava bastante longe de Harwich e ninguém sabia se as duas raparigas teriam mesmo chegado ao Reino Unido. Por outro lado, o ano coincidia. Tal como a fotografia, com a excepção de aparecerem duas mulheres e não apenas uma. Mas poderia ter sido tirada por outra pessoa com perturbações, um imitador.

Nora pensou em diversos cenários quando estava na fila para controlo dos passaportes, a qual parecia mais longa de cada vez que entrava no país.

Enquanto aguardava pela mala no tapete rolante, ligou o telemóvel e telefonou a Pete.

— Emergência no aeroporto — foi tudo o que disse.

Era o seu código de activação de um acordo há muito celebrado de fazerem companhia e pagarem o jantar a quem quer que chegasse sozinho a um aeroporto londrino. Não se importava de viajar sozinha na maior parte das vezes, mas havia dias em que era demasiado deprimente abrir caminho

pelo meio de casais aos beijos, famílias felizes e motoristas de táxi com cartazes que nunca tinham o seu nome, com a certeza de que não estava lá ninguém para lhe dar boleia e de que iria regressar a um apartamento deserto. O acordo de emergência no aeroporto adiava o inevitável e tornava o processo ligeiramente mais suportável.

— Queridaaa! — exclamou Pete, naquela que deveria ser a sua voz de fada do lar. — Há que tempos esperava o teu telefonema. Estou aqui sozinho com uma dose familiar de chili, logo eu, que não consigo tolerar todos aqueles feijões.

— Estarei aí dentro de noventa minutos — prometeu ela, e desligou.

Agarrou um dos exemplares do *The Sunday Times* que restavam no quiosque e deitou fora as aborrecidas secções Lar, Desporto e Motores, e levou as secções de notícias para a carruagem que a levaria até à cidade.

Pete serviu o seu chili com *Corona* gelada, *guacamole* caseiro e um longo discurso sobre a necessidade de irem fazer uma investigação ao Gana. Duas horas depois, Nora chamou um táxi, que a levou até à última etapa: o seu apartamento no Belsize Park.

Recolheu a correspondência no corredor e ligou o portátil, que aqueceu enquanto mudou de roupa. Ainda sentia o picante do chili de Pete na garganta, pelo que foi buscar uma garrafa de água ao frigorífico e bebeu-a de dois enormes tragos.

Consultou o correio electrónico. Tinha duas mensagens do Lagostim. Mal tinha forças, mas a experiência dizia-lhe que mais valia abri-los naquele momento, caso contrário ficaria às voltas na cama sem conseguir dormir, acabando por se levantar para os ler.

A primeira mensagem era curta e imperativa: «Liga!»

Consultou o relógio. Deveria ser 01h15 na Dinamarca, e afigurava-se-lhe que a falta de sentido de fusos horários do Lagostim não abarcava a noção de que a coisa funcionava nos dois sentidos.

Clicou para abrir a outra mensagem.

«A planear reunião para amanhã. Como vai essa história do *ferry*?»

— Aguenta os cavalos — disse em voz alta. Era típico do Lagostim pensar que ela tinha o condão de conseguir um exclusivo durante o fim-de-semana.

De repente, veio ao de cima um pensamento que estava a incomodá-la desde que o avião aterrara.

Remexeu o fundo de uma cómoda e acabou por encontrar aquilo que procurava: um par de luvas de lã cinzentas. Assimilara as palavras de Svend Jansson sobre não deixar impressões digitais.

De seguida, puxou a mala de Brine de baixo da mesa de apoio e abriu-a.

Primeiro, retirou o envelope com as restantes polaróides. Pretendia analisá-las melhor mais tarde. De seguida, ajustou o candeeiro da secretária, de maneira que funcionasse como um projector de luz, enquanto examinava a coçada mala de cabedal.

Apalpou o forro e descobriu um buraco na costura que poderia explicar como as fotografias tinham acabado por ser vendidas juntamente com a mala. Analisou atentamente o resto da mala, mas não encontrou nada digno de nota. Algumas manchas de tabaco, um botão vermelho e uma factura de gasolina de uma estação da *BP* datada de 1983.

Desiludida, virou a mala ao contrário, tentando sacudir para fora mais segredos. Foi então que viu. De um dos lados da mala, com uma letra fina e insegura, estava escrito um nome a esferográfica de cor prateada.

Bill Hix.

— Que porra! — exclamou.

Ficou durante algum tempo sentada a olhar alternadamente para a mala e para o exterior, onde os lixeiros tinham começado o turno da noite e estavam atarefados com os bidões de reciclagem.

Então, sentou-se em frente do portátil e redigiu uma mensagem de correio electrónico ao Lagostim.

6

O Lagostim telefonou assim que consultou o correio electrónico nessa manhã.

— Continua a trabalhar nessa história. Duas raparigas desaparecidas e uma mala que pertenceu a um assassino em série britânico. Soa-me a exclusivo. Quando podes ter alguma coisa concreta? — perguntou mesmo antes de Nora ter tempo de dizer: «Está?»

Corriam rumores de que o Lagostim era tão viciado em trabalho, que não conseguia deixar de abrir o portátil durante o pequeno-almoço, quando a sua sofrida mulher e os seus dois filhos tinham de competir pela sua atenção com os sítios do *New York Times*, do *Frankfurter Allgemeine* e do *Financial Times* antes da primeira chávena de café. E, claro, com o correio electrónico. E com o pequeno-almoço.

Nora conseguia ouvi-lo a mastigar e calculou que as mandíbulas do Lagostim estavam atarefadas a mastigar uma malga de flocos de aveia.

— Não será nesta semana — apressou-se a interpor quando o Lagostim fez uma pausa para engolir o café.

— Pfff. Porque não? — pareceu quase ofendido.

— Porque aqui as coisas são mais demoradas — explicou Nora pela enésima vez.

O problema dos editores da sua terra era que estavam habituados a trabalhar para meios de comunicação importantes. Na Dinamarca, as revistas e os jornais eram levados tão a sério, que, regra geral, até os ministros faziam um esforço para responder a telefonemas quando um jornalista solicitava um comentário.

Em Londres, a *Globalt* era arraia-miúda, um pequeno peixe num enorme lago. Poucas pessoas tinham ouvido falar da revista e se Nora alguma vez tentasse agendar uma reunião ministerial, o estagiário do assistente do gabinete de imprensa rir-se-ia na sua cara. Isto se ela conseguisse chegar a esse ponto.

Muitas pessoas julgavam que ela era alemã, ou holandesa, o que não era necessariamente uma vantagem, nem fazia grande diferença. Na política britânica, porém, havia a imprensa nacional e depois havia todos os outros, com a excepção, provavelmente, dos colossos estado-unidenses, como a *Time* e o *New York Times*, cujos correspondentes pareciam ter um melhor acesso do que a maioria.

Nora já aprendera a movimentar-se, a encontrar fontes alternativas e contactos que poderiam ser úteis. Porém, continuava a precisar de mais tempo do que se pudesse simplesmente pegar no telefone e obter informações com um telefonema.

— Dá-me duas semanas. De preferência, três — implorou.

O Lagostim rosnou e reclamou, mas acabou por ceder quando ela concordou em meter pelo meio um artigo sobre a crise diplomática britânica.

— E o Bo Helmersen quer saber o que se passa com o obituário do primeiro-ministro. Um dia, vamos precisar dele, e tu estarás a fazer uma reportagem em Tombuctu — disse para a arreliar.

— Está bem. Verei o que posso fazer — prometeu Nora.

— Qual será o teu próximo passo? — quis saber Lagostim.

Nora ponderou.

— Em determinada altura, creio que terei de contactar o Bill Hix, como gosta de ser tratado. Confrontá-lo com as polaróides. Descobrir se ele sabe alguma coisa sobre o que aconteceu à Lulu e à Lisbeth. Mas pode demorar semanas até conseguir autorização para o visitar na cadeia. Isto se ele concordar em me receber — avisou.

Conseguia ouvir em segundo plano o tinir de louça e uma voz de menina a dizer ao pai que chegaria atrasada à escola, se não fossem já embora.

— Ora, tu hás-de encontrar uma solução — disse ele, no seu tom abstraído. — Manda-me uma mensagem de correio electrónico quando tiveres novidades. E olha… estive a pensar, é melhor contactarmos a polícia por causa da mala. Vamos fazer as coisas dentro da legalidade — disse e desligou antes que Nora conseguisse responder.

Tomou um banho rápido e, com uma toalha amarrada à volta dos seus longos cabelos negros, foi procurar roupa lavada. Desejava que ela, tal como a maioria dos seus colegas do sexo masculino, tivesse uma pessoa amável e bondosa a viver na mesma casa. Alguém que garantisse que tudo funcionava na perfeição em casa. Que houvesse sempre leite no frigorífico, camisas lavadas e passadas a ferro no guarda-roupa e que a factura da televisão fosse paga a tempo e horas.

Nora franziu o cenho ao ver o cesto da roupa suja atafulhado e encontrou apenas um vestido de Verão com motivos florais ligeiramente amarrotado, e calçou as suas adoradas sandálias *Clarks*.

Meteu o portátil no saco e enfiou o *Murders of the Century* no bolso da frente, juntamente com o bloco de notas, algumas esferográficas e o telemóvel.

Depois, bateu a porta atrás de si e caminhou durante cinco minutos até ao Starbucks mais próximo. Havia dias em que, pura e simplesmente, era demasiado aborrecido trabalhar em casa. Dias em que tinha necessidade de sentir vida à sua volta — pessoas a entrar e a sair, o silvar e o sorver das máquinas de café. Mães jovens e atraentes abrigando-se da chuva de Verão, alunos de uniforme a ver quem conseguia escrever mensagens de texto mais rapidamente, e homens e mulheres de negócios que se esforçavam por dar a impressão de trabalhar num escritório atarefado e com êxito, enquanto gritavam para os telemóveis, de modo que abafassem o *jazz* melancólico que tocava nos altifalantes do café.

Pediu um *grande latte* num copo de papel, sentou-se num cadeirão de cabedal e pousou o portátil numa pequena mesa redonda. Depois, abriu um novo documento e escreveu o título: *As Raparigas do Ferry para Inglaterra*.

*

Primeiro, apareceram as pistas de Inglaterra e depois as da Dinamarca.

Procurou os apontamentos que tinha tirado sobre o programa de televisão e releu-os. Ficou a pensar por que motivo ninguém da Vestergården quisera ser entrevistado pela DR.

Nora ligou-se à Internet do café e introduziu o nome num motor de busca. Vestergården era o nome de uma creche nos arrabaldes de Slagelse, um lar de terceira idade em Kerteminde e uma quinta familiar perto de Henne Strand. O Google não apresentou nenhum resultado associado a um lar de acolhimento para jovens com esse nome.

Bem, assim teria sido demasiado fácil.

Encontrou a página da autarquia de Ringkøbin-Skjern, clicou até encontrar os Serviços Sociais e tomou nota do número de telefone.

Uma pesquisa em www.krak.dk revelou que havia quatro pessoas chamadas K. Damtoft registadas na Dinamarca. Nenhuma morava em Ringkøbin, nem lá perto.

Se queria contar esta história como mandam as regras, precisaria de compreender melhor o passado das raparigas. Descobrir os antecedentes de Lulu e Lisbeth. Naquele momento, não passavam de distantes estereótipos. Quais eram as suas ambições? Porque tinham acabado na Vestergården, um lugar para onde eram mandados jovens devastados e difíceis quando todos os outros esforços haviam falhado? Quando se tornavam naquilo a que os assistentes sociais gostam de chamar «para lá do alcance educacional».

Se queria que os leitores se preocupassem com o destino das duas raparigas ao fim de todos aqueles anos, teria de lhes mostrar quem eram.

Sabia muito bem que até mesmo a mais ténue ligação a um assassino em série britânico venderia a história, mas juntar simplesmente informação sobre o sanguinário britânico sem provar a ligação não seria suficiente.

O café estava a arrefecer. Não obstante, sorveu um trago e consultou a página de uma companhia aérea de baixo custo. Teria de regressar à Dinamarca outra vez.

Mas primeiro tinha de encontrar o paradeiro de um homem.

Telefonou para a Scotland Yard, tendo já aprendido com a experiência que deveria evitar o gabinete de imprensa, que servia apenas como uma espécie de Triângulo das Bermudas, em que as perguntas dos jornalistas desapareciam para sempre sob misteriosas circunstâncias. Na verdade, seria mais útil gravarem uma mensagem a dizer que se a informação pretendida não constava da sua página, mais valia esquecer.

Em vez disso, Nora pediu para falar com o inspector James McCormey.

Ouviu a telefonista a procurar o nome no computador.

— Ele já não trabalha aqui. Posso perguntar com que investigação está relacionado?

— Sabe onde posso encontrá-lo? — perguntou Nora, ignorando a pergunta.

Outra pausa.

— A minha colega acha que ele pode estar em Folkstone ou algures na costa sul. A não ser que se tenha aposentado. Não pode ser outra pessoa?

Nora resmungou um agradecimento e desligou.

Meia hora depois e sete esquadras de polícia mais tarde, encontrou-o em Dover.

— Ele saiu em trabalho. Regressa depois das 14 horas. Quer deixar recado? — disse o agente.

Nora disse escrupulosamente o nome e o número de telefone antes da pergunta inevitável:

— Posso saber do que se trata?

— De um caso muito antigo — retorquiu, e desligou.

Quando eram 15h30 e ele ainda não lhe retribuíra o telefonema, voltou a ligar.

— Ele está a chegar. Quer ligar outra vez dentro de trinta minutos? — prometeu a mesma voz masculina que a atendera da primeira vez.

Meia hora mais tarde, conseguiu finalmente falar com McCormey, que parecia ofegante e irritadiço.

— Sim. Que foi? — disse abruptamente.

— Boa tarde. Chamo-me Nora Sand. Sou jornalista de uma revista dinamarquesa, a *Globalt*, e…

Foi prontamente interrompida.

— Não comento este caso. Confirmamos sete mortes e cinco feridos que foram levados para o hospital. Qualquer informação adicional será divulgada pelo gabinete de imprensa. Já está um comunicado de imprensa na Internet. Adeus.

— Sim, mas eu não estou a ligar por causa… — conseguiu dizer Nora até perceber que ele já tinha desligado.

Carregou no botão para repetir a chamada, mas foi parar directamente à caixa de correio. Desligou sem deixar mensagem, mas mudou de ideias e insistiu.

— Inspector McCormey — disse ela com o seu melhor sotaque britânico da classe alta para o atendedor. — Não estou a contactá-lo relativamente à sua actual investigação. Estou a telefonar, porque estou convicta de que tenho informações sobre um caso do decénio de 1980. Está relacionado com William Hickley, também conhecido por Bill Hix.

Deixou o número de telefone e repetiu o nome.

Se aquelas palavras não o convencessem a telefonar-lhe, não havia nada que pudesse fazer. De acordo com o *Murders of the Century*, William Hickley fora o principal caso de McCormey, um caso que acabaria por definir a sua carreira, para o melhor ou para o pior.

Nora guardou o portátil e meteu-se num autocarro para Hampstead. Estava na fila de uma padaria francesa para comprar pão, quando o seu *iPhone* zuniu dentro da bolsa.

— Daqui fala o McCormey — disse uma voz abatida, continuando mais sardonicamente:

— Deixe-me adivinhar. Desenhou um mapa do local onde as raparigas estão enterradas em Underwood. Uma zona onde nada foi encontrado apesar de vinte anos de buscas. Um canto remoto que passou simplesmente despercebido a centenas de voluntários e profissionais. Ou talvez tenha uma confissão de uma nova fonte que comprova que não foi o William Hickley que matou as raparigas?

— Nada disso.

— Bem, nesse caso, envie-me uma mensagem com as suas revelações, que certamente serão fascinantes. Se for ao nosso sítio na Internet, encontra lá a ligação…

— Creio que encontrei a mala dele.

Fez-se silêncio do outro lado da linha. McCormey aclarou a garganta.

— Como disse que se chamava?

Nora apresentou-se mais uma vez.

— Muito bem, Menina Sand. Essa é nova. E como foi que lhe chegou às mãos a mala de um homem que esteve preso no último milénio?

Nora explicou resumidamente onde encontrara e comprara a mala, e como descobrira mais tarde o nome de Bill Hix na lateral.

— Com o devido respeito, Menina Sand. Eu sei como são os jornalistas, adoram uma boa história. Deus nos valha. Mas com franqueza, um maluco qualquer pode ter escrito «Hix» na lateral dessa mala. O mais certo é nunca ter pertencido ao William Hickley. Nós passámos a casa dele a pente fino — salientou McCormey.

— Sim, compreendo isso — disse Nora. — Mas é que a mala tinha fotografias lá dentro. Fotografias de jovens raparigas.

Do outro lado da linha, McCormey ficou de novo em silêncio. Ela conseguia ouvir o farfalhar de papéis.

— Posso encontrar-me consigo amanhã de manhã pelas 11h30. Não se atrase. Tem trinta minutos para me convencer. Traga a mala.

— Obrigada — disse Nora. — Até amanhã.

Comprou o pão, passou pela mercearia para comprar melancia e ervilhas frescas, e depois, por impulso, ligou a Pete.

— Queres passar por cá hoje, querido?

Pete soltou um suspiro melodramático.

— Há quanto tempo nos conhecemos?

— Hum… há cinco anos, mais ou menos — aventou Nora.

— E que tu saibas, durante esse período, alguma vez eu... e repito, alguma vez... deixei de assistir a uma partida de futebol na televisão quando estou em Londres?

Nora deu uma palmada na testa. Tinha-se esquecido.

— A que horas começa?

— O pontapé de partida é às 20 horas.

— Nesse caso, passa por cá cedo e jantas cedo. Vou fazer risoto. Traz a tua câmara e não tens de lavar a louça.

— E deixas-me ir embora a horas de chegar ao *pub*? Juras?

— Honra de escuteiro — asseverou-lhe.

— Tu foste escuteira?

— Dizes-te australiano? Devias era gostar de râguebi e de críquete, não de futebol.

— Até logo, miúda — disse ele com o seu melhor sotaque à *Crocodilo Dundee* e desligou.

Utilizando o candeeiro de secretária como holofote, Nora obrigou Pete a tirar fotografias à mala de todos os ângulos possíveis e imagináveis. De seguida, expôs as polaróides em cima da mesa, enfileiradas, para ele também as fotografar.

Sentia que McCormey quereria ficar com elas quando — tal como ela — ficasse convencido de que haviam pertencido a um assassino em série.

7

Chegou à Plataforma 30 da Estação de Charing Cross segundos antes de o apito informar que as portas iam fechar. O serviço da Linha do Norte continuava irregular como todas as manhãs, e o metro, que deveria ter seguido via Charing Cross, mudara subitamente de destino para Bank, pelo que tivera de se apear e mudar de composição em Euston, fazendo-a perder uns preciosos dez minutos.

Ainda lhe restavam cinco minutos antes da partida quando chegara a Charing Cross, e teria tempo suficiente para comprar jornais e um café, se não fosse um turista na fila que não percebia nada de café.

— Isso quer dizer que *grande* é o café maior, ou isso é o *venti?* E é possível fazer-me um *americano* com leite? — quis saber o homem, enquanto a fila de londrinos abatidos pela manhã se ia acumulando atrás dele.

Nora tentara manter a calma, enquanto esperara com o *The Times* e o *Guardian* enfiados debaixo do braço e o dinheiro certo na mão. Quando a sua vez finalmente chegara, faltavam dois minutos para a partida e tivera de ir a correr para apanhar o comboio, equilibrando o *macchiato*, os jornais e o saco do lixo, onde, na falta de melhor, acondicionara a mala.

Deixou-se cair no seu lugar, abriu o *Guardian* e percebeu imediatamente por que motivo McCormey parecera tão tenso no dia anterior: «Nova tragédia chinesa em Dover», apregoava o jornal por cima de uma fotografia de uma coisa que parecia um camião-frigorífico dos Países Baixos.

Leu rapidamente a notícia. Era tão usual quanto triste. Um grupo de chineses tentara chegar à terra prometida da Grã-Bretanha, escondendo-se atrás de caixotes de tomates num camião-frigorífico. Alguma coisa correra terrivelmente mal. Ou o motorista não sabia a carga que transportava,ou se esquecera de parar para deixar os passageiros clandestinos respirar.

Quando o equipamento de detecção de calor revelara a sua presença no *ferry*, era já demasiado tarde para mais de metade do grupo que sonhara com uma vida melhor.

Sete tinham perdido a vida devido a privação de oxigénio e cinco, que apresentavam úlceras de frio e hipotermia, tinham sido internados para observação. A polícia não comentava se estivera perto de apanhar os traficantes de seres humanos responsáveis pela tragédia.

O *The Times* relegara a notícia para a terceira página: todavia, incluía um incandescente editorial

sobre como a ineficaz política para a imigração francesa criara um problema que os franceses atiravam para cima da Grã-Bretanha com os seus modos tipicamente sonsos.

«Enquanto não mostrarmos aos nossos alegados aliados da Europa que não somos o caixote do lixo do continente, teremos de depender da polícia aduaneira indefinidamente», troava o jornal.

Opiniões como aquela agastavam-na, e pensou novamente que não era boa ideia ler os editoriais pela manhã. Sorveu o café e olhou para as colinas verdejantes e delicadas que ficavam para trás. Parecia que iria ser outro dia ameno de Verão. Tal como o dia anterior, no qual sete pessoas tinham perdido a vida por causa do frio e da privação de oxigénio.

*

A polícia de Dover estava aquartelada num edifício de tijolo vermelho surpreendentemente bem preservado no centro da cidade. Nora dirigiu-se à recepção, mostrou a carteira de jornalista e pediram-lhe que aguardasse.

Sentou-se numa cadeira de madeira dura, enquanto perscrutava a divisão. Um póster da Crimestoppers com o número da linha gratuita ocupava grande parte do quadro de avisos. Ao lado, a fotografia de uma menina prostrada, deitada no alcatrão com sangue a gotejar da boca. «Se beber, não conduza», dizia em letras vermelhas por cima da menina. Por baixo, uma fotocópia do que parecia ser um folheto do Ministério da Administração Interna. «Conheça os seus direitos», dizia em todos os idiomas conhecidos, do mandarim ao russo.

Uma agente de uniforme e cabelos ruivos entrou na divisão e olhou em redor à procura de Nora.

— O inspector McCormey pode recebê-la agora — disse ela num tom de voz formal e conduziu Nora por um corredor, por umas escadas acima e por uma passagem. Ao fundo, bateu cuidadosamente à porta fechada.

— Sim? — alguém disse.

Entraram. McCormey estava sentado por trás da secretária. Diante dele, estavam sentados três elementos da equipa. Dois eram inequivocamente agentes da polícia, e havia um terceiro homem que Nora presumiu ser um porta-voz para a imprensa recentemente recrutado. Tinha o cabelo demasiado comprido e o fato assentava-lhe demasiadamente bem para pertencer às fileiras da lei e ordem.

— Menina Sand. Estamos mesmo a terminar. Ofereceram-lhe chá? — perguntou McCormey.

A mulher ruiva desapareceu e voltou pouco depois com duas chávenas com chá e leite cheias até cima.

Os três elementos levantaram-se.

— Brífingue ao meio-dia na capitania — disse um deles, carregando na caneta.

— Meio-dia — confirmou McCormey, fechando a porta depois de eles saírem.

Nora sondou-o rapidamente e comparou-o com o homem do caso de Bill Hix. Os anos haviam deixado a sua marca. O cabelo tornara-se grisalho e engordara um pouco, mas o olhar mantinha a mesma intensidade e parecia ser uma pessoa que retinha a boa forma física e tinha cuidados com a saúde.

Como que para confirmar os pensamentos de Nora, abriu uma gaveta e tirou de lá uma maçã *Granny Smith* verde.

— Queira desculpar, mas tenho sempre fome a esta hora da manhã — disse, dando uma trinca na maçã.

Parecia mais acessível pessoalmente do que ao telefone.

— Muito bem, Menina Sand. Está aqui por causa do Hickley. Tem toda a minha atenção… e vinte e cinco minutos — disse, consultando o relógio.

Sem mais delongas, Nora passou-lhe o saco do lixo com a mala. Ele pousou-a em cima da secretária.

— Como prometido, uma mala.

McCormey examinou-a atentamente.

— Mais propriamente, uma mala com o nome Bill Hix na lateral — disse com uma neutralidade forçada, encolhendo os ombros. — Conforme lhe disse ontem, pode pertencer a qualquer pessoa.

Nora tirou da bolsa o envelope com as polaróides e entregou-o a McCormey, que abriu uma gaveta da secretária e tirou de lá umas finas luvas de látex, que calçou antes de abrir o envelope.

Olhou para Nora.

— Presumo que tenha tocado nas fotografias — disse, denotando repreensão na voz.

Nora assentiu.

— Eu não sabia que poderiam ser provas. Na verdade, caíram para fora da mala, pelo que tive de as apanhar — explicou.

— Hum. Antes de ir embora, diga na recepção que temos de lhe colher as impressões digitais — disse, e tirou as fotografias do envelope.

Nora contara-as na noite anterior. Eram doze ao todo, e James McCormey dispô-las de uma maneira calma e metódica, como se fosse o crupiê num casino a distribuir as cartas para um jogo de *blackjack*. Três filas com quatro fotografias cada.

Demorou o seu tempo a analisar cada fotografia, cada rosto, antes de avançar para a seguinte. Finalmente, levantou a cabeça e abanou-a com tristeza.

— Infelizmente, Menina Sand, não reconheço nenhuma destas raparigas. Estou certo de que é uma pessoa honesta, e é por isso que serei franco consigo: aquela investigação perseguiu-me desde o instante que me foi atribuída. Tinha quinze línguas e nenhum corpo. Se soubesse quantos fins-de-semana, quantas horas e meses passei a andar por Underwood com e sem cães pisteiros, quantos processos de pessoas desaparecidas analisei, e quantos pais desolados visitei, saberia também quanto a minha vida foi consumida por este caso. Mesmo quando o caso foi oficialmente encerrado e todos me felicitaram e me deram palmadinhas nas costas, não consegui esquecê-lo. Quando o orçamento deixou de abranger mais horas, investiguei por conta própria — disse McCormey.

Nora vislumbrou uma veia a palpitar na testa dele, mas o inspector recompôs-se, respirando fundo e o seu timbre de voz tornou-se mais brando.

— Menina Sand, custa-me muito admitir, mas a verdade é que este caso quase me arruinou o casamento. Provavelmente, ainda estaria a trabalhar nele, se um superior hierárquico insensato não me obrigasse a mudar para Londres e, mais tarde, aqui para Dover. Actualmente, tento apanhar traficantes de seres humanos e não assassinos. Embora, por vezes, não exista diferença.

McCormey lembrou-se da maçã meio comida que tinha na mão e atirou-a para o cesto do lixo por baixo da secretária, como se tivesse perdido o apetite só de falar sobre o caso.

— O que quero dizer é que compreendo perfeitamente porque pensa que as fotografias estão relacionadas com a investigação Hickley. São do mesmo género. Mas estou a asseverar-lhe que se alguma dessas raparigas estivesse remotamente relacionada, eu lembrar-me-ia. Às vezes, tenho pesadelos sobre todas as jovens que nunca voltaram para casa. O mais certo é a sua mala pertencer a algum brincalhão com inclinação para o tétrico. Não me surpreenderia se todas essas raparigas estivessem vivas e bem de saúde em algum sítio.

Nora tirou da bolsa uma cópia da fotografia de Lisbeth e Lulu que Magnus digitalizara na *Globalt*.

— Então, que me diz destas duas? Viu-as associadas ao caso?

McCormey estreitou os olhos ao analisar a fotografia. Depois, abanou a cabeça.

— Vieram da Dinamarca, desapareceram no *ferry* para Harwich e nunca foram encontradas. Lembra-se do caso?

McCormey voltou a abanar a cabeça.

— Não. Lamento, mas não. Não fizeram parte da nossa investigação no caso Hickley, isso posso dizer-lhe. Além disso, aparecem duas raparigas na fotografia, pelo que sai do padrão normal.

— Poderá ter sido um imitador? — indagou Nora, voltando a guardar a fotografia na bolsa.

— Duvido de que tenha alguma importância. Todas aquelas raparigas não podem simplesmente ter-se esfumado sem que ninguém reparasse — disse.

Nora manteve-se em silêncio para o incentivar a continuar.

— Está bem — disse ele com um profundo suspiro. Recolheu as doze fotografias, meteu-as no envelope e descalçou as luvas com um estalido. — Vou pedir a alguém que investigue o paradeiro destas raparigas, nem que seja para confirmar que estão em segurança e bem de saúde. O caso Hickley foi encerrado, o homem encontra-se detido, e eu não disponho de recursos para reabrir a investigação. Não com o orçamento de Dover, certamente. Mas conheço um homem em Londres que poderá dar uma olhadela ao caso. Chama-se Jeff Spencer, mas não lhe telefone. Ele nunca atende telefonemas de repórteres. Ele liga-lhe se tiver dúvidas, compreende?

Alguém bateu à porta e a agente ruiva meteu a cabeça pela abertura.

— A D. Amijehan chegou. Desta vez, traz o intérprete — anunciou, enquanto Nora reunia as suas coisas e se levantava.

— Uma última pergunta?

McCormey fitou-a impacientemente.

— Como se chamava o advogado do Hickley?

O sorriso dele roçou o sarcástico.

— Ah. Essa é fácil, porque é o nome mais estranho que já ouvi em tribunal: chamava-se Christian Cross[3] . Lembro-me de ter pensado que ele deveria ter sido sacerdote, com um nome daqueles.

Cumprimentaram-se e Nora agradeceu-lhe o tempo dispensado.

— Obrigado pela mala, Menina Sand. Telefone-me dentro de uma semana, mas não espere milagres. Trata-se de um caso antigo.

A D. Amijehan já estava a entrar, com um sari verde-lima, e de braço dado com um intérprete de ar subordinado, quando McCormey chamou Nora.

— Não se esqueça de colher as impressões digitais.

8

Na manhã seguinte, Nora ligou para a Cross Law Associates. Não foi difícil encontrá-la na Internet, e Nora reparou que a sede da empresa ficava relativamente perto do Tribunal de Primeira Instância da Bow Street. Pediu para falar com Christian Cross e passaram a chamada a uma secretária cuja voz bem modulada lhe fazia lembrar uma estrela de cinema do decénio de 1950.

A secretária apresentou as sinceras desculpas, como se fosse culpa sua o Sr. Cross estar actualmente em tribunal, devendo regressar apenas de tarde.

— Não estaria interessada em falar antes com o jovem Sr. Cross?

— Com quem?

— Com o Sr. Christopher Cross. Se for um processo-crime, posso garantir-lhe que o Sr. Christopher tem o mesmo êxito do pai — disse a secretária.

— Na realidade, preferia encontrar-me com o Sr. Christian.

— Muito bem. Ele pode recebê-la amanhã de manhã, às 11h30, no seu gabinete. Leve a documentação relevante.

Nora estava ciente de que poderia estar a correr um risco ao deixar a secretária acreditar que ela era uma potencial cliente, mas reconfortou-se ao pensar que não dissera nenhuma mentira, e que se se apresentasse como uma repórter interessada em Bill Hix, provavelmente conseguiria uma marcação no dia de São Nunca à tarde.

Desligou o telefone e, no calor do momento, consultou a página do Pelouro do Turismo de Brine, encontrou a secção de lojas e percorreu as geladarias, antiquários e olarias. Não ficou espantada ao perceber que a loja decrépita onde comprara a mala não constava da lista de locais onde gastar o dinheiro em Brine.

Esquecera-se do nome da loja, mas lembrava-se de que ficava algumas portas ao lado de um salão de chá verde-menta e rosa com uma enorme margarida por cima da porta.

O Google Street View passara por lá, e ela reconheceu a fachada pardacenta com a tinta a descascar, relativamente perto do Daisy Dairy Café. Pesquisou a morada, mas parecia não haver telefones ou nomes associados à misteriosa loja de quinquilharias na Seaview Street. Assim, procurou o número do Daisy Dairy Café e telefonou para lá.

— Está? Fala do café — alguém disse com um pronunciado sotaque russo.

Nora explicou que pretendia o número de telefone da loja de artigos usados duas portas ao lado.

— Sem telefone. Sem telefone — disse a mulher do outro lado da linha.

— Faz-me o favor de lhes dar um recado? — pediu Nora, esperançada.

— Sr. Smithfield, ele só vem cá às vezes — explicou a mulher, impaciente.

Por fim, a mulher concordou em tomar nota do número de telemóvel de Nora e metê-lo na caixa de correio.

Valia a pena tentar. Contudo, não podia ter a certeza de que a mulher cumpriria o prometido.

De seguida, Nora pesquisou o sítio electrónico *Directory Inquiries* para ver se encontrava pessoas de Brine chamadas Smithfield, na esperança de encontrar uma morada particular. Nenhum resultado. «Deseja fazer mais alguma pesquisa?», perguntou o computador.

Nora fechou o portátil.

*

Na manhã seguinte, levantou-se um pouco mais cedo do que o habitual e dedicou algum tempo a passar a ferro uma das duas camisas brancas lavadas que lhe restavam, enquanto ouvia o noticiário e, como acontecera diversas vezes antes, considerou a hipótese de contratar uma mulher-a-dias.

Quando olhou para o monte de roupa e para a camada de *smog* nas vidraças, inevitável quando as janelas estão viradas para o trânsito londrino, pensou que a ideia era tentadora. Porém, alguma coisa a impediu de responder a um dos muitos panfletos enfiados na caixa de correio por mulheres polacas ou húngaras esperançadas em ganhar dinheiro para obter uma vida melhor.

Detestava gastar o seu precioso tempo livre em tarefas domésticas, mas detestava ainda mais a ideia de deixar um desconhecido entrar para o seu território e de lhe pagar para fazer o que ela não queria fazer.

Pendurou cuidadosamente a camisa num cabide, foi buscar o seu fiel fato de saia-casaco azul-marinho ao fundo do guarda-roupa e colocou-o em cima da cama. Comprara-o, porque, no Reino Unido, havia muitas situações em que a vida se tornava mais fácil quando se envergava um uniforme.

Sorriu ao recordar-se do dia em que o comprara nas vendas de Verão na Harvey Nichols. Louise viera a Londres para umas sessões de terapia de compras e, quando Nora saíra dos provadores com o fato vestido, Louise escangalhara-se a rir.

— Oh, queira desculpar, menina, pode indicar as saídas de emergência e demonstrar como vestir o colete salva-vidas? — dissera a custo.

Nora vislumbrara o próprio reflexo no grande espelho e admitira que Louise tinha razão. Só lhe faltava batom rosa e o cabelo apanhado para passar por uma perfeita assistente de bordo. Não conseguira evitar um sorriso.

— Bem-vindos à Nora Air. Desejamos-lhes uma boa viagem. Dentro de instantes, ofereceremos uma boa surra.

Desde então, o fato ficara com o epíteto de «Fato Nora Air» e hoje cabia-lhe a tarefa de convencer Christian Cross de que uma jornalista era, na realidade, a próxima vítima inocente que ele iria salvar das garras do brutal sistema jurídico inglês.

*

A recepção cheirava a verniz e flores. Um mulher, que Nora presumia ser a dona da voz de estrela de cinema que atendera o seu telefonema, estava sentada em frente de um computador com uma caneca que tinha estampado um retrato do casamento real entre Camilla Parker-Bowles e o Príncipe Carlos.

— Bem-vinda, Menina Sand — disse, com um sorriso obsequioso. — Sente-se. O Sr. Cross atendê-la-á dentro de alguns minutos.

Nora sentou-se no *Chesterfield*. Na mesa baixa diante dela, três jornais pareciam acabados de passar a ferro por um mordomo invisível.

Nora estava absorta num editorial do *Economist* sobre a insegura economia do Congo, quando ouviu barulhos vindos de trás da pesada porta de carvalho que presumia ser a do gabinete do Sr. Cross.

A porta abriu-se e assomou um homem na casa dos trinta com um fato que lhe assentava tão impecavelmente, que bem poderia estar a segurar um cartaz a dizer Savile Row[4] .

Nora espreitou por cima da revista. O homem tinha os cabelos loiros e os olhos cinza-claros; mais do que qualquer outra coisa, parecia-se com um advogado saído de um anúncio, o tipo utilizado para vender chocolate exclusivo, seguros de automóvel ou fatos *Armani*.

Avistou-a e cumprimentou-a com um gesto fugaz antes de lhe virar costas e falar para o interior do gabinete.

— Até logo, pai. Vemo-nos no almoço no clube na quinta-feira.

— O Sr. Cross vai recebê-la agora — disse a secretária, pondo-se de pé.

Christian Cross estava sentado por trás de uma secretária que Nora calculou ser do tamanho da casa de banho dela. A alcatifa verde e fofa do gabinete absorvia todo o ruído, como um pedaço de papel de cozinha absorve um copo de leite derramado.

As paredes estavam forradas de painéis de cabedal e pinturas que retratavam tempos idos em que a caça à raposa, além de ser legal, era também o passatempo predilecto de muitos britânicos abastados das zonas rurais. O autor focara-se na matilha de cães de caça e em homens de casacos rosa com cornetas, bem como nos cavalos que transportariam os cavaleiros até uma raposa que, ao fim de horas de perseguição, cairia de exaustão e seria despedaçada pelos cães.

— A Menina Sand caça?

A voz era cava e melódica, daquela maneira que as vozes masculinas podem ficar ao fim de anos a marinar em brande *vintage* e charutos de Havana. A barriga proeminente, que nem o fato requintadamente feito à medida conseguia disfarçar, deixava adivinhar que vários lautos jantares haviam precedido os charutos.

Nora abanou a cabeça.

— O meu trabalho raramente me deixa tempo livre para ir ao campo — disse num tom neutro.

— É uma pena. Tenho um pequeno terreno em Wiltshire. Torna Londres suportável — disse Christian Cros, de forma amigável.

Nora concluiu que a opinião do advogado sobre aquilo que seria um pequeno terreno provavelmente divergiria da sua.

Terminada a conversa de circunstância, Christian Cross pegou numa caneta de tinta permanente e recostou-se no cadeirão.

— Presumo ser uma emergência. Em que posso ajudá-la?

Nora respirou fundo e não esteve com rodeios.

— William Hickley.

Foi como se uma nuvem passasse pela frente do rosto de Christian Cross. O simpático sorriso esfumou-se, sendo imediatamente substituído por uma expressão empedernida.

— Não posso negar que tenha sido, e ainda seja, o advogado de William Hickley. Isso é do domínio público, mas não tenho mais nada para acrescentar — disse o advogado, parecendo um pouco perturbado. — Mas uma vez que aqui está, e que já perdeu o seu tempo e me fez perder o meu, gostaria de saber porque me pergunta por um cliente que está evidentemente protegido pelo dever de sigilo? — acrescentou.

— Trabalho para a *Globalt*, uma revista dinamarquesa e tinha a esperança de que pudesse marcar um encontro entre mim e o seu constituinte — disse Nora com franqueza.

Geralmente, a honestidade é o melhor remédio. Pelo menos, quando já se tem um pé dentro da porta.

Depois de dar uma risadinha, Christian Cross soltou uma profunda gargalhada.

— Poderia ter poupado a viagem — disse, abanando a cabeça ante a absurda sugestão. — Não posso recusar categoricamente o seu pedido em nome do meu constituinte. É claro que lho transmitirei, mas posso asseverar-lhe: há alguns anos, o *Sun* ofereceu a William Hickley cinquenta mil libras para relatar a sua história. Ele recusou a proposta sem hesitar. Ficou de tal modo ofendido, que até se recusou a encontrar-se com o jornalista para negociar um aumento desse valor. Mas quiçá o seu editor dinamarquês tenha os bolsos mais recheados do que o *Sun* — disse, ironicamente.

Nora pensou no modo como o Lagostim se debatia nas raras ocasiões em que lhe pediam que assinasse um recibo de valor superior a cento e cinquenta libras.

— Pode dizer ao seu constituinte que nós não pagamos, mas que eu tenho informações sobre as suas duas raparigas dinamarquesas.

— Que raparigas dinamarquesas?

Nora encolheu os ombros.

— Lamento, mas isso é informação confidencial. Não posso partilhá-la com ninguém a não ser com William Hickley — disse, exactamente no mesmo tom de voz pretensioso que o advogado usara.

Uma irritação inequívoca trespassou o semblante de Christian Cross.

— Muito bem. Certificar-me-ei de que a sua mensagem chega ao Sr. Hickley — concordou, comprimindo os lábios. — Mas não se esqueça de que eu estive presente em todo o julgamento. Não esteve envolvida nenhuma rapariga dinamarquesa. Nenhuma. Eram todas britânicas — apontou e levantou-se abruptamente.

Quando lhe entregou o seu cartão-de-visita, Nora reparou que ele era mais baixo do que fazia supor. Christian Cross olhou-a de relance.

— E agora, Menina Sand, não ocupemos mais o tempo um do outro — disse, seguro de si, caminhando para a porta.

— Quando acha que me dará notícias? — perguntou Nora, educadamente.

— Acontece que estamos a preparar uma nova audiência relativamente à liberdade condicional ou pelo menos a transferência para outro estabelecimento prisional. Se as autoridades britânicas não cederem, poderemos estar perante uma violação dos direitos humanos. Então, teremos um caso. A sua revista estaria interessada em fazer a cobertura dessa história? — indagou, antes de responder à própria pergunta. — Ah, não estaria? Já calculava. Vou encontrar-me com o Sr. Hickley na próxima semana. Até lá, preferia não ter de lidar com mais tentativas extravagantes de perturbar as coisas. Será contactada em devido tempo, mas se fosse a si não teria grandes expectativas e começaria a procurar outra notícia. Passe bem — disse, escancarando a porta.

— D. Metcalfe, faça o favor de me ligar ao Sir Howard — disse. A reunião estava terminada.

Pouco depois, Nora estava novamente na rua e pegou no telemóvel. Era quase hora de almoço e o escritório de Cross localizava-se a curta distância da Scotland Yard. Andreas não atendeu o telemóvel, mas ela deixou uma mensagem e, três minutos depois, ele ligou-lhe.

9

A pausa dele para almoço começaria dentro de vinte minutos; Nora comprou provisões no Pret A Manger mais próximo — sanduíches de galinha, sumo de maçã e salada de frutas — e ficou à espera mesmo por baixo do sinal triangular da Scotland Yard.

Andreas saiu pela porta giratória a conversar com um colega e envergando um fato cinza-escuro. Ao vê-lo assim tão adulto e profissional, Nora sentiu-se atraída por ele. Era como um desconhecido que gostaria de ficar a conhecer melhor. Andreas olhou em redor e sorriu assim que a avistou.

Foram a pé até ao St. James's Park e arranjaram um lugar na relva à sombra de um velho carvalho. Nora amaldiçoou a saia ao dobrar as pernas, tentando encontrar um compromisso entre o conforto e a decência. Quando finalmente se contorceu até conseguir arranjar posição, atacaram as provisões.

— Já apanhaste algum terrorista? — perguntou ela antes de dar uma trinca.

Andreas hesitou enquanto observava um casal de adolescentes em frente deles. Pareciam decididos a ver até que ponto duas pessoas podiam ir num lugar público sem ser detidos por conduta indecorosa. À primeira vista, bastante longe, pensou Nora.

— Então? Estou a incomodar?

Andreas olhou-a com uma expressão que ela não conseguiu compreender.

— Não posso falar sobre o meu trabalho.

— Estás a gozar?

— Não. Se te dissesse, teria de te matar — disse, muito sério.

Ela deu-lhe uma palmada no ombro, mas não conseguiu evitar um sorriso.

— És um idiota. E eu a pensar que poderia convidar-te para ir dar um passeio até à costa no fim-de-semana.

Andreas soergueu as sobrancelhas.

— Estás a falar a sério?

— Em parte, é trabalho. Preciso de investigar uma coisa numa aldeia chamada Brine, mas pensei que poderíamos dar um passeio. Isto se tu ainda gostares de nadar no mar.

O convite foi feito sem medir as consequências.

Quando eram adolescentes, costumavam ir nadar juntos quase todas as manhãs. No mar, durante o

Verão; na piscina, no Inverno. Porém, depois da embaraçosa declaração de amor de Andreas, tinham-se evitado durante mais de um decénio. Nora encolheu os ombros. Isso já acontecera havia muito tempo; deixara de ter importância.

Olhou para a outra margem do lago e reparou nas inúmeras amas que se tinham reunido ao sol com os carrinhos de bebé, juntamente com turistas e trabalhadores na pausa para o almoço.

— Está relacionado com as raparigas do *ferry* para Inglaterra? — perguntou ele, ao fim de uma longa pausa.

Nora disse que sim com a cabeça.

— Está bem. Era para ir com um amigo a Liverpool ver um jogo de futebol, mas ele cancelou. Por isso, conta comigo.

Nora deu rédea solta aos pensamentos e, na sua cabeça, viu subitamente Andreas sentado na beira de uma cama de dossel, num quarto obscurecido com as cortinas fechadas num hotel em Brine. Imaginou a cara dele enquanto lhe desabotoava a camisa branca. Um botão de cada vez.

Como se conseguisse ler-lhe o pensamento, ele virou a cabeça e fitou-a nos olhos durante mais tempo do que a educação o permitia.

Então, o *riff* de guitarra de *Smoke on the Water* retalhou a atmosfera. O som vinha do bolso do casaco de Andreas e ele tirou desajeitadamente o telemóvel do bolso.

— Estou? — disse, com a voz cava.

Nora tentou controlar-se. Onde tinha a cabeça? Andreas era Andreas, e não havia rigorosamente nenhum motivo para mudar a fórmula que resultara durante anos.

Após alguns murmúrios e um único «Certo», Andreas terminou a conversa, dizendo:

— Olha, agora não é oportuno. Ligo-te hoje à noite.

Depois, recusou-se a olhá-la nos olhos. Nora sorveu o sumo e fingiu indiferença ao perscrutar um grupo de turistas japoneses cujo ponto de encontro, não obstante estar sol, era um enorme guarda-sol amarelo.

— Era a Birgitte. A minha namorada. Ela também trabalha na polícia — disse Andreas, ao fim de uma longa pausa.

Nora fez o seu sorriso *botox*. Um sorriso daqueles que demonstram a intenção, mas com os músculos paralisados.

— Que bom. Adorava conhecê-la. Ela vem a Londres?

— Não creio — disse, com indiferença, amachucando a embalagem da sanduíche e consultando o relógio. — É melhor ir.

Nora anuiu e pôs-se de pé sem grande dificuldade, não obstante a incómoda saia.

— Ainda tens acesso a bases de dados da polícia em casa?

Andreas assentiu.

— Fazes-me o favor de ver o que aconteceu a Kurt Damtoft da Vestergården? Não o encontro em parte alguma.

— Vejo isso. Até sábado.

— Até sábado. Eu alugo um carro e vou buscar-te — disse Nora com a sua voz mais indiferente, despedindo-se dele com um aceno antes de se dirigir para o metro.

*

Repreendeu-se mentalmente durante toda a viagem de regresso a casa. Que raio pensava que estava a fazer? Quando entrou no apartamento, quase sufocou com o calor abafado e o fato justo. Arrancou as roupas e abriu a torneira de água fria na casa de banho.

Cinco impiedosos minutos debaixo de um chuveiro de água fria e uma *Coca-Cola Light* directamente do frigorífico mais tarde, o mundo começou a voltar à normalidade. Vestiu uns calções e uma *T-shirt* com buracos de traça com uma imagem em preto-e-branco dos The Cure e o título da canção *Boys Don't Cry*, depois sentou-se resolutamente em frente do portátil e pegou no bloco de notas.

Já era tempo de redigir aquele obituário, mas quando deparou com um artigo sobre uma cimeira em Bruxelas, teve um *flashback* de uma viagem de escola em que ela e Andreas fizeram gazeta e se esgueiraram de uma interminável prelecção de um político dinamarquês na UE sobre os poderes orçamentais do Parlamento Europeu, tendo ido para um bar no bairro africano da capital belga.

Reviu mentalmente a pequena sala com o hipnótico ritmo de um bongo e o rum branco servido num copo de *shot* com açúcar de cana e lima. Teriam quase tido um momento especial nessa noite? Só que depois tinham dado de caras com um grupo de britânicos embriagados que haviam insistido em os arrastar para um bar irlandês do outro lado da rua, tendo-se a intimidade dissolvido em diversão, caos e *Guinness*.

Será que, já então, ele quereria que fossem mais do que amigos?

De repente, Nora percebeu o que poderia ajudar. Clicou no Skype, viu com regozijo que Trine estava em linha e contactou a sua velha amiga da escola.

Trine transformara a sua infinita capacidade de empatia numa carreira e estudara para ser psicoterapeuta. Desde que publicara dois populares livros sobre relacionamentos, tornara-se numa espécie de especialista e uma daquelas caras familiares da televisão que os jornalistas convidam para ir a estúdio comentar os casos menos relevantes. Trine aparecia sempre com os lábios pintados de vermelho e grossas tranças amarelas. Era a sua imagem de marca, e resultava. Toda a gente se lembrava da terapeuta de relações com as tranças como as da Heidi e os lábios como os da Marilyn Monroe, e Trine aproveitava tudo, dando palestras e organizando *workshops* de fim-de-semana cujos destinatários eram dinamarqueses com os corações despedaçados.

Mas para Nora continuava a ser a adolescente gorducha que uma vez vomitara no jardim da frente do seu pai quando iam a caminho de uma festa, tendo depois caído em cima dos óculos novos.

— Olá, linda. Há quanto tempo — disse Trine, ligando a câmara do computador.

Nora conseguiu perceber que Trine estava sentada no terraço da sua casa de férias perto de Rørvig. No fundo do ecrã, conseguia ver um copo de vinho tinto.

— Estou só a dar os últimos retoques no meu mais recente *best-seller*: *As Peculiaridades do Ciúme*. Prometi à editora que o entregaria na próxima semana. Despachei o Johannes e os miúdos para a minha sogra na Suécia — explicou Trine, acendendo um cigarro.

Nora abanou a cabeça.

— Ainda não deixaste de fumar?

Trine soltou uma risadinha culpada.

— Só fumo socialmente, como podes reparar. Isto é socialmente, não é? O fumo está a incomodar-te? — disse, soprando propositadamente o fumo para o ecrã.

Nora fingiu um ataque de tosse.

— Então, minha amiga. Já arranjaste um *gentleman* britânico? Por favor, diz-me que estás a contactar-me para me convidar para o teu casamento num castelo escocês com *kilts*, gaitas-de-foles e o monstro do Loch Ness. Estou ansiosa por uma folga.

Nora sentiu-se a corar.

— Eh. Não propriamente — retorquiu.

— Pronto, então que foi? Aconteceu alguma coisa. Sabes que eu percebo sempre — afirmou Trine com a confiança de um especialista, sorvendo o vinho.

Três segundos depois, Nora estava a ver um estranho padrão de gotas a atravessar o ecrã. Trine tinha cuspido o vinho ao ouvir a palavra «Andreas».

— Referes-te ao Andreas-Andreas? Quero dizer, o nosso Andreas? O Andreas T. Jansson? — perguntou depois de ir buscar um pano de cozinha e limpar o ecrã.

— Sim — respondeu Nora com um suspiro, passando depois a explicar como ele anunciara inesperadamente no Facebook a sua chegada, tendo aparecido mais tarde em Londres. Falou-se sobre o encontro no St. James's Park. Pô-la ao corrente da Menina Perfeita, como Nora decidira apelidar Birgitte.

Quando Nora finalmente fez uma pausa para respirar, Trine abanou a cabeça.

— Nora Sand! Tens o pior sentido de oportunidade do mundo! — concluiu. — Não sabias que aquele homem te *desejou*... e estou a usar a palavra «desejou» deliberadamente... desde o primeiro instante em que te viu?

— Não. Nem por isso.

— Pois não, porque eras cega! Enquanto andavas na brincadeira com aquele Salomon que tocava saxofone, o Andreas sofria em silêncio. Foi tão difícil para ele, que toda a gente percebeu. Toda a gente menos tu.

— O tipo chamava-se Samuel e tocava clarinete — corrigiu-a humildemente.

— Seja lá o que for. — Quando estava lançada, Trine era imparável.

— Mas por que motivo ninguém me disse? — protestou Nora.

Trine contou pelos dedos.

— Primeiro: porque era óbvio, seria como dizer que o céu é azul. Segundo: porque o Andreas é que deveria decidir se queria que tu soubesses. Terceiro: hum. Não há terceiro.

Nora revirou os olhos.

— Tu eras a telenovela da turma. Até fizemos apostas sobre o desfecho. Eu sei que o Markus perdeu cem coroas quando o Andreas finalmente arranjou coragem para te dizer na festa da Hanne e tu o rejeitaste.

Nora estremeceu ao lembrar-se. Trine continuou a repreendê-la.

— E agora, precisamente agora, é que tu reparas no Andreas? Queres saber a verdade?

Nora tinha o palpite de que não queria, mas Trine estava agora em modo de psicanálise.

— Sentes-te atraída por homens indisponíveis. E já não é a primeira vez que acontece. Lembras-te quando fomos no *inter-rail* e tu andaste caidinha durante uma semana por aquele sueco loiro em

Míconos? Quando ele finalmente te convidou para sair, perdeste o interesse. Parece-me que tens uma relutância inerente em te comprometer. De outro modo, já terias encontrado um companheiro há muito tempo. O único motivo por que o Andreas, de repente, despertou o teu interesse é porque já não está disponível. É esse o teu padrão — afirmou Trine.

— Mas e se eu já sentisse isto ainda antes de ficar a saber da Birgitte? — objectou Nora.

— Provavelmente, já o tinhas sentido de forma subconsciente — opinou Trine. Nora anuiu, pensativamente.

— Então, não passa de uma fixação?

— Sim. Pensa nisso. Amanhã, já não sentes nada. Bebe um copo de vinho. Quem sabe, pode até desaparecer em trinta minutos — prometeu-lhe a terapeuta de casais mais apreciada da Dinamarca.

Despediram-se como sempre, com a promessa de que tinham de combinar um encontro, em Londres, na casa de férias de Trine ou em Copenhaga.

Nora seguiu os conselhos do médico e foi ao frigorífico buscar o que restava de uma garrafa de vinho branco. Cheirava a azedo, mas ao fim de umas goladas, o sabor tornou-se suportável. Olhou fixamente para a rua, ponderando se deveria sair para ir comprar comida, quando o computador emitiu um débil tinido, alertando para a entrada de uma mensagem de correio electrónico.

Era ele.

Sentiu uma palpitação no peito.

A mensagem electrónica não tinha ardentes declarações de amor. Era curta e directa.

«A última morada conhecida de Kurt Damtoft é com a sua filha, Liselotte Bruun, residente em Søndervig. Tem cadastro, mas já cumpriu pena», escreveu Andreas, terminando a missiva com um prático: «Até sábado.»

Até sábado? Era mesmo isso o melhor que ele conseguia? Nem beijos, nem abraços? Apenas «Até sábado»?

Nora abanou a cabeça com a esperança de conseguir afastar o pensamento de Andreas, e entoou um mantra que já a ajudara no passado: *Controla-te*.

O homem tem namorada. É comprometido. Fruto proibido.

Ainda faltavam quatro dias para sábado. Quatro dias e uma ida à Dinamarca em que teria de o esquecer.

10

Quando estacionou o carro alugado diante do sombrio bangaló de tijolo amarelo nos arredores de Søndervig, arrependeu-se de não ter telefonado antes.

Chovera bastante durante toda a viagem desde que aterrara no Aeroporto de Karup, na região central da Jutlândia, e só quando virou para Fjordvejen é que as nuvens se afastaram, mantendo-se no céu como uma ameaça plúmbea, anunciando o que estava para vir.

O jardim da frente estava coberto de uma relva grosseira e amarela e, junto à porta da frente, havia um vaso de cerâmica azul com uma planta murcha que poderia em tempos ter sido uma flor-da-fortuna.

A casa tinha o aspecto de estar desabitada havia meses. Nora foi até à porta e, sem grandes esperanças, tocou à campainha.

Pouco depois, a porta abriu-se e apareceu-lhe à frente um rapaz desengonçado que andaria pelos treze anos. Trazia vestida uma *T-shirt* dos Iron Maiden e umas calças de ganga pretas elásticas e justas que realçavam as suas pernas compridas e finas.

Não disse nada. Limitou-se a olhá-la, aturdido.

— Hum. Estou à procura de Liselotte Bruun. Ela mora aqui? — disse Nora.

O rapaz mirou-a dos pés à cabeça.

— Vem da parte da autarquia? — quis saber.

Nora abanou a cabeça.

— Está no ateliê dela — acabou por dizer, preparando-se para fechar a porta.

Nora foi a tempo de meter o pé à frente da porta.

— Onde é que isso fica?

O rapaz fitou-a como se ela tivesse acabado de anunciar que não sabia onde ficava Ringkøbing, ou que o mar do Norte era molhado.

— O ateliê de cerâmica da Liselotte fica na rua principal. Só há uma — disse, revirando os olhos.

Nora encontrou-a com facilidade. O edifício pintado de branco ficava num recanto da estrada que ligava a rua principal à zona das casas de férias, mas era impossível não ver o enorme letreiro. A loja estava repleta de vasos azuis vidrados iguais ao que havia na porta da frente da casa, caçarolas

com tampa e jarros com a palavra *Søndervig* escrita em preto. Na montra, um aviso manuscrito informava que falavam alemão na época alta.

Quando Nora abriu a porta, ouviu-se uma campainha antiquada.

Conseguiu ouvir barulho vindo da sala dos fundos e, pouco depois, apareceu uma mulher ruiva de ar fatigado na casa dos quarenta. Limpou as mãos manchadas de barro a um avental azul-escuro.

— Sim?

Nora estava prestes a falar, quando a porta se abriu outra vez e um casal de alemães entrou na loja. Em vez de falar, foi até junto de um suporte com postais com as tradicionais imagens que se vendem por toda a Dinamarca no Verão: urze brava, dunas, ocasos e centeio do mar.

A mulher atendeu o casal com um alemão perfeito e depois virou-se para Nora:

— Então, já decidiu qual vai ser?

— Não vim aqui comprar nada. Procuro Kurt Damtoft. Sabe onde posso encontrá-lo?

A mulher semicerrou os olhos, a expressão à volta da boca tornou-se mais mordaz e o seu corpo afundou-se.

— Olhe, desejo-lhe boa sorte. Ele também lhe deve dinheiro? Estranho, você parece demasiado inteligente para lhe ter emprestado dinheiro. — A sua voz havia endurecido.

Nora abanou a cabeça.

— Não. É por causa de um caso antigo. Sou repórter e estou a investigar o que efectivamente aconteceu às raparigas do *ferry* para Inglaterra — explicou.

A mulher pareceu ponderar por instantes, depois estendeu-lhe a mão.

— Chamo-me Liselotte. É melhor vir comigo lá atrás. Tenho café.

Nora seguiu-a até uma sala de tecto baixo na qual sobressaía uma enorme fornalha. Havia em cima de uma roda um pedaço de barro húmido, e uma chaleira e duas canecas de fabrico caseiro em cima de uma estreita mesa de fórmica junto à única janela da divisão.

Liselotte encheu a chaleira numa torneira junto à fornalha, acendeu o lume e tirou do bolso um maço de *Marlboro Lights* amachucado.

— Só tenho instantâneo.

— Só bebo desse — disse Nora, com um sorriso.

Liselotte sentou-se à beira da roda, enquanto Nora deitava água nas duas canecas e se sentava num banco ao lado da mesa.

Liselotte deu forma ao barro com o cigarro no canto da boca. Depois de dar algumas voltas à roda, utilizou um arame para cortar um jarro de cima da roda e pô-lo a secar na prateleira junto a outros oito jarros idênticos.

De seguida, sentou-se numa surrada e antiga cadeira de escritório verde-azeitona, cujo encosto rangia sempre que se mexia.

— O meu pai. O meu pai. Bem, que posso dizer? — disse ela, tirando uma profunda baforada do cigarro. — É alcoólico. Isso não é segredo nenhum, acho eu. Rouba tudo o que não estiver pregado para ter dinheiro para a bebida. Já não mora connosco. Eu e o Malte não podíamos aguentar mais.

Soltou um suspiro.

— O menino não podia continuar a ver o avô destruir-se daquela maneira. Para o fim, tínhamos de trancar tudo. A televisão, o sistema de som, a *PlayStation* do Malte. Ele roubava tudo — disse.

Nora fitou-a.

— Deve ter sido complicado.

— O pior de tudo é que foi esse caso que o levou a descambar. Antes disso, ele apreciava uma boa cerveja de vez em quando, sim. Mas depois de aquelas duas raparigas desaparecerem e ele ter sido acusado de negligência por ter bebido duas cervejas no *ferry*, foi como se tivesse desistido completamente. Passou a beber todos os dias.

Liselotte soprou para o café e depois bebeu.

— A minha mãe pisgou-se pouco depois. Não a vemos desde que conheceu um motorista de autocarros e se mudou para a Alemanha.

Nora tentou que não se desviasse do assunto.

— Lembra-se de alguma coisa daqueles tempos, de alguma coisa das raparigas?

Liselotte riu-se em jeito trocista.

— Que acha? Nós vivíamos na Vestergården, num apartamento que estava incluído no contrato de trabalho, e o meu pai insistia em tratar todos aqueles fracassados como se fossem da família. Iam jantar lá a casa pelo menos uma vez por semana. A única pessoa que achava que era uma excelente ideia era o meu pai — resfolegou. — Eu era da idade da Lisbeth e da Lulu, e era para ter ido com elas a Londres, mas a minha mãe não deixou. Não queria que eu me misturasse com gente da laia delas mais do que era preciso.

— Que laia? — indagou Nora.

— A Lulu era submissa como um carneirinho. Acho que a mãe dela bebeu bastante durante a gravidez, pelo que a Lulu era um pouco lenta. Não me interprete mal, ela não era atrasada, mas também não era propriamente a pessoa mais inteligente. Lembro-me de um dos rapazes a ter convencido de que uma pessoa podia ficar bronzeada pondo-se em frente da imagem da televisão antes de a programação começar. Assim, por duas noites, ela pôs-se em frente da televisão só de cuecas, até que o meu pai descobriu.

»Já a Lisbeth, por outro lado, era uma cabra. Fria, calculista e aterradora. Se percebia que uma pessoa tinha fraquezas, atirava-se a ela até a pessoa se sentir uma merda.

Lisolette levou a mão ao cabelo instintivamente.

— No meu caso, foi o meu cabelo ruivo, é claro. Mas no caso de alguns dos rapazes mais velhos, não era apenas o seu aspecto físico. Ela apanhara algumas informações sobre a vida deles em casa e sabia em que pontos nevrálgicos tocar. Havia um moço, o Erik, cuja mãe era uma drogada e prostituta. E depois havia o pai do Oluf, que era pedófilo e estava preso. Ela estava sempre a lembrá-los disso. E era tão matreira, que os adultos raramente descobriam. Um comentário sussurrado aqui e além, um olhar malicioso. Ela era bastante bonita, mas era tão pútrida por dentro como era bem-parecida por fora. Acho que o meu pai nunca soube bem como ela era maldosa.

O cigarro esquecido no cinzeiro transformara-se em cinzas. Lisolette apagou-o e acendeu outro.

— Só fiz queixa dela ao meu pai uma vez. Nessa época, eu tinha um namorado chamado Jens. Tinha-o conhecido no clube juvenil e gostava mesmo dele; tinha-o convidado para ir lá a casa pela primeira vez. Foi a noite em que dei o meu primeiro beijo — disse com uma expressão amargurada.

— A Lisbeth deve tê-lo visto a chegar na sua *Puch Maxi* e esperou que ele fosse embora. Não sei o que ela lhe disse, mas ele nunca mais voltou. Fiquei de rastos. Mais tarde, ela contou-me

jubilosamente como o arrastara para o meio dos arbustos no jardim das traseiras e que o tinham feito em frente do meu quarto, enquanto eu estava por trás das cortinas a sonhar com ele e a escrevinhar no diário. Tínhamos apenas quinze anos. O Jens, é claro, negou tudo, mas não conseguia olhar-me nos olhos, e percebi que a Lisbeth estava a dizer a verdade. Tentei falar com o meu pai sobre o assunto, mas ele limitou-se a dizer que o amor é assim quando somos jovens, e que acabaríamos por resolver as coisas. Mas a Lisbeth não estava apaixonada pelo Jens. Ela apenas quis estragar a minha relação. Ficar com algo que me pertencia.

— Que aconteceu ao Jens? — quis saber Nora.

— Nada de especial. E a Lisbeth tratou-o abaixo de cão. Disse-lhe que ele era imaturo e que a pândega no jardim das traseiras fora um erro. Actualmente, está casado e tem dois filhos. Trabalha na Vestas.

— Sabe alguma coisa sobre as famílias da Lisbeth ou da Lulu?

Liselotte abanou a cabeça.

— Não sei pormenores. Sei que o pai da Lulu vive algures em Copenhaga. Acho que os pais da Lisbeth morreram quando ela era pequena. É possível que o meu pai se lembre de alguma coisa, mas é bom que o encontre antes de ele apanhar a borracheira — disse ela, consultando o relógio de pulso. — O Candeia abre daqui a meia hora. É a sua melhor hipótese. Creio que ele mora numa das casas de férias com uma mulher chamada Jytte, mas não sei exactamente onde. Às vezes, é melhor não saber de mais. — Fez um sorriso medonho.

— Sabe o que aconteceu aos outros que iam na viagem?

Liselotte abanou outra vez a cabeça.

— Não. Foi tudo muito rápido depois de os Serviços Sociais encerrarem a Vestergården. Quero dizer, sei que um dos professores morreu de cancro alguns anos mais tarde — e creio que o outro se mudou para a Austrália. Calculo que os miúdos tenham sido mandados para outras instituições. Mas só Deus sabe onde estarão agora. Na cadeia, calculo, a maioria deles. É o mais certo.

Nora bebeu o resto do café. Arrefecera e estava amargo.

— Obrigada pelo café — disse, preparando-se para se levantar.

— Isto vai sair no jornal? — perguntou Liselotte.

— Bem — Nora hesitou. — Se eu utilizar a nossa conversa no artigo, prometo telefonar antes para confirmar os dados. Pode ser?

Liselotte assentiu em silêncio, voltou-se para a roda giratória e assentou-lhe um pedaço de barro.

— Não se importa de sair sozinha, pois não?

*

Antes de ir ao *pub*, Nora deu um passeio junto ao mar do Norte. Abriu caminho pelo meio de grupos de turistas, geladarias e lojas à beira-mar que vendiam tudo, de pás de plástico a sarongues e bisnagas. Depois de subir as dunas, sentiu a serenidade fazer efeito.

Uma pessoa só percebia a falta que o mar do Norte fazia depois de estar diante dele, sentindo-se infinitamente pequena.

Ao longo da costa inglesa, os britânicos tinham os seus molhes com máquinas de jogo, luzes fortes

e bancas a vender algodão-doce. Praias onde era possível dar um passeio de burro de dez minutos e onde as crianças eram tão barulhentas, que os pais se viam forçados a berrar e a gritar. Praias onde as pessoas largavam toneladas de lixo todos os dias e onde parecia natural as pessoas alimentarem-se de comida de levar para fora e imporem aos outros a sua paixão da música tecno.

Uma praia dinamarquesa é considerada concorrida quando se consegue ver outra pessoa ao longe. Nora descalçou as sandálias, levou-as nas mãos e sentiu a areia fina entre os dedos dos pés.

Portanto, Lisbeth não era anjinho nenhum. Poderia ter sido morta por algum conhecido? Teria pisado o risco demasiadas vezes? Ter-se-ia comportado como uma cabra com a pessoa errada? Seria possível que Bill Hix não tivesse rigorosamente nada que ver com o seu desaparecimento? Nesse caso, que estava a fotografia dela a fazer na mala dele? E onde é que Lulu se encaixava no meio de tudo isto?

Nora deu meia-volta e regressou para a aldeia.

*

Na realidade, o *pub* chamava-se *O Farol*, mas para os autóctones, as insinuações associadas ao mar não passavam de um disparate pretensioso para turista ver; no dialecto local, era conhecido por *O Candeia*.

Um cheiro a bafio envolveu-a assim que abriu a porta. A sala encontrava-se na penumbra, mas por trás do balcão estava um homem de meia-idade a torcer um pano da louça por baixo da torneira de água quente. Acenou-lhe e depois começou a limpar lenta e metodicamente o balcão. Em segundo plano, o cantor popular do decénio de 1970, John Mogensen, exprimia a sua opinião musical de viver no número nove da Rua da Solidão.

Nora empoleirou-se num dos coçados bancos do balcão e pediu sumo de maçã. O empregado de balcão confirmou com a cabeça, foi ao frigorífico buscar uma garrafa de *Rynkeby* e abriu-a.

— Gelo?

— Sim, se faz favor.

— Calculo que não seja destas bandas — disse, ao pousar no balcão um copo cheio de gelo até cima.

— Consegue perceber isso só porque eu pedi sumo de maçã? — disse Nora, incrédula.

— Não, mas acredite em mim: nenhum dos habitantes deste lugar gastaria vinte coroas em sumo de maçã quando, pelo mesmo preço, pode comprar dois litros no Aldi de Hvide Sande — explicou. — Não é que seja da minha conta, mas a maioria das pessoas vem aqui pelo álcool — disse, gesticulando para os barris de cerveja.

— Procuro Kurt Damtoft — explicou ela.

O empregado de balcão resmungou.

— Esteve a falar com a Liselotte?

Nora anuiu.

— É boa moça. É uma pena que…

A porta abriu-se com estrondo. Entrou de rompante uma mulher pesadona com umas *leggings* de leopardo e um *top* preto, curto e justo. Tinha o cabelo oxigenado, mas viam-se as raízes, e as argolas

que lhe baloiçavam nas orelhas eram suficientemente grandes para que um papagaio conseguisse empoleirar-se em cada uma, sem que ela desse conta.

— Que diabos, tenho sede, Sjønne. Uma imperial e um *shot*, por favor — pediu.

Sjønne já se antecipara. Já tinha a imperial preparada e estava ocupado a servir *Nordsøolie* num copo de *shot*. Olhando de relance para Nora, segurou a garrafa no ar.

— Que dizes, Jytte, queres que sirva já o do Kurt?

— Sim, pode ser. Ele deve estar aí a chegar.

Nora percebeu que Kurt não estava especialmente embriagado quando chegou, mas que estava ansioso por corrigir o problema o mais depressa possível. Era fundamental falar com ele já.

— O senhor é o Kurt Damtoft? — perguntou, sem se apresentar.

O homem analisou-a, desconfiado.

— Quem quer saber?

— Chamo-me Nora Sand. Estou a escrever um artigo sobre as raparigas do *ferry* de Inglaterra.

— Vá bugiar. Essa velha história. Não quero falar sobre isso.

— É justo — disse Nora, virando-se para o empregado de balcão. — Acho que o Kurt quer outra cerveja e um *shot*. Pago eu.

Kurt franziu o cenho.

— A Jytte também quer — disse.

— Outra para a Jytte — concordou Nora.

A mulher que acompanhava Kurt Damtoft pegou nas suas bebidas e foi entreter-se numa das máquinas de jogo. Kurt soltou um profundo e sincero suspiro antes de emborcar *Nordsøolie* com um movimento suave, e depois olhou para Nora.

— Diga lá o que deseja saber.

Uma hora e meia e quatro rodadas mais tarde, Kurt Damtoft fazia lembrar a Nora uma fita de cassete emaranhada. Algumas das coisas que dizia faziam sentido, mas outras pareciam grunhidos incoerentes e ruídos sem significado.

Nora olhou para o seu bloco de notas. Tomara nota dos nomes dos outros seis jovens que tinham seguido na viagem fatal.

Bjarke Helgaard
Oluf Mikkelsen
Erik Hostrup
Sonny Nielsen
Jeanette Viola Tobis
Anni Olsen

Por baixo, escrevera: «Viburgo? Mikkelsgården?» Tratava-se do nome da cidade e da instituição de acolhimento para onde, Kurt Damtoft estava convencido, tinha sido transferida a maioria dos jovens quando a Vestergården fora encerrada.

— Para ser franco, não consegui suportar o encerramento do lar. Ver o trabalho da minha vida ruir diante dos meus olhos. No fim, simplesmente afastei-me de tudo aquilo... foi demasiado para mim. Compreende? — disse num dos momentos de maior lucidez.

Nora tentou mantê-lo ligado à realidade, mas era impossível. Percebia agora porque Kurt Damtoft nunca aparecera no documentário televisivo sobre as raparigas.

— Lembra-se de alguma coisa sobre as famílias da Lisbeth e da Lulu? De onde eram?

Kurt Damtoft voltou-se para ela e fitou-a com os olhos vítreos.

— As minhas meninas não morreram. Só saíram e voltam já — divagou.

— Porque diz isso?

— Porque me enviaram um postal… Acho — gaguejou.

— Ai, sim? Ainda o tem? — perguntou Nora, incapaz de esconder a incredulidade.

— Estou farto de tudo — disse Kurt Damtoft, virando-se para a máquina de jogo. — Jytte! Quero ir para casa! — gritou, sobrepondo-se à música.

Nora percebeu a deixa educadamente, pagou a conta choruda e pediu factura, sabendo muito bem que as probabilidades de o Lagostim a reembolsar eram mínimas.

— Que aconteceu à Vestergården? — perguntou ela ao empregado de balcão, enquanto ele fazia o troco.

Ele encolheu os ombros.

— Há anos que aquele lugar está desocupado. Há alguns anos, falou-se em transformá-lo numa espécie de centro de conferências e férias. Então, deu-se a crise financeira. Nem sei a quem aquilo pertence. À autarquia, presumo.

— Onde é que fica exactamente?

O homem limpou novamente o balcão, como se fosse a tarefa mais importante do dia e demorou algum tempo a responder.

— Lyngvej. Terceira rua à esquerda de quem vai em direcção a Ringkøbing. Fica algures no meio da plantação.

Nora agradeceu-lhe e deixou uma reluzente moeda de vinte coroas de gorjeta.

*

Quando entrou no carro, o Big Ben tocou no fundo da sua bolsa.

— Diz, chefe!

— Como é que sabes sempre que sou eu? — quis saber o Lagostim.

— A tecnologia moderna evoluiu bastante nos últimos anos — retorquiu ela, enigmaticamente.

— Hum. Estás a rendibilizar aquilo que te pago?

Nora resumiu-lhe os seus esforços até ao momento.

— Que aconteceu à pista inglesa? Tiveste novidades do advogado do Hickley?

— Ainda não. Ele só vai encontrar-se com o cliente no fim da semana.

— E a velha mãe do Hickley? Ainda é viva?

— Boa pergunta. Não sei.

— Hum. Liga à Emily do Departamento de Investigação. Ela poderá conseguir dar-te algumas informações sobre os outros miúdos da Vestergården.

Nora despediu-se e cumpriu as ordens.

Emily começara como estagiária no início dos tempos, mas achara que trabalhar para a *Globalt* era

infinitamente mais gratificante do que um emprego numa biblioteca pública e fora contratada a tempo inteiro depois de concluir o curso de bibliotecária. Além de gerir o arquivo electrónico do jornal, investigava tudo, da legislação sueca relativa à prostituição ao número de creches no concelho de Rosklide, passando pelo ordenado médio na Indonésia — ou qualquer outra dúvida estranha que os jornalistas pudessem ter.

— Helgaard, talvez. Hostrup, possivelmente. Tobis, provavelmente. Nielsen, Mikkelsen e Olsen... esquece. São apelidos demasiado comuns — disse. — Ligo-te quando descobrir alguma coisa. Diz-me o teu número de telemóvel, dizes?

Nora disse-lhe e dirigiu-se para Ringkøbing.

*

Deu facilmente com Lyngvej. Um estreito caminho para carrinhos conduzia a uma plantação de pinheiros, e a relva alta entre os trilhos deixava adivinhar que aquele lugar já não recebia visitantes diários ou sequer semanais.

Surgiu uma curva e ela estacionou em frente da casa que em tempos fora a Vestergården. Um edifício principal que deveria ter sido a casa de quinta original, e dois anexos de betão, típicos do decénio de 1970, pintados de vermelho-escuro numa tentativa gorada de os fazer condizer com o edifício principal. Estavam dois sacos de cimento no pátio. Um deles tinha um buraco num canto, pelo qual escorrera algum cimento. Ao lado, uns andaimes abandonados.

Nora parou o carro e saiu. No silêncio que se fazia sentir, conseguiu ouvir o motor a arrefecer com estalidos e o furioso grasnar de uma ave na floresta. Pairava no ar um cheiro a resina, mar e urze. Tirou algumas fotografias com o telemóvel e acercou-se da construção. O ar gorduroso e salgado obscurecera as janelas. Fora daqui que Lisbeth, Lulu e os outros adolescentes tinham partido certo dia de Agosto havia tantos anos, cheios de sonhos e esperanças, excitados com a viagem a Londres. Uma viagem que mudaria a vida de todas as almas despedaçadas que tinham acabado na Vestergården.

O apartamento em que Kurt vivera com a família localizava-se no edifício principal e os dois anexos deveriam albergar os rapazes e as raparigas, respectivamente. Nora vagueou à volta do edifício principal e subiu uma colina para ter uma melhor panorâmica da Vestergården.

A relva do jardim das traseiras estava tão alta, que seria precisa uma foice para o transformar de novo num relvado. Nora voltou-se e olhou outra vez para a casa; as vidraças fitavam-na silenciosamente. Ao virar-se, sentiu-o mais do que o viu. Um ligeiro movimento pelo canto do olho. Um vislumbre de alguma coisa mais escura do que o resto da janela. Abanou a cabeça e fez por esquecer, mas logo de seguida a sombra voltou. Estava alguém dentro da casa. Estaria habitada, afinal de contas? Nora olhou em redor.

Não havia sinal de vida. Nenhum carro, nenhuma bicicleta. Se alguém fora para ali, teria sido a pé. Regressou, aproximando-se da casa com cuidado. Tinha visto um rosto? Escondido por trás das janelas escuras?

Ao aproximar-se, conseguiu perceber que estava a espreitar pela janela da cozinha. Encostou a cara ao vidro e juntou as mãos ao lado dos olhos para se proteger da luz do Sol. A pia da cozinha

estava coberta de plástico transparente e, em cima da mesa, havia um balde de plástico com algo que parecia tinta seca. Uma caneca de café com uma colher de chá dentro faziam-lhe companhia. Perto da caneca, via-se uma grande mancha da cor da ferrugem, com a forma de uma mão. Via-se outra mão marcada nos azulejos que haviam sido brancos na parede ao lado da pia. Seria sangue? Nora semicerrou os olhos e espreitou melhor a cozinha. Tentou limpar a camada salgada com a mão, mas só conseguiu espalhá-la pelo vidro.

Deu um pulo quando o estrondo de uma porta a bater quebrou o silêncio. De onde viera? Desatou a correr para o outro lado da casa, mas tropeçou e caiu sobre a relva crescida. Quando se levantou, ouviu o rugido do motor de um carro. Foi a correr até ao pátio. A porta da garagem estava aberta e teve tempo de ver um 4 x 4 preto a dobrar a curva na estrada. Tinha as mãos a tremer quando tirou a chave do carro do bolso e se meteu lá dentro, mas quando chegou à estrada principal, não havia vestígio do carro preto na paisagem plana. Parecia ter-se esfumado.

Nora fez um esforço para esquecer o incidente e procurou o caminho para Viburgo no telemóvel.

*

O telemóvel tocou uma hora mais tarde. Nora encostou à berma e atendeu o telefonema de Emily.

— A Tobis morreu de *overdose* há cinco anos. Foi um turista que encontrou o corpo dela na Central Ferroviária de Copenhaga.

Nora tirou a lista da bolsa e riscou o nome.

— Helgaard, Bjarke. Não posso garantir que seja o mesmo indivíduo, mas o seu nome vem à baila associado a diversos casos relacionados com um gangue de motociclistas. É o porta-voz da Divisão de Nørrebro. A julgar pelas fotografias, um monte de músculos e esteróides. Hostrup. Isto foi interessante. Existe uma Galeria Hostrup em Copenhaga. O proprietário está registado como E. Hostrup, e alguém com o nome E. Hostrup reside em Hedehusene, mas actualmente está detido por assistir a pornografia infantil na Internet.

Bingo, pensou Nora.

Agora, só faltavam Anni Olsen, Sonny Nielsen e Oluf Mikkelsen. Talvez soubesse mais sobre eles na Mikkelsgården.

— Ah, sim, em relação a isso. A Mikkelsgården ainda é uma instituição de acolhimento de jovens. A directora chama-se Jette Kvist. Tem disponibilidade para te receber amanhã de manhã às 10 horas, mas avisa de antemão que não pode nem quer falar sobre casos individuais, por muito antigos que sejam. Envio-te a morada por mensagem de texto — disse Emily no seu habitual estilo *staccato*.

Nora conseguiu fazer uma pergunta antes de Emily desligar.

— Fazes-me o favor de investigar mais uma coisa?

— Sim. O quê?

— Vestergården. Fica em Lyngvej e tem o código postal de Ringkøbing. Quem é o proprietário… alguma informação da Conservatória de Registo Predial?

— Dá-me cinco minutos.

Enquanto esperava, Nora aproveitou para esticar as pernas. Conseguiu quase quatro minutos de exercício.

— É propriedade da autarquia local. Novamente. Compraram o imóvel por uma ninharia a uma empresa de construções há dois anos. Essa empresa tinha-o adquirido à autarquia por quase o dobro do valor no ano anterior. Autarquia inteligente. Já a construtora abriu falência.

— Por acaso, não sabes o nome da construtora?

— Tem piada. Achava que ias perguntar. É a Feriehuset ApS. Uma empresa privada de responsabilidade limitada, agora dissolvida. No entanto, entre os directores, figurava o proprietário da galeria, Erik Hostrup. Só faço menção a isto porque o nome dele veio à baila antes.

— Emily, diz lá porque não és jornalista.

— Oh, é muito aborrecido — disse, e desligou.

Nora olhou pelo retrovisor antes de arrancar, mas travou a fundo quando avistou novamente o 4 x 4 preto, que estava a dirigir-se a uma velocidade estável para o estacionamento onde ela se encontrava, mas depois prosseguiu.

Nora virou a cabeça para tentar ver o condutor, mas o veículo tinha os vidros fumados e a matrícula estava coberta de lama. Conseguiu apenas ver a letra «K» e o número «7».

Nem mesmo Emily conseguiria fazer a sua magia com informação tão escassa. Se é que era o mesmo veículo.

11

O nome Mikkelsgården evocava aquele tipo de casa rural com tecto de colmo, como a do filme dinamarquês do decénio de 1950 protagonizado por uma muito jovem Ghita Nørby. A realidade assemelhava-se mais à de um filme de realismo socialista da Alemanha Oriental do decénio de 1970. Quando virou para o caminho de acesso, avistou betão cinzento e malcuidado que começara a desintegrar-se, e minúsculas janelas que conferiam ao edifício uma aparência ameaçadora.

«Todos os visitantes devem dirigir-se obrigatoriamente à recepção», dizia um cartaz amarelo garrido, a única coisa colorida numa paisagem pardacenta.

Nora consultou o relógio e conteve um bocejo. Faltavam cinco minutos para as 10 horas. Dormira mal e parcamente no hotel. Detestava aquele costume dos hotéis de prenderem os lençóis e os cobertores com tanta força debaixo do colchão, que ou era obrigada a desfazer a cama toda, ou a dormir como uma borboleta empalada num alfinete num expositor.

Adormecera durante o noticiário da DR2 e acordara por volta das 3 horas com formigueiro nas pernas devido ao aperto do lençol. Depois de se levantar para soltar o lençol, praticamente não conseguira voltar a adormecer.

Não se recordava da origem de um conto segundo o qual dizem a um homem que ele pode ter todas as riquezas do mundo, com a única condição de não poder pensar num tigre. Impossível, claro está. Quando nos dedicamos com afinco a *não* pensar num tigre, já fracassámos.

Era isso que lhe estava a acontecer com Andreas. A única coisa em que não queria pensar era nele. E o único tema ao qual o seu pensamento voltava reiteradamente era a ele. Forçara-se a voltar a adormecer. Enumerara todos os Estados dos EUA por ordem alfabética, pensara em como seria o encontro com Bill Hix, congeminando as perguntas que lhe faria na sua cela, caso ele acedesse a recebê-la. Porém, quando não estava a pensar em Andreas, vinha ao de cima a obsessão com a Menina Perfeita.

Só pelas 5 horas da manhã conseguira finalmente pegar num sono irrequieto, pejado de sonhos de enormes Valquírias loiras que a perseguiam com bastões da polícia. Tinham sido precisos trinta dolorosos segundos num chuveiro de água fria para despertar parcialmente.

Tirou uma pastilha de alcaçuz do bolso do casaco, trancou o carro e tocou à campainha da

recepção.

Pouco depois, foi encaminhada à pressa para o gabinete de Jette Kvist, do outro lado da segunda porta de vidro de um comprido corredor revestido de um institucional linóleo verde-escuro.

Por cima da secretária, havia um póster emoldurado do Festival de Jazz de Tunø e, por baixo deste, uma pequena mulher de óculos com armação de massa e uma longa trança negra nas costas, mastigando uma sanduíche de queijo.

— Nora Sand? — disse ela, ainda com a boca cheia. — Queira desculpar, mas eu levanto-me às 6 horas da manhã, pelo que estou sempre cheia de fome a esta hora. Aceita um chá? Só tenho chá verde. Pode ser?

Nora pediu um copo de água, que lhe foi rapidamente servido da torneira.

— Está aqui por causa das crianças da Vestergården?

Nora assentiu.

— Quero ajudar no que puder, mas tem de ficar já assente que nada do que eu disser neste gabinete será publicado na *Globalt*.

— Nunca a citaria sem a sua autorização — prometeu Nora, esperançada de que isso bastasse.

Jette Kvist limpou cuidadosamente os dedos a um pano de cozinha, abriu uma gaveta da secretária e tirou de lá uma pasta de arquivo desbotada.

— Cinco deles vieram para aqui. Erik, Oluf, Sonny e Bjarke foram para a ala dos rapazes. Quanto a Jeannette, faltavam-lhe duas semanas para fazer dezoito anos quando aconteceu… pelo que teve autorização para ir sozinha para Copenhaga. Mas também recebemos a Anni. Atenção, ela tinha apenas catorze anos naquela época.

Jette Kvist levantou o olhar do processo.

— Agora é que as coisas se complicam em relação àquilo que posso revelar-lhe. Confidencialidade dos utentes.

— Algum dos funcionários daqui se lembra do que aconteceu quando as crianças chegaram? Estavam perturbadas? Guardavam segredos? Alguma vez falaram da Lulu ou da Lisbeth? — instou Nora.

Jette Kvist abanou a cabeça, com pesar.

— Já foi há muitos anos. Todos os funcionários de então já se aposentaram ou mudaram de emprego. Tudo o que tenho são os apontamentos tirados na época.

Voltou a olhar para o processo.

— Tem aqui alguns apontamentos, mas devo dizer que são de natureza extremamente pessoal. Não se trata de informações que eu tenha o direito de divulgar. Mas se lhe serve de consolo, na minha opinião, não há nada relacionado com o caso — disse ela.

Nesse instante, o seu telemóvel começou a tocar em cima da secretária. Jette Kvist pegou nele e consultou o visor.

— Tenho de atender esta chamada. É da creche do meu filho.

Pegou no telefone, levantou-se e saiu para o corredor. Imediatamente antes de fechar a porta, Nora ouviu-a dizer espantada:

— Tem febre? Não pode ser. Estava perfeitamente bem de manhã.

Assim que um ténue estalido da porta indicou que Jette Kvist tinha saído, Nora inclinou-se para a

frente. Desde os sete anos que conseguia ler palavras de pernas para o ar, graças a uma brincadeira que ela e David faziam durante longas viagens de carro com os pais pela Europa, para visitarem locais históricos.

«Bjarke Helgaard. Encaminhado para psicólogo. Desvio do comportamento sexual.»

A porta abriu-se novamente e Nora espreguiçou-se na cadeira para ocultar o súbito movimento.

Jette Kvist parecia alvoroçada e agarrou num casaco de Verão de cor clara que estava num cabide por trás da porta.

— Tenho de ir buscar o meu filho — explicou.

— Só mais uma coisa. Sabe o que é feito de alguma das crianças… onde estão? Acho que sei o que aconteceu a Erik, Jeanette e Bjarke, mas sabe o que é feito de Sonny, Oluf ou Anni… onde poderei encontrá-los hoje?

— Tente na cantina.

— Como assim?

Jette Kvist esboçou um sorriso.

— Sim. Tente na cantina. A Anni vem trabalhar na cozinha todos os dias por volta das 9 horas. Já lá deve estar.

Acompanhou Nora até ao exterior e trancou zelosamente a porta.

— A cantina é por ali — disse, apontando para o fundo do corredor.

*

O cheiro de carne picada chegou até Nora, lembrando-a de que não tomara o pequeno-almoço. Uma mulher anafada, com uma jaqueta de cozinheira que já fora branca, estava atarefada a despejar o conteúdo de uma enorme lata de tomates para uma gigantesca caçarola. Nora calculou que estaria na casa dos quarenta, mas que não tivera cuidado com o corpo ao longo dos anos. Tufos de cabelo grisalho espreitavam por baixo da boina de plástico azul, tinha as unhas roídas até ao sabugo e olheiras.

Nora olhou à sua volta. A cozinha estava limpa e arrumada. O desmazelo limitava-se a Anni. Possivelmente.

— É a Anni? — perguntou Nora.

A mulher assentiu.

— Tem um minuto?

— Não me importo de falar, mas não tenho tempo para me sentar. O almoço é servido dentro de noventa minutos — disse, debruçando-se diante de um dos fornos e tirando de lá um tabuleiro com bolo de banana.

O cheiro adocicado e condimentado era irresistível.

— Posso provar uma fatia? — pediu Nora, esperançosa.

— Pode meter cinco coroas ali — disse Anni, apontando para um mealheiro com a forma de um flamingo rosa.

Nora empoleirou-se num banco, enquanto Anni lhe cortava uma fatia de bolo, a envolvia num guardanapo e a pousava na mesa ao lado dela.

De seguida, foi até junto da pia, despejou alguns quilos de cenouras de um saco e começou a descascá-las eficiente e metodicamente ao lado de Nora.

— Quem é a senhora e o que deseja? — disse num tom de voz que dava a entender que a resposta pouco lhe interessava.

Nora apresentou-se e explicou que estava a investigar mais atentamente o caso de Lulu e Lisbeth. Antes mesmo de ter acabado a primeira frase, percebeu que o assunto deixara Anni incomodada. As suas pálidas maçãs do rosto enrubesceram e os movimentos do descascador tornaram-se mais fogosos.

Por fim, virou-se para Nora.

— Porque é que vocês não percebem que eu só quero que me deixem em paz? — silvou.

Nora fitou-a sem compreender.

— Já cá estiveram pessoas da televisão no ano passado. Eu não quis falar sobre o assunto e continuo a não querer. Metam isso na cabeça.

— Eu não sou da televisão — disse Nora, com a voz mais tranquilizadora que conseguiu. — Mas gostaria de saber o que tem para dizer e, se preferir, pode ficar tudo só entre nós. Estou apenas a tentar perceber o que aconteceu.

Anni ostentava manchas vermelhas na garganta e tinha o lábio de baixo a tremer.

— Quero que me deixe em paz — disse com firmeza.

— Está bem — disse Nora, levantando-se. — Respeito a decisão, claro, mas se mudar de ideias, gostava muito que me ligasse — disse, remexendo a bolsa à procura de um maço de cartões-de-visita. Agora, estavam perdidos no meio de velhos jornais, recibos, fitas do cabelo, canetas e sementes de sésamo de um pãozinho que comera havia imenso tempo. Por fim, desistiu, encontrou um velho envelope de um extracto bancário, rasgou um canto e escrevinhou o seu número de telemóvel.

Anni pareceu relaxar ao ver a caótica batalha entre Nora e a sua bolsa.

— O meu turno acaba às 15 horas. Se quiser, pode ir ter comigo à paragem do autocarro. Mas não quero aparecer na televisão. E não quero que divulguem o meu nome — acabou por dizer.

Nora agradeceu-lhe, amarrotou o guardanapo, deitou-o ao lixo e deixou Anni com as cenouras e o iminente almoço.

Nora foi de carro até ao centro de Viburgo, estacionou à porta de um supermercado e começou à procura de uma barraquinha de cachorros-quentes. Sempre que estava na Dinamarca, aproveitava para desfrutar de um cachorro-quente.

Na globalidade, na opinião de Nora, a reputação dos Britânicos de prepararem a pior comida do mundo era imerecida. Pelo menos em Londres, onde se podia comer o melhor *sushi,* caril e comida tailandesa do mundo. Porém, não faziam ideia de como preparar um cachorro-quente como mandam as regras. Na Grã-Bretanha, as salsichas eram servidas num prato com puré de batata: salsichas frescas arruinadas com salva e servidas com puré de batata desenxabido e molho castanho servido da lata.

Nora estremeceu só de pensar enquanto o vendedor de cachorros-quentes abria um frasco de leite achocolatado *Cocio* e perguntava se ela queria o cachorro «com tudo».

Dez minutos mais tarde, ela tinha conseguido raspar a maior parte da mostarda que tinha esparramado para a *T-shirt* e evitado receber uma multa de estacionamento. Repôs o disco de

estacionamento na hora certa, tirou o portátil da bagageira e foi à procura de um café com acesso a Internet sem fios onde passar o tempo até ao fim do turno de Anni.

Anni estava junto à paragem de autocarro a tremer. Mesmo sem a imunda jaqueta de cozinheira e a boina de plástico a cobrir-lhe o cabelo, parecia desamparada e patética. Antes de saltar para o lugar do passageiro ao lado de Nora, lançou um olhar rápido em redor.

— Pode levar-me a casa, mas não quero que entre. Não quero que o meu namorado saiba.

— Que há para saber? Certamente, não tem culpa de ter estado num centro de acolhimento de onde desapareceram duas raparigas — disse Nora.

— Tanto quanto ele saiba, a minha única ligação com a Mikkelsgården é laboral. Ele pensa que sou uma pessoa normal. Eu disse-lhe que os meus pais morreram num acidente rodoviário. Vire aqui — disse Anni, apontando.

Seguiram em silêncio, enquanto Nora pensava em como poderia fazer que Anni se sentisse à vontade para falar. Finalmente, optou por uma pergunta directa.

— De que se lembra daquela viagem? Do *ferry*? — perguntou, olhando de esguelha para Anni, tentando detectar o mais ínfimo vestígio de pânico. Ou alguma mentira.

Anni esfregou a testa e agonizou.

— Deveria ter sido uma grande aventura. Todos tirámos passaportes novos. Eu estava excitadíssima por ir a Londres. Tinha visto fotografias do Big Ben. Oxford Street. *Punk rockers* na King's Cross. Mas nunca chegou a acontecer. Na realidade, nunca fui a Londres e agora é provável que nunca vá — disse ela, com a voz amargurada.

— Notou alguma coisa diferente na Lisbeth ou na Lulu naquele dia? Ou em qualquer um dos outros? — perguntou Nora.

— Tudo era diferente. Nunca nenhum de nós tinha ido ao estrangeiro. Foi maravilhoso. Até aquilo acontecer.

— Refere-se ao desaparecimento das raparigas?

— Saia na terceira saída da rotunda e depois passe os dois cruzamentos seguintes.

Anni demorou o seu tempo antes de responder à pergunta.

— Aconteceu uma coisa antes de a Lisbeth e a Lulu desaparecerem. Ou pelo menos de termos percebido que tinham desaparecido. Aconteceu-me uma coisa.

Nora não desviou os olhos da estrada e deixou que Anni demorasse o tempo necessário.

— Vire aqui à esquerda. Depois é o número 37 — acabou por dizer, apontando para um sombrio edifício de apartamentos do decénio de 1970, de tijolo amarelo com janelas de teca castanho-escura.

Nora virou para o estacionamento e parou. Quando desligou o motor, o silêncio dentro do carro era ensurdecedor. Estavam paradas em frente de um parque infantil abandonado, com um baloiço e uma casa em miniatura parcialmente destruída e mal grafitada.

Anni permaneceu imóvel, mas, pelo canto do olho, Nora conseguiu vê-la a entrelaçar nervosamente os dedos, esticando-os e contraindo-os repetida e ritmadamente, tentando acalmar-se.

— Que foi que lhe aconteceu, Anni? — perguntou baixinho.

Foi como carregar num botão. Anni inspirou profundamente e então as lágrimas começaram a jorrar. Primeiro, só uma gota que lhe caiu na roupa, depois um caudal silencioso enquanto contorcia o rosto de angústia.

— Nunca disse isto a ninguém.

— O quê?

— Ele violou-me. Ele violou-me — disse Anni, entre soluços.

Nora apertou a mão de Anni.

— Ele disse para eu ir com ele e eu fui estúpida, tão estúpida. Fui com ele. Pensei que ele era meu amigo, mas ele forçou-me e… eu… sangrei. Mas depois de as raparigas desaparecerem, mais ninguém interessava.

Nora afagou-lhe a mão, tentando acalmá-la um pouco, antes de fazer a pergunta inevitável.

— Quem foi que a violou?

— O Oluf, aquele estafermo. O Bjarke agarrou-me. Ele também ia a seguir, mas não conseguiu. E depois eu fugi e tranquei-me na casa de banho. Quando saí, andava tudo num alvoroço. Toda a gente à procura da Lisbeth e da Lulu.

Obrigou-se a falar entre soluços secos.

— Demorei uma eternidade a encontrar o Kurt. Tentei que me prestasse atenção. Puxei-o pelo braço, mas ele olhou-me com aqueles óculos de fundo de garrafa. Não fez caso de mim. Nunca esqueci as suas palavras. «Não gastes a saliva», disse ele. Nunca esqueci aquilo.

— Mas porque não disse alguma coisa mais tarde? — indagou Nora.

— Quem iria acreditar numa falhada como eu? O Bjarke disse que me davam uma tareia se eu contasse a alguém. Que podia eu fazer? Dizer a um adulto o que eles me tinham feito e depois continuar a viver na mesma casa que eles, sem saber quando viriam vingar-se?

Fitou Nora com um olhar cansado.

— Não quero falar mais sobre isto. Não volte cá.

Desapertou o cinto de segurança, abriu a porta, saiu do carro e, antes que Nora conseguisse reagir, atravessou o parque infantil e desapareceu por uma das ruelas entre os blocos de apartamentos.

— Anni? — chamou, mas não obteve resposta.

Pegou pensativamente no telemóvel, ligou para a central telefónica de um dos principais tablóides e pediu para falar com Torstein Abel.

Três segundos depois, ouviu a sua voz grave no auscultador.

— Secção criminal. Fala o Abel.

— Daqui fala a Nora Sand — informou, afastando o telefone do ouvido.

A reacção dele foi a esperada.

— Com a breca, Nora! Sua velha matreira! Pensei que tinhas assentado arraiais em Londres e esquecido a malta cá do burgo — disse ele.

Em tempos idos, Nora estagiara num jornal nacional com Torstein Abel. O principal repórter criminal do tablóide parecera um tipo duro, cheio de tatuagens, casaco de cabedal à *motard* e motocicleta. Uma semana depois de Nora o ter conhecido, ele obrigara-a a ver o seu filme preferido, *O Padrinho*, que conhecia de fio a pavio e do qual retirava citações amiúde.

Quando chegara à cena em que um realizador de cinema encontra um presente ensanguentado na cama, Torstein batera palmas de regozijo.

— No dia em que eu acordar e encontrar uma cabeça de cavalo na cama, saberei que escrevi o artigo da minha vida — dissera.

Isso ainda não acontecera, mas estivera perto disso por duas vezes e actualmente a maioria dos leitores do tablóide conheciam-no e adorava o seu trabalho. Para eles, era o repórter perfeito e o osso duro de roer, do tipo que só se encontra naqueles romances inferiores que se compram nos aeroportos. O homem que esteve no local dos crimes mais sangrentos, e tivera coragem para escrever sobre imigrantes e gangues de motociclistas quando outros jornalistas se haviam acobardado.

Contudo, os poucos afortunados que eram admitidos no seu covil em Frederiksberg davam de caras — para sua enorme surpresa — com uma casa de tapetes tatâmi, livros sobre budismo Zen e uma cozinha caracterizada por uma paixão por *picles* de longa data. Nora ainda tinha de agradecer a Torstein pela melhor receita de picles de abóbora que jamais provara.

Combinaram almoçar juntos em Copenhaga no dia seguinte.

— Não é que eu não acredite na sinceridade dos teus motivos e na tua amizade eterna, mas estamos a celebrar alguma data especial? — perguntou.

Nora deu uma risadinha.

— Como sempre, o teu sexto sentido jornalístico acertou em cheio. Quero saber coisas sobre gangues de motociclistas… e quem melhor do que tu para me esclarecer? — disse, bajulando-o descaradamente.

— Está bem, querida. Amanhã, às 13 horas, aqui no jornal. Liga-me quando estiveres na recepção. Pagas tu.

Nora desligou o telefone, rodou a chave na ignição e dirigiu-se para Copenhaga. Ainda antes de chegar aos arrabaldes de Viburgo, encontrara uma estação de rádio que passava música clássica, pelo que deu rédea solta à imaginação enquanto o Adágio de Albinoni soava pelo pequeno carro.

Teria sido uma mera coincidência Anni ser violada na mesma noite em que Lulu e Lisbeth tinham desaparecido? Teriam as raparigas visto alguma coisa que não deveriam ver?

Mas então, como é que a polaróide das raparigas teria ido parar ao interior de uma mala em Inglaterra? Seria isso outra coincidência ou seria uma prova de que um predador de um tipo muito especial andara à caça nessa noite no *ferry?* Um predador que faria que Bjarke e Oluf parecessem dois amadores imberbes.

E onde é que Kurt se encaixava no meio de tudo isto? Será que aquela conversa de bêbedo sobre as raparigas estarem vivas tinha algum fundamento de verdade? Se ele realmente recebera um postal delas, tê-lo-ia certamente guardado. Afinal de contas, o caso arruinara a sua carreira e toda a sua vida.

Havia muitas pontas soltas.

Atravessou a Ponte do Grande Belt muito depois da hora do jantar, comeu um *panini* aquecido no microondas numa estação de serviço da auto-estrada e seguiu para o Aeroporto de Copenhaga, onde devolveu o carro de aluguer e apanhou um táxi para Bagsværd, cujo custo apresentaria como despesa.

Estava demasiado fatigada para sequer pensar em apanhar um transporte público a arrastar um computador portátil e uma mala, pelo que a batalha com o Lagostim travar-se-ia mais tarde. E que batalha seria, pensou com um sorriso sardónico.

O pai estava numa conferência sobre história, de modo que foi buscar a chave à goteira do barracão das ferramentas, entrou em casa, foi a arrastar os pés até ao seu quarto e deixou-se cair na

cama.

Três minutos depois, estava a dormir e acordou apenas uma vez por volta das 5 horas da manhã com o distante alarme de um carro que parecia nunca mais se calar.

12

Na manhã seguinte, levantou-se da cama ensonada. Preparou uma chávena de café, saiu para o terraço e ligou a Liselotte para perguntar se ela se lembrava de mais alguma coisa sobre os outros participantes da viagem a Londres.

Desta vez, a chamada obteve uma resposta imediata.

— Daqui fala o Malte.

Nora puxou pela memória. Ah, sim, era o filho de Liselotte.

— Olá. Daqui é a Nora. Posso falar com a tua mãe, por favor?

O jovem hesitou.

— Ela não está a sentir-se muito bem neste momento. Não sei…

Então, Nora escutou a voz de Liselotte ao longe.

— Quem é?

Ouviu-se um crepitar, como se Malte tivesse tapado o telefone com a mão, depois um murmúrio distante.

— É aquela jornalista que esteve aqui no outro dia.

Então, três segundos depois, chegou-lhe a voz de Liselotte.

— Nunca mais vai falar com o meu pai. Nunca mais.

— Eh… o quê?

— Ele morreu na noite passada. Não sabemos aonde ia, mas estava a caminhar pela estrada. Encontraram o corpo dele numa valeta. A polícia diz que foi um caso de atropelamento e fuga. Teve morte imediata.

— Lamento muito.

Nora percebeu que Liselotte estava a fazer um esforço para conter as lágrimas.

— E sabe o que é pior? Uma vida inteira, e tudo o que deixa para trás, tudo o que teve na vida, cabe num saco de plástico do Lidl. Meu Deus, que desperdício!

— Lamento mesmo muito. Não lhe roubo mais tempo.

— Obrigada — disse Liselotte asperamente e desligou.

Nora telefonou para o agente de serviço na esquadra de polícia de Ringkøbing.

— Está a ligar da *Globalt*? Não é muito habitual contactarem-nos — disse o agente com o falar arrastado da Jutlândia.

Depois de Nora explicar o motivo do telefonema, o agente folheou o relatório do incidente.

— Sim, é o que diz aqui. Um homem de sessenta e oito anos foi encontrado numa valeta três quilómetros a sul de Søndervig. Atropelamento seguido de fuga. Uma testemunha contactou-nos ontem pelas 20h43. Disse-nos ter visto aquilo que lhe parecera poder ser um jipe, um 4 x 4 ou algo do género azul-escuro ou preto atropelar o homem. O veículo não tinha características distintivas e não conseguiu ver a matrícula. Mandámos uma ambulância para o local, mas já o encontraram cadáver. Não quero que me cite, mas existem sinais de que a vítima poderia estar sob a influência do álcool. Encontrámos uma garrafa de aguardente lá perto.

Folheou o relatório.

— Pronto. Acho que é tudo. Ah, espere lá… Bem, não sei se está interessada nisto, mas não foram encontradas marcas de derrapagem no local.

Nora agradeceu-lhe, pousou o telemóvel e ficou imenso tempo a olhar absortamente para as macieiras do pai.

Então, recompôs-se e preparou-se para o encontro com Torstein no gabinete dele.

*

O segurança olhou de relance, mas não demonstrou interesse algum quando Nora entrou por uma porta giratória da recepção do jornal em que Torstein trabalhava. Desde que os serviços de segurança dinamarqueses tinham encontrado um saco na Central Ferroviária de Copenhaga com um folheto sobre o Islão e um mapa de Copenhaga com a morada do jornal assinalada com um círculo vermelho, a recepção encontrava-se, no horário de abertura, pejada de seguranças de meia-idade com camisolas azuis e *walkie-talkies*. Nora continuava sem saber se teria sido uma brincadeira de adolescentes ou um plano de amadores para pôr uma bomba no jornal, mas parecia-lhe que as situações mais complicadas que os seguranças tinham de resolver eram os jornalistas de olhos vítreos que se esqueciam do cartão de identificação obrigatório e os inevitáveis indivíduos com teorias da conspiração que passavam por lá algumas vezes por semana com a esperança de expor casos de radioactividade no cais, corrupção no Governo, ou apresentar montes de documentos manuscritos com pormenores sobre perfurações petrolíferas secretas na Gronelândia. Pegou num exemplar gratuito do jornal que estava em cima do balcão e percebeu que, naquele dia, os leitores não seriam perturbados por notícias sobre política. Uma entorse num tornozelo tinha obrigado uma conhecida apresentadora de televisão a abandonar o *Achas Que Sabes Dançar?*, e a tragédia vinha esparramada com letras grandes — não restavam dúvidas de que Nora estava a visitar um país de luto. Folheou o jornal e, na terceira página, deparou com a notícia sobre as heróicas tentativas do parceiro da apresentadora para manter a atitude positiva.

Ao contrário do que seria expectável, foi atraída pela notícia sobre o jovem dançarino que, ao longe, poderia fazer lembrar Andreas. Tinha o mesmo cabelo loiro, a mesma postura erecta.

O seu pensamento vagueou novamente para o passado. Eles estavam sentados no jardim da Hanne naquela noite após o baile de finalistas, porque, de acordo com uma ridícula superstição estudantil,

toda a gente deveria passar a noite inteira acordada. Não se lembrava da explicação para tal. Só que se tinham sentado em baloiços diferentes numa antiga estrutura ferrugenta debaixo de violetas. Conseguia ainda lembrar-se do aroma adocicado do desabrochar do lilás na aurora, do orvalho sobre a relva fofa e do rosto de Andreas virado para o dela. Percebera o que estava para vir mesmo antes de ele abrir a boca.

Deu um pulo quando sentiu uma mão no seu ombro.

— Estou a ver bem, Menina Sand? Não sabia que eras fã do *Achas Que Sabes Dançar?* — disse Torstein, olhando de soslaio para o artigo das páginas do jornal ainda aberto à frente de Nora.

Recompôs-se.

— Oh, a maior fã. Que tragédia. Porque não cobriste o furo jornalístico?

Torstein baixou o olhar.

— Não confiam em mim para cobrir material tão complexo. Receio que esteja limitado ao crime enquanto não aprender o ofício — disse ele com um sorriso sardónico, antes de indicar a porta com a mão.

— Vamos?

Foram a pé até Nyhavn, onde, com o à-vontade de quem já está habituado, Torstein mandou vir arenque de Christiansø em pão de centeio e um *shot* de aguardente, que emborcou de um trago, assim que a empregada o serviu. Depois, recostou-se satisfeito e olhou para Nora.

— Motociclistas, dizes tu. Posso perguntar porquê?

— Trata-se de uma história que poderá estar ligada à Dinamarca.

— Drogas?

— Não, não creio. Na realidade, só estou interessada numa pessoa. Chama-se Bjarke Helgaard. Conheces?

A empregada trouxe o arenque de Torstein e a sanduíche de camarão de Nora. Torstein pediu outro *shot*.

— Uma ave nunca voa só com uma asa — disse, em jeito de justificação. — Bjarke Helgaard. — Torstein saboreou o nome entre dentadas de arenque.

Nora anuiu, com a boca cheia de camarão.

— O Bjarke. Um grande excêntrico — disse Torstein, fazendo Nora voltar ao presente. — Um tipo enorme. É óbvio que toma esteróides. Há alguns anos, costumava frequentar o Ginásio de Pugilismo de Copenhaga, onde o Agulha reconheceu o talento dele.

— Agulha? O chefe dos Dare Devils?

Apesar de não viver na Dinamarca havia cinco anos, até mesmo Nora ouvira falar do homem alto e magro, de olhar penetrante, e da aterrorizante influência que exercia na vida nocturna de Copenhaga.

— Esse mesmo — declarou solenemente Torstein. — O Bjarke juntou-se a um grupo dos ajudantes dele, partindo-se do princípio de que, graças à sua estatura, raramente teria de tirar as mãos dos bolsos. Tudo o que o Bjarke tinha de fazer era estar presente, rosnar um pouco e mostrar os músculos, fazendo as pessoas encontrar dinheiro em sítios onde juravam não o ter. As coisas costumavam resolver-se quando o Bjarke ia entregar uma mensagem ou cobrar uma dívida.

Nora fez sinal à empregada e apressou-se a pedir o café antes que Torstein chegasse à conclusão de que precisava de outro *shot* para contar a sua história.

— O Bjarke foi subindo lentamente na hierarquia. As minhas fontes dizem-me que ele percebe bem o Agulha. Sabe, por instinto, quando deve intervir e quando deve recuar sem se magoar. Não é tolo nenhum.

O café foi servido e Torstein ficou a olhar avidamente para uma garrafa de *Linie Akvavit* que estavam a levar para uma mesa de homens de negócios suecos.

— Recordas-te do caso Brandy?

Nora puxou pela memória.

— Aquela jovem mãe que foi assassinada há alguns anos num tiroteio entre gangues em Nørrebro?

— Sim. Uma coisa terrível. A Brandy teve morte imediata. Tal como o John Iversen, chefe da divisão local dos Blue Bulls. À primeira vista, o único erro da Brandy foi ir ao quiosque comprar cigarros no mesmo momento que John Iversen. Sabes o que dizem: «fumar mata» — disse Torstein laconicamente.

— O Bjark esteve envolvido no caso?

— Sim e não. Mas deixa-me terminar. Naquela época, os Blue Bulls estavam em guerra com os Dare Devils, e era muito, mas muito tentador pensar que o Agulha tinha dado ordens para arrumarem com o Iversen. Foi... posso revelar a este pequeno círculo... a primeira e provavelmente a única pista que a polícia investigou.

Torstein sorveu o café e tirou uma saqueta de açúcar de um recipiente que havia em cima da mesa.

— Ora bem, foi aqui que o Bjarke obteve reconhecimento, ou descobriu a sua vocação, se preferires. Foi à imprensa e disse a toda a gente que os Dare Devils não tinham rigorosamente nada que ver com o incidente. A imprensa adorou-o. Ele disse exactamente o que toda a gente esperava que dissesse, mas foi sucinto, directo e eloquente. Assim nasceu uma estrela da imprensa.

Nora lembrou-se de um pormenor.

— Havia alguma coisa sobre um bebé num berço, não havia?

— Sim, e foi aqui que o Bjarke deu provas do seu génio. Fez um demorado e comovente discurso sobre o pequeno Johnny, filho da Brandy, que perdera a mãe, e como os membros do clube de motociclistas defensores da paz e absolutamente inocentes tinham utilizado um capacete para fazer um peditório para ajudar o pobrezinho. Para que o pequeno Johnny tivesse a possibilidade de um futuro, conforme Bjarke afirmou. O mais certo é o dinheiro ter sido proveniente de drogas e prostituição, mas a maioria das pessoas fez vista grossa. Deus nos valha. Que circo mediático — resfolegou Torstein. — O caso fez manchete no jornal nosso rival: «O membro do gangue de motociclistas com coração de ouro.» Desde então, o Bjarke aparece com regularidade em noticiários e é o porta-voz sempre que há chatices em Nørrebro. Tornou-se num especialista e parece ter sido escolhido a dedo. Tem a aparência de um fora-da-lei, mas quando abre a boca, consegue verbalizar declarações coerentes e relativamente sensatas. Correm rumores de que a *Arte* está a ponderar contratá-lo para um circuito de palestras.

— Mas é violento?

Torstein encolheu os ombros.

— Foi condenado algumas vezes por agressão, mas há mais de cinco anos. O Bjarke subiu na hierarquia e já não precisa de sujar as mãos.

Nora baixou a voz e olhou para Torstein.

— Olha, não digas a ninguém o que te vou perguntar. Juras? Se contares a alguém, estarei a pôr uma fonte em grande risco.

Torstein levou a mão ao peito.

— Honra de escuteiro.

— Tu nunca foste escuteiro.

— Está bem, pronto, pela alma da minha mãe.

— A tua mãe está viva e de saúde, e mora em Torshavn.

— Oh, desembucha. Que foi? Trata-se de drogas, afinal de contas? É a ligação albanesa?

Nora mordeu o lábio e decidiu correr o risco.

— Não. Não são os albaneses nem são drogas. Mas pelo que sabes do Bjarke, achas que ele pode ter participado na violação de uma jovem?

— Ah! — o riso de Torstein fez a empregada virar-se de cenho franzido. — Essa é a única pergunta à qual posso responder, com absoluta certeza, com um não.

Nora enrugou a testa.

— Como podes ter tanta certeza? Conhece-lo melhor do que deste a entender?

Torstein brindou-a com um sorriso frívolo.

— O Bjarke é confirmada, extrema e irreversivelmente homossexual.

Nora ficou boquiaberta. Nunca esperara tal coisa.

Torstein passou a explicar.

— Ele vive com o Agulha. O nosso pequeno Bjarke não gosta de mulheres. O único tipo de mulheres na vida dele são as que tem tatuadas nos seus prodigiosos bíceps. Ou aquelas com as quais o Agulha ganha dinheiro.

— Uau, quem diria. É possível chegar à fala com ele? Refiro-me ao Bjarke.

— Oh, sim. Ele tem um sítio na Internet. Basta enviar-lhe uma mensagem; ele não costuma demorar muito a responder. Não te esqueças, ele ganha a vida com a imprensa, e se continuar a aparecer na televisão, o céu é o limite para ele. Um contrato para escrever um livro, talvez até um convite para participar no *Big Brother Famosos* ou no *Achas Que Sabes Dançar*. Quem sabe?

Após uma breve pausa, acrescentou:

— Aquilo sobre ele ser homossexual… no teu lugar, não publicaria isso. O Bjarke pensa que é um grande segredo, e ninguém quer ser a primeira pessoa a dar com a língua nos dentes. Pode ser perigoso para a saúde.

Nora pediu a conta e começou a vestir o casaco.

— Os homicídios da Brandy e do Iversen chegaram a ser resolvidos?

— Sim. Na verdade, o Iversen é que estava no lugar errado à hora errada. O assassino foi o chulo da Brandy, que pensava que ela tinha andado a enganá-lo ao trabalhar de borla durante a licença de maternidade, e decidiu fazer dela um exemplo. O Iversen estava por acaso no caminho, quando aquela besta carregou no gatilho.

Voltaram juntos para o gabinete dele.

— Quando mudas de casa? Tenho saudades da minha parceira de confecção de *picles* — queixou-se Torstein.

— Quando Londres se mudar para a Dinamarca, chego lá num instante — prometeu.

— De qualquer maneira, vê lá se dás notícias. Da próxima vez, vamos à minha horta — prometeu, e beijou-lhe educadamente a mão antes de se despedir com um aceno e passar pelo segurança da Securitas que percebeu demasiado tarde que Torstein não estava a usar o obrigatório cartão de identificação à volta do pescoço.

— Ei, o senhor! Volte aqui — chamou o segurança.

*

Nora encontrou o sítio da Internet, enviou uma mensagem de correio electrónico a Bjarke pelo seu *iPhone* e, vinte minutos mais tarde, recebeu um telefonema de um número desconhecido.

— Daqui fala Bjarke Helgaard. Enviou-me uma mensagem.

Tinha uma voz tão máscula e imperiosa, que Nora pensou por instantes se Torstein lhe teria mentido ao descrever-lhe um corpulento e musculoso motociclista que não encarava a homossexualidade com sentido de humor e atitude relaxada.

Nora apresentou-se.

— Porque é que a *Globalt* quer falar comigo? — quis saber Bjarke.

Nora decidiu que seria um erro tentar arrancar-lhe alguma informação pelo telefone. Um encontro seria melhor. De preferência, num lugar público, só para jogar pelo seguro.

— É um pouco complicado. Mas talvez possamos encontrar-nos? — disse ela, esperançada.

— Hum. Pesquisei-a no Google, Nora Sand, e não percebo porque é que uma jornalista cujos dois artigos mais recentes versaram sobre um homem do Ruanda e um escândalo político no Reino Unido possa estar interessada em falar com um dinamarquês vulgar de Nørrebro.

Seria um disparate subestimar Bjarke Helgaard.

— Juro que não lhe roubo muito tempo e que acabará por perceber. Por favor, podemos encontrar-nos, só meia hora?

— Tem sorte de eu gostar de um bom mistério. E de ter uma vaga na minha agenda ocupada. No Flora's Coffee Bar dentro de meia hora — disse, e desligou sem esperar pela resposta.

Nora apanhou o autocarro para Blågårdsgade e percorreu a pé a distância que faltava. Pediu um *latte* com *espresso* reforçado e sentou-se a uma mesa de onde conseguia ver-se toda a sala. Dez minutos depois, Bjarke chegou. Em pessoa, parecia maior e mais corpulento do que nas fotografias de jornal. Era como se os fotógrafos não conseguissem enquadrar toda a largura dos seus ombros.

Antes de se sentar à mesa com uma chávena de café de filtro, perscrutou-a minuciosamente, mas sem hostilidade, com os seus olhos azuis.

— Então, em que posso ajudá-la? Um conflito no Médio Oriente ou crianças esfomeadas na Índia? — gracejou.

Nora abanou a cabeça e decidiu ir direito ao assunto.

— Não. Trata-se de algo mais antigo… Recorda-se do Verão de 1985? Lisbeth e Lulu?

Se a pergunta o surpreendeu, ele era extraordinariamente bom a controlar a expressão facial.

— Lisbeth e Lulu? — repetiu com uma voz calma. — Há anos que não penso nelas. Porque quer saber delas agora?

Nora aclarou a garganta.

— Ficaram disponíveis informações relacionadas com o caso, o que…

— Que tipo de informações? — interrompeu-a, agora subitamente interessado.

Nora demorou algum tempo a sorver o café.

— Pode haver uma ligação a um assassino britânico. É tudo o que posso dizer-lhe neste momento.

Bjarke manteve um tom de voz extremamente calmo, mas Nora conseguia ver uma veia a começar a palpitar no pescoço. Os nós dos dedos ficaram brancos ao agarrar a chávena de café com mais força.

— Quem é esse patife?

— Eu não sei se há mesmo uma ligação. Para já, não passa de um palpite. Por isso, preciso de conhecer a sua versão dos acontecimentos dessa noite no *ferry*.

O gigante de blusão de cabedal pareceu não a ter escutado.

— Quem é esse patife? — repetiu, com a voz cava.

— Está na cadeia. Por isso, não pode chegar a ele.

Bjarke abanou a cabeça e olhou-a outra vez.

— Há sempre uma maneira. Sempre — disse severamente.

De seguida, levantou o indicador e Nora teve um vislumbre do homem que subira a pulso até se tornar no braço-direito do Agulha.

— Se eu lhe revelar alguma coisa, você, em troca, diz-me o que aconteceu às minhas meninas. Entendido?

Nora olhou-o directamente nos olhos, de modo que deixasse bem claro que não se deixaria intimidar.

— Se… e reforço a ideia de «se»… eu descobrir alguma coisa, informo-o, mas só quando estiver preparada para o fazer. Tenho o seu endereço electrónico.

Bjarke pareceu ponderar por instantes, depois recostou-se na cadeira e abriu os braços.

— É justo. Que quer saber?

— Fale-me sobre o seu relacionamento com a Lisbeth e a Lulu. E como era aquilo na Vestergården?

— Pensei que queria saber o que aconteceu naquela noite no *ferry*.

— Lá iremos. Mas antes tenho de compreender melhor como eram as coisas naquele tempo — explicou Nora.

— A Lulu era como uma irmã para mim. É certo que não era a pessoa mais inteligente do mundo, mas era de confiança. Não abria a boca, fizessem-lhe o que fizessem — disse Bjarke, com o olhar distante. — Certa noite, eu e o Sonny assaltámos o cinema em Ringkøbing. Nada que nos enriquecesse. Umas centenas de coroas da registadora após uma noite de sábado. Mas o Sonny trouxe o maior saco de doces que se possa imaginar. Ele nunca tinha ido ao cinema e estava desejoso de ver um daqueles filmes estúpidos com o Stallone. Tentámos pôr o projector a funcionar, mas aquela porcaria começou a deitar fumo. Por isso, pisgámo-nos e fanámos uma motoreta para voltar para a casa. Quando chegámos, a Lulu estava no corredor e viu-nos a ir a correr para os quartos — disse ele a Nora, depois agitou a chávena de café, como que para fazer durar mais o último gole.

— Quer outro? — interrogou Nora. Ele acenou ligeiramente com a cabeça e Nora dirigiu-se ao balcão para ir buscar outra rodada antes de continuarem.

— Desde o instante em que chamaram os bombeiros ao cinema, bastaram vinte minutos para a polícia local aparecer na Vestergården. As coisas eram assim. O que quer que acontecesse em

Ringkøbing, culpavam-nos sempre a nós. Às vezes, tinham razão, outras não. Mas pode ter a certeza de que o Kurt armava um escarcéu. Não só com a polícia, mas também connosco, se pisássemos o risco. Já me avisara por três vezes. Se eu fosse apanhado outra vez, seria expulso, e isso significava que não iria com eles a Londres. Naquela época, era a única coisa que realmente importava — disse, com um sorriso melancólico.

— A Lulu salvou-nos o couro. Não sei porquê. Nós nunca tínhamos feito nada por ela. Na Vestergården, era assim. Mas quando a bófia apareceu e começou a apertar connosco e pôs em causa a nossa história de termos estado em casa a noite inteira a fazer o nosso sono de beleza, a Lulu interveio. Recordo-me de que trazia vestida uma camisa de noite vermelha com coelhinhos. E ela dirigiu-se directamente a eles, olhou-os nos olhos e disse-lhes que tinha passado a última hora a andar pelo corredor, porque lhe doía a barriga, e que ninguém tinha passado por ela.

Bjarke abanou a cabeça.

— Eles sabiam perfeitamente que tinha sido eu e o Sonny, mas depois da intervenção da Lulu, não havia nada que se pudesse fazer, pelo que tiveram de ir embora. O Kurt ficou com as suas suspeitas, claro, e andou de trombas connosco durante algumas semanas. Principalmente, depois de encontrar uma motoreta roubada numa valeta não longe da Vestergården. E, claro, nunca chegámos a ir a Londres — disse com outro sorriso melancólico.

— Que aconteceu nessa noite? De que se lembra? — interveio Nora.

— O que é irónico — disse ele, ignorando a pergunta. — O que é irónico é que, depois daquela noite, eu e o Sonny jurámos ser os anjos-da-guarda dela. Protegê-la. Havia uns tipos do clube juvenil que gostavam de se meter com as meninas pequenas. Eu e o Sonny tivemos uma conversa com eles e, desde daí, deixaram a Lulu em paz. Até convencemos o Erik a deixar as suas ridículas revistas pornográficas e todas as outras tretas.

— O Erik? — perguntou Nora, soerguendo as sobrancelhas.

— Sim. O pai fodeu-o. Sim, nesse sentido. E calculo que ele pensasse que ninguém descobriria desde que lesse revistas pornográficas e passasse o dia a falar sobre mamas. O Kurt confiscava-as, mas, sabe-se lá como, o Erik arranjava sempre outras. Ele adorava ir ter com as raparigas com as revistas e esfregá-las nas caras delas. A Lisbeth limitava-se a rir e a gozá-lo. A Jeanette ignorava-o. Mas ele conseguia perturbar mesmo a Lulu e aquela pequenita… Como é que se chamava?

— Anni — arriscou Nora, sustendo a respiração.

Bjarke assentiu. O nome da menina que, alegadamente, ajudara a violar não parecia causar grande impressão.

— Sim, acho que era isso. Pequena e gordita. Feia. — Suspirou, como que a ignorá-la como insignificante. — Acho que podemos afirmar com segurança que eu e o Sonny falhámos redondamente na nossa tentativa de olhar pela Lulu naquela noite no *ferry*. Apenas uma noite, e ela desapareceu para sempre.

— Mas que aconteceu? Lembra-se da última vez que viu as raparigas?

— Nós tínhamos estado a tentar comprar bebidas alcoólicas na loja *duty-free*. Claro que não conseguimos. Todos tínhamos ar de adolescentes e pediram-nos logo os bilhetes de identidade. Depois, lembrámo-nos de pedir à Lisbeth que tentasse, porque ela parecia muito mais velha quando usava maquilhagem, mas não a encontrámos em parte alguma. Por isso, mandámos a Lulu à procura

dela.

Bjarke fez uma longa pausa.

— Ela nunca mais voltou — disse então.

O caos de uma noite e o arrependimento resumidos numa única frase.

— Os outros permaneceram juntos?

— Não. Não me lembro bem. Quero dizer, naquele momento, nenhum de nós suspeitava de que tivesse acontecido alguma coisa de mal. Creio que pensámos que… Bem, não sei o que pensámos. Que elas tinham conhecido uns gajos mais velhos que tivessem bebidas, talvez. Não foi uma sensação muito boa, e eu não quis fazer figura de parvo. Por isso, deixei-as em paz.

Nora concordou com a cabeça.

— Lembra-se de mais alguma coisa?

— Em certa altura, pareceu-me ter visto a Lisbeth na discoteca, mas não tenho a certeza. Só consegui chegar à entrada. Não me deixaram entrar. Depois, eu, o Oluf e o Sonny conhecemos um norueguês que tinha dezoito anos e que, em troca de umas cervejas, nos comprou uma garrafa de vodca.

Bjarke fez uma careta ao lembrar-se.

— Desde esse momento, as memórias são um pouco vagas, no que a mim diz respeito.

— E do Oluf? Do Oluf e da Anni, lembra-se de alguma coisa sobre eles? — perguntou Nora, com mais azedume do que desejava.

Ele encarou-a, surpreendido.

— Não. Nem por isso. Deveria lembrar-me?

Nora não respondeu.

— Onde está o Sonny hoje em dia e sabe o que é feito do Oluf?

— O Sonny está a cumprir pena em Herstedvester. Um assalto a um banco feito com amadorismo para pagar uma dívida de jogo. Creio que sairá dentro de seis ou sete anos, isto se viver tanto tempo. Pelo que me constou, ainda não pagou a dívida e os juros começam a doer.

— E quanto ao Oluf? — insistiu, tentando fitar Bjarke nos olhos.

Só que ele já não estava a prestar-lhe atenção. Estava a olhar pela janela aberta para dois homens corpulentos de ar estrangeiro com blusões de couro pretos que iam a passar.

Bebeu o café de um trago, levantou-se abruptamente e retomou o tom de voz másculo.

— Grato pelo café, minha senhora. Agora, tenho de ir. Ligue-me quando tiver novidades, sim? — disse, e pousou, com toda a solenidade, um cartão-de-visita com o logótipo do tridente vermelho dos Dare Devils e o título de Director de Imprensa com letras chamejantes por cima do número de telemóvel.

Depois, foi embora, certificando-se de que os dois homens dos blusões de couro não o viam.

Nora espreitou pela janela e viu os dois homens dobrar a esquina junto ao Cemitério Assistens. Pensou, por breves instantes, se conseguiria sacar mais informações a Bjarke ameaçando denunciá-lo.

Estava a hesitar na soleira da porta quando o telemóvel tocou.

Era Andreas. Sentou-se novamente à mesa e pousou bem os pés no chão, ligando-se à terra.

— Olá. Só queria saber como estás.

— Excelente — respondeu, comprimindo a pega da colher de chá com força na palma da mão, com a esperança de que a dor física pudesse abstraí-la daquela ridícula sensação de alegria.

— Oh, estou a interromper alguma coisa? Pareces tensa.

— Não, não. Está tudo bem — disse, concentrando-se no cardápio, onde podia ler tudo sobre grão de Java e café etíope, mas as palavras saíram-lhe de jorro como bolhas de sabão antes de lhe chegarem ao cérebro.

— Está bem, não quero incomodar-te, se estás ocupada — disse ele, um pouco aborrecido. — Só estou a ligar para saber se sempre nos vamos encontrar depois de amanhã.

Nora disse que sim com a cabeça, mas só depois se lembrou de que ele não podia vê-la.

— Sim. Vou buscar-te por volta das 11 horas. Manda-me a tua morada por mensagem de texto — disse.

Desligaram e Nora bateu espontaneamente com a palma da mão na testa. Era apenas o Andreas. Um velho amigo. Como é que chegara a ponto de não conseguir ter uma conversa normal ao telefone?

— Merda, merda, merda — disse lentamente, quando um dos baristas passava pela sua mesa.

— Espero que não fosse o seu gestor de conta — disse, com um sorriso.

— Antes fosse. Era um homem que está em zona proibida — disse ela.

13

Quando, depois de ter enfrentado o tráfego londrino de uma manhã de sábado num microscópico *Ford* verde-claro alugado, ela dobrou a esquina, avistou o homem proibido à sua espera, com um saco ao ombro, à porta do apartamento que arrendara.

— Tens de o levar ao colo. A bagageira ficou cheia só com a minha mala — disse ela na brincadeira, fazendo um enorme esforço para não reparar que ele estava a usar uma camisa branca. Com botões.

Andreas regulou o banco do passageiro e esticou as pernas — tanto quanto era possível. Nora apontou para a parte de trás, onde se encontrava o seu exemplar do *Murders of the Century*, agora com várias páginas dobradas nos cantos, em cima do computador portátil.

— Página 53 — disse ela, e quando Andreas esticou o braço, roçou-lhe o ombro. Parecia emanar luminosidade e quase conseguia sentir uma aura de calor à volta do corpo dele.

Durante a meia hora seguinte, a única coisa que se ouviu no interior do carro foi a BBC Radio 4, enquanto Nora os conduzia para fora de Londres, entrando na auto-estrada. Andreas seguia mergulhado no livro. Ela olhou de viés para avaliar a reacção dele, mas a sua expressão era inescrutável.

Por fim, consultou a parte final e leu as notas, minuciosas como sempre, e fechou-o com estrondo.

— Então, que achas?

— É uma história terrível — comentou laconicamente.

— Sim, claro que é — disse ela. — Mas achas que o Bill Hix pode ter assassinado a Lulu e a Lisbeth? Terá sido por isso que nunca mais foram vistas?

Andreas franziu o cenho.

— É difícil dizer. Porém, tanto quanto consegui perceber, ele nunca raptou duas vítimas ao mesmo tempo. Isso exigiria confiança, controlo e força bruta. Ele tinha essas coisas?

Nora reflectiu.

— A Lulu e a Lisbeth desapareceram em 1985 e o Hix foi apanhado em 1992, sete anos mais tarde. A julgar pelo que foi encontrado no seu armário dos horrores, ele tinha matado pelo menos quinze pessoas. No entanto, se não queres alertar a polícia para o facto de seres um assassino em série, não

podes matar todos os meses. Por conseguinte, devemos presumir que os assassínios se prolongaram por um período mais longo. Talvez já tivesse um ou mais assassínios a pesar-lhe na consciência em 1985. Teria isso sido suficiente para o convencer a intensificar as suas acções?

— É possível — concordou Andreas.

Seguiram durante algum tempo em silêncio, até que ele se virou para ela.

— Então, qual o motivo da nossa ida a Brine?

— Dar um mergulho. E descobrir de onde veio aquela mala. Cheira-me que é o segredo do mistério.

Se ele ficou desiludido com a resposta, não o demonstrou. Pelo contrário, começou a sintonizar a rádio até encontrar uma estação que estava a passar êxitos de todos os tempos.

— Perfeito. Adoro esta — disse ele, quando as primeiras notas da versão de Frank Sinatra, de *Come Fly With Me*, tocaram nos altifalantes. — *Let's float down to Peeeeruuu* — guinchou entusiasticamente e Nora agarrou-se ao volante para não se desviar do caminho de tanto rir.

— Vá lá. Canta comigo. Tu sabes que queres! — convidou-a, e ela acabou por ter de ceder.

— *In Ilama Land, there's a one-man band and he'll toot his flute for you…*

Depois veio Shirley Bassey e os seus diamantes, Marilyn Monroe e o seu complexo de Electra, e Nora teve uma interpretação extraordinária ao cantar *Da-da-da-da-da-da-daddy*.

Sem darem por isso, chegaram a Brine. Nora sentia as cordas vocais doridas e doía-lhe a barriga de tanto rir.

— A morada da hospedaria está num pedaço de papel no meu bloco de notas. Imprimi da Internet. Também tem lá um mapa.

Andreas encontrou-o.

— Sim. A Dolphin Guesthouse. Dois quartos *individuais*. Vira aqui à esquerda.

Chegaram ao pé de um edifício caiado de branco com telhado de telhas e paredes abauladas emolduradas de glicínias azuis e grandes hortênsias. Na recepção, um homem na casa dos setenta estendeu-lhes a mão e apresentou-se como Wesley. Estava bronzeado e parecia ser daquelas pessoas que passam o mínimo de tempo possível em terra firme durante o Verão. Nora calculou que a prancha de surfe encostada à garagem seria dele.

— Bem-vindos. O pequeno-almoço é das 8 horas às 9h30 — disse, gesticulando para a estufa. — Só temos um *individual*, de modo que um de vós fica num duplo. Só falta saber quem — disse, olhando de um para o outro.

Nora encolheu ligeiramente os ombros.

— Não importa. Ficas tu no duplo — disse a Andreas em dinamarquês.

— Nem pensar — retorquiu.

— Desculpem-me, mas não percebo o que estão a dizer — disse Wesley, olhando outra vez de um para o outro.

— Eu fico com o *individual*. Dê-me a chave — disse ela, voltando a falar inglês mais abruptamente do que desejaria. — Obrigada — acrescentou.

Wesley soergueu as sobrancelhas sem proferir palavra, daquela maneira que só um verdadeiro britânico consegue, e entregou-lhe a chave. O porta-chaves era um pequeno barco de madeira com um enorme número três pintado na vela.

Nora pegou na mala, ignorou os protestos de Andreas e desceu a estreita passagem que dava acesso ao pequeno quarto com uma cama de solteiro e uma cómoda desgastada.

A vista além do parque de estacionamento era quase panorâmica e a casa de banho tinha um tapete felpudo verde como o musgo. O imprescindível tabuleiro do chá estava equilibrado numa mesa-de-cabeceira vacilante de pernas curvas. Tal como os Estado-unidenses defenderiam o direito de porte de arma e de ir de carro a qualquer sítio, mesmo para visitar o vizinho do lado, os Britânicos dariam a vida pelo direito a uma boa chávena de chá.

Ao lado da chávena de chá, havia um biscoito embrulhado em celofane, que começava a parecer bastante tentador, quando Nora se lembrou de quanto tempo havia decorrido desde que tinha comido uma fatia de pão torrado com marmelada e uma chávena de café ao pequeno-almoço.

Dois minutos depois, Andreas bateu à porta e entrou. A sua presença fez que o quarto minguasse. Nora sentou-se na cama e ele ocupou o único cadeirão de braços que lá havia: uma monstruosidade pesada com motivos florais que parecia ter sobrevivido a duas guerras.

— Isto é muito… verde — disse Andreas, sorridente.

Nora esbravejou.

— Para te compensar, posso pagar-te o almoço? Acho que aquela coisa verde horrorosa que está na casa de banho exige algum tipo de compensação. Devíamos mandar amostras para o laboratório. Temos aqui uma hipótese de descobrir novas formas de vida.

Nora não conseguiu conter um sorriso.

Quando saíram da hospedaria, o clima mudara, como se o Sol finalmente cedesse ao seu capricho e decidisse ficar por ali o resto do dia.

A luminosidade era dourada ao descerem a Seaview Street. Para grande desilusão de Nora, a loja de bugigangas encontrava-se encerrada. Ela foi directamente até à montra e encostou o nariz ao vidro para espreitar o interior até que reparou num pequeno letreiro no vidro inferior da porta que indicava que a loja estaria fechada por tempo indeterminado. A julgar pelos cantos enrolados, dava para entender que já estava ali havia algum tempo.

A loja tinha um aspecto poeirento e abandonado. Uma miscelânea de bugigangas e tesouros. Havia dois extravagantes candelabros de cristal pendurados no tecto, acompanhados de candeeiros de cerâmica castanha vidrada que nunca tinham sido um deleite para os olhos, nem mesmo com um fundo de papel de parede reticulado do decénio de 1970. No chão, estava um carrinho de bebé antigo cercado de pilhas de livros e carrinhos de brincar.

Nora sondou rapidamente o interior à procura de mais malas, mas não viu nenhuma. Ainda pensou em ir à procura da mulher russa do Daisy Dairy Café, mas mudou de ideias assim que viu a fila de alegres veraneantes que esperavam para provar o gelado biológico que ali vendiam.

Andreas arrastou-a para a praia, onde encontraram um *pub* com esplanada e churrasqueira e que ainda estava a servir refeições, apesar de já passar da hora de almoço.

Comeram sardinhas assadas com compota de groselha regadas com sidra fria. Andreas foi o primeiro a acabar e ficou sentado a observá-la pensativamente, enquanto ela se debatia com as últimas minúsculas espinhas do peixe branco.

— Sim? — acabou por dizer, quando se fartou daquilo. — Que foi?

— Nada — retorquiu ele, enigmaticamente.

— Tens a certeza?

Ele hesitou, dando-lhe tempo suficiente para fechar os olhos e pensar se ele iria dizer alguma coisa terrível. Alguma coisa insuportavelmente medonha.

— Estava só a pensar… Qual o verdadeiro motivo para me trazeres aqui?

Ela bebeu a sidra e pousou o copo devagar.

— Achei que seria agradável — respondeu, hesitante. — Porque somos amigos, e também porque tu és polícia e podes ajudar com alguma ideia que não me tenha ocorrido.

Assim, fechou com estrondo a perigosa porta secreta.

Começou a mexer no rótulo da garrafa de sidra, que estava coberta de condensação. Concentrou-se em arrancar tiras com a unha do polegar. Quando não conseguiu arrancar mais tiras, passou a formar bolas húmidas com o papel entre os dedos, repetindo o processo.

Andreas não desviou o olhar dela.

— Nora Sand — disse delicadamente.

Ela abriu a boca para falar, mas foi acometida de uma sensação de raiva, que a apanhou completamente desprevenida. Como uma enorme vaga que derruba um castelo de areia quando pensamos que a maré já baixou. Uma raiva que arribara sem que nada o fizesse prever, passados todos aqueles anos, e que deixara a vida dela num rebuliço.

Inadvertidamente, a empregada desviou a reacção que se adivinhava.

— Parece que está a precisar de outra rodada — disse, com uma jovialidade artificial.

A vaga parou abruptamente, e quando Andreas finalmente voltou a atenção para a empregada para pedir a conta, Nora conseguiu voltar a respirar. Levantou-se e foi à casa de banho, como se nada tivesse acontecido.

Abriu a torneira de água fria e recorreu a um velho truque que lera num romance do Sul dos Estados Unidos da América. Antigamente, as jovens que envergavam saias-balões e espartilhos de osso de baleia desmaiavam muitas vezes, pois a mais pequena emoção fazia que hiperventilassem com o aperto das vestes. Mas água gelada no pulso, no ponto em que a pulsação está mais à superfície da pele, obriga o corpo a acalmar-se. A abrandar. A não se preocupar.

Nora encostou a testa ao espelho frio, estendeu as mãos e comprovou que há conselhos que são intemporais e de igual modo eficazes em jornalistas dinamarquesas afogueadas.

Quando voltou para fora, Andreas pagara a conta e ela recuperara a compostura.

— Então, vai um gelado, ou vamos primeiro dar um mergulho? — disse ela, com a voz mais normal que conseguiu.

Andreas pestanejou duas vezes, mas alinhou na brincadeira.

— Receio ter de chamar a tua atenção para as actuais regras de saúde e segurança: é preciso esperar sempre trinta minutos depois de comer antes de ir para a água — afirmou solenemente.

Meia hora depois, estavam na beira da água, mirando-se mutuamente. Mandava a tradição que o último a mergulhar era um falhado. Só uma coisa era mais abjecta: tentar uma falsa partida.

O Sol fazia que a superfície da água explodisse em milhares de estrelas, e ela sentiu-se outra vez bem assim que caiu na água. Tudo tinha voltado ao normal.

A pele retesou-se com a água fria e veio à tona para respirar. Andreas estava a nadar à frente dela e ela mergulhou outra vez para lhe beliscar os dedos dos pés, o que era outra das suas velhas

brincadeiras.

Nadaram durante algum tempo ao longo da costa, Andreas com longas e fortes braçadas. Nora teve dificuldade em acompanhá-lo e prometeu a si mesma que nunca mais deixaria de ir à piscina por causa do trabalho.

Finalmente, regressaram à margem e, assim que tocaram em terra firme, Nora ficou de pé a ver o corpo dele flutuar na água. Assemelhava-se a um enorme golfinho.

Secaram-se, regressaram à aldeia e meteram-se na fila com os outros turistas diante do Daisy Dairy Café. Quem estava a servir era uma rapariga nativa, e não tinha pressa alguma.

Nora e Andreas demoraram meia hora a chegar ao balcão, e enquanto Andreas contava o dinheiro, Nora perguntou pela mulher russa que lhe atendera o telefone. A rapariga apontou com o queixo para o *pub* do outro lado da rua.

— A Katya não gosta de trabalhar quando está calor. Há boas probabilidades de estar no *pub*. Tem um cabelo ruivo comprido. Não tem que enganar.

Nora agradeceu-lhe, pegou no gelado e saiu para o sol, acompanhada de Andreas. Sentaram-se confortavelmente num dos muitos bancos virados para o mar e deixaram-se embrenhar na vida da pequena baía. Uma lancha a puxar um esqui aquático sulcava a calmaria da tarde, um iate atracava na marina, e um bote com motor fora de borda e canas de pesca a espreitar em todas as direcções voltava à doca ao fim de um dia em alto-mar.

O gelado de framboesa tinha deixado os lábios de Andreas vermelho-escuros.

— Pareces um vampiro — disse Nora, mordiscando com cuidado o seu gelado de chocolate.

Sem que desse por isso, ele estava inclinado sobre ela, mostrando os dentes, e só parcialmente na brincadeira.

Depois, sentiu a língua dele nas costas da mão. Roçou-a tão ao de leve, que ela até pensou que aquilo não acontecera.

— Deixaste cair um pedaço — foi tudo o que disse.

De repente, não conseguiu engolir nem mais um pedaço. Olhou para a mão, espantada de não ter ficado com nenhuma marca. Estava a arder e trémula.

Deitou fora o resto do gelado e levantou-se resolutamente.

— Anda, vamos procurar a Katya, a misteriosa ruiva.

Andreas desviou o olhar.

— Preciso de tratar de uns assuntos — disse ele. — Porque não nos encontramos por volta das 20 horas e vamos jantar?

Nora encolheu ligeiramente os ombros.

— Está bem, como queiras.

Por instantes, arrependeu-se de o ter convidado. De seguida, afastou o pensamento e encaminhou-se para o The Oysterman.

Os proprietários do velho *pub* não tinham feito nada para ir ao encontro das expectativas da classe média londrina quanto a uma vida idílica à beira-mar. Não se via uma única parede caiada de branco nem nenhuma bandeira de piratas. Era um *pub* cujo público-alvo eram os nativos.

Havia filas de cintilantes máquinas de jogo ao longo das paredes, o tapete axadrezado estava pegajoso da cerveja, e Nora conseguia sentir que o letreiro que anunciava a proibição de fumar tinha

fins meramente decorativos.

Todas as paredes ostentavam tributos ao apogeu de Elvis e aos homens que haviam ganhado a vida com fracas imitações em sua memória desde a era dourada de Las Vegas.

Quando Nora entrou, Katya e outros dois homens estavam entretidos a jogar *cribbage*. Ela tinha um riso estridente e Nora não conseguiu perceber qual dos dois homens acabaria por ter sorte nessa noite. Talvez os dois.

Quando um dos homens se levantou para ir ao bar buscar outra rodada, Nora aproveitou a oportunidade para estabelecer contacto.

O outro homem, que estava naquele momento sozinho com a beleza russa, olhou irritado para a intrometida que estava a estragar a sua oportunidade de ouro. Contudo, assim que avistou Nora, mudou de ideias e brindou-a com um sorriso que deixava adivinhar que, se havia um dentista em Brine, aquele homem não era um dos pacientes dele.

— Que bebes, linda? — balbuciou.

Nora contemplou-o com um sorriso amigo, mas reservado.

— Nada, obrigada. Não bebo nada. Só queria dar uma palavra à Katya.

— Falares comigo, está bem — disse Katya num tom de voz alegre e inebriado.

Nora reconheceu a voz do telefone e foi direito ao assunto.

— Procuro o Sr. Smithfield, o seu vizinho — disse.

— Também procura Smithfield. Que fez ele? Na semana passada, veio uma mulher. Depois, veio um homem, acho que da polícia, e agora vem você. O Sr. Smithfield chega a casa muito cansado — informou Katya.

— Ele não está em casa agora? — perguntou Nora.

— Não, não, não. Ele está na Índia.

O segundo homem voltou para a mesa.

— Quer jogar? Cinco libras por partida. Ou pode ir embora — disse indelicadamente, enquanto alinhava três imperiais cheias de espuma em cima da mesa.

Quando Nora estava a ir embora, Katya chamou-a.

— Pergunte à Polly!

— Onde está a Polly?

— A Polly está no bar.

Nora franqueou a porta que dava para o bar e deparou com uma mulher de quarenta e tal anos ocupada a meter copos numa máquina de lavar.

— Olá — disse Nora, e foi recebida com um aceno hostil.

— Em que posso ajudá-la? — perguntou Polly, cuja *T-shirt* rosa não deixava dúvidas quanto à identidade da decoradora do *pub*.

«O Rei está Vivo», dizia em letras brilhantes sobre o seu farto peito.

Nora pensou que um pouco de diplomacia cairia bem e apontou para a imagem por baixo da frase.

— Essa imagem não é do *Blue Hawaii*?

— É — disse Polly, encantada. — Poucas pessoas a reconhecem.

— A minha avó adorava o Elvis — prosseguiu Nora. — Devo ter visto esse filme umas quinze vezes. No mínimo — acrescentou, evitando inteligentemente dizer como o tinha odiado após a

terceira vez e como, ao longo da sua infância, suplicara à avó se podiam, por favor, ver outra coisa melhor, como os bons filmes dinamarqueses antiquados.

— Foi um dos melhores filmes dele — afirmou Polly com um largo sorriso, enquanto limpava o balcão. — Muito bem, que é que uma fã do Elvis vai tomar? — perguntou alegremente.

— Para dizer a verdade, estou à procura do Sr. Smithfield — disse Nora.

Polly optou por uma estratégia de esperar para ver.

— Que lhe quer?

— Nada de mal. É que lhe comprei uma mala há algumas semanas e encontrei uma coisa lá dentro que não sei se ele quereria vender.

Polly ponderou na situação.

— Não é a única pessoa que anda atrás do Tio Harry. Ficou muito famoso na última semana.

— Não me diga.

— Primeiro, foi uma mulher muito antipática a perguntar por ele. Fez-se passar por amiga dele, mas se fossem mesmo amigos, ela saberia que o Tio Harry vai ao *ashram* durante duas semanas nesta altura do ano... tal como aconteceu nos últimos dez anos — disse Polly, abanando a cabeça para a mulher. — Dois dias depois, apareceu um homem. Lembro-me do nome dele, porque era o nome de solteira da Princesa Diana. Spencer. Mas ele disse que não eram familiares.

Nora anuiu.

— Adiante, se quer falar com o Tio Harry, passe por cá amanhã de manhã, acho que já cá deve estar. Ele passa sempre por cá para beber umas cervejolas depois de toda aquela desintoxicação — prometeu Polly.

— Obrigada — disse Nora, dirigindo-se para a saída. — A propósito, a mulher que veio à procura do seu tio? Ela disse o que pretendia?

Polly revirou os olhos.

— Disse. Algo sobre umas coisas antigas que foram postas à venda por engano. E uma coisa sobre uma velhota e um lar de terceira idade. Ela estava muito incomodada.

— Disse como se chamava?

— Não. Como eu disse, era mesmo mal-encarada, de modo que não tivemos propriamente uma conversa, se é que me percebe. A única coisa de que me lembro é que tinha uns olhos enormes e feios. Parecia uma daquelas bonecas… Como é que se chamam? Bratz ou alguma coisa assim?

Nora acenou-lhe com a cabeça em jeito de agradecimento e deixou Polly quando Elvis começava a interpretar *Blue Suede Shoes*.

*

Não havia sinais de Andreas, pelo que Nora voltou calmamente para o seu quarto. Abriu a janela para sair o cheiro do ambientador de pinho, que estava a travar uma batalha heróica contra o cheiro natural do quarto a bafio e a alcatifa velha.

Sentou-se junto à janela aberta e ligou o portátil. O sinal do telemóvel estava sempre a falhar e demorou mais de meia hora com inúmeras interrupções para ver as notícias e as mensagens de correio electrónico mais importantes.

Enquanto esperava por um sinal mais forte, tirou apontamentos.

Depois, deitou-se na cama, de onde conseguia ver o tecto com manchas. Fechou os olhos para se concentrar melhor. Só por momentos.

Despertou com o telemóvel a tocar.

— Sand? Adormeceste? — perguntou Andreas, em jeito de brincadeira.

— Hum?

— Não consegues dar umas braçadas sem cair para o lado de cansaço?

— Dá-me cinco minutos, por favor — implorou.

— Estou cá fora. A aproveitar um Sol maravilhoso.

Nora foi à casa de banho e lavou a cara com água. A almofada deixara uma marca no seu rosto.

Foi ao saco de viagem buscar um vestido de Verão azul com borboletas brancas ligeiramente amarrotado e vestiu-o, enquanto tentava pentear-se e escovar os dentes ao mesmo tempo.

— Miau.

O barulho veio de algures de baixo da cama.

— Não, gatinho, agora não é uma boa altura — disse ela, levantando a beira da colcha. O gato deveria ter entrado enquanto ela estava a dormir, mas ela não queria sair e deixar a janela aberta, não fossem roubar-lhe o portátil.

— Anda, gatinho, vai apanhar ratos. Pega, anda — tentou iludi-lo.

Viu os seus olhos como dois reflectores amarelos na escuridão debaixo da cama, mas o gato não se mexeu.

Calçou as sandálias, pôs um pouco de brilho nos lábios e verificou se tinha os olhos ensonados ou se esborratara a maquilhagem.

— Muito bem, gatinho. Última oportunidade. Ou sais agora ou ficas aqui preso até eu voltar. Como é que vai ser?

Nenhuma resposta.

Nora fechou a janela, pôs a bolsa ao ombro, aplicou um pouco de perfume no pulso e esfregou-o no pescoço. Sobressaltou-se ao lembrar-se da língua dele na sua mão.

— Vê se te controlas, mulher! — disse em voz alta e, nesse instante, ouviu a voz de Andreas no corredor.

— Tens um homem no quarto? Acho que não é permitido nos quartos *individuais*.

Meteu a chave na bolsa e saiu para o corredor.

Ele trazia uma camisa branca vestida; pois então? Tentou imaginá-lo com uma pança de cerveja e uma camisola de *náilon* de adepto do Liverpool. Não adiantou.

Ele pegou-lhe pelo braço, como se fosse a coisa mais natural do mundo, e ela sentiu-se tensa. Ele também, e soltou-a logo de seguida.

— Reservei uma mesa ali — disse ele, apontando para o hotel mais antigo da vila, que ficava ao cimo de uma colina, com vista para a aldeia e a baía.

A mesa deles ficava na segunda fileira do terraço no telhado e Andreas pediu gim e água tónica para os dois. Estavam rodeados de pessoas com roupa de vela, embora a maioria nunca tivesse pisado um tombadilho, falando indolentemente sobre os planos para o resto das férias e sobre o preço da lagosta no cais no dia anterior.

O empregado trouxe vinho branco num frapê e, como que por artes mágicas, uma enorme travessa de marisco apareceu na mesa diante deles. Ela tentou aliviar a situação antes que se tornasse demasiado embaraçosa.

— Pensei que tu gostavas mais de carne e dois legumes — disse, rindo.

Andreas olhou-a antes de pegar num camarão-tigre.

— Tu pensas muitas coisas, Nora Sand — foi tudo o que disse, e começou a descascar o camarão sem desviar o olhar dela.

Nora mudou de assunto.

— Então, que andaste a fazer de tarde, além de trabalhar para o bronze?

— Descobri umas informações que podem interessar-te. Conheces um tipo chamado Spencer? Jeff Spencer? — perguntou Andreas.

— Não, mas estou sempre a ouvir o nome dele. Primeiro, em Dover, e acabei de saber que esteve em Brine. Quem é ele? Sabes?

— Telefonei a um amigo da Scotland Yard que me falou sobre ele. O Spencer está muito interessado nas tuas fotografias. Muito, muito interessado. E é um homem extremamente respeitado.

— Certo, e como posso contactá-lo? E porque não me liga ele, se está assim tão interessado?

Andreas fez uma cara séria.

— Acho que não estás a perceber. Sabes o que o Jeff Spencer investiga?

— Não. É algum tipo de investigador de casos antigos? Um polícia reformado com o seu passatempo? Diz-me o que sabes. Percebo que sabes alguma coisa.

— O Jeff Spencer é o responsável da Unidade de Perfis da Scotland Yard. Nunca aparece na imprensa; é extremamente zeloso do seu anonimato para assim poder trabalhar sem ser incomodado. Mas não estou a exagerar se te disser que é o maior perito em assassinos em série da Grã-Bretanha.

Nora fitou-o, com um pouco de lagosta dependurada no canto da boca. Andreas aproximou-se dela e limpou-a com cuidado.

— É por isso que ele não te liga — disse calmamente.

— Mas ele acha que as raparigas das fotografias estão mortas?

Andreas encolheu os ombros.

— É tudo o que te posso dizer, mas estou convencido de que serás contactada muito em breve. Entretanto, prometi tratar bem de ti.

Ela revirou os olhos.

— Estás a brincar, não estás?

Ele abanou a cabeça.

— Precisas de saber outra coisa. Depois de nos termos separado, eu dei um passeio por Brine e espreitei nas traseiras da loja do Sr. Smithfield. Alguém forçou a entrada recentemente. Olhando ao estado em que aquilo se encontra, é difícil dizer se levaram alguma coisa enquanto não conseguirmos falar com o proprietário. E mesmo assim, dada a natureza das coisas, será praticamente impossível fazer um inventário completo, a menos que ele tenha registos fotográficos, levantamentos de armazém ou uma memória extremamente boa. Mas posso dizer-te que a porta das traseiras foi forçada recentemente. Os danos são bastante recentes; diria que têm menos de uma semana.

Nora sorveu o vinho branco.

— Faço ideia de quem possa ter sido. Um cliente que não podia esperar — disse ela, pondo-o ao corrente da conversa que tivera com Polly e do encontro da empregada de balcão com uma mulher antipática que definitivamente não gostava de Elvis.

— Pode ser alguém que não tenha nada que ver com o caso. É uma possibilidade que temos de considerar — disse Andreas.

— Mas tens de admitir que é improvável que seja uma simples coincidência o caso dar-se agora, não achas? — contrapôs Nora.

Andreas assentiu pensativamente e pediu mais vinho. O Sol começara a pôr-se detrás do mar, deixando atrás de si um rasto rubro como labaredas. Estiveram algum tempo sem falar e fitando o horizonte, enquanto o ar arrefecia e as estrelas começavam a aparecer.

O empregado acercou-se discretamente, retirou a garrafa de vinho branco fazendo chocalhar os cubos de gelo e distribuiu o que restava equitativamente entre os seus copos.

— Café, sobremesa, mais vinho? — indagou.

Andreas olhou-a inquisitivamente. Ela abanou a cabeça. Já comera o suficiente para um dia e o vinho começava a perturbar-lhe o autocontrolo. Só queria voltar para o seu quarto e deitar-se a dormir antes que fizesse alguma coisa de que pudesse arrepender-se.

Durante o caminho ao longo da praia em direcção à Doplhin Guesthouse, pararam e sentaram-se no molhe. Nora descalçou as sandálias e balançou os pés por cima da água. Recostou-se ligeiramente e olhou fixamente para o céu.

— Sabes do que sinto mais falta em Londres? — perguntou para o ar.

Andreas sentou-se pesadamente ao lado dela e descalçou os sapatos.

— Do mar?

— Sim, disso também. Mas mais do que tudo, sinto falta da escuridão. Em Londres, nunca fica mesmo escuro, pelo que não se consegue ver as estrelas. Poluição luminosa.

— Mas as estrelas continuam lá — aventou Andreas.

— Sim, mas se não as conseguimos ver, de que adianta?

— E se tu nunca nadas no mar, adianta alguma coisa que ele esteja lá? — disse ele com um sorriso travesso e empurrou-a pela borda.

Nora percebeu na hora H o que ele estava a tentar fazer. Agarrou-lhe o braço e puxou-o também para a água.

A maré estava baixa e as ondas só chegaram ao peito de Nora. Ela foi a primeira a pôr-se de pé e chapinhou água contra Andreas, enquanto este tentava apoiar-se sobre os pés.

— É a isto que chamas tratar bem de mim? — gritou, fugindo dele a nadar.

Quando chegaram a terra firme, o vestido de Nora colou-se-lhe ao corpo como um trapo molhado. Encharcados até aos ossos, começaram a fazer o caminho de regresso até à hospedaria.

Quando chegaram ao pé dos candeeiros, Nora reparou como a camisa húmida se colava aos ombros e ao peito dele. Foi preciso ter força de vontade para se afastar dele quando chegaram à hospedaria.

— Boa noite! — disse ela por cima do ombro e entrou no quarto.

— Miau — ouviu.

O gato que lá entrara de tarde estava deitado em cima da cama dela com uma ninhada de sete

gatinhos escuros como breu.

14

Foram precisos cinco minutos para acordar Wesley, que estava tão ferrado a dormir, que nem reparou que Nora estava encharcada.

Ela lá acabou por lhe explicar o problema e, depois de ver o quarto, adejou a mão, como quem pede desculpas, e disse:

— Lamento, mas não temos mais quartos disponíveis, Menina Sand. Espero que possa partilhar o quarto duplo com o seu amigo até eu me livrar dos gatos e limpar tudo. Importa-se? Lamento mesmo muito, mas só posso tirar a gata e os gatinhos pela manhã. Não se importa?

Importo! Importo e muito!, apeteceu-lhe gritar, mas de nada serviria.

Bateu à porta do quarto de Andreas. Ele saiu do chuveiro com uma toalha à volta da cintura.

— Sim?

— Emergência — disse ela, sem dar mais explicações.

Andreas soergueu as sobrancelhas.

— Vem comigo — mandou.

— Dá-me dois minutos — disse ele, fechando a porta com cuidado à frente dela.

Pouco depois, assomou à porta de calções. Nora apontou silenciosamente para o seu quarto. Andreas abriu a porta e foi recebido pelo bufar de uma mãe gata exausta e extremamente protectora que já estava farta das constantes interrupções.

Resolutamente, Andreas agarrou na mala e no portátil de Nora sob os protestos da nova mamã e fechou a porta.

— Acho que somos só nós os dois, miúda — disse ele com a sua melhor pronúncia à Bogart, e apressou-a para o quarto dele, que, além de ser três vezes maior do que o de Nora, tinha uma decoração mais própria da era Thatcher.

— Eu, tu e a Menina Perfeita — resmungou ela.

— Que foi que disseste?

— Nada. Vou tomar um banho — disse ela, tirando a camisa de noite da mala.

— Vou preparar-te um chá! — disse ele do outro lado da porta da casa de banho, enquanto a água escorria pelo corpo dela, aquecendo-a.

Quando regressou ao quarto, recatada na sua camisa de noite, esperava-a uma chávena de chá na mesa-de-cabeceira daquele que deveria agora ser o lado dela de uma cama de dossel.

Sondou fugazmente o quarto. Não obstante ser espaçoso, não havia espaço para uma cama improvisada no chão. Havia uma escrivaninha, um pequeno sofá de dois lugares e uma arca para cobertores.

Andreas estava deitado com o braço a tapar os olhos, fingindo dormir. Nora foi à mala buscar o livro sobre o petróleo em África, enfiou-se na cama, sentou-se como a Miss Marple com a sua renda e abriu um capítulo ao calhas.

«A batalha pelos recursos petrolíferos do Delta do Níger…», leu para si mesma, sorvendo cuidadosamente o chá. Tinha as mãos ligeiramente trémulas e deixou cair acidentalmente algumas gotas, que lhe queimaram a pele despida.

Desistiu do chá e afundou-se um pouco mais na cama, sem largar o livro.

O cabelo dele já estava seco e o seu corpo emanava um ténue odor a palha aquecida pelo Sol e água salgada.

Chegara à página oito quando percebeu que não tinha assimilado uma única palavra.

A respiração dele deixava perceber que não estava a dormir.

Com um suspiro, Nora pousou o livro na mesa-de-cabeceira e apagou a luz. O luar incidia na clavícula dele e ela teve de fazer um considerável esforço para não passar o dedo pela curvatura. Cerrou os punhos.

— Boa noite — disse ela.

— Boa noite — repetiu ele.

E ficaram assim deitados.

Nora conseguia sentir electricidade na pele e a proximidade dele. Porém, o seu pensamento reincidiu naquela noite após o baile de finalistas no jardim da Hanne. Porque ficara em pânico quando ele se declarara? Talvez porque ele arruinara a amizade que tinham, ao nutrir sentimentos secretos por ela?

Na época, parecera-lhe uma traição, mas ela já não era uma rapariga de dezoito anos, talvez tivesse chegado a hora de crescer.

— Andreas? — disse, insegura.

Ele estava a dormir profundamente.

*

Na manhã seguinte, acordou com a cabeça na dobra do braço dele. Estavam completamente emaranhados um no outro e ela não se lembrava de como isso acontecera. Os seus longos cabelos estavam presos debaixo do ombro dele e uma das suas coxas por cima da perna dele. Naquele momento entre o sono e a vigília, Nora teve a sensação de serem perfeitos um para o outro. Como se todos os acontecimentos tivessem conduzido àquele momento.

Fora acordada por um zunido insistente e, ensonada, procurou a origem. Era o telemóvel de Andreas, que estava na mesa-de-cabeceira ao lado dele. Lentamente, esticou-se por cima dele, com cuidado para não o perturbar, convicta de que era o despertador e que tinha de o desligar. Contudo,

era uma mensagem de texto. Ela não queria lê-la. Não fez de propósito, mas antes de ter tempo de fechar os olhos e pousar o telefone, as palavras queimaram-na.

Estou com saudades, querido. Bx.

Desceu da cama de dossel, afastando-se de Andreas, dos lençóis brancos. Vestiu o fato-de-banho e foi até ao mar.

Quando já estava a nadar havia vários minutos, avistou-o no molhe. Ele andava à procura dela. Mergulhou e, quando veio à tona, ele tinha desaparecido.

Subitamente, a cabeça dele surgiu junto à dela. Estava ligeiramente ofegante.

— Se isto não é fazer batota, não sei o que seja — disse ele.

Nora perscrutou-lhe o semblante. Talvez não soubesse que tinham dormido abraçados grande parte da noite. Talvez não tivesse visto a mensagem da Menina Perfeita.

— Vamos — disse ele, começando a dar as suas longas e poderosas braçadas.

Ela seguiu-o. Enquanto sulcavam a água, ela foi encontrando aos poucos um ritmo e os pensamentos sobre a noite anterior foram-se esbatendo a cada braçada.

Regressaram à Dolphin Guesthouse em silêncio e tomaram o pequeno-almoço com as cabeças enfiadas em jornais. Nora leu a Secção Dois do *Guardian* com imenso interesse e, de vez em quando, ia olhando furtivamente para Andreas, que estava a comer muesli como se terem dormido na mesma cama fosse completamente normal.

— O meu tio ligou de manhã — disse ele, servindo-lhe café de uma cafeteira que estava em cima da mesa.

— E?

— Com uma ajudazinha do Karl, conseguiu que a equipa forense analisasse mais atentamente as impressões digitais da tua fotografia. Esperam os resultados na próxima semana.

— Excelente — disse ela sem grande entusiasmo, pousando o jornal. Ele já deveria ter visto a mensagem da Menina Perfeita. — Mas eu estou mesmo a precisar de encontrar um café com Internet. O sinal aqui é uma miséria e posso ter de trabalhar um pouco — disse ela.

Ele encolheu os ombros. Nora conhecia-o suficientemente bem para saber que ele estava irritado, mas não queria demonstrá-lo.

Fizeram as malas e desceram as escadas até à recepção, onde Wesley tratou dos trâmites do registo de saída. Com um sorriso malicioso, pensou Nora.

— Desculpe-me do incómodo, Menina Sand. É claro que não cobraremos o quarto. Obrigado pela compreensão — disse educadamente.

Andreas acompanhou-a à aldeia e sentou-se com um expresso e o *Murders of the Century* num café de estilo parisiense, enquanto Nora entrou numa loja de tecto baixo no edifício mais feio da aldeia, um bloco de apartamentos de betão pintado de rosa com um letreiro na montra a anunciar Internet por cinco libras à hora.

Conseguiu apanhar o penúltimo computador. Os outros três já estavam ocupados por um grupo de pré-adolescentes com borbulhas na cara a jogar *Counter-Strike* uns contra os outros. Eram ainda 10 da manhã, mas cada um já tinha à sua frente uma lata de *Coca-Cola*, passando de mão em mão uma embalagem familiar de salgadinhos com sabor a camarão.

Nora calculou que viriam das casas móveis que eram alugadas a famílias todos os Verões. Os

miúdos já estavam aborrecidos de morte no primeiro dia de férias por estarem longe dos seus amigos lá da terra.

Um cartaz por cima do rapazola a mascar pastilha-elástica que recebeu a nota de cinco libras informava que não era permitido comer nem beber, mas a regra não parecia ser escrupulosamente cumprida.

Primeiro, verificou se o mundo continuava inteiro. A BBC confirmou indirectamente isso mesmo, pois a notícia principal dava conta do resultado fatal da compulsão para o uso de drogas e álcool de um famoso comediante e, por muito triste que a notícia fosse, era pouco provável que apelasse para os leitores da *Globalt*.

Só para jogar pelo seguro, consultou outros dois sítios de notícias, mas não tardou a perceber que o período do ano de menor intensidade informativa, conforme a imprensa britânica adequadamente lhe chamava, tinha mesmo chegado. O *The Times* testara a qualidade da água do mar na orla costeira da Grã-Bretanha, o *Daily Mail* estava convencido de ter descoberto novas e vitais provas no caso que descrevia como «o assassínio da Princesa Diana».

Depois de ler mais atentamente, percebeu que se tratava de um *paparazzo* que ainda não fora entrevistado pela imprensa e que só agora dera a cara. Pelo que Nora conseguiu compreender, não tinha rigorosamente nada de novo para acrescentar ao trágico acidente que vitimara a princesa num túnel em Paris. Contudo, não era preciso ser muito inteligente para perceber por que motivo a notícia granjeara a primeira página. Uma fotografia de Diana podia aumentar as vendas até vinte por cento num dia mau, e quem não queria isso no período de menor intensidade informativa?

Nora iniciou sessão na sua conta. Tinha quarenta e três mensagens de correio electrónico novas. Trinta e uma podiam ir direitinho para o lixo, mas depois tinha uma mensagem de Pete.

Onde diabo te meteste, querida? Vou ao Camboja na quinta-feira em trabalho para o The Times. *Jantamos antes disso? Dá uma apitadela. Não consigo ligar para o teu telemóvel*.

Nora escreveu uma rápida resposta:

Combinado. Que tal naquele tailandês na Wardour Street, terça-feira às 20 horas? Que boa notícia, ires ao Camboja. Vais com o Colin ou a Tess?

Quatro mensagens do Lagostim.

As duas primeiras eram mensagens padronizadas enviadas a todos os repórteres:

Não se esqueçam de enviar as despesas tempestivamente. Os ninjas do Excel andam outra vez atrás de mim, exigia um, referindo-se ao eterno sofredor departamento contabilístico da revista.

O terceiro incluía o habitual plano semanal do que faria a primeira página do próximo número da *Globalt*: Inundações na China. Quem é responsável. Isabelle tenta encontrar algumas respostas. Jens foi a Cabul e viu mulheres que trabalham na educação. Adquirimos os direitos de uma notícia a um jornalista independente norueguês que investigou a poluição no Delta do Níger e eu estou a trabalhar numa análise à nova política energética da Rússia e em como afectará o mundo ocidental. Na página central e nas duas páginas seguintes, incluiremos uma excelente reportagem fotográfica sobre um acampamento de ciganos na Roménia, da autoria do nosso fotojornalista residente, Yacub, e depois a tradução de um excelente artigo sobre o Euro do *Frankfurter Allgemeine*.

Como sempre, Nora sentiu uma pequena ferroada de culpa por o seu nome não constar do plano semanal. Tratava-se, porém, de uma ferroada que se habituara a suportar com o passar dos anos.

Havia semanas mais atarefadas do que outras; as coisas eram como eram.

Olá, Nora. Tentei ligar-te algumas vezes, mas não tens rede. Presumo que esteja relacionado com o trabalho. Liga-me quando tiveres alguma coisa. Estou a contar com o artigo para o número da próxima semana ou da seguinte. Caso contrário, liga-me de qualquer maneira, escrevera o Lagostim na última mensagem electrónica.

Nora não respondeu. Tinha algumas coisas para investigar antes de ter a certeza de que realmente tinha um furo jornalístico.

Havia também uma mensagem de Trine, que queria saber da sua «paixão de juventude»; palavras suas. Nora riu consigo mesma, depois escreveu uma breve resposta: *Sem comentários*.

Por fim, havia uma mensagem de uma D. Metcalfe. O nome não era estranho. Verificou novamente o endereço do remetente: *d.metcalfe@crossassociates.com*. Abriu-o.

> Cara Menina Sand:
> Em nome do Sr. Christian Cross, tenho o prazer de a informar de que o seu prezado constituinte, o Sr. William Hickley, aceita recebê-la no Estabelecimento Prisional de Wolf Hall, na primeira quinta-feira do corrente mês, às 14h30. Para facilitar o processo, terá de assinar uma série de documentos, bem como obter uma autorização escrita, que terá de levar à residência actual do Sr. Hickley. Por conseguinte, peço-lhe que contacte os nossos escritórios antes da próxima quinta-feira para tratarmos destes trâmites.
> Atentamente,
>
> Doris Metcalfe
> Secretária de Christian Cross, *Cross Associates*.

Nora nem queria acreditar na sorte. Christian Cross baixara-lhe completamente as expectativas, mas alguma coisa teria convencido William Hickley a encontrar-se com ela. Pensou se ele estaria à espera de receber alguma gratificação. O Lagostim nunca concordaria com isso e Nora também se recusava a entregar dinheiro para um homem falar sobre as mulheres que tinha assassinado.

Apontou o número de Doris Metcalfe num pedaço de papel que tinha na bolsa. De seguida, tentou ligar-lhe, mas como o sinal do telemóvel só tinha uma barra, não conseguiu.

Naquele instante, o ecrã apagou-se. Tinha acabado o tempo. Reuniu as suas coisas e foi ter com Andreas, que estava sossegado a ler debaixo do Sol. Ele levantou os olhos do livro quando ela se pôs à sua frente, tapando-lhe o Sol.

— Café? — perguntou ele educadamente, fitando-a com uma expressão que a fez voltar prontamente à caverna secreta da noite anterior e ao cheiro a palha do corpo dele naquela cama de dossel.

— *Latte*, por favor — disse ela, sentando-se na cadeira diante dele.

Andreas foi buscar o café enquanto ela tentava ligar outra vez a Doris Metcalfe, mas continuava sem rede. Enquanto tomavam o café, ela informou-o da boa-nova. Depois, foram ao *The Oysterman*, onde Elvis estava ocupado a exprimir o seu incondicional amor a Las Vegas.

Estava sentado ao balcão um homem com excesso de peso e de barba arruivada com um copo meio cheio de cerveja de pressão à sua frente. Polly sorriu quando viu Nora e apontou imediatamente para o homem de barba, que envergava uma camisola lilás onde se podia ler «Ollie's Ashram» nas costas.

— Tio Harry. Aqui está ela... a mulher que queria falar consigo.

Assim que ele se virou, Nora reconheceu o homem que lhe vendera a mala.

— Lembro-me de si — disse ele, semicerrando os olhos. — Há duas semanas. Uma velha mala de cabedal com ferragens de metal. Trinta libras.

Nora anuiu.

— Que memória impressionante.

O homem sentado no banco de balcão fez uma ligeira vénia e esticou a mão para um cumprimento formal.

— Harry Smithfield. Ao seu dispor. Olhe, porque é que a menina e o seu namorado não se sentam e bebem uma cerveja comigo? Estou a festejar o fim do meu retiro de ioga anual.

— Não é meu namorado — disse Nora antes que Andreas tivesse tempo de reagir. — Mas terei todo o gosto em lhe pagar uma cerveja.

— Hum — fez o Tio Harry, olhando desconfiado para Andreas.

— É um bom amigo — explicou Nora.

O Tio Harry voltou a sorrir.

— Muito bem, então, são três *Chesils*, Polly. Das grandes, por favor.

Polly serviu as cervejas, distribuindo-as depois pelo balcão, e Nora sorveu um trago simbólico, apesar de achar que era um pouco cedo para beber álcool.

O Tio Harry deu um enorme gole e a espuma cobriu-lhe a barba como uma cortina aloirada.

— Devem estar a questionar porque é que estou a beber cerveja depois do meu retiro de ioga?

Nora abanou a cabeça, mas o Tio Harry já tinha começado a explicação.

— Tudo nesta vida tem que ver com equilíbrio, sabem? *Yin-yang*. Preto e branco. Mole e duro. Doce e amargo. Intoxicação e desintoxicação — explicou, bebendo outro trago de cerveja para explicar o que queria dizer.

— Estou aqui por causa da mala que me vendeu. Lembra-se onde a arranjou?

— Lembro, mas era única, se é isso que pretende. Não há mais.

— Não, não tem importância. É que encontrei lá dentro umas fotografias que, provavelmente, o anterior proprietário quererá reaver. Por acaso, não tem a morada dele, ou tem?

O Tio Harry abanou a cabeça.

— Lamento, mas não. Comprei-a numa venda de rua em Bolton, juntamente com um monte de tralha.

Nora teve tempo para se sentir desapontada, até que Andreas entrou na conversa.

— Lembra-se de quem lha vendeu?

— Claro que sim. Foi o Joe Zarolho.

— E onde acha que poderemos encontrá-lo? — perguntou Andreas, num tom calmo.

— Acho que ele ainda vai à feira semanal em Upper Mullet. Não tem que enganar. Fica mesmo no centro da aldeia, mas acaba daqui a uma hora.

Deixaram Harry com duas cervejas quase intactas à sua guarda e ainda ouviram o aviso de que não era bom começar o dia com tanta pressa.

O microscópico carro verde arrancou imediatamente e o sistema de navegação informou que demorariam catorze minutos a chegar à aldeia vizinha pela estreita e serpenteante estrada costeira. O que o sistema de navegação não teve em consideração foi que toda a gente que morava longe da costa migrava para lá com o calor do Verão, enquanto todos aqueles que moravam junto ao mar fugiam

para o interior para evitar a plebe. E que toda a gente que tinha um tractor achava ser seu dever cívico levá-lo a dar uma volta aos domingos.

Quando finalmente chegaram à venda de rua, o grosso dos compradores tinha ido embora e muitos vendedores estavam a arrumar as coisas. Pelo visto, a venda de bolos da quermesse fora um êxito. Duas senhoras de idade estavam atarefadas a meter o que parecia ser um *Victoria sponge* numa caixa de cartão, enquanto um homem de meia-idade olhava com ar de aprovação.

As bancas contíguas eram especializadas em bonecas de porcelana, que uma pequena senhora curvada estava ocupada a embrulhar delicadamente em lenços de papel róseo.

— Estamos à procura do Joe Zarolho — disse Nora, e a mulher apontou sem dizer palavra para o canto mais afastado da praça, onde um homem estava atarefado a carregar móveis e artigos para o lar numa carrinha laranja de caixa aberta em mau estado.

Escrutinou Andreas com uma única olhadela encarniçada.

— Bófia. — Foi uma afirmação.

Nora interveio antes que as coisas azedassem.

— Estamos aqui por causa de um assunto particular. Nada oficial.

O homem relaxou um pouco, mas continuou a trabalhar.

— Harry Smithfield — começou Nora.

— Sim, que é que tem?

— Vendeu-lhe alguma mercadoria há cerca de um mês.

— E?

— Incluindo uma mala?

— Talvez sim, talvez não — disse o homem com uma voz solene, e virou-lhes as costas para meter uma caixa na zona de carga da carrinha.

— Onde arranjou a mala?

— Não me lembro.

A resposta foi demasiado rápida para parecer convincente. Andreas revirou os olhos.

— Olhe, não nos interessa onde normalmente arranja a mercadoria. Para dizer a verdade, nem sequer somos britânicos. Só estamos interessados naquela mala particularmente. Por favor, diga-nos onde a arranjou.

O homem encolheu os ombros e olhou fixamente para Nora, até ter a certeza de que ela tinha toda a sua atenção.

— Que ganho com isso?

Nora pegou num açucareiro de vidro facetado incrivelmente feio. Uma etiqueta escrita à mão indicava que Joe Zarolho estava convencido de que um turista ingénuo pagaria sete libras pelo tesouro.

Nora sentiu-lhe o peso.

— Que me diz a uma nota de dez?

Joe percebeu a deixa.

— Receio que não possa fazer por menos de trinta. Há gerações que está na família.

Combinaram ficar pelos vinte e, quando o dinheiro trocou de mãos, Joe embrulhou o açucareiro numa velha cópia do *Daily Telegraph* e inclinou-se para Nora. O seu hálito tresandava a tabaco

mofado.

— Há um lar em Farthington. Feio como o Diabo, um enorme caixote nos arredores da aldeia. Passo por lá todas as semanas e inspecciono-lhe o contentor do lixo. Os velhotes pensam sempre que poderão levar mais do que realmente podem quando se mudam para lá. Os quartos são pequenos e os funcionários impiedosos. Demasiados objectos acumulam pó, pelo que se certificam de que arranjam espaço. O contentor fica nas traseiras do edifício, no parque de estacionamento. Foi lá que encontrei a mala e mais outras coisas. Como esta bela gravura — disse ele, apontando para um quadro que retratava uma agoirenta floresta negra numa paisagem invernal com um Sol baixo.

Andreas estava inequivocamente mal-humorado quando voltaram para o carro.

— Diz-me que não acabei de te ver a dar dinheiro a um criminoso trivial em troca de informação?

— Claro que não. Estava apenas a comprar-te um presente — disse ela, passando-lhe o açucareiro para as mãos.

Depois, sentou-se ao volante e rodou a chave antes de ele ter tempo para retorquir. Entrou, ligeiramente desconcertado, com o açucareiro nas mãos.

— Aonde é que vamos?

— Ao lar.

15

Farthington ficava mais para o interior. O lar localizava-se mesmo na zona limítrofe da aldeia, e nem sequer o letreiro de ferro fundido, com letras escritas à mão enlaçadas com rosas, que indicava que aquela era a Cedar Residence conseguia animar a sombria arquitectura que servia para relembrar que toda a gente pode envelhecer e ficar frágil, e acabar num lar em que os únicos cuidados que recebem são os cuidados pelos quais pagam.

O parque de estacionamento estava quase cheio quando Nora lá entrou. Domingo era o dia com maior afluência de visitas.

— Qual é o teu plano, agora? — quis saber Andreas.

Nora pensou.

— Dizem que a honestidade é a melhor política, mas isso não é necessariamente verdade quando lidamos com administrativos britânicos com a mania de que são importantes.

Apeou-se do carro e alisou as roupas.

— Aposto que foi a mãe do William Hickley que veio aqui parar. Afinal de contas, ele está detido, e não consigo imaginar de que outro sítio a mala possa ter vindo.

Andreas bateu a porta do carro com força.

— Então agora fazemos uma visita à Dona Hickley, é isso que estás a dizer?

— Sim. Adivinhaste à primeira. Parabéns! O prémio é um açucareiro antigo.

*

A primeira coisa que sentiram foi o cheiro a velhice, igual nos lares de todo o mundo. Mesmo depois da proibição de fumar, o edifício ainda fedia a charutos, móveis bolorentos e urina antiga escondidos por um muito ténue odor a detergente. Da sala de visitas, conseguiam ouvir o tilintar de chávenas e, na sala da televisão um pouco mais adiante, ouvia-se nas alturas a compilação semanal do *EastEnders* na BBC.

Tinham dado apenas três passos no interior, quando uma mulher de óculos com armação de aço,

cabelo curto e pintado e um uniforme lilás os interpelou.

— Desculpem. A hora das visitas está quase a acabar. Acabamos às 16h30. Faltam apenas quinze minutos. Quase não vale a pena incomodar alguém por tão pouco tempo — afirmou.

— Mas é que viemos de muito longe — tentou Nora.

— Sim, é bem possível, mas não há necessidade de alvoroçar um idoso tão perto da hora de ir para a cama. Isso pode influenciar negativamente os efeitos da medicação — insistiu.

— Tenho a certeza de que a Tia Vanessa sobrevive. Ela só nos tem a nós.

— Tia Vanessa? — disse a mulher, levantando uma sobrancelha. — Qual é o apelido da Tia Vanessa?

— Hickley — respondeu Andreas.

A mulher esboçou um sorriso triunfante.

— Deve haver um equívoco. Não há nenhuma Vanessa Hickley na Cedar Residence. Talvez não sejais assim tão chegados à vossa «tia» como quereis fazer crer.

— Não compreendo — disse Nora. — Poderá estar registada com outro nome?

O desdém estampado no semblante da mulher era evidente.

— Acha mesmo que eu posso ou estaria disposta a confiar-lhe informações confidenciais sobre os nossos residentes? Os senhores dizem que a sua tia Vanessa Hickley vive aqui. Nós não temos cá ninguém com esse nome. Restam-lhes duas alternativas: vão imediatamente embora ou esperam que eu chame a polícia e os exponha como os larápios que são.

Vinte segundos depois, estavam de volta ao carro no parque de estacionamento.

— Correu bem — disse Andreas laconicamente.

*

Fizeram a viagem de regresso a Londres quase em absoluto silêncio. Andreas dormitou no banco de trás, enquanto o pensamento de Nora vagueava entre o trânsito e a Jazz FM. Apetecia-lhe acordá-lo e exigir-lhe que lhe explicasse como tinham acabado abraçados na noite anterior. Porém, de algum modo, não conseguia enfrentar a resposta dele. Ou o que se seguiria.

Começava a escurecer no interior do carro quando entraram na M25 e acabaram numa longa fila de outros londrinos que regressavam à capital numa noite de domingo.

No rádio ouvia-se *I love you, Porgy* e, sem que Nora desse conta, a sua voz juntou-se à de Billie Holiday enquanto cantava sobre as agruras do amor.

Ensonado, Andreas sentou-se no banco de trás e afagou-lhe delicadamente a maçã do rosto.

— Olá — disse, baixinho.

— Andreas. Por favor, pára com isso — começou, virando-se para ele.

Todos os ulteriores pensamentos foram interrompidos por uma estridente buzina. O condutor da viatura que seguia atrás deles pensou que ela estava a desviar-se demasiado para a faixa de rodagem em que seguia. Nora corrigiu a trajectória e fez sinal a indicar que iria virar na próxima saída, que tinha um letreiro de uma bomba de gasolina e do McDonald's. Estava exaurida de tanto pensar e de conduzir, por não ter almoçado e por estar com Andreas sem *estar com* Andreas.

— Paro com o quê? — perguntou ele depois de atestarem o depósito e estarem sentados com os

seus hambúrgueres à sombra do Ronald McDonald e dos seus discípulos da auto-estrada.

— Esquece.

— Não esqueço. Que ias dizer?

— Só que estou cansada. Conduzes tu o resto do caminho? Por favor? — mentiu.

— Está bem — concordou Andreas. — Farei o meu melhor, mas aviso já que não gosto nada de conduzir em contramão.

Regressados ao carro, Andreas regulou o banco do condutor. Nora sentou-se na penumbra, olhando alternadamente para o exterior e para o reflexo dele sob o brilho do painel de instrumentos.

Mantiveram-se em silêncio até devolver o carro e se despedir à porta da empresa de aluguer de automóveis.

— Até breve — foi tudo o que ela disse antes de fazer sinal para chamar um táxi. Sentia-se fatigada até à alma.

Quando olhou pela janela do táxi, ele ainda estava onde ela o deixara. Quando a divisou, levantou a mão num breve aceno e depois rodopiou sobre os calcanhares.

Nora tirou o *iPhone* do bolso. Tinha vinte e oito chamadas não atendidas e treze mensagens na caixa de correio. Duas eram de Pete. Três eram de alguém ofegante ou com problemas pulmonares que não tivera coragem para deixar mensagem. Duas eram telefonemas de trabalho do Lagostim e uma da mãe a dizer que tinha regressado de Florença.

As restantes eram de Jeff Spencer da Polícia Metropolitana. Na quinta mensagem, disse qual era o seu número de telemóvel.

Nora consultou o relógio. Eram 22h35. As probabilidades de ele atender o telefone eram praticamente nulas, mas tinha-lhe pedido que ligasse assim que recebesse a mensagem.

A chamada foi atendida antes de o primeiro toque acabar.

— Fala o Spencer.

Tinha uma voz gutural e sinistra. Nora calculou que deveria ter uma excelente voz para barítono. Apresentou-se.

— Menina Sand. Que prazer ter notícias suas. Passei grande parte do fim-de-semana a tentar contactá-la — disse ele, deixando transparecer alguma reprimenda.

— Estava sem rede — balbuciou Nora.

— Pode vir à Scotland Yard amanhã de manhã às 9 horas? — perguntou, sem rodeios.

— Qual o assunto?

Spencer hesitou e Nora conseguiu ouvir várias vozes em segundo plano.

— Estou numa festa. Contudo, até aposto que sabe do que se trata, se eu lhe disser que analisei com muito interesse uma mala que a menina entregou.

— Está bem. Estarei lá amanhã de manhã.

— Óptimo. Peça na recepção para falar comigo. Adeus — disse e desligou.

Nora ficou algum tempo com o telemóvel na mão antes de o meter na bolsa e voltar a olhar pela janela do táxi. Não se via uma única estrela no céu.

16

O despertador tocou um microssegundo antes de o Lagostim ligar para o telemóvel dela e, em polvorosa para desactivar os toques, deixou cair o telemóvel ao chão.

— Que estás a fazer, mulher? — exigiu saber quando ela finalmente o apanhou do chão.

— Nada. Pequenos problemas técnicos — redarguiu, libertando-se a custo do edredão.

— Não me digas. Adiante, que tens para mim nesta semana?

Nora pô-lo ao corrente dos becos sem saída do fim-de-semana e de como estava a caminho da Unidade de Perfis da Scotland Yard. — Além disso — acrescentou num tom triunfante —, fui autorizada a visitar Bill Hix na quinta-feira.

— Uau — disse o Lagostim, num tom de voz que soava a impressionado. — Como foi que conseguiste?

— Hum. Para dizer a verdade, não sei — admitiu.

— Mas isso de nada me serve para esta semana. Que tens para mim neste momento?

Nora coçou a nuca.

— Chefe. Acontece que estou ocupada com…

— Que me dizes das Ilhas Malvinas? Há muito tempo que não ouvimos nada sobre elas, não é? O *New York Times* publicou uma peça interessante no suplemento de fim-de-semana.

— Isso não pode esperar? Tenho de sair para a Scotland Yard dentro de meia hora.

O Lagostim resmungou, relutante.

— Está bem, liga-me de tarde. Quero saber que rumo o artigo está a levar.

— Sim, sim — prometeu Nora. Desligou e enfiou-se no chuveiro.

O conjunto saia-casaco veio novamente à luz do dia, e ela ainda teve tempo para ir buscar um café ao Starbucks do costume antes de se sentar no último lugar livre no metro com a colheita de dois dias da caixa de correio debaixo do braço.

Quando a composição começou a andar rumo ao centro da cidade, Nora coligiu rapidamente a correspondência.

Convites para a inauguração de uma galeria e uma recepção na Embaixada da Irlanda. Meteu-os no bolso da frente da bolsa, sabendo muito bem que o mais certo era esquecer-se deles.

Certa vez, quando Nora fora convocada para a sua primeira conferência de imprensa na Scotland Yard, imaginara românticas histórias de detectives sobre inspectores que fumavam cachimbo com enormes bigodes e que resolviam crimes enigmáticos por pura dedução, enquanto ficavam sentados por trás de escrivaninhas enceradas em edifícios fascinantes.

A realidade era que a Scotland Yard havia muito deixara as instalações originais perto de Whitehall e Trafalgar Square, tendo-se mudado para um edifício bastante incógnito do pós-guerra na Broadway. A fachada do edifício poderia muito bem ser a de um banco de investimento holandês, não fora pelos blocos de betão cuja finalidade era deter carros armadilhados, e o letreiro triangular giratório com os dizeres New Scotland Yard, que é o pano de fundo predilecto de qualquer jornalista da BBC enquanto dá conta, ofegante, de que não existem desenvolvimentos num ou noutro caso de crime.

A única semelhança com os inúmeros romances criminais britânicos era o edifício albergar a base pioneira de dados criminal britânica, que algum iluminado baptizara de *Home Office Large Major Enquiry System*, comummente designado HOLMES. Chegara aos ouvidos de Nora que o curso de formação de técnicos especializados na investigação de informação fora apelidado de *Elementary*.

Chegou à recepção às 9h05. Chegara lá a horas, só que demorara mais tempo do que o previsto a passar pelas revistas de segurança, porque um homem que ela presumira ser um inspector polaco num intercâmbio se esquecera de esvaziar os bolsos das calças. Primeiro, as chaves. Depois, os trocos. Depois, um canivete de bolso, que entregou pesarosamente aos agentes.

Um aviso junto ao detector de metais, semelhante aos dos aeroportos, informava que o nível de alerta actual era elevado.

— Qual o significado de elevado? — perguntou à agente que a revistou.

— Não podemos revelar. Prejudicaria o sistema — retorquiu a agente.

— Mas então para quê pôr um aviso, se é segredo?

A agente encolheu os ombros e indicou-lhe a recepção, onde uma jovem estava a falar ao telefone por trás de um vidro à prova de bala. Quando divisou Nora, apontou para um livro que estava aberto em cima do balcão com uma esferográfica presa por uma pequena corrente a um disco de metal.

Nora escreveu o seu nome. No campo destinado à empresa, escreveu *Globalt*, e depois a data e a hora. A mulher fez sinal para Nora lhe passar o livro e introduziu o nome dela no computador, agora com o telefone preso entre o queixo e o ombro. De seguida, apontou para uma câmara instalada na parede.

— Sorria. — Formou a palavra com os lábios sem produzir nenhum som.

Nora olhou directamente para a câmara. Pouco depois, uma impressora emitiu um aviso sonoro nas costas da recepcionista e Nora deu por si a segurar um crachá plastificado novo em folha.

Por fim, a recepcionista desistiu de tentar contactar quem quer que procurava, desligou com um suspiro e falou com Nora.

— Tem de manter o crachá sempre à vista e só tem validade hoje. O crachá pertence à Polícia Metropolitana e tem de o devolver antes de abandonar o edifício — desbobinou.

Nora concordou com a cabeça.

— Quem vai visitar? — concluiu a recepcionista.

— Spencer. Sr. Jeff Spencer.

— Está bem. Spencer? *O* Jeff Spencer? — indagou. Pareceu impressionada e, acto contínuo, ligou-lhe.

Nora escutou vários «sim, senhor, sim, senhor» disparados em rápida sucessão. Dois minutos mais tarde, um jovem de uniforme e cabelo ruivo veio ao encontro dela.

Apresentou-se, acompanhou-a ao elevador e carregou no botão para o quinto andar. Seguiram ao longo de um comprido corredor ladeado de portas idênticas. Ao passar, Nora tentou ler os nomes, porém as inscrições apenas continham combinações de números e letras, tais como Q45 e VA5.

O agente trazia ao pescoço, preso por um fio amarelo, um cartão de identificação, que levantou para passar pelo dispositivo de abertura de uma porta ao fundo do corredor. Finalmente, chegaram a uma desorganizada antecâmara onde Nora pensou sentir o cheiro de café acabado de fazer. Em cima da secretária, estava uma caixa entreaberta de *Dunkin' Donuts* e Nora conseguiu contar três dónutes, que a deixaram com água na boca com o seu açúcar pegajoso e a sua compota vermelha.

A porta abriu-se e foram recebidos por uma mulher roliça de cabelo grisalho com uma vestimenta semelhante a uma túnica.

— Ah, óptimo, foste buscar a Menina Sand. Excelente. O Jeff está na sala de reuniões com os outros.

Depois, dirigiu-se a Nora.

— Quer um dónute?

— Não, obrigada. Estou a ver se deixo.

Entraram na sala de reuniões e, assim que viu Nora na soleira da porta, Jeff Spencer levantou-se em toda a sua imponência de quase dois metros. Ela percebeu logo que o assunto era sério.

Contudo, não conseguiu evitar um sorriso ao lembrar-se de Polly do *The Oysterman* a perguntar ao Sr. Spencer se ele seria familiar da Princesa Diana. A sua tez era da cor do café com leite e o seu cabelo ostentava um estilo africano raramente visto na aristocracia britânica. Estava em mangas de camisa, mas tinha o casaco do fato dependurado nas costas de uma cadeira e, na parede detrás dele, estavam as fotografias das doze raparigas encontradas na mala.

Tinham juntado duas mesas, formando um L, e Spencer estava acompanhado de uma mulher loira na casa dos vinte, que se apresentou como Irene, e um homem chamado Stuart Millhouse, que parecia ter trinta e poucos. Spencer fez sinal para Nora se sentar e serviu-lhe café de uma cafeteira.

— Nós aqui somos pouco convencionais — desculpou-se. — Não bebemos tanto chá como a maioria dos outros britânicos — explicou, enquanto o sorriso de Millhouse deixava adivinhar que havia muitos outros motivos para o resto da Scotland Yard achar que os ocupantes do quinto piso eram excêntricos.

Nora concentrou-se nas fotografias na parede detrás dele. Tratava-se de cópias, ampliadas três vezes. Isso por si só não era assustador. O que fez que os pêlos dos braços de Nora se eriçassem foi que debaixo de cada fotografia havia um nome. E debaixo do nome, a lacónica mensagem: «Desaparecida.»

Uma rapariga loira de cabelo liso que lhe dava pelos ombros e covinhas na cara fora identificada como Inge Husted, de Stavanger, Noruega. Uma linda rapariga de cabelos escuros encaracolados fora identificada como Louise Laan, de Roterdão, Países Baixos. Gertrud Neuberg, de Munique, Alemanha, figurava entre duas raparigas de Bruges, Bélgica e Halmstad, Suécia.

Nora engoliu em seco.

— São vítimas do Bill Hix? Vítimas que não foram identificadas naquele tempo? São as raparigas cujas línguas foram encontradas no armário dos horrores? — As perguntas jorraram-lhe da boca e estava já a tirar o bloco de notas e a lapiseira da bolsa.

— Menina Sand — disse Spencer com modos refinados e um sotaque que ela presumiu ser originário de Eton, posteriormente aperfeiçoado em Cambridge ou Oxford. — Devo relembrá-la de que se encontra numa esquadra da polícia e salientar-lhe educadamente que as coisas por aqui funcionam de maneira diferente das do seu mundo. Aqui, nós é que fazemos as perguntas — disse ele.

Irene começou a rir, mas não tardou a controlar-se.

— A mala. Fale-me sobre a mala — disse Spencer, levantando as mãos. — Quero saber tudo.

Não estava para brincadeiras.

Nora contou-lhes como ela e Pete tinham passado por Brine após uma entrevista. Spencer questionou-a sobre a entrevista. Quando tinham deixado o Sr. Benn? Quando tinham chegado a Brine? Se tinham parado pelo caminho por algum motivo? Qual era a matrícula do carro de Pete? Nora não sabia, e mesmo antes de chegar à parte da loja de bugigangas, já estava exausta de tantas perguntas.

Falou-lhes sobre Brine, sobre a colecção de malas que tinha em casa, de como a mala castanha na montra lhe chamara a atenção e como a comprara ao Sr. Smithfield. Spencer perguntou-lhe se ela tinha um recibo.

Nora abanou a cabeça. Mas nesse caso, como poderiam ter a certeza de que a mala viera da loja do Sr. Smithfield? Ela poderia tê-la encontrado em qualquer sítio; até poderia ser dela.

— Bem, acho que vão ter de perguntar ao Sr. Smithfield — refilou, agastada.

— Gostaríamos de o fazer — disse Spencer. — Mas parece que o homem foi a um *ashram* de ioga que não autoriza telemóveis nem contacto algum com o mundo exterior que não inclua o uso de chacras.

Nora tomou nota mentalmente dessa informação. Portanto, havia uma coisa que o Sr. Spencer não sabia. Ele começava a enervá-la e, por puro ressentimento, decidiu que, se ele não a deixasse contar a sua história tranquilamente, não lhe facultaria informação alguma. É claro que se ele lhe perguntasse directamente se ela bebera uma cerveja com o Tio Harry, ela lho confirmaria. E estaria até disposta a divulgar que seguira o rasto da mala até um lar de terceira idade em Farthington. Porém, se ele continuasse assim, as probabilidades de lhe revelar os resultados da sua investigação eram extremamente diminutas.

Spencer tirou minuciosos apontamentos num bloco de notas encadernado com tecido. Tinham chegado à parte em que Nora encontrara as fotografias quando já estava no seu apartamento.

— E que fez quando encontrou fotografias de jovens que, muito provavelmente, haviam sido vítimas de crimes violentos? — perguntou Spencer, de sobrancelhas levantadas.

— Não tinha nenhum motivo para suspeitar de que fora cometido algum crime. Eram apenas fotografias de que alguém se esquecera. Por isso, fiz uma chávena de café.

— Ah. Fez uma chávena de café?

Nora tinha consciência de que a irritação estava a afectá-la.

— Olhe, e se voltássemos um pouco atrás? Eu não fazia rigorosamente nenhuma ideia de que tivesse acontecido alguma coisa de mal. Basta olhar para as fotografias — disse ela, apontando para

a parede. — Alguma dessas fotografias faz levar a crer que foi cometido algum crime?

Stuart Millhouse abriu a boca pela primeira vez.

— Talvez o facto de as raparigas estarem desaparecidas e serem procuradas pelas famílias há anos — salientou.

— Mas eu não podia saber disso!

— Pois não, Menina Sand, não podia saber disso — disse Spencer, pondo água na fervura.

— Nesse caso, talvez a Menina Sand queira partilhar connosco o que foi que lhe levantou suspeitas primeiramente?

Nora falou-lhes da fotografia que parecia ter sido tirada a bordo do *ferry* para Inglaterra e de como descobrira o documentário televisivo dinamarquês com a entrevista a Karl Stark, pondo-os também ao corrente do seu amigo Andreas, que era um polícia dinamarquês.

Spencer tomou nota dos nomes e pediu a Nora que os soletrasse por duas vezes, para ter a certeza absoluta.

— E onde está essa fotografia?

Nora explicou que estava actualmente a ser investigada na Dinamarca.

— Quer isso dizer que nos falta uma fotografia? — perguntou Spencer, evidentemente irritado.

Nora mostrou-lhe a sua cópia e disseram-lhe que a enviasse para o endereço electrónico deles. Millhouse desapareceu e regressou dois minutos depois com uma impressão, que colocou junto das outras fotografias.

— Se me permite a pergunta, qual é a sua relação com Andreas Jansson?

— Somos amigos — sibilou Nora.

— Onde posso encontrar o Sr. Jansson?

— Experimente no segundo andar.

— Está a brincar comigo?

— Não, a sério. Ele está a participar numa espécie de curso de antiterrorismo em nome da polícia dinamarquesa.

— Muito bem. Então, diga-me como foi que acabou por ir visitar o meu velho amigo James McCormey?

Nora falou-lhes sobre o livro que comprara no aeroporto, sobre a semelhança entre as poses das fotografias e a acusação contra William Hickley, também conhecido por Bill Hix. Explicou-lhes como encontrara o nome dele na mala.

— E nem mesmo aí lhe passou pela cabeça contactar directamente a polícia e entregar estas importantíssimas provas a um perito?

Nora abanou a cabeça.

— Sr. Spencer — disse, esgotada. — Sei que trabalha para o Governo, mas alguma vez esteve numa situação em que teve de contactar a polícia através dos canais oficiais? Por exemplo, se lhe roubaram a bicicleta ou a carteira?

Spencer anuiu, ponderadamente.

— Uma vez.

— Certo. Então, talvez possa dizer-me o que acha que teria acontecido se eu tivesse telefonado para a polícia a dizer que tinha uma mala cheia de fotografias sem fazer absolutamente nenhuma ideia

de que fora cometido um crime? Se é que conseguiria falar com uma pessoa verdadeira e não simplesmente ser atendida por um sistema telefónico que acabaria por sugerir que apresentasse a minha queixa em linha?

— *Touché* — disse Millhouse, que parecia encarar-se como um comentador da conversa, como se fosse uma meia-final em Wimbledon.

Aquela observação pareceu fazer que Jeff Spencer percebesse — finalmente, na opinião de Nora — que, afinal de contas, talvez estivessem do mesmo lado.

— Está bem. Aceito a sua versão de como encontrou a mala. Por algum motivo, o James confia em si. E eu confio no James.

Spencer recostou-se na cadeira com os braços cruzados sobre o peito e algo que se assemelhava a um sorriso nos lábios.

— Encontrou a mala e encontrou as fotografias. E, vá-se lá saber como, teve a presença de espírito para contactar a polícia. Além disso, também conseguiu contactar a única pessoa da polícia que lhe daria ouvidos ao ouvir o nome Bill Hix — disse Spencer, fazendo uma pausa de retórica.

— Então, a minha pergunta é: qual a sua teoria sobre o que aconteceu às raparigas? Quem são elas e que lhes aconteceu?

Nora olhou para a parede com as fotografias e todos aqueles nomes, e depois novamente para Spencer.

— Isso é evidente, não? As fotografias foram encontradas na mala que pertenceu ao Bill Hix. Qualquer pessoa que tivesse o mais ínfimo conhecimento do armário dos horrores e daquele homem malvado chegaria imediatamente à conclusão de que deveriam ser as raparigas que nunca foram identificadas ou encontradas. Quiçá algumas daquelas raparigas cujas línguas continuam conservadas num frasco no Instituto de Medicina Legal? Não é uma questão de simplesmente realizar alguns testes de ADN?

Spencer contemplou-a solenemente.

— Sim, seria de pensar isso, não é?

Nora esperou que ele continuasse.

Spencer apontou para uma das fotografias na parede nas suas costas. Mostrava uma rapariga por volta dos dezassete anos a usar jóias baratas e mais maquilhagem e batom do que o seu jovem rosto conseguia suportar. Estava de pé, encostada à obrigatória parede branca, sorrindo nervosamente para o fotógrafo, com os braços cruzados debaixo dos seios para dar a entender que eram maiores. Não havia que enganar quanto à imagem da *T-shirt*. As icónicas feições de Madonna anunciavam a *The Girlie Show Tour* da cantora. Por baixo, um nome: Zoë Bellman, Manchester. Não parecia mais feliz ou triste do que nenhuma das outras raparigas.

Nora levantou-se e analisou atentamente a fotografia.

Após uns instantes de silêncio, Spencer pareceu adoptar uma abordagem mais amigável e disse:

— Consegue perceber o que há de errado?

Ela estava na iminência de perceber. Estava na ponta da língua, prestes a ser verbalizado. Havia alguma coisa em relação a…

— Para falar verdade, foi a Irene quem percebeu. Cá entre nós, ela é uma fã incondicional da Madonna. O nosso problema é o seguinte: a *Girlie Show Tour* da Madonna decorreu em 1993 e o

William Hickley foi detido em 1992.

Nora permaneceu imóvel enquanto assimilava a informação.

— Deixe ver se entendi bem. Quer dizer que não pode ter sido o Hix a tirar as fotografias?

Spencer abanou a cabeça.

— Não, não pode. Nós identificámos a maioria das raparigas. Sabemos que estão desaparecidas e que desapareceram depois de o Bill Hix ter sido detido. Mas a coisa fica ainda mais estranha, porque encontrámos na sua mala uma minúscula e quase imperceptível impressão digital que pertence indubitavelmente ao William Hickley. Está a perceber o problema?

Spencer fez sinal a Millhouse, indicando que este podia assumir as rédeas da conversa.

— O Bill Hix sabe alguma coisa. Deve saber quem foi o autor das fotografias — asseverou Millhouse. — Só que o Hix é um homem que vive para mentir, enganar e induzir em erro. Todas as tentativas — e deixe-me acrescentar que foram muitas — para o fazer revelar alguma coisa que pudesse ajudar na investigação foram goradas. Terapeutas, psicólogos, psiquiatras —, ele brinca com eles. E quando se farta, esmaga-os, e a todas as suas esperanças. Estamos num beco sem saída.

Nora começou a ficar com uma sensação desagradável em relação ao rumo dos acontecimentos.

— Na semana passada, contactou o Christian Cross para obter autorização para visitar Bill Hix na prisão.

Não foi uma pergunta. Millhouse informou Nora de que sabiam perfeitamente o que fora dito durante a reunião.

— Falámos com o Christian Cross e, pelo que conseguimos apurar, pela primeira vez em anos, o Hix demonstrou interesse em receber outra pessoa além da família — disse Millhouse, aclarando a garganta.

— Geralmente, o Hix recusa-se a falar com desconhecidos. Contudo, acontece que o Christian Cross deve um favor ao nosso serviço, pelo que teve a amabilidade de incentivar o seu constituinte a recebê-la, e o Sr. Hickley deu ouvidos ao seu prezado advogado de defesa. Até aqui, tudo bem.

Nora viu mentalmente imagens da cena do filme em que Clarice Starling tem de percorrer um longo corredor numas catacumbas com criminosos perigosos em celas de ambos os lados até chegar a uma cadeira diante de Hannibal Lecter, que mantém com ela uma educada conversa por trás de vidro à prova de bala enquanto relembra velhas histórias sobre como comeu o fígado de um recenseador com um bom *Chianti* e favas.

— Desculpe-me, mas acabei de entrar para a quarta parte da saga d'*O Silêncio dos Inocentes*?

Olhou com ar suplicante para Spencer, que não conseguiu esconder um sorriso, embora tenha tentado.

— Deixe-o acabar — tranquilizou-a.

Nora cruzou os braços à frente do peito e fitou Millhouse com ar austero.

— O encontro realizar-se-á numa sala sob vigilância. Ele estará acorrentado. Terá uma oportunidade única de o entrevistar. Só lhe pedimos que encaixe de permeio algumas perguntas às quais gostaríamos de obter resposta.

— Não posso simplesmente partilhar a minha investigação com a polícia. Isso vai contra todos os princípios da liberdade de imprensa.

— Pois não, e nós compreendemos isso perfeitamente — interveio Spencer. — Mas pode encarar a

coisa como uma forma de colaboração. Uma troca. Nós dispomos de informações que podem ser úteis para o seu artigo. A menina poderá conseguir obter informações que podem ajudar a nossa investigação. Pense nisso.

Por um microssegundo, Nora desejou ser ainda fumadora. Do que precisava agora era de ter um cigarro na mão, enquanto ponderava nos prós e nos contras, fitando a linha do horizonte londrino.

Spencer instigou-a.

— Olhe, nós já partilhámos informações consigo ao deixá-la entrar nesta sala e revelar-lhe isto sobre as raparigas e os seus nomes. Antes de entrar aqui, nem sequer sabia se havia material para um artigo. Não sabia se as raparigas estavam vivas ou mortas…

— É verdade, mas vocês também não teriam obtido uma nova pista se não fosse a minha mala — repostou Nora.

— Agora, são provas, e graças a isso fizemos progressos.

— Mas se não foi o Hix, quem diabos é que foi? — perguntou Nora, franzindo o cenho.

Spencer respirou fundo.

— É isso que esperamos que Hix saiba.

Nora abanou a cabeça.

— Porquê agora? Simplesmente, não compreendo. Quero dizer, como é possível desaparecerem tantas jovens sem ninguém dar conta, sem ninguém conseguir unir os pontos? Parece impossível.

— Se pensar bem, não parece — retorquiu Millhouse. — Estamos a falar de doze raparigas, mais as duas do *ferry*, mas pondo de lado a fotografia da Dinamarca, digamos doze. São oriundas do Reino Unido, mas também da Alemanha, Noruega, Suécia, dos Países Baixos, da Bélgica e Itália. As que conseguimos identificar desapareceram ao longo de vários anos, esporadicamente. Está constantemente a acontecer raparigas viajarem para o estrangeiro sem deixar rasto. Conhecem homens, apaixonam-se e vão viver com eles, e talvez se esqueçam de telefonar para casa. Talvez caiam nas teias do sistema; são despedidas do trabalho de *au pair* por se recusarem a ter relações com o «papá». Tudo pode acontecer a raparigas nessas circunstâncias. Algumas experimentam drogas e acabam em King's Cross com as outras prostitutas toxicodependentes. Em qualquer dos casos, é pouco provável que telefonem para casa para dar conta do seu trajecto na capital. Os seus rostos são como flocos de neve numa nevasca — disse Millhouse com uma inesperada veia poética.

— Sim, mas de certeza que as famílias continuam à procura delas.

— Estamos a lidar com sete ou oito embaixadas diferentes. Talvez algumas tenham contactado educadamente a polícia do Reino Unido pedindo que se mantenha atenta ao caso de uma Malin Bergqvist desaparecida, que veio em busca da sorte no West End, ser encontrada num hospital, ou para procurar sinais de vida de uma Gertrud Neuberg que nunca regressou a casa depois de um curso intensivo de Inglês em Hampstead. Talvez a polícia britânica até se tenha dado ao trabalho de consultar os relatórios, feito alguns interrogatórios aqui e ali. Todavia, as probabilidades de alguém unir os pontos são ínfimas. Nenhuma das raparigas foi encontrada. Não há muito a que nos agarrarmos e, até ter encontrado a mala, não existia motivo para pensar sequer que havia um caso.

— Mas de certeza que as raparigas têm algo comum, além do que referiu? — insistiu Nora.

— Sim. Bill Hix. É o que têm comum — disse Spencer.

Nora estremeceu.

— Está a dizer-me que anda um imitador à solta? Alguém que roubou a mala do Bill Hix?

Spencer disse que sim com a cabeça.

— Um imitador ou um cúmplice. Não sabemos ao certo. Mas estamos convencidos de que o William Hickley sabe. E a menina pode ser a nossa melhor hipótese de o fazer falar sobre isso. Sabemos que é um tiro no escuro, mas temos de tentar. Quando mais não seja, pelas raparigas e pelas suas famílias. Ainda há pais à procura das filhas e de uma explicação para o que lhes aconteceu — disse ele.

Millhouse abriu o processo e tirou de lá uma fotografia de um casal de idosos com as suas malas de viagem diante do que parecia ser o terminal de partidas do Aeroporto de Heathrow. Tinham um sofrimento profundo estampado nos semblantes.

— Estes são a Hannelore e o Helmuth Neuberg de Munique. Todos os anos, aproveitam as férias de Verão para vir a Londres à procura da filha. Fazem-no desde que ela desapareceu faz dezassete anos. Continuam a acreditar que a sua querida Gertrud está viva, mas de algum modo impedidos de comunicar com ela. Ou seja, começo a pensar que o Helmuth pode ter chegado ao ponto em que sabe que o máximo que pode esperar é um dia levar os restos mortais da Gertrud para a sua terra e enterrá-los no jazigo de família. Não é uma coisa que tenha dito em voz alta, mas é a impressão com que fico quando me encontro com eles todos os anos e os informo de que, infelizmente, não conseguimos encontrar a Gertrud desde a última vez. Nem sequer conseguimos dar-lhes uma explicação sobre o que lhe aconteceu, quanto mais um corpo.

Millhouse extraiu outra fotografia do processo.

— Esta é a Siri Galtung. Passou quinze anos à procura da Inge. Quer que continue?

Nora abanou a cabeça.

— Mas como lidar com ele? Não tenho experiência em falar com assassinos, e se inúmeros psicólogos já tentaram, não compreendo o que poderia fazer que eles não tenham já tentado.

Irene pigarreou e interveio.

— Já falámos sobre isso. Bastante. Se deveria representar o papel da sua mãe autoritária e tentar que ele se rendesse a si e confessasse. Se deveríamos mudar-lhe a medicação antes do encontro. Ou se deve representar o papel da fã obsessiva de um assassino em série. Mas a verdade é que ele perceberia a marosca três segundos antes de a menina sentar o traseiro na cadeira em frente dele. A nossa melhor aposta é que seja você mesma. Tão simples quanto isso. Ele revelou interesse em encontrar-se com uma jornalista dinamarquesa e concordou com uma entrevista. Portanto, é isso que vai acontecer. Se queremos que consiga obter alguma informação, terá de ser genuína. Caso contrário… Bem, pelo menos tentou.

— Por outras palavras — explicou Spencer —, não se comporte de maneira muito diferente da que se comportaria. A única diferença é que agora sabe algo que não sabia. E, claro, partilhe connosco quaisquer novas informações.

Nora seria capaz de jurar que ele lhe piscara o olho.

— Está bem. Mas depois também quero entrevistá-lo para o meu artigo final — disse Nora.

— Nunca dou entrevistas. Terá de se contentar com o Millhouse ou a Irene.

— A sério? Que pena. Estou certa de que o James ficará um pouco chateado quando souber da facilidade com que deixou escapar a única nova pista da investigação Hix. Só porque nunca dá

entrevistas.

— Está bem. Pode entrevistar-me, mas sob anonimato — disse Spencer, com relutância.

— E como o apresentaria?

— Como um analista sénior da Unidade de Perfis da Scotland Yard.

Nora estendeu-lhe a mão.

— Combinado. Temos negócio.

— É difícil negociar consigo, Menina Sand — disse Spencer, cansado, presenteando-a com a caixa de doces. — Aceita um dónute para celebrarmos o acordo?

— Os bons negociadores não comem coisas dessas — disse ela, com um sorriso.

Só quando chegou à rua é que Nora ficou a cismar em qual dos dois teria feito o melhor negócio.

Afinal de contas, que tipo de palerma é que entra numa sala com três especialistas em perfis e pensa que consegue sair de lá com a vantagem psicológica?

Sentiu-se tentada a enviar uma mensagem de texto a Andreas, já que estava na Scotland Yard. Talvez conseguisse sondá-lo para obter informações sobre Spencer — por exemplo, se era um homem de palavra. Tinha o pressentimento que sim. Acabou por não tirar o telemóvel do bolso. Não lhe restavam energias para mais dramas.

Nesse preciso instante, o *iPhone* vibrou. Era uma mensagem de Svend Jansson. Dizia apenas: «Liga-me.» Nora procurou o número dele e carregou na tecla de remarcação.

— Fala o Jansson — atendeu, quase imediatamente.

— Daqui é a Nora.

Dava para perceber que ele estava num sítio com muitas pessoas.

— Espera um minuto. Estou na cantina — disse ele. Nora conseguiu ouvi-lo afastar-se do tilintar e da vozearia. De seguida, ouviu uma porta a abrir-se e um Jansson algo ofegante:

— OK. Estou no meu gabinete. Disse que te informava quando tivesse os resultados das impressões digitais da fotografia, lembras-te?

— Sim?

— É um resultado muito estranho e não sei exactamente que utilidade poderá ter para ti. Ou para mim. A fotografia tinha cinco impressões digitais diferentes. Duas, podemos eliminar. As tuas e as do Andreas. Outro problema é o facto de a base de dados que utilizamos para comparação apenas abranger indivíduos registados nos arquivos da polícia dinamarquesa, o que significa que se uma impressão digital pertencer a um estrangeiro, não temos a menor possibilidade de a encontrar. Para isso, teríamos de recorrer à Europol ou à Interpol, o que constitui um novo processo que exige vários requerimentos e autorizações. Pode demorar meses, e não creio que o meu chefe esteja disposto a incomodar os manda-chuvas da sede de Lyon, a menos que tenhamos algo concreto.

— Sim, está bem, Svend. Mas isso não muda nada, pois não? Já sabíamos disso desde o início.

— Claro. Só achei importante que compreendas as limitações.

— Agora, compreendo — disse Nora, fazendo um esforço para conter a curiosidade.

— Óptimo. Não conseguimos identificar duas das impressões digitais da fotografia, mas a quinta originou resultados e soaram sinais de alarme.

— Ai, sim?

— Pertence a Oluf Mikkelsen.

— *O* Oluf Mikkelsen?

— Sim, *o* Oluf Mikkelsen, ex-residente da Vestergården e participante da viagem fatal a Londres.

— Mas isso não faz sentido.

— Pois não. Neste momento, não. Mas as impressões digitais dele constavam do nosso sistema, devido não só a uma série de arrombamentos em Ringkøbing em que esteve envolvido quando passou pela Vestergården, mas também a uma posterior condenação por agressão em Copenhaga. É ele. Não restam dúvidas.

— E onde é que ele se encontra actualmente?

Nora conseguiu ouvir Svend Jansson a dar risadinhas consigo mesmo.

— Como foi que adivinhei que ias perguntar isso? — disse ele, e Nora conseguiu ouvi-lo a carregar em algumas teclas do computador.

— Aí está outra coisa estranha. Ao que tudo indica, o Oluf Mikkelsen mudou-se para Greve há algum tempo. Dispomos de informações sobre ele no sistema. Na realidade, coisas sem importância. Comportamento anti-social, carteirismo, fraude com seguros. Crimes insignificantes, na verdade. O cadastro chega ao início de 1991, data após a qual desaparecem todos os seus vestígios. Não pede subsídios, não paga impostos, não vai ao médico. Desaparece da face da Terra. Mas ninguém faz a participação do desaparecimento. Muito estranho.

— Sabe a última morada conhecida dele?

— Sabes muito bem que não posso divulgar essa informação a civis — disse Svend Jansson, severamente.

— Mas eu preciso de alguma coisa a que me agarrar.

— Nem sequer poderia dizer-te que o Oluf Mikkelsen deixou Greve, ou que era um entusiástico pugilista amador, se não estivesse convencido de que podes ir ao Google procurar essa informação.

— Muito obrigada, Svend.

— De nada. Estou certo de que a Annika manda cumprimentos. Ela ficou muito contente por tu poderes vir a fazer parte da família.

Nora corou até às orelhas.

— Eh, eu telefono se descobrir mais alguma coisa sobre a Lulu e a Lisbeth — apressou-se a dizer, e desligou antes que Jansson tivesse tempo de fazer mais perguntas.

17

A caminho de casa, Nora foi às compras na Whole Foods, onde se demorou numa secção de frutas e legumes que afastava todos os pensamentos relacionados com assassinos em série. As prateleiras estavam carregadas de espargos brancos graúdos, mirtilos de um violeta intenso e pêssegos macios como penas, ainda a cheirar a flores e ao Sol de Itália.

Nora lembrou-se de uma vez em que entrevistara uma famosa chefe de cozinha em Londres, no âmbito de um artigo sobre mulheres com êxito. Terminadas as perguntas da praxe sobre as dificuldades que as mulheres têm de enfrentar num mundo dominado pelos homens, e os enormes sacrifícios domésticos, só por curiosidade, Nora perguntara-lhe qual fora a melhor refeição que tivera.

Os olhos da mulher haviam assumido um ar sonhador ao falar-lhe sobre um almoço que tivera aos catorze anos com o pai no terraço de um restaurante em Capri.

— Não me recordo das entradas nem do prato principal — dissera, para surpresa de Nora. — Mas quando chegámos à sobremesa, o empregado serviu-nos dois pêssegos num prato e uma faca. Tão simples quanto isso. Tinham sido acabados de colher e estavam quentes do sol. Ainda me lembro da sensação da faca a cortar a pele até chegar à polpa dourada, sumarenta e doce. Foi divinal. Perfeito.

Nora nunca esquecera essa conversa. Escolheu dois pêssegos e colocou-os com cuidado no cesto, seguidos de um punhado de rúcula e do melhor presunto de Parma da charcutaria. Finamente cortado. Na secção dos queijos, escolheu o *mozarela* de búfala mais cremoso e macio. De seguida, pesou algumas mãos-cheias de amêndoas *Marcona* espanholas, gordas e salgadas, meteu no cesto uma garrafa de *prosecco* juntamente com um pão *ciabatta* acabado de cozer, tanto que ainda conseguia sentir o calor através do saco de papel castanho.

O jantar estava tratado, agora só lhe faltava um assassino em série e alguma investigação.

Assim que entrou em casa, ligou o computador e deixou-o arrancar enquanto arrumava as compras. Pousou os pêssegos na beira da janela, onde poderiam receber os últimos raios do Sol.

O apartamento estava húmido e bebeu água directamente da garrafa antes de se instalar para trabalhar.

A última coisa que lhe apetecia fazer era ler mais sobre Bill Hix e os seus actos tenebrosos, mas

era fundamental se queria estar devidamente preparada para a sua visita ao Estabelecimento Prisional de Wolf Hall dentro de três dias.

Tinha a janela aberta e conseguia ouvir o barulho do tráfego londrino em segundo plano. Condutores frustrados que buzinavam para os outros, empregadas filipinas que iam buscar crianças à escola, adolescentes com os telemóveis encostados ao ouvido e trabalhadores da construção civil a mandar piropos a mulheres bonitas por trás dos vidros baixados das suas carrinhas brancas.

Havia dias em que o barulho a distraía e deixava frustrada, e invejava o correspondente em Itália da *Globalt*, que arrendara alojamento num velho mosteiro no cimo de uma colina na Toscana, onde, com toda a calma e tranquilidade, podia escrever sobre brutais assassínios da Máfia e intrigas no governo de Berlusconi.

Contudo, hoje, quando o seu portátil a transportou para um universo doentio, Nora ficou grata pelo som da normalidade que entrava pela janela como um lento, mas cadenciado, bater do coração. Uma ligação a um mundo em que o Sol continuava a brilhar e as raparigas que sonhavam ser modelos dormiam em segurança nas suas camas, e não deambulavam por King's Cross à espera de ser engatadas por um banqueiro presunçoso num *Mercedes* em busca de uma emoção barata. Um mundo em que as línguas de jovens raparigas não acabavam em conserva dentro de um frasco num armazém.

Depois de ter visitado os primeiros cinco sítios electrónicos, já fazia uma boa ideia sobre Bill Hix e os seus sombrios feitos. Não havia muito que já não constasse do *Murders of the Century*. A maior parte dos sítios não passava de uma extensão daquilo que ela já sabia, e muitos deles espojavam-se enfaticamente nos pormenores dos homicídios individuais.

Nora tentou manter a objectividade. Tirou apontamentos e elaborou uma cronologia para ficar com uma ideia geral, mas tinha a sensação de estar a chafurdar numa fossa pestilenta. Os gráficos ensanguentados que exaltavam a violência causavam-lhe náuseas, tal como os arrebatados e respeitosos comentários que os denominados fãs de Bill Hix haviam deixado em sítios electrónicos alegadamente factuais.

Pensou no que motivaria Hix. Vaidade? Arrogância, presunção, um complexo de Deus com o direito de escolher quem iria viver e quem iria morrer? Ou seria um rapazinho assustado à mercê dos seus desejos? Não tardou a eliminar a última hipótese. Ele não fora apanhado durante anos, o que provava que era implacável e calculista. Apenas um pneu furado, um acontecimento imprevisto, redundara no seu fracasso.

Conseguira ludibriar James McCormey. Aproveitara-se da sua preocupação com os familiares das vítimas. Utilizara-a para atormentar toda a gente. Gostava da brincadeira. Adorava ser o centro das atenções. Ela tinha de o fazer pensar que estava em vantagem, mas sem ser demasiado óbvio. Teria de ser um desafio, caso contrário ele perderia imediatamente o interesse.

Finalmente, não conseguiu aguentar mais e ligou o noticiário para pensar noutra coisa. Qualquer coisa.

O boletim meteorológico ia a meio, pelo que foi mudando de canal até encontrar um documentário sobre gangues de motociclistas. Subitamente, teve um momento de inspiração. Foi à bolsa e tirou de lá o convite da Embaixada da Irlanda antes de encontrar o cartão-de-visita dos Dare Devils num bolso da frente.

— Fala o Helgaard — disse ele ao atender o telemóvel. Ela conseguia ouvir o barulho de fundo de

um bar.

— Daqui é a Nora Sand.

— Diga — ordenou.

— Não chegou a dizer-me o que é feito do Oluf.

— Porque não sei. Cada um seguiu o seu caminho. Durante uns tempos, costumava vê-lo no Ginásio de Pugilismo de Copenhaga. Ele era bom. Tinha o instinto matador que é preciso para ter êxito dentro do ringue. Era impiedoso. À menor hesitação, o Oluf atacava em força. Não lhe bastava levar o adversário ao tapete, tinha de o magoar. Para o Oluf, um combate em que o seu adversário acabasse nas urgências era um bom combate. Falava-se sobre a possibilidade de ele ir combater para o estrangeiro, mas não sei se alguma vez isso chegou a concretizar-se.

— Sabe de alguém que possa saber? — perguntou Nora.

Bjarke Helgaard reflectiu. No silêncio, Nora conseguiu ouvir aquilo que poderia ser uma partida da primeira liga na televisão.

— Ele andava com uma mulher. Betina ou… Não, não era isso. Benita, acho que sim. A mãe dela tinha uma joalharia em Lyngby. O Oluf era uma verdadeira besta — chegou mesmo a sugerir que assaltássemos a loja dela. Tinha conseguido convencer a namorada a revelar-lhe o código de segurança.

— Obrigada.

— Antes de se pirar, quero saber das novidades relativamente às minhas raparigas. Já apanhou o patife responsável?

— Ainda não — disse Nora.

— Mas diz-me quando souber, não diz? Por vezes, a justiça pode ser mais célere do que possa imaginar — afirmou, majestosamente.

— Sim, e por vezes a justiça tem de pensar duas vezes antes de agir — retorquiu e desligou.

Uma pesquisa no www.krak.dk apresentou-lhe um resultado de duas joalharias em Lyngby: a *Strand & Filhos* e *A Verdade do Ouro*. Nora pensou que a segunda seria mais provável e teve sorte ao deparar com uma operadora de loja que se apresentou ao telefone como Natasha e que, sem nenhum sentido de discrição, a informou de que Benita tinha dado um pulo à farmácia, mas que estaria de volta dentro de dez minutos.

Nora ligou novamente vinte minutos mais tarde. Desta vez, foi a própria Benita Svaneholm quem atendeu.

Nora apresentou-se e explicou que estava a tentar investigar um caso arquivado no âmbito de uma reportagem de investigação, mas foi propositadamente vaga, pois estava convicta de que poucas pessoas estariam dispostas a colaborar ao saber que o ex-companheiro poderia estar envolvido num caso de homicídio.

— Está relacionado com o pugilismo? — perguntou Benita Svaneholm, ao que Nora respondeu que poderia estar relacionado com a sua carreira de pugilista, perguntando casualmente sobre o relacionamento dela com Oluf.

— Bem, já foi há muito tempo — disse Benita. — Mas pensei que a relação tinha pernas para andar. Conhecemo-nos no Parque de Diversões de Bakken no Verão de 1990. Ele era alto e bem-parecido. Tinha os músculos bem definidos. Eram só miúdas atrás dele. Andámos juntos seis meses,

e eu começava a ter a esperança de ficarmos noivos — disse ela, soltando um pequeno suspiro ao lembrar-se. — Mas o pobre Oluf tinha mais com que se preocupar: o pugilismo. Foi escolhido por uma equipa amadora que ia a Liverpool, acho que foi isso, para lutar contra uns britânicos. Foi tudo muito excitante e o Oluf estava convencido de que se tivesse um bom desempenho, poderia profissionalizar-se.

— E depois, que aconteceu? — Nora teve oportunidade de intervir antes de Benita voltar ao ataque.

— Não sei. Talvez tenha sido mesmo identificado por um caçador de talentos, conforme esperara. Nunca mais regressou à Dinamarca. Ao fim de três semanas sem ter notícias dele, liguei para o Ginásio de Pugilismo de Copenhaga. Ninguém sabia de nada. Falei com um secretário que achava que o Oluf poderia ter ficado em Londres, mas não me pareceu que conhecesse o Oluf pessoalmente, e fiquei com a sensação de que só disse aquilo para se ver livre de mim, porque havia uma semana que eu já lhes telefonava todas as noites — disse Benita.

— Não tentou contactar mais ninguém? — perguntou Nora.

— Não, não conhecia os apelidos dos tipos com quem ele costumava praticar, pelo que não sabia quem mais contactar. Nunca conheci a família dele, de modo que também não podia contactá-la. Por fim, tive de aceitar que a nossa relação tinha acabado. Que eu tinha estado a construir castelos no ar, ou lá como é o ditado. Sei que já lá vai muito tempo, mas ainda tenho a esperança de um dia ler algo sobre o «pugilista profissional Oluf Mikkelsen» nos jornais. Mas até ver, nada — disse Benita.

— Recorda-se do nome do secretário do clube de pugilismo?

— Sim, porque era engraçado. Chamava-se Rudolf, e o Oluf tinha-me dito que o sujeito tinha um enorme nariz vermelho, depois de tantos combates, pelo que o tinham apelidado de «Rudolf do Nariz Vermelho».

Nora demorou menos de trinta segundos a descobrir o número do Ginásio de Pugilismo de Copenhaga na Internet.

— Fala o Willy — disse um homem com sotaque de Copenhaga.

Nora disse-lhe que procurava Rudolf.

— Rudolf? Reformou-se há anos.

O optimismo de Nora começou a diminuir.

— Mas o velho pateta não consegue ficar longe disto — disse o homem, afastando o telefone da boca enquanto gritava para o outro lado da sala.

— Rudoooolf. Está aqui uma senhora que quer falar contigo.

Pouco depois, ouviu-se uma crepitação.

— Fala o Rudolf. — Era uma voz determinada e de velho.

Nora apresentou-se outra vez e explicou que gostaria de saber se ele sabia o que acontecera a Oluf Mikkelsen.

— Nãaao. Não me parece. Não me lembro — disse Rudolf muito lentamente. Parecia estar a desculpar-se.

Nora tentou avivar-lhe a memória.

— Em 1991, ele foi numa viagem com outros pugilistas amadores a Liverpool ou talvez a Londres, e é possível que não tenha regressado com eles.

Ao ouvir estas palavras, a voz tornou-se mais lúcida.

— Ah, sim, com a breca! Já me lembro dele. Costumávamos chamar-lhe «Oluf, o Búfalo». Peso meio-médio. Lutava sempre de amarelo. Três *knockouts* em cinco combates. Muito, muito promissor. Começou a treinar um pouco tarde, com pouco apoio familiar, se bem me lembro, mas tinha um gancho de esquerda de fazer um homem crescido chorar.

— Sim, é ele — disse Nora para o incentivar. — Sabe o que lhe aconteceu em Inglaterra?

A voz de Rudolf esmoreceu outra vez, como se alguém tivesse diminuído o volume.

— Não, não sei. Foi muito estranho. Ele esteve connosco durante a maior parte da viagem. Estivemos em Liverpool e erámos para ir a Londres. Passámos três noites muito boas. Ele venceu dois dos seus combates, sem resposta. No terceiro, o adversário venceu por pontos, mas foi um roubo descarado. Os juízes beneficiaram um rapaz local…

Fez uma pausa, como que a recordar triunfos, injustiças e derrotas idas.

— Ora bem, na quarta manhã, quando estávamos a entrar para o autocarro, ninguém sabia do Oluf. Fomos ao quarto e encontrámos lá a mala dele, mas ele tinha desaparecido, tal como a carteira e o passaporte. No início, pensámos que tivesse ido fazer uma farra. Verdade seja dita, ele não era anjinho nenhum. Pensámos que talvez estivesse a curtir a ressaca numa cela qualquer ou deitado numa sarjeta depois de ter sido assaltado. Eu fiquei mesmo chateado, e tivemos muitos problemas com o calendário assumido com outros clubes.

— Sim, dá para imaginar — disse Nora, compreensivamente.

— Bem, no fim, tivemos de arrancar sem ele. Deixei no hotel a morada da nossa paragem seguinte, mas ele nunca mais voltou. Telefonei para o hotel uns dias mais tarde e ele nem sequer se dera ao trabalho de ir buscar a mala. Também tentei falar com a polícia, mas não sabiam dele. Nessa fase, já estava farto e pensei que ele fizera a sua cama, por isso que se deitasse nela. Quando regressámos a casa, a namorada telefonou-nos dia e noite. Para ser franco, pensei que ele a tivesse engravidado e que era demasiada responsabilidade para ele e que a viagem a Inglaterra tivesse sido uma maneira de se desenvencilhar facilmente do problema. Sim, acho que foi isso que pensei. Nunca mais o vimos. E ele era um peso meio-médio de categoria.

Nora agradeceu-lhe e desligou.

Outro beco sem saída. Ou talvez não. Oluf Mikkelsen fora para o Reino Unido. Que lhe acontecera lá? Ainda estaria vivo? E se estava, porque nunca contactara ninguém na Dinamarca? Teria simplesmente cortado todos os laços?

Nora desistiu de tentar obter resposta e foi beber um copo de *prosecco* gelado para desanuviar. Tirou a rolha com cuidado e evitou desperdiçar qualquer gota, enquanto pensava como era decadente ter uma garrafa de *prosecco* toda para ela. Sentou-se e imaginou como iria em breve pegar na enorme travessa de cerâmica de Istambul e preparar uma salada começando por colocar no fundo o presunto de Parma. Como iria cortar o *mozarela* em grossas fatias e espalhá-las por cima da rúcula, e como os pêssegos maduros e quentes contrastariam com a frescura e a suavidade do queijo. Isto se tivesse vontade de voltar a levantar-se.

O zunido do intercomunicador interrompeu-lhe a fantasia gastronómica.

— Sou eu — disse Andreas quando ela levantou o intercomunicador.

— Andreas, estou a trabalhar — disse ela, desprezando-o.

— Não estás nada. Vou subir.

Ela abriu-lhe a porta com um suspiro. Tudo bem, teriam de ter agora aquela conversa sobre a Menina Perfeita e limites, e como seria hora de acabar com uma amizade que era inequivocamente demasiado volúvel para ser ressuscitada noutro sítio além do Facebook.

As palavras que Andreas proferira no jardim da Hanne tinham libertado o génio da lamparina e, por muito que ambos tivessem fingido que tinha voltado a entrar, ele assomava sempre que estavam juntos. Como uma anafada personagem de turbante do *livro d'As Mil e Uma Noites*, mas infelizmente não daqueles génios que concedem três desejos.

Quando Andreas chegou ao apartamento no segundo andar, Nora já tinha acumulado um considerável volume de indignação e estava preparada para desabafar.

— Andreas — disse, resoluta, ainda antes de ter a porta totalmente aberta.

Ele passou por ela com passadas largas.

— O meu tio ligou. Quando é que ias dizer-me que ele encontrou as impressões digitais do Oluf Mikkelsen na polaróide? — indagou Andreas, abespinhado.

Nora inspirou, mas não teve tempo de responder antes de ele continuar.

— E eu a pensar que éramos uma equipa. Vai-se a ver, não somos. Aquilo foi a Nora Sand numa missão a solo o tempo todo. Obrigado pela ajuda e chauzinho, Andreas.

Nora nunca o vira tão zangado. Tinha nos olhos castanhos uma expressão furiosa e os músculos do pescoço retesados. Começou a caminhar de cá para lá na pequena sala, parecendo alguém que precisava de muito mais espaço.

— Mas, por favor, ouve…

— Não, tu é que vais ouvir! — vociferou.

Nora sentiu como se tivesse engolido um peixe-balão e as suas entranhas fossem retalhadas pelos espinhos caso respirasse.

— És sempre tu e o teu trabalho. Quem quer que conheças pode aproveitar a boleia enquanto te interessa, depois descartas-te sem…

Já bastava. Nora conseguia sentir o peixe-balão e simplesmente tinha de cuspir os espinhos.

— Estás a ser injusto — disse ela, respirando fundo. — Primeiro, estavas a trabalhar…

— Sim, mas tinha o telemóvel ligado…

— Segundo, deixa-me dizer-te quem é que está numa missão a solo. Foste *tu*, não eu, quem decidiu deixarmos de nos ver. Vai-te lixar, Andreas! Tu eras o meu melhor amigo e decidiste, com a maioria absoluta de um voto, o teu, afastares-te completamente da minha vida. E agora regressas e esperas que confie cegamente em ti? — ripostou, aterrorizada com as palavras que estavam a sair-lhe pela boca. — O teu orgulho ficou ferido ou alguma coisa do género, mas deixa-me que te diga que eu também fiquei magoada! Num momento, tínhamos uma amizade que eu muito prezava, e no seguinte… Bem, acabou. Porquê? Porquê, Andreas? Simplesmente, deste de frosques!

Conseguia perceber que ele estava pálido de raiva. Acercou-se de Nora e encostou a cara à dela. Nora pensou que estava prestes a esbofeteá-la ou a beijá-la. Aproximou um pouco mais a cara, e ela começou a sentir a raiva escoar-lhe do corpo como veneno e o sangue afluir-lhe aos lábios. Depois, ele recuperou a compostura. Rodou sobre os calcanhares, saiu de rompante pela porta e fechou-a com estrondo.

Ela deixou-se abater na cadeira mais próxima, despejando acidentalmente o copo meio cheio de *prosecco* em cima da saia. Merda, merda, merda.

Trocou a saia por uns calções, sentou-se na beira da janela e bebeu o que restava do *prosecco* directamente da garrafa, enquanto via a luminosidade dourada sobre Londres transformar-se num crepúsculo violeta e, finalmente, numa noite argêntea. Horas depois, reparou nos dois pêssegos viçosos no parapeito e comeu-os. Tinham perdido o encanto.

18

Na manhã seguinte, precisou de uma chávena de *Nescafé* para ressuscitar. Porém, o leite azedara, pelo que teve de deitar fora a primeira chávena e repetir o processo. Sem o leite, o café tinha um sabor forte e amargo, tal como o seu estado de espírito.

Procurou o número de Enzo no telemóvel e ele atendeu logo assim que ela ligou.

— Preciso de uma hora do teu tempo. Pode ser agora? — disse ela.

Combinaram encontrar-se à entrada do parque de Primrose Hill dali a meia hora.

O pequeno parque, que dera o nome à área entre o Belsize Park e Chalk Farm, era um dos parques de Londres de que Nora mais gostava. Confinava com o Jardim Zoológico de Londres de um lado, e o outro era flanqueado de casas victorianas habitadas por uma amálgama típica de Londres, de russos abastados, actores, escritores e qualquer pessoa que tenha tido a sorte de se mudar para lá antes de celebridades como Jude Law, Gwen Stefani e Kate Moss terem transformado este pequeno enclave londrino num dos bairros mais cobiçados da cidade.

Nora ainda estremecia ao lembrar-se da vez em que, estando ela a treinar pugilismo com Enzo, enquanto ambos fingiam não ver o actor Alan Rickman a observá-los num caminho ali perto, Enzo baixara a guarda por um milésimo de segundo, tendo Nora encontrado acidentalmente uma aberta para o seu golpe e deixado o treinador com um olho negro, que ele expusera como castigo durante duas semanas.

Foi até junto do enorme carvalho debaixo do qual geralmente treinavam e avistou-o no instante em que ele levantou a mão para a cumprimentar.

O baixo e entroncado italiano trouxera as suas coçadas manoplas de couro, mas antes de permitir a Nora desferir um *kick* que fosse, perscrutou-lhe o semblante. Depois, apontou com firmeza para a colina.

— *Carissima*. Podemos praticar *kickboxing*, mas não enquanto estiveres zangada. Hoje, estás zangada, hã? Consigo perceber pelos teus ombros. Primeiro, vais correr. Sobes e desces três vezes — disse, com uma pronúncia que mais parecia que tinha deixado a sua adorada Florença havia dois meses e não dois decénios em busca da sorte em Londres.

Independentemente do seu nível de *stress,* havia algo estranhamente pacificador no reconfortante

embate de um *kick* que acerta onde devia e de um gancho de esquerda desferido no sítio certo.

Enzo tentara por diversas vezes convencê-la a participar num combate, mas Nora não estava interessada em bater em pessoas. A não ser hoje.

Desceu o último trecho da colina a correr o mais depressa possível e bebeu metade da sua garrafa de água antes de Enzo a ajudar a envolver os nós dos dedos com as faixas de protecção e enfiar as mãos dela nas luvas de couro azuis que já apresentavam fissuras.

Assumiram as respectivas posições debaixo do carvalho e, durante os quarenta minutos seguintes, só se ouviram as breves ordens de Enzo e o incessante *staccato* do couro a embater em couro.

— Ganchos. Quero cem. *Sideckicks*. Dez com cada perna.

Nora conseguia sentir a raiva abandonar-lhe o corpo, à medida que o suor se acumulava no limite do couro cabeludo e lhe escorria pelas costas abaixo ou para os olhos. Treinaram defesas, combinações de murros e *kicks* numa torrente de braços e pernas que estrondeavam ao embater uns nos outros.

Durante os últimos dez minutos, não fora autorizada a pousar os calcanhares no chão.

— Quero-te em bicos de pés. Em bicos de pés! — rugiu Enzo sem parar.

As instruções precisas de Enzo obrigaram-na a reunir todas as forças que tinha nas pernas, a saltar e concentrar-se no minúsculo ponto preto na manopla vermelha. Tinha de acertar com o calcanhar naquele ponto específico depois de saltar.

Para a deixar de rastos, obrigou-a a fazer flexões de braços e depois alongamentos, antes de dar por concluída a sessão de uma hora.

De seguida, como já era hábito, foram a um dos poucos cafés de Londres que, na opinião de Enzo, conseguia fazer um *espresso* aceitável, segundo os padrões italianos, e sentaram-se a uma mesa redonda no exterior.

Enzo olhou carinhosamente para a pequena chávena de líquido preto. Depois, fitou Nora atentamente.

— Ei, *carissima*. Não sei quem é ele nem o que te fez. Mas ainda bem que não sou ele — disse, baixando os óculos de sol para os olhos.

Nora terminou o café, regressou a pé para o apartamento e tomou um duche.

Eram horas de ir ter com certo advogado.

*

Prometeu a si mesma levar o casaco e a saia para lavar a seco mais tarde e vestiu antes uma saia azul-marinho relativamente limpa e a última camisa limpa que tinha. Depois, apanhou o metro até à *Cross Associates*.

Os escritórios de Cross não haviam mudado. O mesmo número do *The Economist* repousava em cima da mesa. Nora saudou a secretária educadamente com a cabeça, sentou-se no sofá e procurou o artigo que não acabara de ler da última vez. Tinha acabado de localizar a página, quando o Sr. Cross a mandou chamar.

Se Christian Cross fora reservado da última vez, adoptara agora aquela singular cortesia glacial que os Britânicos dominam melhor do que qualquer outro povo do mundo.

— Tem amigos bem colocados, Menina Sand. Que bom para si. Nunca se sabe quando podemos precisar deles — disse, maliciosamente.

Nora esperou.

Cross pôs três folhas de papel em cima da secretária.

— Tem de assinar aqui, aqui e aqui — disse, apontando com uma pesada caneta de tinta permanente dourada, que Nora reconheceu como sendo o modelo mais caro da *Waterman* e que tantas vezes cobiçara no aeroporto.

Nora pegou nos documentos e leu-os lentamente, enquanto sentia a impaciência de Christian Cross atravessar a atmosfera como ruído branco.

— Meras formalidades — disse, para acelerar o processo.

— Mesmo assim, gosto de saber o que vou assinar. Enquanto advogado, o senhor certamente compreende isso melhor do que ninguém — retorquiu Nora.

O primeiro documento para assinatura era do Estabelecimento Prisional de Wolf Hall. Um documento muito formal que Nora assinou a confirmar que não tinha registo criminal e que cumpriria os regulamentos do estabelecimento prisional no que dizia respeito aos objectos que podia levar consigo durante a visita, o que era praticamente nada. Nora concordou e assinou ao fundo.

A segunda folha de papel declarava que a *Christian Cross Associates* facilitara o contacto com William Hickley a pedido de Nora, e que ela assumia toda a responsabilidade pelo encontro e possíveis consequências. Com a sua assinatura, renunciava também o direito de responsabilizar a *Christian Cross Associates* e os respectivos funcionários por quaisquer danos financeiros, físicos, mentais ou outros que pudessem resultar da reunião. Nora imaginou que outros tipos de danos poderiam existir, e depois assinou.

Por fim, chegou à terceira e última folha. Declarava que tudo o que fosse dito ou qualquer informação consequente do encontro entre Nora Sand e William Hickley teria de ser tratado sob sigilo. Se a conversa ou partes da mesma fossem tornadas públicas, a decisão caberia exclusivamente a William Hickley. Ele, e apenas ele, seria o titular dos direitos de autor das suas próprias palavras. Tais direitos de autor seriam geridos e administrados pela *Christian Cross Associates*, nem mais.

Nora fitou-o com um olhar matador.

— Boa tentativa, mas pode esquecer. Esta entrevista é minha e eu decido o destino que lhe darei. O Sr. Hickley fala comigo sob os meus termos ou nada feito.

Christian Cross limitou-se a encolher os ombros. Tinha valido a pena tentar.

— Bem, sendo assim, estamos conversados, Menina Sand. Conforme lhe disse, ele pode encontrar-se consigo na quinta-feira de tarde. Às 14h30. Não se esqueça de chegar com antecedência. As revistas da segurança são… como dizer… entusiásticas. Terá uma hora para falar com o Sr. Hickley.

Christian Cross sentou-se pesadamente por trás da secretária e estava já a consultar o diário quando Nora se levantou.

Levantou a cabeça.

— Menina Sand, agradecia imenso que considerasse em estrita confidencialidade aquilo que lhe vou dizer. Quero eu dizer que, quando esta conversa terminar, nunca aconteceu. Se alguma vez fizer a ela alguma referência em público ou por escrito, pode estar certa de que negarei tudo. Compreende?

Nora anuiu e voltou a sentar-se. Malditos advogados.

— Em tempos, trabalhou nestes escritórios uma jovem advogada chamada Janet. O apelido não vem ao caso. Foi uma das melhores do seu ano em Oxford. Uma carreira promissora e um futuro risonho à sua espera. Noiva de um advogado do Ministério da Defesa. Há alguns anos, tive de me ausentar por motivos irrelevantes para a história. O que acontece é que eu lhe deleguei o Hickley como cliente. Não por esperar que acontecesse alguma coisa, foi apenas por razões de ordem prática. Encaminhamento de correspondência e coisas do género.

Fez uma pausa e puxou os punhos da camisa para baixo, como que para se preparar para o que vinha a seguir.

— O Hickley deve ter reparado que a correspondência era agora assinada por outra pessoa. Exigiu conhecer o seu novo advogado, de modo que a Janet foi encontrar-se com ele a Wolf Hall. Nesse momento, eu estava no estrangeiro, pelo que ela não me informou. Mesmo que o tivesse feito, duvido de que conseguisse impedi-la. Ele era apenas um de muitos clientes.

Nora anuiu, incentivando-o a prosseguir.

— Não sabemos o que aconteceu entre os dois. Não sabemos o que foi dito. Não houve testemunhas. Está convencionado que todos os reclusos têm o direito de se reunir com os respectivos advogados em privado. E mesmo que a Janet tenha tirado apontamentos sobre a conversa ou que o Sr. Hickley lhe tenha dado instruções específicas, tais apontamentos nunca foram encontrados. Nem no escritório nem na casa da Janet.

Respirou fundo.

— Após a terceira visita, numa tarde de quinta-feira, a Janet teve um acidente de viação. Não sabemos para onde ia. A família não soube explicar por que motivo saiu de Wolf Hall e seguiu de carro por uma estrada secundária em Buckinghamshire. O carro colidiu frontalmente contra uma árvore. Foi perda total. A Janet esteve em coma durante três dias, mas nunca recuperou a consciência.

— Alguma vez considerou a possibilidade de deixar de representar o Hickley?

Cross olhou pela janela.

— Com que fundamentos? Não podíamos provar nada. Talvez nem houvesse nada para provar. Mas achei que deveria saber. Quando sair, faz-me o favor de pedir à minha secretária que venha aqui?

Momentos depois, Nora estava a semicerrar os olhos por causa do Sol e a tentar imaginar como seria estar cara a cara com Bill Hix — o homem que tinha na consciência um número indeterminado de vidas de mulheres.

Porém, sempre que tentava visualizar-se a encontrar-se com ele na qualidade de entrevistadora, a imagem ficava em branco. Iria sentir medo? Seria ele um patético velhote acorrentado ou um predador capaz de atacar sem aviso à primeira oportunidade?

Passou pelo St. James's Park, sentindo uma pontada, pensou em Andreas e no modo como ele a olhara quando haviam ali feito o piquenique. Telefonar-lhe para dizer «Olá» e fazer de conta que estava tudo bem deveria ser fácil, só que não era. Além de que de nada serviria.

Apanhou o metro para casa e passou o resto da tarde a tentar eliminar do seu disco rígido interno o assunto Andreas, investigando competições de pugilismo amador que se tinham realizado em Liverpool havia anos. Fez amplas pesquisas em ficheiros PDF e velhos aquivos, mas os motores de

busca não encontraram nenhum «Oluf, o Búfalo».

No preciso instante em que estava prestes, apropriadamente, a atirar a toalha ao chão, o *iPhone* dançou ao ritmo de marimba na sua bolsa. Uma música que só podia significar uma coisa.

— Olá, mamã — disse ela, tentando parecer despreocupada e relaxada.

— Estás sob tensão, não estás? — disse a mãe. — Consigo perceber pela tua voz.

Nora revirou os olhos.

— Está tudo bem. É do Verão. O período de menor intensidade informativa.

Quando falava com a mãe, era frequente acabar numa inusitada amálgama de inglês e dinamarquês. Durante a infância, tinham comunicado em dinamarquês, mas desde que ambas haviam mudado para Londres, palavras, frases ou expressões idiomáticas inglesas acabavam por entrar aqui e ali.

— Que tal Florença?

— Fan-tás-ti-ca, nem te conto — disse a mãe. — Tenho de ir viver para Itália. Não fui feita para esta fastidiosa letargia nórdica e anglo-saxónica. Tenho coração latino.

— Pois, claro que tens — concordou Nora. A experiência dizia-lhe que era mais fácil dizer à mãe aquilo que ela queria ouvir.

— Só que o Patrick não se dava. Tem de tratar das maçãs — disse a mãe.

— Sim, e tu tens o teu Cromwell. Em Florença, não têm Cromwell — salientou Nora cautelosamente.

— Eu sei, mas mesmo assim… têm a família Médici. E aqueles ocasos, aquela paixão. Eles compreendem mesmo o conceito de artista naquela parte do mundo — insistiu a mãe.

— Estou certa que sim.

— Bem, adiante, porque não passas pelo pomar do Patrick num fim-de-semana próximo? E não trabalhes demasiado. Assim, nunca encontrarás um homem — disse Elizabeth, continuando naquela lengalenga durante bastante tempo.

Havia dias em que Nora achava que a falta de tacto da mãe faria que Shrek parecesse um diplomático e talentoso gentil-homem, mas lá acabou por se calar e prometeu visitá-la em breve.

Em adulta, Nora esforçara-se por fomentar a relação com a mãe. Contudo, chegara a esse ponto apenas anos depois de esquecer completamente a memória daquela mulher de pé no acesso de entrada certa manhã, pronta para se meter num táxi e abandonar a família. O medo do abandono continuava à espreita, como um crocodilo num rio de águas paradas. Pronto a atacar, se ela alguma vez baixasse a guarda.

Quando finalmente desligou, eram quase horas de ir ao Soho encontrar-se com Pete.

Apenas teve tempo de juntar um enorme saco de roupa suja para levar à lavandaria indiana que havia ali perto, um lugar curiosamente chamado *Mr. Percy's Butler*. Em boa verdade, nem tudo precisava de uma limpeza a seco, todavia, se deixasse um saco com o Sr. e a Sra. Patel, poderia ir levantá-lo dois dias depois, cheio de roupa lavada e dobrada, com uma delicada fragrância a cardamomo e chá. Havia semanas em que isso valia cada tostão.

— A menina trabalha demasiado — disse a Sra. Patel, que trazia hoje vestido um sári verde-lima, que condizia com a sua pele escura. — Os seus chacras dizem-me que alguma coisa a incomoda. O seu chacra do amor cintila de encarnado e arreliado. Tem mesmo de dedicar tempo à meditação — acrescentou com um sotaque que soava a Bombaim.

Nora respirou fundo.

— Minha querida, Dona Patel. Acabei de falar com a minha mãe ao telefone. Um sermão de vinte minutos é demasiado para mim. Mas agradeço a sua preocupação.

— Ah — disse a Sra. Patel, conscientemente. — Fica pronto depois de amanhã às 16 horas.

— Obrigada.

— Vá em paz — disse delicadamente a Sra. Patel pouco antes de Nora fechar a porta.

19

Pete já estava na fila à porta do restaurante tailandês, que era tão popular, que, ao contrário da maior parte dos outros restaurantes do Soho, não fazia reservas de mesas. Os comensais tinham de esperar numa longa fila no exterior, de onde podiam olhar para os outros clientes desfrutando da refeição até uma mesa ficar livre. A comida era tão extraordinária, que valia a pena esperar.

Pete mirou-a uma vez e fez a sua melhor imitação de Madame Arcati. Como uma vidente numa feira, tapou os olhos com as mãos, fingindo encontrar-se num transe tão profundo, que qualquer impressão visual perturbaria a sua singular ligação ao mundo espiritual e as mensagens canalizadas pela sua imodesta *persona*.

— Está bem. O caso é grave. Deixa-me adivinhar. A tua mãe? Um homem? Trabalho?… Não, já sei. Conhecerás um desconhecido alto e moreno que mudará a tua vida para sempre. Acertei em pelo menos uma coisa?

— Em todas — disse ela, laconicamente.

— Nesse caso, é melhor começarmos pelo princípio. Confia em mim, que vou ao Camboja no meio da tua crise existencial.

Nora não conseguiu conter um sorriso.

— Não penses nisso. Fala-me sobre o Camboja. Que está a acontecer lá que interessa assim tanto ao *The Times*? Com quem vais e como foi que surgiu a oportunidade?

Pouco depois, conduziram-nos a uma mesa partilhada com outros dez convivas, e a conversa perdeu-se ao pedirem *cocktails* de goiaba, camarão-tigre frito, *noodles* com galinha fumada, brócolos chineses e asas de frango com tamarindo.

Pete explicou-lhe que George, um repórter australiano do *The Times*, estava a colaborar havia imenso tempo com uma instituição de beneficência para desvendar o rapto e tráfico de crianças, que eram posteriormente vendidas como escravas na vasta indústria do sexo do Camboja. Ao fim de meses de investigação, fizera tais progressos, que a polícia cambojana o autorizara a participar numa rusga a um bordel suspeito de oferecer crianças com apenas seis anos aos seus clientes, principalmente turistas ocidentais caucasianos. O fotógrafo nativo com quem geralmente trabalhava tivera de recusar o trabalho. Tinha mulher e filhos, e simplesmente não podia arriscar a segurança da

família ao enfrentar a poderosa máfia que controlava os bordéis. Pete fora devidamente informado sobre possíveis consequências, incluindo o risco de ameaças de morte, assim que se soubesse que ele estava no Camboja para fotografar escravos sexuais. Se ele conseguisse um registo fotográfico da prostituição infantil, seria um alvo a abater enquanto não saísse do país com as fotografias.

Por outras palavras, era o trabalho de sonho de Pete.

— Odeio, mas é que odeio mesmo, as coisas que se passam naqueles lugares terríveis. Se o conseguir expor, ajudar a acabar com aquilo, tudo terá valido a pena — disse, solenemente.

— Quando partes?

— Quinta-feira de manhã do Heathrow.

— Está bem. Liga-me, se precisares de conversar. O George é conhecido por não ser muito falador — disse Nora.

Pete brindou-a com um sorriso divertido.

— Isso é o eufemismo do século. Tipicamente australiano. O eufemismo promove o entendimento. O silêncio cimenta-o.

Não comeram sobremesa e foram dar um passeio pelas ruas do Soho. Estivera um dia quente e o alcatrão ainda emanava calor. Os turistas saíam das salas de espectáculos à procura de restaurantes e de mais entretenimento nos arredores da Shaftesbury Avenue e da Leicester Square.

— Muito bem — acabou por dizer Pete. — Não há muito que possamos fazer em relação à tua mãe, mas que vem a ser isso sobre um homem? E ele é o desconhecido alto e moreno?

Nora sentiu-se embaraçada.

— Desembucha, querida. Já te vi com diarreia em Nova Deli, sanguessugas na coxa na Zâmbia, e deixei-te ficar com os meus penúltimos *bóxeres* limpos na Macedónia. Estou convicto de que há um contrato algures no qual está estabelecido que não podes guardar segredos de mim.

— Alguma vez te falei do Andreas?

Pete pensou durante um momento.

— Da Dinamarca? Um tipo que conhecias e com quem ias nadar? Sim, falaste dele uma vez, mas fiquei com a impressão de que era caso encerrado, de maneira que optei por não insistir.

— Não é caso encerrado e ele está em Londres.

— E?

Nora resumiu-lhe a triste história. Falou-lhe sobre a sua amizade, que fora interrompida sem aviso. Como ela apenas recentemente percebera que Andreas quisera algo mais do que amizade, não apenas no final do secundário, mas desde sempre.

— Mas isso foi há anos, Nora. Agora, são os dois adultos, por isso qual é o problema? — disse Pete, a voz da razão.

— Mas há mais — atalhou, e falou-lhe sobre a viagem defraudada a Brine e como tinham de algum modo acabado a dormir abraçados. Sobre a Menina Perfeita. E sobre aquilo a que ela já decidira apelidar de «o grande confronto da noite anterior».

— A coisa pareceu prometer, até a Menina Perfeita entrar em cena.

Nora encolheu os ombros.

— Não sei. Na minha opinião, é muito complicado.

— Jura! — disse Pete, na sua maneira provocadora. — Não quero pregar-te nenhum sermão, mas

nunca pensei que fosses uma pessoa que se sente atraída por homens simples. E quanto mais penso nisso, também nunca te vi virar costas a um desafio. Só estou a dizer.

Nora abanou a cabeça.

— Isto não é um desafio. Estamos a falar do Andreas, o meu ex-amigo.

— Tretas. Isto é senso comum. Tu não sabes rigorosamente nada sobre a Menina Perfeita.

— Está bem, é justo, Pete. Mas eles ainda estão juntos. Ele próprio mo disse, o que significa que não posso contar com ele. Tão simples quanto isso.

— Oh, pensei que tivesses dito que era complicado.

Nora tentou acertar-lhe com uma palmada, mas ele esquivou-se com facilidade.

— Sabes muito bem o que eu quero dizer.

— Só sei que aquilo que sentes por ele é o mesmo que eu senti pela Caroline. Pensei que assentar seria mau para a minha carreira. Que complicaria tudo. E agora ela vive na maldita Armadale, perto de Melbourne, com um cirurgião, e está grávida do primeiro filho — disse Pete com a voz trémula.

Era raro Pete falar sobre Caroline. O grande amor da sua vida que nunca desabrochara totalmente continuava a ser uma ferida não cicatrizada, que, ao verdadeiro estilo australiano, não era mencionada. Nora manteve-se em silêncio.

— Quando foi que soubeste disso? — acabou por perguntar, baixinho.

Pete deu um pontapé no passeio.

— Na noite passada. Pela porcaria do Facebook. Meu Deus, odeio o Facebook — disse ele.

Depois disso, só havia uma coisa para fazer. Encontraram um *Oddbins* que ainda estava aberto e que, para regozijo de Nora, vendia *Bowmore Legend*. Não precisavam de mais nada.

Foram a pé até à margem do Tamisa com a garrafa na mão e, à sombra da Agulha de Cleópatra, com o Big Ben e as Casas do Parlamento a estibordo, revezaram-se a beber enquanto observavam os barcos com luzes no rio, onde seguiam turistas a beber vinho de caixa e a comer frango rijo, convencidos de que estavam a ver a verdadeira Londres com o seu guia.

Quando eram quase 2 horas da manhã, Pete quase esgotara o seu considerável repertório de canções de marinheiros e chegara à fase subversiva.

— Estou melhor sem ela. O mais certo é ter engordado e ter-se tornado aborrecida como tudo. Nunca teria resultado — disse, e depois vomitou por cima do gradeamento que impedia que caísse ao rio.

Nora fez sinal para um táxi parar e asseverou ao taxista que Pete não vomitaria durante a viagem até ao Belsize Park. Cumpriu a promessa, mas à justa, já que Pete regurgitou a outra metade do jantar de comida tailandesa assim que saiu do carro, enquanto Nora pagava.

Pete tentou recuperar o controlo.

— Ora bem, aaaaté amanhã — disse com a voz arrastada antes de caminhar directamente para o jardim da frente da casa ao lado.

— Pete, que raios. Não podes ir para casa nesse estado. Vens comigo e vou deitar-te na posição de recuperação.

— Não, não, não, não, só preciso de apanhar um autocarro — balbuciou, antes de desatar a cantar uma versão especialmente irritante do êxito do decénio de 1950 *Oh Carol*, na qual, complemente fora do ritmo, mudou o nome da amada para «Carol-iiiine».

O vizinho abriu uma janela de rompante.

— Acha que se pode calar para nós podermos dormir?

Nora teve de ir ao jardim da frente do vizinho buscar Pete. Puxou-o com força pelo braço e conduziu-o para a sua entrada. Pete agarrou-se a ela como um homem a afogar-se no meio de uma tempestade, e Nora ficou atarefada à procura das chaves na bolsa, pelo que não o viu logo.

Andreas estava sentado na soleira da porta, semelhante a uma nuvem negra de trovoada.

Quando se aproximaram, levantou-se.

— Que estás a fazer aqui? — exclamou Nora sem pensar.

— Nada. Rigorosamente nada, evidentemente — disse ele olhando com desdém para Pete, que perdera todo o sentido de decoro havia várias horas.

— Ei, companheiro. És o Andreas? Ele é muito giro, Nora.

— Cala-te, Pete, por favor, está calado! — silvou, conseguindo sentá-lo no degrau acabado de vagar por Andreas.

Virou-se e chamou Andreas, que começara a afastar-se. Conseguia ver as costas dele com a camisa branca, à medida que ele lentamente se afastava. Voltou a chamá-lo, mas ele não regressou.

*

Na manhã seguinte, Nora acordou com o cheiro de café acabado de fazer. Pete tinha tomado banho, desenterrara do armário o moinho de café dela, encontrara os grãos e fora comprar *croissants* e sumo de laranja.

— Com a breca, Sand — disse ele, fingindo jovialidade. — Já estou velho para apanhar uma piela com dignidade.

Nora abanou a cabeça com cautela, de maneira que tivesse a certeza de que conseguia levantar-se sem que o cérebro lhe caísse ao chão. Conseguia, mas à justa. Pete surripiara-lhe do guarda-roupa a camisola da Universidade de Oxford. As mangas ficavam-lhe curtas.

— Tinha de vestir alguma coisa — disse ele, desculpando-se, e apontando para a roupa que usara na noite anterior, a qual parecia ter sido atropelada por uma manada de gado a fugir de um incêndio florestal.

Nora foi a cambalear até à pia da cozinha e bebeu água fria directamente da torneira. Sabia a cloro e fez uma careta.

— Então, soubeste disso pela Caroline?

Pete abanou a cabeça.

— Oh, não. Nós não falamos. Acho que o cirurgião não iria gostar. Não é famoso pela sua receptividade e tolerância. Foi a prima dela, a Miranda, que me disse numa conversa no Facebook. O pior foi que ela falou no assunto como se eu já soubesse.

— Ui.

— Não sei. Talvez eu pensasse que o cirurgião fosse uma coisa passageira. Que ela sentisse saudades da Austrália e que só precisasse de regressar a casa para se relembrar. Mas ela ficou, quer acredites quer não. E agora vai ter um bebé. — Abanou a cabeça. — É o fim de tudo, não é?

Nora serviu café para os dois.

— Temos leite?

Pete apresentou-lhe uma garrafa, com um sorriso insolente.

— Cortesia do teu vizinho. Não deveria ter gritado comigo ontem à noite.

— Com franqueza, Pete. Isso não se faz.

— Ah, a polícia nunca me apanhará. Amanhã, parto para Phnom Penh.

Nora esticou-se para ele, arrancou um pedaço de *croissant* e levou-o à boca.

— Mas tirando isso, quando estiveres no Camboja, talvez possas fazer escala em Melbourne e tirar isso a limpo com a Caroline. Pode até valer a pena encontrares-te com ela. Estarás ali muito perto e estou certa de que o George não se importará…

— O George! Merda! Que horas são?

— Dez e um quarto.

— Merda, merda, merda. Vou encontrar-me com ele em Docklands às 11 horas.

Pete pegou no seu saco, bebeu de um trago metade do café e saiu pela porta a correr. Deu três passos, virou-se, voltou trás e deu-lhe um abraço rápido.

— Adeus, Sand. Até qualquer dia.

Ela piscou-lhe o olho.

— Sim, quando te acabar o dinheiro. Vê lá se ligas quando aterrares em Heathrow.

Ele atirou-lhe um beijo e desceu as escadas a correr. Nora fechou a porta e pegou no telemóvel. Não tinha chamadas não atendidas. Que pretenderia Andreas na noite anterior?

Ficou durante algum tempo com o telemóvel na mão, cismando se deveria telefonar-lhe. Explicar. Mas decidiu que era melhor não.

Ele que se danasse. Que ficasse a pensar o que quisesse. Ele é que tinha namorada. Ele é que estava numa relação. Não ela.

20

Ligou o portátil e tomou um duche antes de sair para comprar os jornais e mais leite.

O dia seguinte seria o dia H. «H» de Hix. Mas achava que o presente dia não deveria ter assassinos. Nem Andreas.

Consultou os jornais e as notícias em linha antes de telefonar ao Lagostim e de o convencer de que era extremamente urgente escrever um artigo sobre a rápida expansão da construção na Irlanda. Começou imediatamente a investigação e tentou agendar entrevistas. Porém, por muitos relatórios aborrecidos que consultasse relativos a estatísticas sobre habitação, taxas de juro variáveis e previsões de execuções hipotecárias a sul de Cork, Hix não parava de lhe assomar à mente como uma sombra negra.

Pensou em Spencer e no conselho que lhe dera de ser ela própria. Ser ela própria enquanto fazia as perguntas em nome da polícia, de modo que Hix não percebesse quem estava por trás de tudo.

Queria imenso que Andreas pudesse acompanhá-la ao Estabelecimento Prisional de Wolf Hall. Esperar por ela lá fora. Não precisaria de dizer nada, apenas estar presente, com a sua figura tranquilizadora.

Só que ele não estaria. Fosse como fosse, ela conseguira safar-se bem sem ele durante anos. Sobrevivera a conflitos, à malária e até a um assalto em Nairobi, sem ter Andreas ao seu lado. Por isso, porque é que amanhã teria de ser diferente?

Nesse preciso instante, o telemóvel tocou. Teve um microssegundo de esperança, mas era apenas Spencer.

— Estou a ligar só para saber se está preparada para amanhã?

— Bem, não sei. Alguém consegue estar preparado para um encontro com um assassino?

— Não se esqueça de que ele não pode fazer-lhe mal. Não pode tocar-lhe. Estará acorrentado e passará o resto da vida na cadeia.

— Creio que ouvi o advogado dele a dizer algo sobre um recurso a apresentar à comissão de liberdade condicional.

— Não se preocupe, Menina Sand. Ele não tem hipótese. Estamos convictos de que ele matou mais jovens do que aquelas de que temos conhecimento. Ele não colaborou com a nossa investigação. Não

tem nada para negociar. Uma pena de prisão perpétua será sempre uma pena de prisão perpétua, a menos que um ministro da Administração Interna decida o contrário, e as probabilidades de isso acontecer são tantas quantas as hipóteses de se encontrar um político que não esteja a marimbar-se para a má publicidade.

— Certo. Terei de acreditar na sua palavra.

— Não comece por lhe fazer perguntas sobre as raparigas que desapareceram *depois* de ele ter sido detido. Queremos que ele pense que a menina sabe alguma coisa que ele não sabe, se é que me entende. O Hix só se interessa por alguma coisa se tiver de se esforçar para o conseguir. Além disso, não quer saber dos sentimentos das outras pessoas, e considera-as estúpidas. A dor e as lágrimas interessam-lhe apenas como um fenómeno intelectual. Algo que ele consegue desencadear nas outras pessoas em maior ou menor escala. Apelar para a sua suposta consciência não a levará a lado algum. Creio que foi esse o principal erro que o James cometeu em relação ao Hix. Pensou sempre que conseguiria descortinar algum tipo de humanidade. Acredite em mim, Menina Sand, conheço o Hix há anos, e se essa humanidade existe, ainda não a vislumbrei nele. A minha teoria é que ele cortou as línguas das suas vítimas para que não falassem. Não podia ser incomodado a ouvi-las implorar pelas suas vidas. Talvez valha a pena ter isso em mente — advertiu-a Spencer.

Nora engoliu em seco.

— Bem, postas as coisas dessa maneira, é impossível pensar outra coisa.

— Onde quero chegar é que o Hix quer ser o dono da palavra, nunca se esqueça disso. Ele não está interessado em ouvir os outros. Só queria dizer-lhe isso.

— Hum. Acho que devo agradecer-lhe.

— Porque não começa pelas duas raparigas dinamarquesas? Pelo que consegui depreender da conversa com o Sr. Cross, foram elas que lhe despertaram o interesse.

— Sim, e esse foi o motivo pelo qual eu quis falar com ele.

— Só mais uma coisa, Menina Sand. Sei que provavelmente acha que estou a ser intrometido, mas acredite no que lhe digo, não é minha intenção. Que planeia levar vestido amanhã?

— Que planeio? Eu não planeio o que vou vestir. Principalmente para ir a um estabelecimento prisional — disse Nora.

Sentiu a garganta seca. Foi ao frigorífico buscar a embalagem de sumo de laranja que Pete deixara lá ficar. Com o telemóvel encaixado entre o queixo e o ombro, tirou um copo do armário.

— Mas deveria. Não convém deixar isso ao acaso — informou Spencer.

— Hum — disse ela, sorvendo um pouco de sumo. — Muito bem, a verdade é que estava a pensar numas calças de ganga e numa camisa branca. Com botões. Umas sandálias. Nada de especial.

— Isso seria um erro.

— Tem direito à sua opinião, Sr. Spencer, mas eu não encaro a entrevista de amanhã como uma oportunidade de namoriscar. É trabalho. Um trabalho imundo, de merda, para dizer a verdade, e se realmente quer saber o que eu gostaria de vestir depois de ler sobre o Bill Hix e os seus crimes, a minha escolha seria um fato de mergulho antigo com um capacete de cobre na cabeça, como aqueles do Tintin. Mas isto não é o Tintin.

— Pois não. Não é mesmo — concordou Spencer.

Nora soltou um profundo suspiro e cedeu.

— Está bem. Não estou a dizer que seguirei as suas instruções até ao mais ínfimo pormenor, mas sou toda ouvidos. Que deverei vestir amanhã?

— Vista-se como uma mulher modesta. Com a ênfase em «mulher». Pode ser um vestido ou uma saia, mas abaixo do joelho. Pode usar maquilhagem, desde que seja discreta. Imagine como a mãe dele se vestiria. Você não tem de ser ela, mas talvez evocar algumas memórias. Apanhe o cabelo num rabo-de-cavalo. Pérolas e um casaco de malha seriam uma excelente ideia. Tanto quanto sabemos, a única mulher a quem demonstrou algum tipo de respeito foi à mãe.

— Hum. Acho que faz sentido — admitiu.

— Não prometo nada, mas vale a pena tentar — disse Spencer.

— Vale a pena tentar — concordou.

— Quando terminar a entrevista, terá um carro à sua espera. Será melhor falarmos enquanto ainda tiver a conversa fresca na cabeça. Sabe que não poderá levar o telemóvel nem um gravador para a prisão, não sabe?

Nora começou a pensar que poderia vir a gostar de Spencer depois de o conhecer melhor. Por breves instantes, considerou a possibilidade de partilhar com ele a informação sobre Oluf Mikkelsen.

Só que o momento passou e desligaram. Mais uma vez, Nora sentiu que a pessoa com quem desejaria mais falar era a única pessoa a quem não poderia telefonar. Nunca.

*

Na manhã seguinte, acordou sobressaltada.

A última vez que consultara o relógio eram 3h45, e esta era a quarta vez que acordava com suores frios de pavor. Sempre que estava prestes a adormecer, sentia-se cair de costas para uma escuridão profunda e incógnita, e despertava outra vez completamente aterrorizada.

Foi a cambalear até à casa de banho, tentando perceber por que motivo visitar Bill Hix estava a revelar-se ser tão problemático.

Não era a primeira vez, nem seria a última, que falava com um assassino. O professor do Ruanda que entrevistara na costa sul teria provavelmente mais mortes na consciência do que um indiscreto assassino em série britânico alguma vez conseguiria.

Também não presumia que Hix superasse o «Sr. Benn» no que dizia respeito a torturar vítimas indefesas. O seu pensamento recuou à entrevista ao Sr. Benn e à voz monocórdica com a qual, sem manifestar emoção alguma, lhe revelara como ele e o seu grupo de guerrilheiros haviam dado a mulheres, crianças e idosos a hipótese de escolher entre mangas curtas ou compridas, enquanto passavam por eles com uma catana para lhes decepar os braços.

E antes do professor, tinha entrevistado soldados sérvios, combatentes rebeldes albaneses do Kosovo, e visitado valas comuns que deixavam adivinhar quanto o espírito humano consegue descer às profundezas da maldade sem perecer. Muitos desses assassínios haviam sido cometidos à primeira vista por motivos políticos, mas amiúde por soldados que tinham como objectivo o lucro pessoal, ou que simplesmente haviam agido por pura e insensata brutalidade.

Não fora a violência em si que lhe tirara o sono naquela noite. Fora antes a ideia de Bill Hix ter apreciado cada momento, enquanto as suas vítimas haviam temido pelas próprias vidas. A ideia de

cada rapto e cada ulterior assassínio ter sido planeado até ao mais ínfimo pormenor, e de ainda hoje, passados tantos anos, ele estar disposto a deixar as famílias das vítimas viver sem saber o que acontecera, onde jaziam os corpos das raparigas e por que motivo tinham morrido.

Não havia outro motivo além do seu regozijo pessoal.

Talvez fosse a ausência de outros motivos o que mais a assustava. Mesmo nos momentos mais obscuros nos Balcãs ou durante conflitos desumanos em África, Nora conseguira de algum modo compreender, se não a violência, pelo menos os motivos subjacentes. Explicações frequentemente com origem na pobreza, dirigentes sem escrúpulos, ganância ou factores externos. Conseguia seguir a linha entre o efeito e a causa através das inúmeras ligações que haviam redundado em aldeias incendiadas, violações, assassínios e destruição. Havia fundamentos motivadores.

Porém, quando perscrutava a alma de Bill Hix, encontrava apenas trevas. Um buraco negro como o que deixara nas bocas das suas vítimas. E agora, pelo visto, havia mais raparigas às quais as vidas tinham sido furtadas, mais pais a sofrer a morte mais lenta e mais agonizante que um pai pode ter. Perder um filho e nunca saber o que lhe aconteceu.

Estremeceu e abriu a torneira da água fria para se distrair. De seguida, secou o cabelo e tentou recompor-se.

Cabia-lhe a tarefa de agir com argúcia, de maneira que Bill Hix cometesse um erro e revelasse a sua ligação a Lisbeth, a Lulu e às outras doze raparigas, ou se tivera um cúmplice. Sentia o peso da responsabilidade como uma massa informe e negra, e percebia que fora essa massa que a impedira de dormir.

Tirou de um cabide uma saia de tamanho médio, comprada numa venda de Inverno em que ela atravessara uma breve fase Virginia Woolf. Contudo, o espírito Bloomsbury certo nunca brotara e nunca tinha usado a saia. Alisou a camisa do dia anterior e vestiu um casaco de malha cinzento.

Completou o visual apanhando o cabelo num rabo-de-cavalo, e rosnou ao ver o seu próprio reflexo no espelho. Parecia o modelo de um anúncio de meias de descanso. Para dar um ar mais alegre, aplicou um pouco de maquilhagem, e remexeu a caixa de bijuteria indiana à procura de um colar com três chaves antigas que comprara a um vendedor de rua em Amalfi. Muito apropriado para um estabelecimento prisional.

Numa reflexão tardia, foi ao computador, localizou a pasta com as fotografias de Lulu e Lisbeth que Magnus digitalizara e imprimiu-as.

Como de costume, a sua impressora fez das suas e imprimiu três documentos de embarque e um extenso artigo sobre escolas multiculturais antes de a fotografia das duas raparigas surgir no tabuleiro. A qualidade não era a melhor, mas conseguia perceber-se facilmente que eram elas e onde a fotografia fora tirada.

Nora dobrou-a pensativamente em quatro e meteu-a no sutiã.

Por fim, não havia mais nada para fazer. Meteu o gravador, o bloco de notas e as esferográficas na bolsa. Eram horas de enfrentar o monstro.

21

As prisões têm um cheiro muito característico, cujos componentes individuais são difíceis de distinguir. Sentia-se suor, desespero, sabão industrial, cloro, químicos, urina e couves cozidas, mas também algo que era mais difícil de identificar, pensou Nora, enquanto um guarda prisional rabugento verificava a sua documentação.

Sem proferir palavra, conduziu-a para o interior e apontou para um edifício de tijolo vermelho deteriorado onde podia ler-se «Administração».

Nora ouviu o portão bater com estrondo nas suas costas e não conseguiu esconder um sorriso ao recordar as antigas comédias dinamarquesas sobre assaltos em que Egon Olsen acabava invariavelmente na Prisão de Vridsløselille após outro plano brilhante que simplesmente não podia correr mal. Todavia, o sorriso desapareceu-lhe da cara assim que olhou para os muros altos encimados por arame farpado. A coisa não era para brincadeiras. Nunca ninguém conseguira escapar do Estabelecimento Prisional de Wolf Hall.

Alguma alma caridosa tentara alegrar o gabinete com um ramalhete de rosas artificiais, porém a ideia tivera o resultado completamente oposto. Naquele instante, Nora não conseguia imaginar nada mais deprimente do que aquela divisão iluminada por néon, que era a primeira paragem para familiares, amigos e parentes que tinham a infelicidade de conhecer algum prisioneiro.

Quando Nora entrou, uma mulher angular de permanente loira e rosto macilento a lembrar uma raposa levantou-se da secretária e dirigiu-se ao balcão. A mulher mirou-a fugazmente.

— Serviço de visitas prisionais? Geralmente, vêm às quartas — disse com uma voz taciturna.

Nora abanou a cabeça.

— Não, chamo-me Nora Sand. Vim para falar com o Sr. Hix… ah, desculpe, quero dizer o Sr. Hickley — disse, apresentando novamente a documentação.

A mulher franziu o cenho e sentou-se ao computador com um suspiro, dando a entender a Nora que estava a ser um enorme estorvo.

Teclou com dois dedos batendo nas teclas com tanta força, que cada clique produzia um enorme ruído.

— Hum. Menina Sand. Sim, está aqui — sorriu com desprezo e olhou com fulgor para um colega

que parecia estar a falar ao telefone com a mãe ou a namorada enquanto bebia *Pepsi Max*.

A mulher levantou-se relutantemente pela segunda vez, enquanto Nora passava os documentos por uma pequena ranhura no vidro grosso que restringia o balcão. Nora conseguiu então ver no crachá da mulher que estava a ser atendida por M. Foggsey. Nora pensou se alguém alguma vez se atrevera a tratar a ríspida funcionária por Matreira. Calculou que não.

A D. Foggsey recebeu os documentos com outro suspiro e passou a Nora um bloco de notas marmóreo com grossas folhas de linhas.

— Assine aqui. E tenho de ver algum documento de identificação.

Era um daqueles casos em que um cartão de jornalista só pioraria a situação, pelo que Nora tirou da bolsa a carta de condução.

A Matreira preencheu um formulário com papel químico, produzindo três cópias com os dados pessoais de Nora. Uma branca, uma amarela e uma azul.

— Para que precisa disso?

— Burocracias — foi a resposta da D. Matreira.

— Mas eu quero saber para que utilizam a informação e onde é que irá parar.

A Matreira encolheu os ombros.

— Creio que ao arquivo. Acho que uma cópia vai para o Ministério da Administração Interna.

— Quer dizer que eu posso apresentar um pedido de liberdade de informação para saber, por exemplo, quem visitou William Hickley durante a sua detenção?

— Em teoria, sim. Mas, na prática, calculo que a resposta fosse um categórico não. Estas informações são privadas e confidenciais.

Nora estava prestes a suspirar quando o homem da *Pepsi Max* desligou o telefone e se meteu na conversa.

— Além disso, não teria nada para ver. Ninguém vem visitar aquela aberração do Hix. Só aquele detective dos olhos esquisitos, e há anos que não vem cá. Além disso, só a mãe e a irmã de cara sinistra.

A Matreira fulminou-o com o olhar.

— Jameson, estás a falar de mais.

Dirigiu-se novamente a Nora.

— Traz consigo objectos pontiagudos?

Nora abanou a cabeça.

— Pode deixar a bolsa nos cacifos além — explicou, apontando para um póster com desenhos informativos e enormes cruzes vermelhas por cima de diversos objectos, indicando os que eram autorizados e os que não eram. Assemelhava-se a uma versão muito triste e demasiado adulta do *Pictionary*.

As visitas nem sequer podiam levar ursinhos de peluche, e Nora não conseguiu reprimir o pensamento de que era excepcionalmente cruel proibir que as crianças que iam visitar o pai à prisão levassem um brinquedo fofinho.

A Matreira leu-lhe o pensamento.

— Nem imagina a quantidade de vezes que as pessoas tentam esconder drogas dentro de brinquedos fofinhos. Foi mais fácil acabar de uma vez por todas com o problema. Menos um sítio

para revistar — disse.

Com um suspiro, Nora percebeu que o gravador teria de ficar na bolsa, exactamente onde Spencer dissera que ficaria. O mesmo se aplicaria às suas lapiseiras e esferográficas, o que tornava o bloco de notas supérfluo. O telemóvel também não seria evidentemente bem-vindo.

Nora procurou um cacifo vazio, guardou lá a bolsa e introduziu um código de quatro algarismos.

A Matreira disse-lhe que passasse por um detector de metais, que reagiu ao colar, pelo que Nora teve de o entregar no balcão e preencher outro formulário. Entregaram-lhe um recibo, que guardou num bolso da saia, e passou outra vez pelo detector. Desta vez, não emitiu nenhum sinal.

— Agora, só falta revistá-la — disse a Matreira com uma cordialidade fingida, e inspeccionou todos os recantos de Nora sem encontrar a fotografia dobrada que ela escondera no sutiã.

Ao fim de uma eternidade, a revista foi concluída e Nora franqueou uma porta do outro lado do detector de metais que deu acesso a um parque de estacionamento onde a aguardava uma carrinha celular.

O motorista — que parecia um sósia vulgar de Vladimir Putin — brindou-a com um largo sorriso.

— Salte lá para trás, querida. Lamento, mas os civis não podem ir à frente.

Nora sentou-se num dos assentos de plástico fixos com parafusos e tentou abstrair-se do pivete a suor e urina.

A viagem demorou apenas alguns minutos até a carrinha parar diante de um desolado edifício pardacento. O motorista fez sinal com o queixo para uma porta blindada.

— Paragem final. É aqui que sai, querida — disse, piscando-lhe o olho de uma maneira que a deixou toda arrepiada.

Nora transpôs a porta e deu por si num átrio verde-pastel, no início de um longo corredor. Um guarda prisional estava à espera para a receber. Tinha uns olhos pequenos e feios, e um sorriso afectado, que deixava adivinhar que gostava do seu trabalho. Pelos motivos errados, pensou Nora.

Estendeu-lhe a mão. Nora apertou-a e sentiu uma massa de carne viscosa entre os dedos.

— Chamo-me Jimmy Archer — disse ele, mirando-a de cima a baixo. Foi precisa uma enorme força de vontade para o ignorar.

— Pertence à equipa jurídica? — perguntou, fazendo conversa enquanto a conduzia por um comprido corredor desprovido de qualquer objecto. Nora conseguia ouvir o bater dos tacões no linóleo desgastado ecoar pelas paredes despidas.

Murmurou algo que poderia ser entendido como uma concordância ou uma negação, dependendo do que o guarda prisional preferisse.

— Geralmente, já não é acorrentado. A idade parece tê-lo acalmado. Mas hoje está acorrentado, pelo sim pelo não — tranquilizou-a.

Nora seguiu-o.

— Não vêm cá muitas mulheres. Em circunstâncias normais — continuou a tagarelar Jimmy Archer.

Ao fundo do comprido corredor, pegou num molho de chaves, destrancou e abriu uma porta teatralmente, como se estivesse a segurar a porta para uma mulher num restaurante.

Nora esperara encontrar um balcão semelhante aos que vira nos filmes estado-unidenses. Vidro blindado a separar o recluso da visita, obrigando-os a olhar-se como peixes em aquários separados e a conversar através de telefones antiquados.

Em vez disso, deparou com uma mesa de aço coçada e duas cadeiras. Tudo estava aparafusado ao chão de linóleo.

Bill Hix já estava sentado numa das cadeiras. Tinha os braços acorrentados aos apoios dos braços, mas isso não foi a primeira coisa em que Nora reparou. O que realmente chamou a sua atenção foi o seu olhar penetrante, que a sondou por baixo da comprida franja. Os seus olhos negros assemelhavam-se aos botões reluzentes de um boneco de peluche, mas quando lhe piscou um olho, lenta e intencionalmente, e a brindou com um sorriso, os cabelos dela eriçaram-se debaixo do rabo-de-cavalo.

— Linda — disse ele, com uma voz mais cava do que ela estava à espera. Parecia enferrujada, como se ele não falasse muito e se esquecera de aclarar a garganta.

Nora tentou manter-se inexpressiva tanto quanto possível e cumprimentou Hickley com um aceno deliberado antes de se sentar diante dele. Sentia desesperadamente a falta do bloco de notas e da lapiseira. Algo com que ocupar os olhos e as mãos, de modo que escapasse do olhar fixo dele e evitasse a intimidade da mesa onde a cara dele estava tão perto, que era possível esticar o braço e tocar-lhe.

O guarda prisional traçou uma linha imaginária sobre a mesa e olhou para Nora.

— Se permanecer deste lado, ele não pode tocar-lhe. Compreende?

Nora disse que sim com a cabeça.

O homem gesticulou para a porta com o polegar.

— Eu estarei lá fora à espera. Algum problema aqui com o seu amigo Bill, basta chamar — disse, antes de sair da sala com um último olhar demorado para Nora.

Hickley nem se dignou a reconhecer a presença do guarda, mas manteve os olhos fixos em Nora, que fez um esforço para lhe retribuir o olhar.

— Muito bem, Sr. Hickley. Sabe porque estou aqui?

Hickley ignorou a pergunta.

— Tem uma óptima estrutura óssea. Muito delicada. As maçãs do rosto salientes resultam bem. É apenas uma questão de a fotografar com a luminosidade certa — disse, com a expressão de um negociante de cavalos num mercado.

Nora fingiu ignorar as palavras dele.

— Sr. Hickley, não sei se teve oportunidade de falar com o seu advogado sobre…

— Já foi modelo?

— Sr. Hickley. Sou jornalista e…

— Bill.

— O quê?

— Trate-me por Bill. Não falo com ninguém que insista em tratar-me pelo apelido. Se insistir, esta conversa acaba aqui.

Com um autocontrolo sobre-humano, Nora engoliu a resposta e relembrou-se de que não estava ali apenas por ela, mas também pelos pais de pelo menos catorze raparigas e possivelmente muitas mais. Pessoas com enormes lacunas no coração e que precisavam de respostas.

— Muito bem, Bill. Vim aqui para falar sobre as pessoas que matou.

Ele abanou a cabeça.

— Não, não, não. E estava a ir tão bem, Menina Nora. Tratou-me por Bill. Fiquei satisfeito. Estava preparado para confiar em si, e depois sai-se com esse assunto desgastante, sobre o qual nada sei, pois claro.

— Custa-me a acreditar, Sr. Hi… Bill.

Ele encolheu ligeiramente os ombros e sorriu-lhe presunçosamente.

— Falemos sobre outra coisa.

Nora pigarreou. A adrenalina aumentava e diminuía no seu corpo. Medo e raiva fundiam-se numa mistura explosiva, que fazia que sentisse vontade de arrancar a verdade daquele estafermo arrogante que estava ali sentado a gozar com ela, a gozar com as raparigas que matara.

— Claro, Bill. Falemos sobre outra coisa. Que tal sobre as suas viagens? Gosta de viajar?

Ele esticou os braços o máximo que conseguiu.

— As oportunidades são algo limitadas, claro. Mas sim, viajei bastante com a minha mãe quando era criança. Tenerife. Costa del Sol. Rodes.

— Já esteve na Dinamarca?

Ele fingiu procurar a resposta. Inclinou a cabeça, simulando vasculhar as memórias. Nora já vira figurantes de Bollywood representar melhor.

— Sim. Acho que já lá estive duas vezes — respondeu quando não podia protelar mais.

— Foi de barco?

— Sim, porquê?

— Lembra-se de quando foi de *ferry* à Dinamarca?

— Não propriamente. Porquê, é importante? — disse, com aparente indiferença.

Nora reparou que ele começava a contorcer-se no lugar e que as correntes chocalhavam.

— Para ser franco, esta conversa começa a aborrecer-me — disse hipocritamente.

— Lulu. Lisbeth — arriscou Nora.

Hickley limitou-se a olhá-la, mas num silêncio sepulcral. Ficou muito quieto, como que a jogar o jogo do sério. Como que receando que um movimento abrupto o denunciasse.

Nora deixou-o sofrer.

Finalmente, Hickley expirou e encolheu os ombros.

— Naquele tempo, conheci inúmeras raparigas. Não se esqueça de que eu andava a recrutar modelos; as raparigas não me largavam — disse ele, com desdém. — Mas não posso afirmar que esses nomes me digam alguma coisa. Nem muito, nem pouco.

Estava a contestar em demasia. Parecia uma tripla negativa, para que ela não identificasse o logro. Ele sabia muito bem sobre quem ela estava a falar. Nora estava tão certa disso como estava de que Hix não lhe revelaria uma sílaba mais do que planeara.

Nora decidiu mudar de táctica.

— Recebe visitas na prisão?

Hickley fitou-a com um olhar malicioso.

— Além do meu advogado e de jornalistas tontas a tentar obter informações?

Nora deixou o silêncio envolvê-los, agarrando-se ao pensamento de, muito em breve, estar outra vez ao ar livre. Livre para ir aonde quisesse. Hix apodreceria naquele lugar.

— Sim, além dessas pessoas — acabou por dizer.

— Isso não é da sua conta. Mais alguma coisa? — disse, dando a entender que iria levantar-se. Uma manobra inútil, pois continuava acorrentado.

Lenta e intencionalmente, Nora enfiou a mão no interior da camisa branca e tirou de lá o papel. Desdobrou-o parcialmente, deixando claro que tinha lá alguma coisa, mas não mostrando o quê.

Conseguira a absoluta atenção de Hix.

— Gosta de fotografias, não gosta?

Ele engoliu em seco e assentiu.

— Recebe visitas de alguém na prisão?

— Da minha mãe — respondeu, encolhendo os ombros.

— E da sua irmã?

Ele anuiu.

— De mais ninguém?

— Não.

— Amigos por correspondência?

— Que tem na fotografia?

Nora desdobrou-a e mostrou-lha.

Hix tentou agarrá-la instintivamente, mas as algemas chocalharam antes de se deter.

— Primeiro, diga-me quem lhe escreve para a prisão. Quem anda a fazer de Bill Hix no seu lugar?

— Não faço ideia do que está a falar.

Não olhou para ela. Os seus olhos seguiram a folha de papel desdobrada.

Nora deu sinais de ir embora.

— Pronto, é uma pena, Sr. Hickley.

— Bill — corrigiu-a com uma expressão furiosa nos olhos.

— Como eu disse, é uma pena, mas realmente acho que não há nada de interessante para incluir num artigo.

Nora viu a incredulidade espalhar-se pelo semblante dele como café derramado numa folha de papel.

— Você… você…

— É óbvio que estou aqui a perder o meu tempo — disse ela.

— Mas nem sequer me perguntou sobre… — balbuciou numa voz tão lamurienta, que quase pareceu um falsete. Parecia um pirralho mimado.

Nora observou-o enquanto ele recuperava lentamente a compostura, como um homem que caminhou até à beira do abismo na brincadeira.

— Boa tentativa, Menina Sand — disse ele, transparecendo aprovação na voz, que tinha baixado novamente algumas oitavas. Tinha o olhar empedernido, e abanou a cabeça lentamente e com respeito.

— Sim. É evidente que perdeu o seu tempo. Mas boa tentativa. É uma das melhores — disse, baixando o olhar para as mãos, ainda agrilhoadas aos braços da cadeira. — Como pode ver, infelizmente, a minha situação actual impede-me de a aplaudir como merece. Terá de usar a imaginação.

Com estas palavras, virou a cabeça e chamou o guarda prisional. A visita terminara. Nora

conseguia sentir a frustração como ondas de calor afluindo-lhe às maçãs do rosto.

Precisamente antes de a porta se abrir dando passagem a Jimmy Archer, Hix olhou-a directamente nos olhos e sibilou:

— Hei-de apanhar-te, sua puta. Eu consigo sempre o que quero.

Nora conseguiu sentir o pânico a vibrar debaixo da pele. Não havia maneira de ele conseguir tocar-lhe, mas ela sentiu-se como se estivesse com o nariz encostado ao vidro de uma jaula de répteis, olhando para uma cascavel prestes a atacar. Entorpecido pelo pavor, o cérebro esquece-se de transmitir a mensagem ao corpo.

Precisou de todo o seu poder de concentração para se levantar calmamente, comportando-se como se não estivesse incomodada. Os seus movimentos tornaram-se rígidos e controlados. Os seus olhos ficaram distantes e fechou-se sobre si mesma. Não ouviu nenhum tipo de som.

*

Só quando chegou ao corredor é que Nora percebeu que se tinha esquecido de respirar desde que deixara Hix. Bolas. Perdera a oportunidade. Tinha estado à frente dele, possivelmente com a solução na mão — tão perto de desvendar o segredo. E depois deitara tudo a perder ao apostar demasiado alto.

A imagem de Hannelore e Helmuth Neuberg de Munique acompanhou-a ao longo de todo o seu passeio da vergonha pelo corredor com o chão de linóleo cinzento. Dois pais envelhecidos com uma lacuna nas suas vidas do tamanho de uma filha desaparecida.

Jimmy Archer meteu-lhe um cartão na mão antes de ela entrar para a carrinha celular, que ficara à sua espera à porta do edifício. Nora sentou-se e olhou incredulamente para o cartão, quando a porta se fechou e o motorista regressou ao bloco da administração. Era um cartão-de-visita com o número de telemóvel de Jimmy Archer, daqueles que se imprimem em máquinas nas estações ferroviárias. Tinha um pequeno logótipo da *Playboy* num dos cantos.

No verso, Jimmy Archer escrevera com uma letra infantil: «Liga-me. Pago-te o jantar, linda. Bj.»

Nora amarrotou o cartão e meteu-o ao bolso.

Quando regressou à recepção, a Matreira estava ao telefone, enquanto o colega jogava uma versão bastante evoluída do *Tetris* no computador. Ao vê-la, fez pausa no jogo e foi buscar o registo de visitas.

— Teve uma boa visita? — indagou, desinteressado.

Nora encolheu os ombros, assinou o livro de registo e devolveram-lhe o colar. Foi buscar a bolsa ao cacifo e estava já no parque de estacionamento quando o telemóvel tocou.

Era Spencer, informando-a de que o carro ia a caminho e que estaria lá dentro de cinco minutos.

— Valeu a pena tentar. Não se recrimine…

— Mas ele não revelou nada…

— E a fotografia das raparigas. Bem pensado. Quase conseguiu enganá-lo.

Nora abanou a cabeça, enquanto tentava compreender as implicações do que ele acabara de dizer.

— O quê? Como pode saber disso? Só estava eu e o Hix na sala.

— Você, o Hix e a câmara oculta mesmo por cima do quadro de avisos. Eu estava na sala ao lado.

Tínhamos de estar lá para sua segurança. Não se esqueça de que o Hix é um assassino. E ver a linguagem corporal dele foi útil.

— Porque não me disseram? Pensei que estava lá sozinha.

— A ideia foi mesmo essa. Se soubesse, não teria sido natural.

Nora deixou escapar as palavras sem pensar, devido à frustração causada pelo seu fracasso. Embora soubesse que não era razoável a expectativa que acalentara, nutrira a esperança de conseguir fazer a diferença.

— Vá-se foder!

Depois, desligou o telefone e chamou um táxi para a levar à estação. Enquanto aguardava a chegada do táxi, Spencer telefonou-lhe duas vezes, mas ela não atendeu.

22

De regresso a Londres, enquanto o táxi abria lentamente caminho pelo meio do tráfego, Nora fitava os edifícios e as pessoas que pululavam pelas ruas, apressadas para reuniões que não teriam nenhum significado para quem tinha perdido uma filha. Reuniões relacionadas com dinheiro, propriedades e objectos inanimados que, em última instância, não tinham importância alguma.

Tentou desanuviar a cabeça e deixá-la funcionar sem entraves, enquanto reparava vagamente que o motorista sintonizara a rádio na BBC Radio 4, na qual uma mulher com sotaque indiano estava envolvida numa tempestuosa discussão com o apresentador.

— Mas é o que diz no livro. É o que diz no livro — repetia insistentemente.

O apresentador esforçava-se por pôr água na fervura.

— Dona Singh. Acho que não chegaremos a bom porto, e temos outros ouvintes à espera que também querem dar a sua opinião sobre as crianças que vivem com famílias adoptivas. Mas obrigado pelo seu telefonema — disse ele, cortando-lhe a chamada com facilidade, antes de dizer o número para o qual os ouvintes deveriam ligar.

Algo se agitou na mente de Nora. Algo sobre um livro. Algo escrito num livro.

A sua mente regressou ao passado ao tentar reconstituir os acontecimentos na recepção. Ela assinara o registo de visitas. Um formulário em triplicado, que a Matreira deixara algures no gabinete. Nora reproduziu mentalmente a película em câmara lenta, tirando da bolsa o bloco de notas, enquanto a memória ainda estava fresca.

Visualizou o colega da Matreira que divulgara demasiada informação ao dizer que Hix recebia apenas as visitas da mãe e da irmã. A cena tinha algo de errado.

O seu raciocínio foi interrompido, quando o motorista do táxi travou a fundo para não atropelar um jovem que ia a ouvir música num *iPod*. Levava o capuz na cabeça e atravessara a rua sem olhar. O motorista baixou o vidro e gritou com toda a força:

— Vê lá por onde andas, seu anormal!

A única pessoa que estava na rua e que não reagiu foi o fulano do *iPod*, que seguiu caminho ao som da música que só ele conseguia ouvir.

O táxi seguiu caminho por Regent's Park com o rádio ligado.

— Mas então e a política do Governo para a família? Falhou? — perguntou o apresentador em directo.

Família. Livro. As duas palavras colidiram na sua mente e, subitamente, Nora percebeu o que estava errado. Mal podia esperar por chegar a casa e verificar se a memória não a atraiçoara. Quando o táxi estacionou à porta do seu apartamento, subiu as escadas a correr sem esperar pelo troco ou pelo recibo para enviar ao Lagostim.

Encontrou o *Murders of the Century* no chão. Caíra da mesa-de-cabeceira e estava meio escondido debaixo de uma *T-shirt* encardida. Procurou rapidamente o capítulo sobre o jovem William Hickley e a mãe.

A memória não a enganara: alguma coisa não batia certo. É claro que o escritor poderia estar enganado, não ter feito a pesquisa — não seria a primeira vez.

Encontrou o número de McCormey, telefonou para a polícia de Dover e apresentou-se. Para seu espanto, passaram imediatamente a chamada para McCormey.

— Menina Sand. Acho que seria boa ideia telefonar ao Spencer. Sei que ele está ansioso por a contactar — disse, sem se apresentar.

— Hum — resmungou Nora, não se comprometendo.

— Estou apenas a informá-la. O Spencer é um homem que geralmente obtém aquilo que pretende. E neste momento não está nada satisfeito.

— Nem eu — redarguiu Nora insolentemente.

McCormey não conseguiu reprimir uma breve gargalhada.

— Não, parece que o Spencer tem esse efeito sobre a maioria das pessoas. Mas acredite em mim — o trabalho que está a realizar é extremamente importante. Mais importante do que ele e os seus modos. A sério, ligue-lhe. Já.

— Está bem, está bem, eu ligo. Mas não lhe telefonei para pedir conselhos sobre como me dar bem com o Spencer. Tinha esperança de que pudesse ajudar-me numa coisa. Estou a tentar elaborar o perfil do Hix. Como era ele antes de ser detido, esse tipo de coisas, para ficar com a panorâmica geral.

— Ai, sim?

— E pus-me a pensar: durante a sua investigação, alguma vez deparou com familiares, irmãos, irmãs ou amigos íntimos, talvez, que eu possa contactar para ficar a saber mais um pouco sobre como ele era em criança.

Seguiu-se uma longa pausa.

— Sim, está lá? — disse Nora, para ter a certeza de que ele não desligara.

— Menina Sand. Não posso partilhar informações dessa natureza com a imprensa, nem com ninguém. Não posso revelar-lhe os nomes dos irmãos de um suspeito. Mesmo que essa pessoa fosse filho único e não tivesse família nem amigos, eu não poderia dizer-lho. Compreende?

— Perfeitamente. Obrigada — disse Nora.

— Era tudo?

— Só mais uma coisa — disse ela, com afectuosas recordações de episódios da série *Columbo*, a que assistira em criança, em que o detective com a sua gabardina amarrotada voltava sempre atrás com uma derradeira e fatal pergunta.

— Sei que não pode revelar-me nada, e isto é um tiro no escuro, porque estou a tentar seguir uma pista da Dinamarca, mas alguma vez deparou com um dinamarquês chamado Oluf Mikkelsen?

McCormey pareceu ponderar.

— Não posso comentar investigações individuais, é claro, mas posso dizer-lhe que, durante toda a minha carreira na polícia, nunca me apareceu esse nome. E tenho uma memória de elefante — acrescentou.

23

Assim que Nora desligou, recebeu um aviso do correio de voz. Spencer deixara quatro mensagens. Nora suspirou e telefonou-lhe.

— Menina Sand. Está a responder às minhas chamadas — gracejou.

— Parece que sim — retorquiu.

Seguiu-se uma longa pausa e Nora não estava com pressa. Spencer é que estava em falta, não ela.

— Ouça. Não sou pessoa de pedir desculpas — começou.

— Mas?

— Mas nada. As coisas são como são — disse rudemente, mas Nora não conseguiu deixar de sorrir para o telefone. Ele fazia lembrar-lhe o seu irmão, David. Um homem com uma missão.

— Gostaria… Gostaríamos — corrigiu-se — de nos reunir consigo aqui amanhã às 10 horas. Temos assuntos importantes para debater.

— Hum. Não sei se posso amanhã — disse ela.

— Menina Sand. Estou a pedir-lhe com o devido respeito. Não é por mim, mas por inúmeras pessoas. Tem de vir aqui por elas — disse, sem estar com paninhos quentes.

Nora sabia muito bem que, se queria apagar da memória a imagem do casal Neuberg e das muitas raparigas desaparecidas, não tinha alternativa.

Depois de desligar, voltou para o computador e procurou as fotografias que tinha digitalizado da reportagem que cobrira o desaparecimento de Lulu e Lisbeth. Continuou a clicar até encontrar uma fotografia de grupo da Vestergården e ampliou-a o máximo que conseguiu, e depois focou Oluf Mikkelsen.

O facto de ele ser uma das três pessoas de um grupo de oito a desaparecer sem deixar rasto no Reino Unido dificilmente seria uma coincidência. Isto se ele desaparecera. Contudo, a impressão digital dele na fotografia de Lisbeth e Lulu revelava inequivocamente algum tipo de relação.

Nora lembrava-se vagamente de uma peça que escrevera havia alguns anos sobre uma base de dados de pessoas desaparecidas criada pela polícia britânica e, após alguma pesquisa no Google, encontrou-a.

O Registo Nacional de Pessoas Desaparecidas fora criado com o objectivo de resolver o mistério

de cerca de duzentos corpos não identificados que, todos os dias, ficam esquecidos nas casas mortuárias do Reino Unido. Os restos mortais de pessoas sem familiares que os reclamem e realizem as exéquias. Cadáveres sem nome, histórias de vida ou o mais ínfimo sinal de terem sido amados.

Muitos eram pessoas que haviam sucumbido à vida em Londres e optado por acabar com ela na linha do metro, enquanto outras haviam dado à costa, sendo encontradas em casas incendiadas ou em bancos de jardim, com as veias a transbordar de drogas. O que todas tinham comum era que haviam deixado este mundo sem que alguém desse por isso e não terem nome.

O Registo Nacional de Pessoas Desaparecidas documentava, fotografava e reunia estes casos, com base em informações de todas as forças policiais do país. Com um aperto no coração, Nora abriu a página principal, preparando-se para encontrar as fotografias de rostos sem vida.

Porém, a página principal indicava apenas um número de telefone e uma morada que podia ser visitada por todos aqueles que tivessem aquilo que era descrito como um «interesse legítimo» em ter acesso aos arquivos do registo. Ficava em Walthamstow e encerrava dali a exactamente meia hora.

Tinha lógica que não publicassem fotografias de defuntos na Internet. Já havia coisas horríveis de sobra que podiam ser vistas, pensou.

Marcou o número e agendou uma visita para o dia seguinte, logo a seguir ao almoço.

24

Spencer já estava preparado para a receber, quando a mandaram subir da recepção e ela apareceu numa sala de reuniões onde Irene e Millhouse a aguardavam com largos sorrisos e lápis acabados de afiar. No centro da mesa, havia uma taça de fruta com deliciosas uvas, bananas e ameixas.

— Menina Sand. Que prazer em recebê-la — disse sem transparecer ironia.

Nora empoleirou-se na beira da cadeira, pegou numa banana, descascou-a e comeu-a com três dentadas. Era o pequeno-almoço.

— Café? — ofereceu Millhouse, e ela concordou com a cabeça, tendo a boca ainda cheia de banana.

O polícia pegou na cafeteira e serviu-lhe uma chávena, enquanto Spencer ligava o portátil a um projector e procurava o que parecia ser uma pasta de fotografias. Nora pegou numa embalagem de leite gordo e clareou o café.

— Ontem, portou-se bem — disse Irene, piscando-lhe o olho.

— Não creio que tenha marcado a diferença — disse Nora. — Porque ele não nos disse nada que nós já não soubéssemos, pois não?

Spencer aclarou a garganta.

— Ai, isso é que disse. Talvez não intencionalmente, mas é aqui que nós entramos em cena. Que a *menina* entra em cena — corrigiu.

Nora sorveu o primeiro gole da bebida tonificante e confirmou, uma vez mais, que, além de o café do gabinete de Spencer ser do melhor do que alguma vez lhe tinham servido numa instituição pública, se enquadrava numa galáxia muito própria quando comparado com qualquer café que tivesse provado em todo o Reino Unido.

Olhou para Millhouse de olhos arregalados.

— Que é isto?

Ele mostrou-lhe um sorriso de orelha a orelha.

— *Jamaica Blue Mountain*. O meu pai tem uma loja de café no Soho. Durante a primeira semana que passei aqui no serviço, quase dei em louco com a porcaria dos sacos de chá e das misturas industriais que aqui tinham, pelo que cheguei a acordo com o Spencer e fiquei encarregado do café

— explicou.

Nora passou o líquido quente pela boca, saboreando a delicadeza e um aroma ligeiramente torrado. A sua animosidade esfumou-se e olhou para Spencer com outros olhos.

— Está bem, em que posso ser útil? — disse ela, tirando o bloco de notas da bolsa.

— Pode começar por guardar o bloco de notas — disse Spencer acremente.

— Você nunca desiste, pois não?

Ele abanou a cabeça com um ténue sorriso e premiu uma tecla do computador. A imagem cheia de grão do seu encontro com Hickley surgiu no ecrã e Nora não conseguiu reprimir um estremecimento ao ver outra vez aqueles olhos. A câmara estava virada quase directamente para Hickley e Nora concluiu que deveria estar instalada na parede, diagonalmente, por trás do seu ombro esquerdo. O volume estava baixo e, a um canto, via-se um cronómetro com grandes números brancos.

— Vou deixar que a Irene seja a primeira. Ela é perita em linguagem corporal. Na realidade, a sua tese de doutoramento baseou-se nas gravações televisivas de Jeffrey Dahmer — disse Spencer, referindo-se ao famoso assassino em série estado-unidense que conseguira assassinar dezassete rapazes e homens antes de ser apanhado.

Irene inclinou-se para a frente, preparando-se para rever a gravação que, presumivelmente, já teria esmiuçado desde o dia anterior — imaginou Nora.

— Avance, por favor, até aos quatro minutos e vinte segundos — pediu.

Spencer obedeceu.

— Reparem nele agora — disse Irene, aproximando-se da tela branca onde a imagem do computador de Spencer se projectava. Apontou com um marcador verde. — Aqui está totalmente controlado. Está recostado. Tem o olhar imperturbável, a roçar o triunfante. Reparem nas mãos. Estão relaxadas.

Nora assentiu. Afinal de contas, ela estivera lá pessoalmente.

— Pronto, agora avance cerca de dez minutos.

Spencer recuou e avançou o rato, e parou a gravação perto do fim.

As mudanças eram evidentes e ainda mais perceptíveis, pois não tinham o som para os distrair. Hickley estava irrequieto, baloiçando-se na cadeira para trás e para a frente, contorcendo as mãos. Os seus olhos desviavam-se para os lados, como as pessoas costumam fazer quando tentam evocar memórias antigas.

— Sobre o que estávamos a falar neste momento? — soltou Nora.

Irene voltou-se para Spencer.

— Pode ligar o som, por favor?

— … esteve na Dinamarca? — ribombou a voz de Nora pela sala.

— Tocou num ponto nevrálgico — disse Spencer, delicadamente. — Há alguma coisa relacionada com a Dinamarca. Alguma coisa que ele tentará esconder a todo o custo.

Nora anuiu.

— Fiquei com a mesma sensação quando lá estava. Mas vendo a gravação, torna-se mesmo evidente.

Spencer brindou-a com um largo sorriso.

— Eu sabia que compreenderia.

— Ei, isso não quer dizer que ache que não foi errado deixarem-me pensar que estava ali sozinha — disse Nora, soando mais arrogante do que desejara.

Millhouse serviu-lhe mais café, tentando passar-lhe a mão pelo pêlo.

— O que importa agora é encontrar uma estratégia para o próximo passo — disse.

Nora bebeu o café pensativamente.

— Acho que estraguei a única hipótese que tive. Não creio que ele vacile outra vez. Ele perdeu o controlo por instantes, mas cairá no mesmo erro? De certeza que estará ainda mais alerta, se eu aparecer lá outra vez, não? — perguntou a ninguém particularmente.

Spencer aproveitou a deixa.

— Temos de tentar outra vez, e deixe-me reforçar a ideia de que a menina conseguiu melhores resultados do que qualquer outra pessoa.

— Está bem. Então, ignoremos para já o facto de eu ter de enfrentar outra vez um assassino demente, e presumamos que estou disposta a fazê-lo para deslindar o caso. Com sinceridade, que poderei fazer para o levar a falar? O McCormey passou — quanto tempo foi? — mais de dez anos a tentar e nunca conseguiu arrancar-lhe nada.

Millhouse inclinou-se para a frente.

— Mas é aí que reside a diferença, Nora — disse, com sinceridade. — Ele está interessado em si. Quer a sua aprovação.

Nora ficou boquiaberta.

— Em que baseia essa presunção?

— No facto de ele se ter esforçado imenso para a impressionar e criar uma espécie de afinidade consigo. Quis que a tratasse por Bill. Com todas as outras visitas, com excepção da família, insiste que o tratem por Sr. Hix.

Millhouse tirou de uma pasta um molho de folhas agrafadas. Nora percebeu que era o registo impresso da conversa que tivera com o assassino. Millhouse destacara vários passos em amarelo.

— A menina teve muitas coisas em seu favor. Não foi submissa. Não lhe implorou que respondesse às suas perguntas. E a sua decisão de lhe virar costas foi de génio — disse, com admiração.

Nora fitou-o, inexpressiva.

— Simplesmente, não consegui estar na mesma sala que ele mais tempo — disse.

Spencer mostrou uma expressão que quase podia ser entendida como indiciadora de remorsos. Quase, pensou Nora.

— Terá de ultrapassar isso. Irá encontrar-se bastantes mais vezes com o Hix — informou. — Estamos a tentar obter uma autorização permanente. Demorará alguns dias, mas depois poderá visitá-lo sempre que quiser.

Nora estremeceu só de pensar.

— Mas…

— Amanhã é sábado — interrompeu-a Spencer —, pelo que antes de quarta-feira nada feito. E, se calhar, até é melhor assim. Se aparecer lá antes disso, ele desconfiará. Além disso, preciso de falar com o Cross, para ele preparar o Hix. Pô-lo no estado de espírito adequado, por assim dizer — disse.

— E acha que o Cross vai concordar? O seu primeiro dever não é para com o seu constituinte? —

perguntou Nora.

— Como lhe disse, ele deve-me um favor. Um grande favor — disse Spencer, sem entrar em pormenores.

— E temos um trunfo na manga — intercedeu Millhouse. Podemos aliciá-lo com a perspectiva da transferência de uma prisão de alta segurança, gozando de… como dizer… condições mais apelativas.

Spencer assumiu novamente as rédeas da conversa.

— Temos o fim-de-semana para descortinar um plano de acção. Tenho uns colegas em Quantico e um na Nova Zelândia que gostaria de consultar. Têm experiência em casos como este.

Nora escolheu as palavras com cuidado.

— Eu quero ajudar o máximo possível. No entanto, tenho o meu trabalho…

Spencer assentiu.

— Eu compreendo. E creio que, mesmo nesta fase, podemos garantir-lhe que estamos a falar de poucas visitas. Mas esta pode ser a nossa única oportunidade de deslindar o caso. Sei que o McCormey deposita grandes esperanças em si. Deve ter causado nele uma excelente impressão, o que é raro quando falamos de jornalistas — disse.

Nora sorveu o resto do café. Apesar de ter arrefecido, não deixou um travo amargo na língua.

— Conte com um brífingue na terça-feira e, possivelmente, uma posterior reunião na próxima semana. Combinado? — perguntou Spencer, com um olhar solene.

Nora concordou com a cabeça e começou a levantar-se.

— Muito bem…

— Mais uma coisa, Menina Sand. Há um motivo para eu lhe ter dito que guardasse o bloco de notas. Tudo o que acontece nesta sala é confidencial.

— Mas então como é que poderei…

— Confidencial, até decisão em contrário.

Nora suspirou. Tudo bem, se eram essas as regras do jogo. Contudo, isso também significava que ela não tinha obrigação alguma de partilhar informações com ele.

Despediu-se, foi a pé até à estação de metro do Green Park e apanhou a linha Victoria para Walthamstow.

25

Passou pelo Registo de Pessoas Desaparecidas por duas vezes sem reparar no pequeno escritório numa cave por baixo de um salão de cabeleireiro rosa que anunciava depilação das virilhas por metade do preço.

Nora consultou o relógio. Ainda faltavam vinte minutos para a hora marcada e ponderou ir almoçar num *pub* chamado *The Crown* duas portas mais abaixo, mas perdeu o apetite assim que passou a cabeça pela porta. Tresandava a óleo de frituras rançoso e a cerveja azeda. Os maiores êxitos dos Roxette tocavam desenvoltamente nos altifalantes, deixando adivinhar que o novo milénio ainda não tinha chegado àquele lugar remoto de Walthamstow.

Assim, decidiu verificar se poderia chegar um pouco antes da hora marcada. Desceu os quatro degraus que davam para o escritório na cave, que aparentava ter sido uma oficina de bicicletas noutros tempos.

Por trás do balcão, estava um homem na casa dos vinte com um sorriso prestável e uma *T-shirt* laranja que, com uma enorme cara sorridente amarela, anunciava que tinha nascido para a borga. À sua frente, em cima do balcão, um exemplar do *Moby Dick* com dobras nos cantos.

— A cabeleireira é lá em cima — disse.

— Eu sei, é difícil não reparar — gracejou Nora.

— Ah, veio consultar os arquivos — disse ele, espantado, tentando freneticamente esconder o livro debaixo de um monte de brochuras, mas depois reparou na expressão de Nora e encolheu os ombros. — Terceiro ano. Literatura Americana. Tenho de ganhar uns cobres enquanto estudo, e quase não vem aqui ninguém.

— Sabe como acaba? O assassino é o mordomo — disse Nora, muito séria.

— Chamo-me Dave — disse, sorrindo-lhe abertamente. — E tu deves ser a Sand. Ontem, o Mike inseriu o teu nome na agenda. Não é todos os dias que recebemos visitas que não sejam da polícia.

— Isso explica a *T-shirt*. Talvez não seja a primeira informação de que os familiares precisam quando entram por aquela porta — observou Nora.

Dave olhou por si abaixo e enrubesceu.

— O computador fica ali — disse, conduzindo-a a uma divisão austera com canalizações

gorgolejantes no tecto, paredes brancas e duas secretárias maltratadas viradas uma para a outra, ambas com um computador em cima.

Inclinou-se e ligou um, que aqueceu com um gemido, enquanto ele se debruçava por cima da mesa para ligar o ecrã, que parecia ter sido fabricado algures entre um *Commodore 64* e um dos primeiros *Apples*.

— É como entrar num episódio do *Star Trek* com todo este equipamento de alta tecnologia.

Dave brindou-a com um sorriso insípido.

— O que acontece é o seguinte: o negócio das pessoas desaparecidas ou não identificadas não é muito rendoso. Não é nisto que o Ministério da Administração Interna quer aplicar o orçamento. Isto não dá votos — disse, e inspirou profundamente. Estava só a começar.

— Na realidade, somos uma instituição de beneficência registada, mas experimente fazer um peditório de rua para pessoas mortas. E estou a falar de pessoas que bem podem ter-se suicidado por solidão, porque ninguém se importava com elas em vida. Agora que estão mortas, as pessoas importam-se ainda menos… Experimente agitar uma lata ao lado de algum idiota com um fato de canguru vestido a fazer um peditório para ajudar gatos ou o Great Ormond Street Hospital… As pessoas nem dão hipótese de abrirmos a boca…

O computador emitiu um aviso sonoro e Dave inseriu a senha tão depressa, que Nora só teve tempo para perceber o número 66 e um X. Apontou para uma impressora carcomida que tinha uma luz vermelha a piscar.

— Se precisar de imprimir alguma coisa, pode utilizar a impressora. Peça-me papel, mas receio ter de lhe cobrar cinquenta pence por folha. A boa notícia é que temos um limite de cinco libras, por isso, se precisar de mais de dez folhas, as restantes são gratuitas. Desculpe lá, mas é para cobrir as despesas — explicou.

Nora tirou imediatamente uma nota de cinco libras da bolsa.

— Para a lata do café.

Dave foi à recepção e regressou com um recibo redigido à mão e um copo de água. Ficou durante algum tempo a olhar por cima do ombro dela, até que percebeu que a sua presença era escusada.

— Vou então voltar para o Capitão Ahab — disse.

Nora pegou na fotografia de Oluf Mikkelsen e clicou para aceder à lista de defuntos não identificados, que incluía mil cento e quarenta e cinco pessoas que a polícia britânica nunca conseguira identificar.

Primeiro, eliminou todas as mulheres. Sobravam oitocentas e trinta e duas. Depois, clicou na caixa para seleccionar pessoas de pele branca, ou como os cientistas forenses de todo o mundo preferem chamar-lhes: Caucasianos. Assim, eliminou mais trezentas e cinquenta.

De seguida, clicou no campo de pesquisa por datas. Se Oluf Mikkelsen desaparecera havia alguns anos, não havia necessidade de o procurar nos últimos cinco.

Depois de eliminar da equação homens com menos de vinte anos e com mais de cinquente, o grupo de possíveis candidatos fora consideravelmente reduzido.

Se Oluf Mikkelsen — e era uma hipótese remota — tivesse morrido no Reino Unido e o seu corpo encontrado, mas nunca identificado, enquadrar-se-ia provavelmente neste grupo.

Finalmente, restava-lhe apenas analisar os restantes homens um por um. Número de caso atrás de

número de caso. Percorreu as imagens de rostos sem vida cujos semblantes pálidos, inexpressivos, de olhos vidrados ou fechados e por vezes com expressões contorcidas se haviam despedido definitivamente da vida.

Ao lado de cada imagem, encontrava-se o tipo de informação básica que consta de um passaporte: cor do cabelo, cor dos olhos, altura e peso aproximados. E depois, os dados adicionais que os agentes que inspeccionam os passaportes prefeririam nunca ver: causa de morte, local onde foi encontrado e características distintivas.

Ao cabo de aproximadamente quarenta e cinco laboriosos minutos, sentia-se felicíssima por ter decidido não almoçar no *pub*. Já inspeccionara um desfile de rostos de revirar o estômago. Alguns inchados por terem estado durante dias debaixo de água, outros com a cara esmigalhada após quedas de pontes e prédios ou o súbito embate com uma composição do metro. Escolhera três como potenciais candidatos e eliminou todos os outros.

Por fim, chegou a uma categoria de corpos incompletos, mas em quatro dos casos, a polícia fizera os possíveis, considerando a ausência de pistas, e pagara a um escultor especializado para reconstruir as feições com barro, baseando-se nas dimensões dos crânios.

Nora percorreu-os apressadamente, mas parou na cabeça de cera de um homem vagamente parecido com Oluf. O nariz poderia ser um pouco rectilíneo de mais, mas como é que um escultor poderia saber que Oluf Mikkelsen fora pugilista e partira o nariz pela primeira vez aos catorze anos?

O cabelo era castanho-escuro, o que correspondia ao que ela podia ver na fotografia tirada na Vestergården. Era impossível perceber a cor dos seus olhos na imagem ampliada.

Continuou a ler. Características distintivas: uma tatuagem no bíceps direito. Um touro, possivelmente de origem espanhola. Uma cicatriz de vinte e oito centímetros na perna esquerda.

Por impulso, pegou no telemóvel e verificou o sinal. Tinha duas barras, pelo que deveria funcionar.

Ele atendeu ao fim de três toques com um ríspido:

— Que foi?

— Olá, fala a Nora Sand.

— Eu sei que é você, Nora Sand. Não recebo telefonemas de mais ninguém com o número começado por 0044. — Bjarke parecia irritado. — Tem mais informações para mim?

Nora teve de admitir que não.

— Então, porque me faz perder tempo? — quis saber, e Nora conseguiu ouvir alguém a jogar bilhar em segundo plano, de modo que não era uma boa hora para estar na cavaqueira.

— Serei breve. Oluf.

— Oluf?

— Mikkelsen. Ele tinha características distintivas?

— Agora confundiu-me. Por que carga de água é que o Oluf é para aqui chamado? Está implicado naquilo, o estafermo? Nem sei que…

— Não, não me parece. Ou melhor, não sei se há alguma ligação, mas tenho de investigar melhor. Processo de eliminação, sabe? — disse Nora para o acalmar. Não tinha energia para explicar tudo a um membro de um gangue de motociclistas já de si irritadiço que estava a exibir-se diante dos seus parceiros de bilhar.

— Características? — repetiu Bjarke.

— Sim, tatuagens, esse tipo de coisas. Cicatrizes?

— Tem piada dizer isso, Sand. Por acaso, até tem — disse Bjarke.

— A sério? Quais? — indagou Nora, demasiado ansiosa.

— Calma lá, minha menina. Temos aqui um pequeno problema. Acontece que eu é que *lhe* pedi informações, mas não estou a receber nenhuma. Pelo contrário, *você* não pára de me ligar, sempre a pedir mais coisas. Está a ver o problema?

Nora conseguia sentir a exasperação afluir-lhe às maçãs do rosto.

— Oh, deixe-se disso, Bjarke. Eu já lhe prometi que lhe digo assim que tiver a certeza, mas ainda não tenho nada concreto. Preciso de paz e tranquilidade para trabalhar.

— Pfff — ouviu-o fazer, antes do que parecia ser ele a pousar o telefone e a gritar para o outro lado da sala. — Ei, podes trazer-nos umas cervejas?

Nora revirou os olhos.

— Repita lá o que disse — disse ele, fingindo ter-se esquecido da pergunta.

— Perguntei se ele tinha uma tatuagem de um touro.

— Anda lá perto. Era um bisonte. Mas agora que fala no assunto, não sei se o tatuador da prisão saberia distinguir. Realmente, mais parecia um touro, mas poucas pessoas teriam tomates para o dizer na cara do Oluf.

— Obrigada — disse Nora, com o coração a palpitar ao desligar o telefone.

O morto só poderia ser Oluf Mikkelsen e ela poderia ser a pessoa que o descobrira ao fim de tantos anos. É certo que ninguém o procurara, mas havia a possibilidade de o mistério do que lhe acontecera acabar por ser a chave do mistério do que acontecera a Lulu e Lisbeth.

Foi ter com Dave, que estava ocupado com os problemas da caça à baleia ao largo da costa do Canadá, e fez um gesto vago indicando uma pilha de folhas.

— Leve as que quiser. Já as pagou — disse.

O registo incluía quatro páginas de informações sobre o homem que poderia ser Oluf Mikkelsen, e Nora imprimiu-as. Não tinha muito a que se agarrar. A causa de morte fora provavelmente afogamento, mas a autópsia do médico legista terminava com uma frase vaga que afirmava que o modo como o homem em causa perdera a vida continuava a ser uma incógnita.

Todavia, sugeria que o cadáver fora encontrado cerca de duas semanas depois de — segundo Rudolf do clube de pugilismo na Dinamarca — Oluf Mikkelsen ter sido visto pela última vez. E a descrição correspondia a um homem musculoso «de boa saúde, bem nutrido, com órgãos saudáveis». Media um metro e setenta e cinco e pesaria setenta e dois quilos, o que parecia ser apropriado para um peso meio-médio.

O cadáver fora descoberto por um pescador, Arthur Thompson, depois de ficar preso na hélice do seu barco, o que explicava o facto de Oluf Mikkelsen estar desfigurado.

Isto se o homem era mesmo Oluf Mikkelsen.

Ao fundo da última página, encontrou a informação que pretendia: «Investigador: Dale Moss, Polícia de Waybridge.»

Encerrou o computador jubilosamente, despediu-se de Dave e apanhou o metro de regresso para o Belsize Park.

*

Ainda se via uma réstia do Sol e Nora já se imaginava no café de Rosie a beber café gelado. Os planos consistiam em deixar o portátil e o saco pesado no apartamento e pegar em alguns jornais antes de se sentar numa das mesas instáveis que Rosie pusera com optimismo no passeio. No átrio, deu com um pequeno monte de correspondência e recolheu-o. Mais de metade destinava-se à Dona Fleming do rés-do-chão, mas havia dois envelopes com janela endereçados à Menina Sand e um daqueles envelopes cinzentos e duros que os fotógrafos utilizam para evitar danificar as fotografias durante o envio. Seria de Pete? Nora franziu o cenho e virou o envelope. Não tinha remetente. Rasgou a fita-cola e meteu os dedos no interior para retirar o conteúdo.

Demorou uma fracção de segundo para descodificar a fotografia desvanecida. As órbitas negras, a boca entreaberta como uma enorme cavidade com sangue a escorrer. Era Jean Eastman. A vítima que fora encontrada na bagageira de Hix quando fora detido.

Nora consultou o verso da fotografia.

Em letras maiúsculas recortadas, dizia: ISTO É O QUE ACONTECE ÀS MENINAS QUE VÊEM E FALAM DE MAIS.

O seu coração reagiu como um pardal que entra acidentalmente por uma janela. Esvoaça em pânico, batendo contra as paredes e vidraças; por muitas portas e janelas que se abram para desobstruir uma saída segura, ele continua o seu voo autodestrutivo.

Então, reparou que o envelope não tinha selos, o que queria dizer que deveria ter sido entregue em mão. Alguém sabia onde ela morava e estivera lá.

As mãos tremiam-lhe quando procurou o número de telefone de Spencer. A chamada foi parar à caixa de correio. Engoliu em seco, pôs o orgulho de lado e ligou a Andreas.

— Sim? — parecia um pouco ansioso.

— Andreas. Recebi uma carta. Alguém sabe onde vivo.

— Hã?

Nora repetiu o que disse, mas percebeu que havia imenso ruído de fundo.

— Não consigo ouvir… Que disseste?

Nora conseguiu ouvir a própria voz atingir o falsete, mas não conseguia evitá-lo. O pânico espreitava. Atrever-se-ia a voltar a sair para a rua? A subir as escadas até ao apartamento?

— Andreas, acho que o Hix sabe onde moro e…

Nesse instante, ouviu o conhecido aviso sonoro dos aeroportos de todo o mundo.

— Nora, estou a ouvir-te muito mal. Tenho de apanhar o avião agora. Vou a caminho da Dinamarca. Temos de falar mais tarde.

— Falar mais tarde? Como assim — temos de…

A ligação caiu.

Tentou ligar a Spencer três vezes seguidas, sem êxito.

Típico! Amuava se ela não atendesse imediatamente os seus telefonemas, mas quando ela precisava mesmo dele, não estava disponível.

Abriu a porta da entrada e espreitou nervosamente para a esquerda e para a direita. Nenhuma actividade suspeita. Pessoas absolutamente normais a caminho de reuniões, do café da tarde ou

dirigindo-se ao Sainsbury's para comprar molho de tomate ou panos de cozinha.

Tentou uma abordagem lógica. A sua morada era do conhecimento público. A sua fotografia e os seus dados de contacto constavam da página principal da *Globalt*, o que era fundamental para uma correspondente, e algo que ela nunca pusera em causa.

Mas quem poderia ter-lhe enviado a carta? O cúmplice de Hix? Ou um imitador?

Nora não queria descobrir. Subiu as escadas a correr, entrou no apartamento e foi buscar o seu velho saco de desporto. Em menos de dez minutos, tinha juntado o essencial. Pôs o saco do portátil no outro ombro, trancou a porta, desceu as escadas, mandou parar o primeiro táxi que viu e pediu que a levasse à Estação de Waterloo. Teria de telefonar à mãe quando estivesse no comboio.

*

A viagem de comboio até Honiton demorou três horas. Nora contemplou uma paisagem de pradarias, bosques e pequenos aglomerados de casas brancas. Tentou pensar com sensatez. Ninguém sabia que o namorado da mãe era um produtor de maçãs em Devon. Hix nunca a encontraria ali. Quanto mais o comboio se afastasse de Londres, mais segura ela estaria. Uma hora mais tarde, Elizabeth atendeu finalmente o telefone.

— Mamã, vou a caminho da casa do Patrick para passar uns dias… Tive de me afastar de Londres — começou Nora.

Seguiu-se uma pausa.

— Ai, sim? Oh, está bem — disse a mãe, com indiferença.

— Mamã, eu tinha mesmo de sair de lá — insistiu Nora.

— Só um minuto — disse a mãe.

Nora conseguiu ouvir um tilintar e uma conversa murmurada, que presumiu ser com Patrick.

— Muito bem. Podes ficar na casinha de hóspedes. Não nos avisaste com muita antecedência, pois não?

— Mas, mamã…

— Só para que saibas, nós não estaremos. A Angela Dartford faz sessenta anos, de modo que estaremos fora na maior parte do fim-de-semana. Mas o Patrick diz que pode deixar uma chave para ti.

— Mas, mamã…

— Quando é que chegas?

Nora consultou o relógio.

— Dentro de duas horas.

— Já? — A irritação na voz de Elizabeth fervilhava por baixo de uma fina camada de civilidade.

Nora não respondeu.

— Hum. Nós organizámos um jantar para hoje à noite. Não podes apanhar um táxi na estação? Vai ser complicado ir buscar-te precisamente à hora a que os nossos convidados chegam. Eu estarei a preparar três pratos e preciso de que o Patrick esteja por aqui para fazer os *cocktails* — disse.

— Sim, mamã. Claro que posso — disse Nora, e desligou.

Pelo menos, estaria em segurança naquela noite, mas obviamente passar o fim-de-semana nos

braços da sua afectuosa família não era uma opção. No que tocava a Elizabeth, não existiam abraços afectuosos e Nora ficou a cismar no motivo por que parecia que tinha de aprender esta lição uma e outra vez sempre que ia contra o seu melhor julgamento e pedia ajuda à mãe.

Ainda não conseguira contactar Spencer. Em desespero de causa, tentou deixar uma mensagem na recepção da Scotland Yard, mas, de acordo com o protocolo, negaram com veemência ter conhecimento da existência de Spencer.

Nora tinha enfiado o envelope no saco do portátil, de onde as margens cinzentas espreitavam, relembrando-a do terrível conteúdo como uma bomba-relógio. Os seus pensamentos zuniam à volta da cabeça como vespas dentro de um frasco. Não paravam de embater na pergunta de quem entregara a tenebrosa ampliação do que em tempos fora uma jovem sorridente que trabalhara numa florista e tivera uns olhos capazes de namoriscar e uma língua capaz de falar.

Nora fez um esforço para pensar em Oluf e no mistério de como poderia ter terminado os seus dias no mar, mas foi em vão. Era como se as rígidas arestas do envelope não parassem de espicaçar o limiar do seu pensamento.

Assim que o comboio parou defronte do baixo edifício de tijolo vermelho da Estação de Honiton, começou a chover. Nora apressou-se a ir para a praça de táxis, mas chegou lá a tempo de ver as luzes do único táxi desaparecerem no horizonte. Mentalizou-se de que teria de esperar e aproveitou a oportunidade para telefonar ao Lagostim, que estava em casa, e ela percebeu que estava ocupado mal atendeu o telefone.

— Que foi, Sand? Podes ser rápida? Estou numa reunião familiar.

— Recebi uma carta de ameaça. Do Hix ou de um cúmplice, creio.

— Crês? Continua.

Nora explicou-lhe.

— E tens a certeza de que não foi alguém da Scotland Yard que te enviou a fotografia para ajudar na tua investigação?

Nora revirou os olhos.

— Porque fariam isso?

— Porque é uma possibilidade que tens de eliminar antes de levarmos isto a sério. Tens de tirar isso a limpo e depois falaremos sobre o caso na segunda-feira. Se for uma ameaça genuína, terás o apoio incondicional da revista, é claro. É o nosso procedimento-padrão. Ninguém ameaça os repórteres da *Globalt*. Está bem? — disse o Lagostim, parecendo estar com pressa.

— Está — respondeu Nora desesperada, e desligou. O Lagostim tinha o hábito de entrar em piloto automático quando estava sob tensão.

O crepúsculo começava a cair sobre Honiton e Nora estava a ponderar telefonar à mãe e perguntar o número da empresa de táxis local que iria buscá-la à estação, quando um *Toyota* preto com o sinal de táxi no tejadilho encostou à sua frente.

Nora abriu a porta e subiu para o banco de trás com os sacos ao colo. O cheiro a ambientador de pinho e a cabedal era excessivo. O motorista não se virou para trás. Nora disse-lhe a morada do pomar de Patrick e o homem arrancou sem dizer palavra, deixando a estação e virando à direita.

Para acalmar os nervos, Nora tentou entabular conversa sobre o tempo, mas o motorista respondeu-lhe relutantemente com grunhidos monossilábicos e, pouco depois, o carro seguiu em silêncio. Nem

sequer o rádio estava ligado. Apenas se ouvia o ténue ronco do motor e o delicado tamborilar das gotas de chuva a bater no vidro. E depois o monótono ranger dos limpa-pára-brisas, que já tinham visto dias melhores.

Nora só visitara Patrick algumas vezes. Estava convencida de que a viagem desde a estação demoraria quinze minutos e tentou reconstituir o caminho mentalmente. Ficava ao fundo de uma rua onde havia um *pub* com um cavalo — ou um unicórnio — no letreiro. Depois disso, havia um enorme celeiro preto e uma rua lateral.

Depois de rolarem durante aquilo que lhe pareceu uma eternidade, Nora sentiu um alívio ao avistar o letreiro do *pub* pelos vidros embaciados. Já faltava pouco. Dali em diante, eram apenas mais cinco minutos de viagem, pensou. De seguida, passaram pelo The Unicorn & Maiden.

— Ei! Não tinha de virar ali?

O motorista não respondeu.

Nora tentou outra vez, levantando um pouco a voz.

— Acho que deveríamos ter virado ali!

O homem permaneceu em silêncio, mas pareceu-lhe que ele carregou mais no acelerador, porque o carro ganhou velocidade. Sentiu um suor frio, enquanto tentava manter a pouca calma que lhe restava.

— Está a ouvir? Percebeu bem a morada? — tentou.

O motorista encolheu os ombros e carregou mais no acelerador.

Nora considerou rapidamente as opções. O carro seguia depressa de mais para saltar em andamento, mas sabia que, em determinado momento, teria de abrandar na estreita estrada rural. Encostou discretamente os sacos ao corpo e retesou os músculos, preparando-se para a fuga.

Quando o carro abrandou para fazer uma curva apertada, Nora agarrou o puxador com firmeza, preparada para saltar, mas o trinco fez um estalido ineficaz. O bloqueio de segurança para crianças estava activado.

O olhar de Nora cruzou-se com o do motorista no retrovisor. A tentativa de fuga pareceu diverti-lo.

— Calma. Estamos quase a chegar — disse.

Tinha uma voz estranhamente distorcida, como se estivesse sob o efeito de drogas. Nora pensou se deveria puxar o travão de mão para tentar imobilizar o veículo.

Nesse instante, o telemóvel tocou. Era Spencer.

— Menina Sand, qual é a emergência?

As suas palavras saíram aos tropeções, recusando-se a formular uma frase com sentido. Não se atreveu a falar-lhe sobre a fotografia, enquanto estava dentro de um carro com um homem que estava a levá-la sabe Deus para onde.

— Siga o meu telemóvel. É importante!

Spencer soou calmo e profissional.

— Tem de me dar mais informações antes que possamos…

— Faça-o já! É uma questão de vida ou de morte — conseguiu dizer antes de o *Toyota* preto estacionar à porta da casa de Patrick.

O motorista virou-se para trás e fitou-a.

— São quinze libras. Desculpe não ser mais conversador — disse, apontando para o maxilar, que estava inchado. — Fiz hoje uma cirurgia ao canal da raiz.

— Menina Sand, que está a acontecer? — gritou Spencer ao telefone.

— Nada. Esqueça. Desculpe — disse, e desligou.

Nora pegou numa nota de 20 e entregou-a ao motorista, que saiu do carro e foi abrir-lhe a porta. Pouco depois, estava a bater à porta da frente da casa.

A mãe veio recebê-la, enquanto os dois *King Charles spaniels*, *Uísque* e *Soda*, ladravam excitados à volta das pernas dela. A mãe tinha o cabelo bem penteado e a maquilhagem impecável. De repente, Nora sentiu-se desgrenhada e desleixada.

— Oh, cá estás tu. Íamos agora mesmo começar a jantar. Porque não vais à cozinha buscar uma sanduíche quando as coisas acalmarem um pouco?

Nora concordou com a cabeça.

A mãe beijou-a formalmente nas duas maçãs do rosto e Nora deixou-se ficar passivamente nos degraus.

— Óptimo. Tenho de ir. A chave da casinha de hóspedes está no vaso verde à beira da porta. O Patrick já ligou o aquecimento.

Ao longe, Nora conseguia ouvir risos masculinos e o chilreio de duas vozes femininas. Forçou um sorriso e atravessou o jardim bem tratado a arrastar os pés.

Numa reflexão tardia, a mãe chamou-a.

— Ei, está tudo bem?

— Está — respondeu Nora maquinalmente, sem convicção na voz.

— Óptimo, então podemos conversar amanhã de manhã ao pequeno-almoço, pode ser? Passa uma boa noite — disse a mãe, fechando a porta com tanta força, que a antiga aldraba em forma de boca de leão bateu duas vezes no pesado carvalho.

Nora encolheu os ombros, recompôs-se e entrou na casinha. Estava limpa e seca, e sentia-se um odor a lavanda. Não estava lá Hix e tinha acesso à Internet. Era tudo do que precisava naquele instante.

Tomou um banho de chuveiro e atravessou novamente o jardim para ir à cozinha preparar duas sanduíches de queijo barradas com *chutney* de maçã caseiro de Patrick. Colocou-as num prato, meteu ao bolso duas maçãs da terrina de fruta, e voltou para a casinha para trabalhar.

Percebeu então que, no meio de toda a confusão, se esquecera completamente de falar sobre a fotografia a Spencer, pelo que tentou ligar-lhe outra vez. Não teve sorte. Enviou-lhe uma curta mensagem de texto: «Recebi uma ameaça. Possivelmente do Hix. Ligue-me.»

Depois, abriu o portátil e tentou organizar os apontamentos da visita ao Registo de Pessoas Desaparecidas.

Duas horas mais tarde, acordou em cima da cama, completamente vestida e com o portátil ainda sobre as pernas. Encerrou-o, escovou os dentes, despiu-se e caiu num sono tranquilo e profundo.

*

Por volta das 8 horas da manhã seguinte, quando foi em bicos de pés à cozinha para preparar uma chávena de café, só o *Uísque* e o *Soda* estavam acordados. No piso de cima, tudo estava em silêncio, e da sala de estar chegava o cheiro mofado de vinho azedo, copos de brande esquecidos e dos

charutos que Patrick costumava distribuir em ocasiões festivas. Nora fez uma torrada com marmelada, procurou café, não encontrou, e acabou por preparar uma chávena de *Earl Grey* forte com leite e muito açúcar.

Depois, voltou para a casinha de hóspedes, sentou-se à antiga escrivaninha que teria de servir de secretária e reviu novamente os apontamentos do dia anterior.

Não esperou muito tempo para procurar no Google o número da polícia de Waybridge, onde estava sedeado Dale Moss, que investigara o caso que ela pensava poder estar relacionado com Oluf.

Ao fim de alguns toques, uma mulher atendeu o telefone.

— O Dale Moss? — disse ela. — Há mais de dez anos que não trabalha aqui. Qual era o assunto?

— Um caso antigo — disse Nora.

— Quer que passe a chamada para quem o substituiu?

Nora disse que sim e, pouco depois, ouviu uma voz feminina autoritária.

— Fala a comissária Summers.

A mulher ouviu pacientemente o relato de Nora de como seguira uma pista sobre um dinamarquês desaparecido. Um homem que nunca fora dado como desaparecido, mas cujo mistério poderia ser resolvido agora. Uma possibilidade de substituir um ponto de interrogação por um ponto final.

— Exactamente em que acha que posso ser-lhe útil, Menina Sand?

— Pensei que talvez pudesse passar por aí e consultar o processo…

Summers interrompeu-a imediatamente.

— Não estamos autorizados a divulgá-los. Lamento. Por muito que quisesse ajudá-la, não estão disponíveis ao público. A menos que apresente um Pedido de Divulgação de Informação, é claro. Ou então pode apresentar uma autorização escrita do homem em causa, o que me parece pouco viável — disse ironicamente.

Nora suspirou.

— Mas posso fazer melhor — prosseguiu Summers.

— O quê? — perguntou Nora, expectante.

— Posso arranjar-lhe um encontro com o Dale Moss. Ele poderá revelar-lhe tudo aquilo de que se lembrar sobre o caso. Ele até poderá estar interessado em saber o que tem para lhe dizer. Pode vir cá domingo à hora de almoço?

Nora disse que sim.

— Há quinze anos que almoça todos os domingos num pequeno *pub* chamado The Three Mermaids, e é extremamente pontual. Quinze minutos depois das 13 horas. Demora-se pelo menos uma hora.

— Mas como posso ter a certeza de que ele estará interessado em falar comigo?

— Eu peço-lhe como um favor especial. Ele não se importará.

— A sério? — disse Nora, pensando que era uma longa viagem de carro só para ficar sentada num *pub* a olhar para um polícia reformado que se recusava a proferir uma palavra sobre um caso antigo.

Summers soltou uma breve gargalhada.

— Sim, tenho a certeza de que aceitará se eu lhe pedir. Ele é meu pai e geralmente almoço com ele ao domingo, a menos que esteja de serviço. Consultarei o processo. Assim, poderei ajudar caso surjam quaisquer… problemas de memória.

Nora procurou uma empresa de aluguer de automóveis em Exeter e reservou um carro nessa mesma

manhã. De nada valia ficar ali sentada sozinha a olhar para as macieiras de Patrick.

Quando foi à casa principal com a chávena, ainda não se via vivalma. Encontrou o número de um táxi no quadro de avisos e mandou vir imediatamente um carro. Depois, escreveu uma breve mensagem no verso de um envelope de um monte que havia no peitoril da janela.

— Obrigada pela hospitalidade. Divirtam-se na festa. Abraços.

Quinze minutos depois, graças a Deus, outro motorista estacionou à porta. Os cães ladraram sem entusiasmo quando Nora trancou a porta da casinha e devolveu a chave.

Já no táxi, telefonou ao Lagostim. Seria melhor obter a autorização dele para fazer a visita e era possível que ele já estivesse no escritório. Por uma vez, não estava. Contudo, atendeu o telefone, ofegante.

— Estou a subir a Valby Bakke — informou, orgulhoso.

— Estás a falar ao telefone e a andar de bicicleta? — Nora ficou atónita.

— Estou. Os miúdos ofereceram-me um *kit* mãos-livres pelo meu aniversário, de modo que posso atender telefonemas enquanto ando de bicicleta — explicou.

Nora pô-lo ao corrente da situação.

— Quanto é que isso nos custará? — quis saber.

— Alguns milhares de coroas; três ou quatro, incluindo tudo.

— E tens a certeza de que vale a pena? Tem pernas para andar?

Nora hesitou.

— Bem, o meu instinto diz-me que sim. Estou convencida de que é o Oluf, e creio que há uma ligação. Mas é tudo o que tenho para já.

O Lagostim parara de arquejar. Talvez tivesse encostado ou parado num semáforo.

— Hum. Está bem, avança. Mas liga-me logo à noite.

— Está bem.

— Sand!

— Sim?

O que quer que quisesse dizer foi abafado por violentas buzinadelas.

— Sim, está bem, já vou. Tem lá calma, sim?! — berrou o Lagostim, zangado. Nora conseguiu ouvi-lo a murmurar palavrões baixinho antes de falar consigo.

— Sand, ainda estás aí?

— Mais alguma coisa?

— Sim. Tem cuidado. E manda-me algumas linhas para publicar, sim? Não podes andar sempre a passear junto à costa. Ah, estão a ligar-me de Washington. Falamos mais tarde.

Ouviu um aviso sonoro quando o Lagostim terminou a chamada, algures numa colina em Copenhaga.

26

No balcão da empresa de aluguer de automóveis no Aeroporto de Exeter, entregaram-lhe as chaves de um pequeno carro amarelo muito feio.

A assistente de atendimento ao cliente encolheu os ombros com a sua farda de poliéster verde como a erva.

— Não avisou com muita antecedência — disse, enquanto Nora assinava nos oito sítios que a assistente assinalara com pequenas cruzes.

Quando entrou no carro e tentou localizar Waybridge no mapa do telemóvel, recebeu uma mensagem de texto. Número desconhecido. Provavelmente, seria Spencer.

Manteve o dedo por cima da mensagem durante um milésimo de segundo antes de premir para a abrir.

«Hei-de apanhar-te, sua puta. Eu consigo sempre o que quero.»

Nora sentiu o sangue gelar no corpo. Eram exactamente as mesmas palavras que Hix lhe dissera. Exactamente as mesmas.

Tinha as mãos a tremer quando telefonou a Spencer, mas foi parar ao correio de voz. Deixou uma breve mensagem. Num acesso de absoluta irracionalidade, olhou por cima do ombro e trancou todas as portas do carro.

Fez um esforço para se convencer de que ele não estava ali, sentindo o coração a bater desenfreadamente. Ele estava a apodrecer no Estabelecimento Prisional de Wolf Hall. Claro que estava. Mesmo assim… Deu um salto quando o telemóvel tocou. Era Spencer a retribuir-lhe a chamada.

— Seja breve. Estou no meio de uma coisa — disse bruscamente.

Nora falou-lhe da mensagem de texto. A reacção inicial dele foi de cepticismo.

— De certeza que qualquer pessoa consegue encontrar o seu número na página da *Globalt*. Foi assim que eu o arranjei — disse ele, desdenhando-a.

— Mas são exactamente as mesmas palavras — discordou. — E não é só isso…

A voz de Spencer soou totalmente indiferente quando a interrompeu.

— Menina Sand. Pareceu-me muito agitada quando falámos ontem. E vai-se a ver, sem motivo

aparente.

— Sim, mas há mais. Alguém deixou uma fotografia da Jean Eastman na minha caixa de correio com um aviso escrito no verso.

— Qualquer pessoa pode ter feito isso. Aquelas fotografias são do domínio público. Podem ser transferidas de qualquer um daqueles sítios electrónicos abomináveis — redarguiu Spencer.

Nora tentou argumentar nos mesmos termos.

— Certo, mas também é do domínio público que eu estou a trabalhar neste caso?

Spencer pensou durante algum tempo e tomou uma decisão rápida.

— Está bem. Não me pergunte como, porque nunca lho revelarei, mas vou pedir ao Millhouse que dê uma vista de olhos. Está bem? Ele liga-lhe assim que tiver alguma informação. E que isto fique bem claro: não espere que eu lhe retribua mais telefonemas neste fim-de-semana. Tenho de dedicar todo o meu tempo a esta investigação — concluiu.

— Mas estamos a trabalhar no mesmo caso — protestou Nora, mas ele já tinha desligado.

Nora encaminhou a mensagem de texto ameaçadora para Spencer e arrancou do aeroporto. Ainda tinha as mãos trémulas quando trocou de velocidade, mas reconfortou-se com a ideia de que desde que estivesse em movimento, ninguém poderia saber onde estava. Incluindo Hix.

Todavia, como era possível que um homem aparentemente debaixo de tão forte vigilância conseguisse enviar uma mensagem de texto? Se conseguia obter o número de telemóvel dela com tanta facilidade, não seria muito complicado descobrir também a morada.

Foi então que recebeu outra mensagem. Não reconheceu o número e teve de ganhar coragem para a abrir.

«Daqui, Millhouse. O Spencer pediu-me que investigasse a mensagem que recebeu. O número pertence a Jimmy F. Archer. Não tem registo criminal, mas três multas de estacionamento por pagar. Diz-lhe alguma coisa?»

Nora não sabia se havia de rir ou chorar.

Encostou à berma e premiu o botão de chamada. Millhouse atendeu logo o telemóvel. Nora nem sequer esperou que ele dissesse quem falava.

— Diga-me que raio se passa com o sistema prisional britânico? O Jimmy Archer é a besta que deveria estar a vigiar o Hix! O anormal convidou-me para sair. Hoje em dia, não se fazem controlos de segurança aos colaboradores? — continuou a rugir. Parte dela sabia que Millhouse não tinha culpa alguma, mas era ele quem estava do outro lado da linha.

— Nora. Compreendo que o que lhe aconteceu seja perturbador, mas talvez seja apenas um homem rejeitado que descobriu uma maneira de se vingar — disse Millhouse para a tranquilizar.

Nora concluiu que estaria perante aquele apaziguamento que os agentes aprendem durante os primeiros trinta minutos no curso de negociação de reféns da Scotland Yard: mostrar compreensão e simpatia. Fomentar a confiança. Começar todas as frases com a inútil expressão: «Compreendo…»

Não estava para se deixar iludir.

— Millhouse. Quero que me ouça com atenção: ele utilizou exactamente as mesmas palavras que o Hix. Mas o Archer não estava na sala quando o Hix as disse, por isso, como é que ele pode ter sabido o que o Hix me disse? *Ipsis verbis*?

Millhouse manteve-se em silêncio enquanto pensava.

— Pode haver inúmeras explicações. Talvez o Hix confie nele.

— Tretas!

— Está bem. Talvez não. Mas ele poderia estar à escuta por trás da porta.

Nora reflectiu.

— Está bem, é uma hipótese. Mas eu tenho de saber, sem sombra de dúvida, que o Hix continua detido. Pode tirar isso a limpo?

— É justo. Ligo em breve — disse Millhouse.

Passara uma agonizante hora e Nora assustou-se quando o telefone tocou. A voz de Millhouse era profissional e tranquilizadora.

— Telefonei ao oficial de serviço em Wolf Hall. Depois de consultar o computador, pôde garantir-me que o Hix, juntamente com todos os outros reclusos da sua ala, está na sua cela desde as 22h10 de ontem. O sistema é automatizado e, a menos que aconteça alguma coisa, não vêem nenhum prisioneiro até à chamada e uma mudança de turno às 12h30 de hoje. É fim-de-semana — disse Millhouse.

— Mas então e o Archer? — perguntou ela.

— Analisei os dados da mensagem de texto e, aparentemente, foi enviada de Wolf Hall, pelo que tudo aponta para que o Archer seja o nosso vilão. Abordei o oficial de serviço sobre o assunto e ele prometeu-me que iria ter uma conversa com o Archer quando ele chegar para o turno da tarde. Quer pretenda ou não apresentar queixa dele, a sua conduta é absolutamente inaceitável. Contudo, o último turno dele terminou às 23 horas de ontem, pelo que não há muito que possam fazer para já.

Nora suspirou.

— Está bem, então.

Depois de desligar, ficou sentada no carro, fitando os campos. Foi então que percebeu! Como é que Archer poderia ter-lhe enviado uma mensagem de texto de Wolf Hall naquela manhã se não estava ao serviço? Algo não batia certo.

Telefonou novamente a Millhouse, mas ele não atendeu. Tentou ligar outra vez a Spencer, mas foi parar directamente à caixa de correio. Desta vez, não deixou mensagem.

27

Nora arrancou e ligou o rádio. Não queria ouvir *jazz*; tornaria Andreas demasiado presente. Também não lhe apetecia ouvir notícias nem debates, com ouvintes furiosos a telefonar para reclamar sobre candeeiros de rua que eram ligados demasiado cedo, ou a escassez de lugares de estacionamento no centro de Stratford. Assim, sintonizou uma estação que tocava melosas cantigas de amor intercaladas com mensagens dos ouvintes. *Rádio Amooor*, como o apresentador dizia num timbre que deveria ser idêntico ao de Barry White antes de a sua voz mudar.

— O Tim dedica esta canção à Emma. Sinto constantemente a tua falta e estou ansioso de que chegues a casa do trabalho — disse o apresentador com afectação em nome de Tim, antes de, para surpresa de Nora, passar um tema do início da carreira dos The Cure. Era preferível ao agonizante som da Celine Dion, que era o que ela temera. Considerou a hipótese de contactar Summers assim que chegasse a Waybridge, mas chegou à conclusão de que esta não estaria numa posição de lhe revelar muito sobre a investigação que o seu pai e ex-colega encabeçara havia anos. Além disso, já tinham combinado o encontro no dia seguinte.

Talvez devesse tentar localizar o pescador que encontrara o cadáver que poderia ser o de Oluf. Tentar perceber como é que um pugilista amador dinamarquês acabara na rede de um pescador ao largo da costa sul de Inglaterra, e perceber se o pescador poderia ter visto alguma coisa que não tivesse sido incluída no resumido relatório apenso à fotografia do alegado Oluf. Qual era mesmo o seu nome? Thompson? Não seria tarefa fácil encontrá-lo nas *Páginas Amarelas*, mas se fosse até à doca de Waybridge, poderia encontrar alguém que soubesse do paradeiro dele.

Afinal de contas, não era todos os dias que alguém juntava um cadáver à pescaria.

Estaria Oluf envolvido no desaparecimento de Lisbeth e Lulu? E porque também ele morrera? Teria sido vingança? E quem estava a vingar-se, e de quê?

Nora explorou mentalmente diversos cenários. Tinha dificuldade em imaginar que um rapazola que, à época, teria apenas dezasseis ou dezassete anos, fosse um impiedoso assassino capaz de dar sumiço a duas jovens relativamente fortes, sem deixar indícios. Com base no que lera recentemente sobre assassinos em série, matar era como qualquer outra arte. Quanto mais praticam, melhor ficam, e mais arrojadas se tornam as técnicas.

Seria necessário um homem mais velho e mais experiente do que um Oluf adolescente para praticar o duplo homicídio. Contudo, a fazer fé no relato de Anni, ele conseguira violá-la nessa mesma noite sem parecer que a sua vida fosse muito afectada por isso.

Teriam Lulu e Lisbeth visto alguma coisa que não deviam? Só que isso também não fazia sentido. Porque se o motivo fora não ser apanhado por causa da violação, porque não livrar-se também de Anni? Ou saberia que ela não daria com a língua nos dentes, ou que ninguém acreditaria na palavra dela mesmo que abrisse a boca? Porém, se existissem três testemunhas com relatos coincidentes, Oluf estaria numa alhada. Correria o risco de ser preso e, olhando aos pequenos delitos e a todas as outras suspeitas que já pairavam sobre si, poderia ser condenado a uma pena pesada.

Na rádio, passava agora *Poker Face*, de Lady Gaga, tema dedicado a Jack, por quem Janet, de Aylesbury, ainda tinha um fraquinho. Janet queria que ele soubesse disso. Ele e milhares de ouvintes. Nora estremeceu com pena do pobre Jack e pensou que se ele estava realmente a ouvir a *Rádio Amooor* naquele preciso instante, a culpa era só sua. E se não estivesse, não havia problema. Riu com os seus botões e não conseguiu parar de acompanhar o refrão que ficava no ouvido. A música animou-a. Tudo ficaria bem. Agarrara a ponta certa do fio e tudo o que lhe restava fazer era puxar e desemaranhá-lo até conseguir enrolá-lo num bonito novelo e escrever uma história coerente. Tentou convencer-se de que alguém iria provavelmente encontrar um telemóvel na cela de Hix, que o confiscaria e o assunto ficaria arrumado.

O carro galgou quilómetros e Nora entrou no seu próprio ritmo, abrindo caminho por entre os outros veículos. Então, sem que nada o fizesse prever, um lampejo do passado.

Depois de Kevin ter pedido desculpa a Tina por algo que Nora apenas conseguiu imaginar ao ouvir *Jealous Guy*, de John Lennon, a música seguinte apanhou-a como um murro no estômago. Assim que ouviu os confusos sinais de rádio serem interrompidos pela efervescente guitarra que evocava tão facilmente um espírito melancólico, recuou no tempo.

Os Pink Floyd começaram a tocar *Wish You Were Here* e Nora deixou de estar na estrada a quilómetros da próxima saída.

Envergava o seu melhor vestido, aquele azul-escuro com as flores róseas que levara ao baile de finalistas, e estava zonza do rum com *Coca-Cola* que bebera na casa de Trine. A pista de dança estava apinhada de adolescentes tentando parecer despreocupados, enquanto os U2 utilizavam a música para abordar temas sociopolíticos.

Um tipo alto e desengonçado do ano dela, cujo nome poderia ser Jan, chamara a atenção de Nora. Estava inequivocamente a tentar engatar Trine e usava a dança como método de sedução. Até mesmo Nora numa fase precoce de embriaguez conseguia perceber que o projecto estava condenado ao fracasso. Em parte, porque Jan era um dançarino tão atroz, que se tirássemos a música de cena e apenas observássemos os seus movimentos, a primeira reacção das pessoas seria chamar assistência médica, e também porque a atraente Trine, com os seus enormes olhos azuis e os longos cabelos loiros, era de outro campeonato.

Nora observava-os indolentemente, tentando adivinhar quando o pobre moço perceberia a terrível verdade.

Jan contorcia-se para trás num movimento especialmente audaz que teria parecido mais natural se estivessem a dançar o limbo. Nora não conseguiu conter uma gargalhada.

Subitamente, a sua vista estava tapada por um sujeito alto e espadaúdo. No início, tentara desviar a cabeça para acompanhar o espectáculo na pista de dança, mas ele era demasiado grande.

— Ei, estou a tentar ver aquilo.

O rapaz pusera-se ao lado de Nora e seguia o olhar dela.

— Ah, o Jan. É da minha turma. Não tem nenhuma hipótese. Aquilo nunca irá acontecer! — gritava para se sobrepor à música.

— Pois não. É evidente que não! — respondeu Nora, também a gritar. — O que eu queria saber é se vai demorar um ou dois segundos até ele perceber.

O colosso encolheu os largos ombros e cogitou durante cinco segundos.

— Eu digo que será na próxima música. Vai uma aposta?

— Uma cerveja? — sugeriu Nora.

Só tiveram tempo para apertar as mãos antes de se ouvir nos altifalantes o *Wish You Were Here*, dos Pink Floyd, e a maioria dos casais na pista de dança se juntar para dançar um *slow*. A meio da música, Trine aparecera à beira de Nora.

— Olha, querida. Decidi ir para casa com o Kristoffer. Não te importas, pois não? — disse quase imperceptivelmente.

Nora apenas teve tempo de assentir antes de Trine desaparecer com um rapaz cheio de estilo do ano acima que era cobiçado pelas raparigas do ano delas. Jan continuava na pista de dança de olhos fechados, balançando-se ao ritmo da música. Nem sequer dera conta de que Trine fora embora.

O colosso virou-se para ela, soerguendo as sobrancelhas.

— Parece que vais ter de pagar o pequeno-almoço — disse laconicamente e, depois de uma breve pausa, acrescentou:

— Andreas.

— Nora — disse ela.

— Vamos sair daqui — disse ele, puxando-a pelo braço.

Quando saíram do pavilhão obscurecido, a aurora começava a romper. Ela observara-o enquanto tiravam as correntes das bicicletas.

Na realidade, ele era bastante atraente. Tinha os olhos castanhos e o cabelo da cor do milho, com uns lábios bonitos e aqueles ombros largos. Pedira a Deus que não fosse um daqueles idiotas egocêntricos que adoram fazer pose em frente do espelho enquanto levantam pesos.

Foram de bicicleta a uma padaria ao virar da esquina, famosa por vender pão a quem regressava a casa depois de uma noitada, e bateram à porta. Um dos padeiros veio à porta e vendeu-lhes dois pães com manteiga e duas garrafas de leite achocolatado *Cocio*. Teriam de imaginar o café.

— Então, onde realizaremos o banquete? — indagou Nora, que começava a ficar sóbria.

— Vem comigo — disse ele.

Atravessaram a vila até à praia. Para Nora, fora perfeito. Não havia nada que desejasse mais do que ver o mar enquanto tomava o pequeno-almoço e o Sol despertava para mais um dia quente de Agosto.

Encontraram um espaço entre as dunas com uma vista magnífica e sentaram-se confortavelmente com os seus pães. Andreas falou sobre outras alvoradas e, sem que Nora desse por isso, estavam a falar sobre Hemingway, triatlos, Pink Floyd e o caminho-de-ferro transiberiano. E de como Nora

tivera pavor de monstros roxos quando era pequena, se o Bob Dylan não tinha o reconhecimento merecido, e sobre o pai de Andreas, que fora polícia antes de morrer num acidente de mota.

Algumas horas mais tarde, começou a faltar tema de conversa. Eram horas de voltar para casa, mas Andreas não estava preparado para isso.

— Anda daí, vamos dar um mergulho matinal — disse, num tom de voz que não aceitaria uma recusa.

Ainda era muito cedo e não andava ninguém na praia. Haviam-se lançado às ondas e assim dado início a uma tradição que perduraria até ao último dia de aulas. Exames, festas, fins de relações e outras desculpas esfarrapadas não contavam. O mergulho matinal era sagrado.

Então, porque não haviam dado o passo seguinte nessa manhã? Estivera na iminência de acontecer? Teria havido um momento em que se tinham olhado nos olhos durante um pouco de mais? Teria ela própria desejado que acontecesse?

Tentou lembrar-se exactamente do que sentira naquela manhã. Recordou a sensação da água do mar no seu corpo, da areia entre os dedos dos pés. Do sal na pele. Estando sozinha numa praia deserta com um homem que ainda não conhecia, mas que tinha uns olhos bonitos.

Quando saíram da água, Nora começou a tremer e apressou-se a colocar o vestido azul por cima da roupa interior encharcada.

— Tenho de ir para casa, tomar um banho quente e vestir uma roupa seca, senão ainda apanho uma constipação — disse. E ele deixou-a ir.

Quando ela empurrou a bicicleta pela primeira fileira de dunas e olhou de relance para trás, ele ainda estava a olhar para ela. Mas já era demasiado tarde.

Nora só despertou do seu devaneio quando um enorme sinal castanho anunciou que se encontrava a um quilómetro e meio de uma estação de serviço onde havia um Costa Coffee. Passou para a faixa de dentro e entrou na estação de serviço, estacionou e saiu do carro. Precisava de uma pausa. Precisava de almoçar.

*

Levou o portátil e tentou obter ligação à Internet, enquanto mastigava uma sanduíche mofada acompanhada de uma pequena garrafa de água gaseificada que custara duas libras.

Enquanto comia, analisou o resto do percurso até Waybridge e sentiu um arrepio na espinha.

Fazia já uma vaga ideia de que Waybridge se localizava na mesma região do Reino Unido que Brine, mas o mapa de estradas mostrava-lhe que ficava a menos de cinco quilómetros da pequena aldeia piscatória onde adquirira a mala.

De seguida, acedeu a www.brithisnewspaperarchive.co.uk e procurou artigos sobre o aparecimento de um homem que poderia ser Oluf. Infelizmente, não encontrou nada que já não conhecesse.

Alguns jornais locais continham breves referências e o *Waybridge Courier* dera-se ao trabalho de entrevistar o pescador, que declarara estar «em estado de choque» com aquilo que o jornalista descrevera como «pescaria tenebrosa». Junto ao artigo, que tinha tanto de sensacionalista como de escassez de pormenores, havia uma fotografia em preto-e-branco de um homem escuro de macacão e com um boné preto em frente de um barco de pesca. A legenda afirmava ser Arthur Thompson e a sua

traineira, que se chamava *Norma*.

Norma. Nora anotou o nome no bloco de notas. Já era um começo. Depois, pesquisou Arthur Thompson em Waybridge. Existiam catorze Thompsons naquele código postal, mas nenhum com a inicial «A». Assim também seria fácil de mais.

Estava cheia e atirou para o lixo o que restava da horrível sanduíche. Ainda pensou em levar *Liquorice Allsorts*, mas foi antes ao quiosque comprar uma *Coca-Cola*.

Uma hora e meia depois, saiu para Waybridge e estacionou numa área de estacionamento para esticar as pernas e avaliar a situação. Conseguia ver infindáveis colinas torneadas, pontilhadas por enormes carvalhos nodosos. Era uma das coisas que apreciava na região rural inglesa: o modo como altivas e ancestrais árvores não eram sacrificadas apenas para facilitar a aragem ao tractor.

Sempre que passava por uma dessas árvores dignas de contos de fadas, sentia vontade de ir até lá e de se deitar de costas com a cabeça junto ao tronco, de maneira que pudesse ver a folhagem, vislumbrar o céu azul e não pensar em nada específico.

Mas naquele dia, não. Introduziu a morada da capitania no sistema de navegação sem ter grandes esperanças. As hipóteses de descobrir alguma coisa nova na doca eram escassas, mas era algo que lhe permitiria ocupar o tempo, enquanto aguardava a hora do encontro com Summers e o seu pai aposentado no dia seguinte.

28

Estacionou perto da doca nas traseiras de um restaurante de peixe e batatas fritas, que anunciava peixe fresco com a fotografia de um comandante alegre com um macacão às riscas e um cachimbo no canto da boca, inequivocamente anterior à época da proibição de fumar no Reino Unido. Nora espreitou de relance pela janela. O espaço parecia simpático e asseado e decidiu que jantaria ali quando chegasse a hora. Certamente, o peixe e as esporádicas batatas fritas não lhe fariam mal, principalmente depois daquele almoço terrível.

Só demorou alguns minutos a chegar à bacia da doca, mas mesmo a curta distância, Nora percebeu que a sua ida ali seria provavelmente em vão. Só estavam atracadas duas traineiras e nenhuma chamada *Norma*. Pelo contrário, a doca fervilhava de turistas a comer gelados, a comprar postais e a enxotar as gaivotas para poderem comer as batatas fritas em sossego. Um casal de idosos estava sentado num banco e, enquanto Nora os observava, o homem passou o braço por cima do ombro da mulher e beijou-lhe a cara com tanto carinho, que Nora sentiu uma pontada na barriga, como se tivesse engolido gelado muito depressa.

Caminhou até uma das traineiras. Nesse instante, o telemóvel tocou. Procurou-o atabalhoadamente na bolsa e atendeu sem ver quem estava a ligar-lhe.

— Fala a Sand.

— Sou eu. — A voz de Andreas soava estranha. Como se estivesse constipado. Ou estivesse estado a chorar.

— Sim? — disse ela, com uma indiferença forçada.

— Onde estás? — perguntou.

— Algures na costa, relativamente perto de Brine, numa pequena aldeia chamada Waybridge.

— Porque foste sozinha? Pode haver um assassino à solta e é perigoso andares por aí a brincar à Miss Marple — disse ele, parecendo agitado.

— Mas, Andreas — protestou ela, dissimuladamente —, tu serias muito bem-vindo, mas que foi que aconteceu? Algo relacionado com regressares para a Dinamarca e para a tua namorada?

— Ela quer casar-se — interrompeu-a.

Nora pensou que teria ouvido mal.

— O quê?

— Ela quer casar-se — repetiu. A sua voz era estranhamente fraca e monocórdica.

A pausa que se seguiu foi profunda e obscura como a fossa das Marianas.

Nora conseguiu ouvi-lo inspirar, como se estivesse prestes a dizer alguma coisa. Alguma coisa que ela não queria ouvir.

— Mas eu…

— Parabéns aos dois. Que lindo — interrompeu-o com uma voz que não reconheceu como sua.

— Nora. Que raios!

— Bem, são excelentes notícias. Mas eu tenho de ir — conseguiu dizer antes de desligar.

Apeteceu-lhe atirar o telemóvel para o mar, mas meteu-o ao bolso uma fracção de segundo antes de se dobrar pela cintura e sacrificar a terrível sanduíche aos deuses do mar.

Ao vê-la, um impertinente adolescente ruivo gritou:

— Alguém andou a beber de mais! — mas ela fitou-o com um olhar tão virulento, que ele se calou logo de seguida.

Encontrou num McDonald's a duas ruas da doca e foi à casa de banho ver os estragos. Tinha a maquilhagem a escorrer-lhe pela cara, a pele lívida e os olhos raiados de sangue. Merda. Fizera figura de urso: conhecera uma pessoa que poderia ser a «tal», mas fora posta de parte e ele iria casar-se com outra, sendo essa pessoa errada para ele.

Assim que Andreas ficou para todo o sempre fora do seu alcance, percebeu que ele era o único homem para ela.

Abriu a torneira de água fria até deitar água gelada e meteu a cabeça debaixo do jacto, o que ajudou. Tentou organizar as ideias em relação a Andreas em pequenos embrulhos, guardando-os cuidadosamente na gaveta de baixo do seu cérebro, num lugar aonde não era muito frequente ir. Enxugou a cara com toalhetes de papel e tentou secar o cabelo o melhor que conseguiu num dos secadores de mãos.

Encontrou no bolso da frente da bolsa uma embalagem com algumas pastilhas elásticas. Meteu-as à boca e, depois de respirar fundo, saiu para a rua e encaminhou-se para a doca e para os dois pesqueiros.

No tombadilho de um deles, estava um homem de meia-idade atarefado a procurar buracos numa rede laranja. Levantou a cabeça quando sentiu Nora a olhar para si.

— Não quero que me tire fotografias. Não sou nenhuma atracção turística — disse, com desdém.

Nora abanou a cabeça.

— Não, não. Procuro uma traineira chamada *Norma*. O Thompson.

O homem olhou-a desconfiado.

— Pertence à Autoridade Marítima Nacional?

— Não.

— Não, não tem ar disso — reconheceu.

Nora esperou, sem ceder. O homem fingiu ignorá-la e dedicou-se à rede. Passaram-se alguns minutos. Ela enfiou as mãos nos bolsos. O telemóvel vibrou tresloucadamente, mas ignorou-o.

Passado algum tempo, o homem cedeu relutantemente.

— A maioria das traineiras regressa à doca antes da mudança da maré. Se vier aqui por volta das

17 horas, o *Norma* poderá estar a atracar — disse, lançando uma bola de cuspo para a água.

— Obrigada — disse Nora.

O homem não disse nada e voltou-se para outro monte de redes.

Nora procurou um café com vista para a baía, sentou-se no primeiro andar e pediu chá *Earl Grey*. Nos primeiros tempos em que vivera no Reino Unido, zombara da convicção que os Britânicos tinham de que todos os problemas se resolviam com uma boa chávena de chá, mas agora tinha-se rendido. Chá quente com leite e açúcar conseguia aplacar a maior das calamidades. É evidente que não era possível resolver todos os problemas do mundo mergulhando umas folhas secas em água quente e vertendo-a para chávenas de porcelana com motivos florais, mas ajudava a suportá-los.

O telemóvel continuava a saltitar insistentemente como um homenzinho endiabrado de desenhos animados checos. Mesmo sabendo que era má ideia, tirou-o do bolso. Era Andreas, que lhe ligava pela sétima vez desde que ela lhe desligara o telefone.

Pôs o telemóvel em modo silencioso.

O chá estava quente e juntou-lhe imenso açúcar antes de encher a chávena com leite até à borda. Uma espécie de tréguas com o mundo que lhe permitia concentrar-se em Waybridge e observar a doca e as traineiras.

Trinta segundos depois, desistiu e ligou a Trine. Ela saberia o que fazer. Mais do que tudo, só lhe apetecia encontrar o hotel mais próximo e enroscar-se na cama em posição fetal, mas isso não era muito aconselhável quando estava a meio de um trabalho. Se havia uma alternativa, Trine saberia qual. Trine atendeu ao quarto toque, quando Nora já começava a ficar com dúvidas e estava quase a desligar.

Conseguiu escutar vozes alegres e um cão a ladrar em segundo plano.

— Olá, querida Nora — disse Trine. Parecia estar com pressa.

— Olá.

— Olha, o Johannes e os miúdos acabaram de chegar da Suécia. Posso ligar-te hoje à noite? — perguntou. — Sentes-te bem? — perguntou, após uma breve pausa.

— Sim, está tudo bem. Diverte-te — disse Nora baixinho, e desligou.

Levou a chávena aos lábios e engoliu o que restava do chá de um grande trago, e só então percebeu que ainda estava quente e queimou o céu-da-boca. Apeteceu-lhe chorar.

Nora perscrutou a doca na esperança de ver alguma coisa que a ajudasse a não pensar em Andreas e na sua rústica amada a escolher os padrões da louça para a lista de casamento.

O final da tarde aproximava-se e as traineiras começavam a aportar na doca. Nora contou quatro no horizonte e duas que tinham atracado enquanto estivera ocupada sentindo pena de si mesma. Recompôs-se, vestiu o casaco e percorreu a curta distância até à doca.

O homem com quem falara estava no tombadilho a fumar e quando os seus olhares se cruzaram, ele fez um sinal quase imperceptível com a cabeça para a sua esquerda, onde um homem com trinta e poucos anos estava a atracar uma pequena traineira. Tinha os cabelos loiros e encaracolados, quase espetados, e uma expressão facial empedernida, algures entre o céptico e o desconfiado.

Nora foi até junto da traineira. As grandes letras brancas que formavam a palavra *Norma* estavam a descascar e, a julgar pela aparência, a própria traineira desistira havia muito, mas o dono decidira fazer umas derradeiras viagens antes de ir parar ao inevitável estaleiro para desmantelar.

O homem levantou o olhar para Nora.

— Posso ajudá-la? — disse, num tom de voz que deixava adivinhar que isso seria a última coisa que queria fazer.

Por um milésimo de segundo, Nora ponderou na melhor abordagem.

— Procuro o Arthur Thompson.

— Porquê?

Hesitou.

— Está relacionado com um projecto. Sabe onde posso encontrá-lo?

O homem endireitou-se e olhou-a directamente pela primeira vez.

— Um projecto sobre o quê?

— Estou a investigar acontecimentos históricos, uma coisa que aconteceu há anos em Waybridge — disse, equilibrando-se numa ténue linha entre a verdade e a falácia.

O homem não se mostrou impressionado. Encostou-se à casa do leme, procurou nos bolsos um maço de *Marlboro*, acendeu um cigarro e soprou a primeira baforada, formando uma enorme nuvem.

— Um projecto sobre o quê?

— Poderá ser mais fácil se eu falar com o Sr. Thompson. Talvez então eu possa explicar do que se trata. Sabe onde ele está ou onde poderei encontrá-lo?

O homem respondeu que talvez soubesse.

— Há dinheiro em jogo?

Nora abanou a cabeça.

— Receio que não.

O homem encolheu os ombros.

— Então, porque havia de a ajudar?

— Porque não?

Para seu espanto, ele brindou-a com um sorriso, que até a ele apanhou desprevenido.

— Boa resposta. O meu pai é um tagarela e não há nada que aprecie mais do que falar sobre os velhos tempos. É historiadora? Se for, encontrou uma mina de ouro. É engraçado, ele não se lembra do que aconteceu na semana passada, mas se lhe perguntar sobre os seus tempos de criança, tem uma memória infalível.

Nora retribuiu-lhe o sorriso.

— Onde posso encontrar o seu pai?

Thompson Júnior consultou o relógio.

— Hoje, não tem hipótese. Ele vive na Cedar Residence em Farthington e eu sei que eles mandam os velhotes para a cama por volta das 19 horas — disse. — Mas creio que o horário de visita começa às 10 da manhã, pelo que conseguirá falar com ele então.

— Na Cedar Residence? — Nora ficou desconcertada.

Da última vez que lá estivera, fora expulsa, mas agora tinha um motivo válido para ir lá e, quem sabe, descobrir que a mãe de William Hickley vivia lá e qual a origem da mala com as fotografias.

— Muito obrigada — disse Nora, lembrando-se então que não se tinham apresentado.

— A propósito, chamo-me Nora Sand.

— Quase que era Norma. Diga ao meu pai que o Dennis manda cumprimentos e que iremos lá

amanhã buscá-lo para almoçar. O mais certo é ele esquecer logo, mas pelo menos foi informado — disse, atirando a ponta do cigarro com um piparote para a água.

Nora virou costas e regressou para o carro. Meteu a mão no bolso e tirou o telemóvel. Tinha duas chamadas não atendidas. Uma era de um número britânico que não reconheceu e a outra era do Lagostim. Não recebera mais chamadas.

Queria isso dizer que o Andreas já desistira. Tal como da vez anterior.

Entrou no restaurante do comandante alegre e pediu uma dose pequena de bacalhau com batatas fritas douradas e gordurosas, e uma porção de puré de ervilhas.

Nos primeiros anos em que Nora vivera no Reino Unido, não conseguira compreender por que razão os Britânicos tanto apreciavam aquele prato simples. Porque é que toda a gente ficava tão excitada por causa de uma coisa que não passava de um filete de peixe com batatas? Se era mesmo preciso um prato rápido, porque não um cachorro-quente estado-unidense, uma tortilha mexicana ou um suculento *cheeseburger*?

Porém, certo dia em que fora a Dover em trabalho, o restaurante de peixe havia sido o único sítio aberto para o almoço, e fora obrigada a capitular. Ficara viciada desde a primeira garfada. Peixe branco e tenro, envolto numa massa dourada e estaladiça, o sabor adocicado do puré de ervilhas e as batatas fritas leves como penas, salpicadas com vinagre e mergulhadas em molho tártaro picante com alcaparras picadas era tão aconselhado quanto óbvio, depois de se provar.

Nora sentou-se a uma mesa com as batatas fritas, servidas num cesto de plástico vermelho, e um pedaço de bacalhau cujo sabor era como se tivesse sido pescado nessa mesma manhã.

Fez um esforço para apreciar a refeição, para a saborear, mas não tardou a levar a mão à boca mecanicamente enquanto mastigava e engolia, com os olhos postos no horizonte. Andreas e a Menina Perfeita. Talvez a culpa fosse só sua. Talvez não devesse ter deixado que ele saísse da vida dela. Mas teria feito alguma diferença?

Recompôs-se e decidiu pensar noutra coisa. Estava a remoer sobre o passado. Abanou a cabeça, desesperada consigo mesma, e estava a beber de um trago a sua *Coca-Cola Light* quando o telemóvel vibrou outra vez no bolso. Atendeu, grata pela distracção. Era Spencer.

— Menina Sand — disse, com uma entoação que Nora entendeu como de alívio.

— Sim? — disse, com indiferença.

— Onde está?

— Numa pequena aldeia costeira no Sul de Inglaterra. Porquê?

— Gostaria que regressasse a Londres e viesse encontrar-se comigo na Scotland Yard.

— Não posso simplesmente largar tudo e ir a correr. Para que conste, é sábado e estou a trabalhar numa coisa…

— O Hix fugiu de Wolf Hall na noite passada — interrompeu-a Spencer. — É motivo suficiente?

Nora afastou as sobras da refeição. Sentiu uma náusea e fez um esforço para a reprimir, enquanto o pânico assomava.

— As probabilidades de ele querer encontrá-la, ou conseguir fazê-lo, são provavelmente ínfimas, mas todo o cuidado é pouco. Ele anda a monte e estará certamente desesperado.

— Porque não fui informada antes?

— Só descobriram que ele estava desaparecido há uma hora. A polícia anda à procura dele por

todo o país e eu tenho tentado contactá-la desde que soubemos.

— A rede aqui é muito fraca. Que aconteceu?

— Não sabemos pormenores, mas quando os guardas abriram a porta da cela nesta manhã, o Jimmy Archer estava de roupa interior deitado na cama a chorar baba e ranho. O Hix desaparecera havia muito com o uniforme e o crachá de identificação do Archer e… como já deve ter percebido, com o telemóvel dele.

— Como foi possível? — Nora ouviu a sua própria voz transformar-se num gemido.

— Isso é algo que a Multicorp, a empresa estado-unidense que gere a Wolf Hall, terá de explicar ao ministro da Justiça. Felizmente, não é problema meu — disse Spencer, num tom glacial. — Se não pode vir ter connosco, contacte a polícia local. Nunca me perdoaria se lhe acontecesse alguma coisa. Não sabemos se a sua visita de algum modo estará na origem da fuga do Hix — acrescentou.

Nora engoliu em seco.

— Quero que compreenda aquilo com que estamos aqui a lidar — continuou —, falei com a Amy Brooks da Nova Zelândia. Foi a investigação dela que descobriu Malcolm e Ralph Bennett — explicou.

Nora lembrava-se vagamente de um caso especialmente sinistro que envolvera dois irmãos numa quinta remota no Norte da Austrália. Os irmãos Bennett haviam conseguido convencer viajantes de mochila às costas a visitar a quinta da família, onde as violavam e roubavam, passando depois a salgá-las e a grelhá-las numa enorme churrasqueira construída para o efeito no jardim das traseiras. Um suor frio cobriu-lhe a testa.

— Sim, e?

— Ela analisou o processo do Hix e também lhe enviei descrições de algumas das raparigas desaparecidas. A Brooks tem a certeza de que o Hix não actua sozinho. Tem um fã, um cúmplice, alguém que tenta imitá-lo, ou que age sob as suas ordens directas. Esse cúmplice está a repetir acontecimentos da época em que o Hix foi detido, a concluir o seu trabalho ou, o que possivelmente será ainda pior, a tentar superar os seus feitos.

— Mas… — tentou Nora objectar.

— Deixe-me acabar, por favor. A Brooks também debateu o caso com uns colegas do FBI de Quantico, que são da mesma opinião. Até o Tom Johnson estudou o processo.

Nora reparou que Spencer proferira o nome Tom Johnson com o mesmo timbre de voz que Pete dizia Lionel Messi. Só podia presumir que toda a gente importante do sector da psicologia criminal saberia quem era Tom Johnson.

— Toda a gente concorda que o Hix deve estar em contacto com essa pessoa. É a única conclusão que faz sentido. Tudo sugere que essa pessoa o ajudou a fugir, e quer essa pessoa seja amiga ou inimiga, é provável que seja o primeiro sítio aonde o Hix irá. Por isso, não estou com muito receio de que o Hix possa ir atrás de si. Ele não sabe onde a menina está, e neste momento tem problemas maiores, agora que é procurado em todo o Reino Unido — argumentou Spencer.

Nora tentou convencer-se de que deveria seguir a lógica de Spencer, mas quando levou a mão à lata de *Coca-Cola*, reparou que estava a tremer.

— Pessoalmente, acho que devemos verificar quem o visitou. Aposto que uma das suas visitas — possivelmente sem o saber — transportou correspondência entre o Hix e o seu discípulo. Talvez as

fotografias da mala se destinassem a ele na prisão — aventou Spencer.

— Mas eles fazem revistas minuciosas a toda a gente que entra na prisão — contrapôs Nora.

— Menina Sand. Saberá certamente que existem muitos reclusos britânicos com problemas de drogas?

Nora confirmou.

— Como acha que as drogas entram? Qualquer sistema tem um elo mais fraco. Sempre. É um facto, e são esses elos fracos que, de um modo estranho, fazem que os estabelecimentos prisionais funcionem como um organismo coerente. Mas isso é tema para outra conversa.

— Mas — refutou Nora outra vez —, pensei que só recebia visitas da família? A mãe… e a irmã. A propósito, tem a certeza de que ele tem uma irmã?

Por uma vez, Spencer pareceu surpreendido.

— Já temos uma pessoa a investigar as visitas dele, mas desde que um recluso dê a sua autorização por escrito de que está disposto a receber visitas de alguém, e que essa pessoa não tenha registo criminal, as autoridades geralmente não se imiscuem na situação familiar do recluso.

— Eu acho que ele não tem uma irmã — afirmou Nora.

— Teremos de ver. Vai demorar algum tempo a tirar isso a limpo.

— Hum. E a mãe dele?

— Mandaremos alguém à última morada conhecida da mãe. Ela não colaborou muito no passado, mas talvez a possamos pressionar e convencer a revelar-nos quem o visita e quem integra genericamente o círculo de amizades dele. Se é que ela sabe… — disse Spencer.

— E o Archer? Não poderá ser o cúmplice? — sugeriu Nora.

— Não me parece. Na minha opinião, é demasiado estúpido para interessar de algum modo ao Hix. Mas o Millhouse está a interrogá-lo neste preciso momento.

Ao fim de uma breve pausa, Nora percebeu que a voz dele ficou ainda mais séria.

— Menina Sand. Estou ciente de que é repórter e de que tem liberdade para agir conforme desejar. Também estou ciente de que tem o direito de investigar tudo o que quiser dentro da lei. Respeito completamente os seus princípios profissionais…

— Vem por aí um «mas»… — interveio Nora.

— Mas — continuou Spencer, ignorando-a — o que quero salientar é que o Hix, e possivelmente o seu companheiro, já deram provas de que são imprevisíveis e de que não têm escrúpulos. Eles estão preparados para atacar outra vez. Alguma coisa levou o Hix a arriscar tudo e a fugir da prisão. Eu ficaria mais descansado sabendo que a menina está sob protecção. Onde está aquele agente dinamarquês com quem estava a trabalhar?

— Infelizmente, ele não está disponível neste fim-de-semana — disse, implacavelmente.

Spencer suspirou.

— Está bem. Mas evite locais isolados e contacte a polícia local para lhes explicar a situação. Contactá-la-ei se tiver notícias do Hix — prometeu.

Quando voltou para o carro, trancou as portas. Conseguia sentir a paranóia mordiscar-lhe o limiar da razão. Mas só podia ser o seu subconsciente a pregar-lhe partidas. Não havia maneira de Hix saber onde ela estava. Como poderia ele saber que ela estava num parque de estacionamento nas traseiras de um restaurante de peixe e batatas fritas? Além disso, já deveria ter com que se preocupar

de sobra, escondendo-se da polícia que andava à sua procura em toda a parte. Se permanecesse em zonas públicas com muita gente à volta, estaria segura.

Por via das dúvidas, Nora pegou no telemóvel e ligou para a linha directa de Summers. O telefone tocou sete vezes, até que Nora desistiu e ligou o carro. Voltaria a tentar mais tarde.

29

Ao sair da doca, avistou um letreiro que anunciava quartos económicos e almoço de domingo e estacionou no parque de estacionamento do Seahorse Hotel, que parecia em pior estado do que o habitual. A tinta da caixilharia das janelas estava a descascar e a porta estava perra, mas, para alívio de Nora, tinham um quarto livre.

A recepcionista poderia ter qualquer idade entre os cinquenta e os setenta anos. Tinha o cabelo argênteo apanhado num puxo e o rosto profundamente vincado por decénios de vento salgado.

— Está com sorte — disse. — Geralmente, não temos vagas na época alta, mas tivemos cá um casal belga que discutia tão alto, que vários outros hóspedes reclamaram. Estive quase para os chamar à atenção. Contudo, hoje de manhã, também eles pareceram estar fartos e foram embora dois dias antes do previsto! Porventura, não é belga, ou é?

Nora confirmou que não era e acrescentou que também não tinha um companheiro do sexo masculino com quem discutir.

— Excelente — disse a mulher, passando pelo leitor o cartão Visa que Nora pousara no balcão. — Menina Sand. Eu sou a Sra. Morris. Posso perguntar-lhe o que a traz a Waybridge sozinha? Negócios?

— De certa forma — respondeu Nora, evasivamente. Muitas pessoas punham entraves quando lhes dizia directamente que era repórter. Outras, devido aos tablóides de Londres, tinham a ideia errada de que cada palavra valia o seu peso em ouro e exigiam dinheiro por uma entrevista vulgar.

A Sra. Morris fitou-a, expectante.

— Eu escrevo um pouco sobre… — conseguiu dizer antes de ser interrompida.

— Oh! Uma escritora. Que maravilha. O Sr. Morris ficará todo contente quando souber que temos uma escritora no hotel. Ele foi poeta quando era mais jovem, antes de se tornar chefe dos correios — disse.

— Receio não escrever ficção — disse Nora, o que era verdade, mas, pelo visto, a Sra. Morris não percebeu.

— Trate-me por Edna — pipilou, fazendo uma dança ao dirigir-se para uma sala nos fundos. — Deixe-me só pôr a chaleira ao lume e preparar um chá. Que excitante. Uma escritora entre nós.

Nora deixou de tentar corrigir o mal-entendido.

— Então, escreve sobre o quê? — gritou Edna, de maneira que se fizesse ouvir por cima do que parecia ser uma chaleira eléctrica a ribombar.

— Crime — disse Nora.

— Ah, então está no sítio certo — disse, regressando com um tabuleiro de chávenas, pires e um açucareiro lascado a tilintar. — Toda a gente pensa que não acontece nada nas aldeias da província britânica, mas isto mais parece o *Midsomer Murders* — disse, piscando-lhe o olho em jeito conspiratório.

— Não me diga — disse Nora, num tom neutro. Foi tudo quanto bastou para a sua nova amiga se lançar num relato da história local que faria empalidecer de inveja por baixo da maquilhagem os guias da câmara de tortura do *London Dungeon*.

Primeiro, contou a história de um barco de piratas que, em 1654, dera à costa com a tripulação morta e o comandante enlouquecido com o seu sabre, que ficara sozinho, encharcado de sangue, a soltar impropérios para a praia.

Depois, foi a vez da história da praga que assolara Waybridge, e do pároco local que decidira que a única maneira de travar a infecção e aplacar Deus seria incendiar a igreja, com a congregação lá dentro.

Quando o chá começou a arrefecer e Nora ficou mais agitada, olhando de relance para o relógio, Edna chegou ao século actual.

— Sim, e depois, claro, foi aquele caso do Hix. Muito sinistro — disse a anfitriã, com um suspiro.

Nora afinou os ouvidos. Edna levantou a chaleira e agitou-a.

— Oh, meu Deus. Parece que o chá acabou. É melhor ir fazer mais, se é para contar essa história. Talvez seja melhor esperarmos que o Sr. Morris volte do clube de uíste.

Nora tentou espicaçá-la.

— Creio que já bebi chá suficiente para uma noite, mas essa história do Hix parece interessante. Não foi ele que matou aquelas jovens… onde é que foi?

Foi quanto bastou para que Edna se sentasse, baixasse a voz e murmurasse os tétricos pormenores que Nora já conhecia da investigação.

Nora deixou-a contar a história sobre a descoberta do corpo de Jean Eastman na bagageira do carro de Hix, a fuga de Hix e a sua derradeira detenção, bem como as tentativas para descobrir a origem das línguas do frasco.

— O Sr. Morris disse que esquadrinharam Underwood durante meses. Fizeram covas e trouxeram cães pisteiros, pelo que ninguém pôde ir para lá caçar nesse Outono. Mas nunca encontraram os restos mortais dessas jovens — disse Edna, estremecendo.

— E a família dele? — perguntou Nora avidamente.

Edna encolheu os ombros, resignada.

— É uma história horrorosa. Eu nunca suportei a mãe dele. Ela era vários anos mais velha do que eu quando comecei a ir para a escola. Os mais pequeninos tinham medo da Vanessa.

— Não deve ter sido muito agradável para ela ver o filho único ser acusado de crimes tão medonhos — interveio Nora.

— Ah! — resfolegou Edna com desdém. — Ela nunca admitiu que houvesse algum problema com o

seu querido William. Oh, não. A polícia equivocara-se. Um erro de justiça. Ela não conseguiu ver a maldade que toda a vida a acompanhou e defendê-lo-á até ao último suspiro — disse, batendo com a palma da mão na mesa, para dar ênfase às palavras. — Ele foi um menino malcomportado.

Nora olhou por cima da borda da chávena, incentivando-a.

— Eu não o conheci quando era criança, mas a minha vizinha, a Sra. Ponds, foi professora na escola que ele frequentou e disse que já em pequeno dava para perceber que era mau como as cobras. Apanhou-o várias vezes a torcer os pescoços a pombos nas traseiras da escola. E certa vez, quando a professora pediu aos alunos que levassem os seus animais de estimação, depois do recreio, uma menina encontrou o seu coelho morto na gaiola. Disseram que tinha sido ele. — Edna abanou a cabeça.

— Que aconteceu à Vanessa Hickley? — perguntou Nora, sustendo a respiração.

— Foi viver para Espanha, creio.

Nora conseguia sentir a sua nova pista desfazer-se diante do seu nariz.

— Sim, para a Costa Brava — continuou Edna. O meu primo James viu-a lá alguns anos mais tarde. Estava a trabalhar num salão de manicura e dizia chamar-se Vanessa Holmes.

— Não me diga?

— Aquilo não durou, é claro. Constou-me que perdeu todo o dinheiro e acabou por voltar para casa. Não tinha mais para onde ir a não ser a velha casa de família em Farthington.

Nora quase deitou a chávena ao chão.

— Está a dizer-me que a mãe do Bill Hickley está a viver em Farthington?

— Sim. Vive naquela enorme casa cinza-escura na colina. A que tem as venezianas verdes. Não tem que enganar. É a casa mais decrépita das redondezas. As crianças têm medo dela. Pensam que ela é uma bruxa e, no Outono, desafiam-se umas às outras a subir o muro do pomar dela e roubar-lhe as maçãs. Antigamente, ela perseguia-as com um pau, e batia-lhes se as apanhasse. Mas há anos que não consegue correr atrás de uma criança. Agora, está numa cadeira de rodas e a pessoa que cuida dela empurra-a por aí. Fazem criação de cães. Acho que é assim que ganha a vida. Os cães fazem uma barulheira terrível.

— Quer dizer que ela não está num lar?

Edna abanou outra vez a cabeça.

— Que eu saiba, não. Já tem idade para ir para a Cedar Residence, mas não sei como consegue pagar a uma pessoa que trata dela, pelo que se tem alguém, não vejo porque quereria ir… — pensou em voz alta.

— E a irmã do Hix? — interrompeu-a Nora. — Ela não trata da mãe?

— Irmã? O William nunca teve irmãos nem irmãs — afirmou Edna com convicção.

— Tem a certeza?

— O pai do William enforcou-se quando ele tinha quatro anos. A Vanessa não voltou a casar-se, nem teve mais filhos. Juro por tudo o que é sagrado. Ela tinha uma obsessão doentia pelo William.

Nora anuiu. Pensou se deveria ligar à Matreira e ao seu colega jogador de *Tetris* na segunda-feira e obter uma melhor descrição da mulher que tinha autorização para visitar Hix com privilégios de familiar. Seria ela a ligação entre Hix e o seu fã? Poderia sempre tentar, mas se iria conseguir uma resposta útil, isso já era outra conversa.

Talvez fosse melhor pedir a Spencer. Deveria ligar-lhe e pô-lo ao corrente das novidades? Decidiu que isso poderia esperar até de manhã e iniciou o longo processo de se despedir de Edna, que continuava a falar como se tivesse ficado sozinha numa ilha deserta durante trinta anos.

Finalmente, Nora teve de recorrer ao subterfúgio de bocejar discretamente.

— Ah. E eu que não a deixo ir dormir. É melhor levá-la ao seu quarto.

Edna tirou uma enorme chave dourada de um gancho num quadro por trás do balcão da recepção e conduziu Nora por um comprido corredor com alcatifa vermelho-escura e gravações de cobre na parede. Nora temeu o pior, mas quando a anfitriã abriu a porta, viu um encantador e alegre quarto com vista para o mar e a janela escancarada, pelo que conseguiu sentir o cheiro da maresia e de rosas silvestres.

Depois de sair, Edna fechou a porta. Nora procurou o comando da televisão e seleccionou o primeiro canal de notícias que encontrou. Não por querer saber os últimos preços da Bolsa de Valores de Nova Iorque ou ouvir um repórter ofegante falar sobre a poluição em Pequim. Era mais pelo familiar ruído de fundo que a ajudava a pensar que não estava completamente sozinha num quarto de hotel desconhecido.

Foi à casa de banho, que era tudo o que esperara que fosse. Ladrilhos axadrezados e uma banheira de pés antiga.

A torneira guinchou e rugiu, mas a água quente acabou por jorrar numa cascata de vapor. Abriu a água fria para amornar. Encontrou duas toalhas brancas e fofas em cima da cama e começou a despir-se distraidamente, enquanto a banheira enchia devagar.

Quando era criança, raramente a tinham deixado tomar banho de imersão. Na verdade, quase nunca o tinha feito. Christian Sand era da opinião de que os banhos de imersão eram um desperdício, e que a humanidade genericamente beneficiaria mais de mergulhos matinais e duches frios. Nora ainda tinha enraizada a convicção de que um banho de imersão era um luxo que deveria aproveitar sempre que estivesse num quarto de hotel com banheira.

Primeiro, mergulhou o dedo grande do pé e deixou que a água quente quase o escaldasse antes de, pouco a pouco, mergulhar o corpo na água, até ficar com os pés em cima da torneira, preparada para juntar mais água quente, assim que o seu corpo se acostumasse à temperatura. A água envolveu-a, e deixou a cabeça afundar-se sustendo a respiração e tentando imaginar que estava no mar, a fazer mergulho num recife de corais.

Sentiu-o mais do que o ouviu. O som do telemóvel penetrou a água e fê-la levantar-se, sobressaltada.

Assim que tentou sair da banheira, escorregou e bateu com o cotovelo na beira. Quase caiu de costas com a dor. Pegou numa das toalhas para secar as mãos, enquanto tentava lembrar-se onde deixara o telemóvel. No bolso do casaco!

No preciso instante em que lhe deitou a mão, este tocou pela última vez. Consultou o visor. Um número desconhecido. Poderia ser o Lagostim a telefonar de casa. Fora-lhe atribuído um número anónimo depois de dois infelizes incidentes com leitores de convicções fortes que não compreendiam por que motivo a *Globalt* não publicava as suas cartas nem apoiava a sua causa sobre animais de estimação — ou que simplesmente achavam que era aceitável aparecer em casa dele para debater pormenorizadamente até que ponto ele se equivocara completamente na sua análise à política externa

de Israel.

Irritada, atirou o telemóvel para cima da cama e estava a voltar para a casa de banho quando um aviso sonoro indicou a recepção de uma mensagem de texto. Dizia: «Tem uma nova mensagem.»

Introduziu o código PIN e ouviu uma primeira inspiração profunda, depois a voz de Andreas: «Nora, diabos te carreguem! Não vou permitir que faças isto outra vez!» Pausa. «Nora, se estás junto ao telefone, por favor, atende.» Outra pausa. «Está bem. Não vais atender o telefone.» Pareceu estranho. Triste. E depois, de repente: «Que se lixe, Sand. Não vou ter uma conversa com o teu atendedor de chamadas. Vê lá se atinas e me ligas! Deverias ter-me deixado acabar a nossa última conversa. Estou a ligar de casa do meu tio Svend. Por algum motivo, não consigo ligação com o meu telemóvel. Atende lá o telefone. Quantos anos tens? Quinze?»

Nora atirou outra vez o telemóvel para cima da cama, voltou para a casa de banho e mergulhou na água, que arrefecera, e, por muita água quente que lhe acrescentasse, não conseguia encontrar a temperatura certa.

Acabou por desistir. Lavou o cabelo, embrulhou-se numa toalha, amarrou a outra à volta do cabelo e enroscou-se na cama.

A que se referira ele ao dizer que não permitia que ela fizesse «isto outra vez»?

Aumentou o volume da televisão e percorreu os canais até encontrar outro canal de notícias, mas não tardou a perceber que o Seahorse Hotel não gastara o orçamento num sofisticado pacote de canais de televisão. A BBC 2 estava a transmitir um programa de jardinagem repetido e na BBC 1 dava um debate sobre o sistema nacional de saúde. Por fim, encontrou um boletim informativo na ITV, mas assim que sintonizou o canal, mudaram para a actualização desportiva.

Começava a sentir-se cansada e estava quase a passar pelas brasas quando o telemóvel tocou outra vez.

Era Trine, que conseguira meter os miúdos na cama e mandara Johannes comprar vinho à estação de serviço. Nora contou-lhe as lamentáveis novidades sobre a Menina Perfeita e o iminente casamento.

— Mas também, o branco nunca foi a minha cor.

— Nora, por amor de Deus. Estás incomodada! Por isso, aceita o facto.

— Que queres dizer?

— Precisamente isso. Estás mesmo incomodada. Permite-te senti-lo. Não faças o mesmo que da outra vez.

— Não me venhas também com essa da última vez. Onde queres chegar?

— Não te lembras do modo como te isolaste depois da festa da Hanne?

— Eu isolei-me? Nem pensar, foi o Andreas que…

— Nora. Tu nem sequer querias falar com ele…

— Se a memória não me atraiçoa…

— Foste naquele *inter-rail* sem sequer te despedir dele. Depois, vieste com aquele fulano de Florença, o Tommasino ou lá como se chamava. E ficaste muito chateada por o Andreas não te ir esperar à estação com uma bandeirinha quando apareceste semanas depois com um namorado italiano a reboque, quando nem sequer lhe enviaste um postal.

Nora corou ao perceber que Trine tinha razão. Não fora Andreas quem a afastara.

— Nora, tens de aprender com a experiência e seguir em frente. O Andreas já era — mas da próxima vez, tenta ser um pouco mais…

Conseguia sentir-se a fugir à situação, como as crianças quando fecham os olhos com força e tapam os ouvidos com os dedos, entoando «nah, nah, nah, nah, nah». A última coisa de que precisava era de ter aquela conversa. Despediu-se de Trine e pensou se teria energia para se vestir e ir procurar uma loja de esquina que vendesse vinho barato. Acabou por simplesmente puxar o cobertor por cima da cabeça, fechar os olhos e adormecer profundamente.

30

O pequeno-almoço foi servido numa cave onde a única luz natural entrava por duas janelas estreitas imediatamente abaixo do tecto. Nora não tocou no bufete de salsichas grelhadas enrugadas, cogumelos aguados e ovos mexidos que mais pareciam borracha, e pediu ovos cozidos, que lhe foram servidos numa torrada com margarina, que ela tentou raspar, antes de provar uma bebida que deveria seria sumo de laranja, mas que de comum com a fruta só tinha a cor.

Pegara num exemplar do *The Sunday Times*, de entre um acervo de jornais na recepção, e estava a folheá-lo distraidamente. Deparou com uma entrevista a um autor e, por força do hábito, rasgou a página e meteu-a no bolso. Poderia ser boa ideia perguntar à sua editora de artes se ela estaria interessada numa peça semelhante. As páginas sobre negócios anunciavam novas fusões de bancos e a previsão meteorológica prometia chuva nessa noite. Nenhum dos jornais aludia à fuga de Hix da prisão.

Regressou ao quarto e pôs o telemóvel a carregar, enquanto ligava o computador para ver o correio electrónico.

Só tinha uma mensagem do Lagostim, em que lhe pedia que lhe ligasse na segunda-feira de manhã antes da reunião editorial. Para jogar pelo seguro, também consultou a sua conta do Hotmail, mas só tinha correspondência não solicitada, convites para conferências de imprensa e uma mensagem de David, que tinha no anexo um ficheiro com três fotografias de viçosas peónias róseas em flor. Respondeu-lhe com um rosto sorridente. Não tinha energia para redigir uma resposta como mandam as regras, mas ele, mais do que qualquer outra pessoa, compreenderia.

O sinal do telemóvel tinha apenas uma barra instável. Nora calculou que tal se aplicaria a chamadas efectuadas e recebidas, e ficou satisfeita por, pelo menos, não ser incomodada pelo Lagostim, por Andreas ou por um ansioso Spencer.

Só precisou de alguns minutos para emalar as suas coisas. Nunca fora pessoa de pôr as roupas em cabides ou gavetas quando ficava em hotéis. Nunca se sabia quando seria preciso sair à pressa. Tudo o que tinha de fazer era meter a escova de dentes e os artigos de higiene no saco, atirá-los para o saco de desporto com as roupas e correr o fecho antes de voltar para a recepção, pronta para saldar a conta.

— Então, que se segue? — disse Edna, piscando-lhe o olho. — Algum homicídio que tenha de ser resolvido antes do almoço?

Nora abanou a cabeça.

— Receio que não. O meu trabalho não é tão fascinante como parece. De manhã, vou visitar um lar de terceira idade, e depois vou almoçar com um pensionista no The Three Mermaids.

Edna lançou-se numa demorada explanação de como o proprietário do *pub* havia esbanjado a maior parte da fortuna e a reputação do *pub*, devido à sua desafortunada propensão para apostar em cavalos.

— Mas também, é semi-irlandês — atalhou num tom de voz que dizia tudo.

Contudo, conhecera o verdadeiro amor na pessoa de Bessie, que viera de Yorkshire e que, durante umas breves e incrivelmente apaixonadas férias de Verão, assumira a responsabilidade, não apenas pelo semi-irlandês na penúria, mas também pela cozinha do *pub*, tendo-se dedicado até a fazer do *pub* um dos melhores sítios das redondezas onde comer.

— Experimente o pudim de Yorkshire. Nunca mais o esquecerá, independentemente do que comer depois — disse Edna, incentivando-a.

Nora prometeu que iria experimentar, pegou no saco e dirigiu-se para o carro amarelo alugado. Assim que rodou a chave na ignição, o rádio estalou no máximo volume. Não o tinha desligado na noite anterior e agora a voz vigorosa e carregada de dor de Adele entoava pelo pequeno veículo, asseverando-lhe que ela encontraria um homem tão bom como aquele que perdera para outra pessoa, com o tema *Someone Like You*.

Apagou resolutamente o rádio e escreveu «Cedar Residence» no sistema de navegação. A viagem demoraria dez minutos. Tempo suficiente para mudar de estação, e acabou a escutar o entusiástico relato de uma partida de râguebi local.

Estacionou à porta de uma loja de apostas *Ladbrokes* na rua principal. Achava que não havia necessidade de pôr em alerta a leoa da última vez mesmo antes de entrar para o edifício. Se chegasse a pé, confundir-se-ia com os autóctones e talvez até conseguisse esgueirar-se pela entrada principal sem darem por ela.

Enquanto meditava no próximo passo a dar, o telemóvel tocou. Tirou-o do bolso e suspirou. Era Spencer.

— Menina Sand. Apetece-me dizer um palavrão. A menina tem mesmo de aprender a atender o telefone — disse, mostrando-se zangado.

Antes que Nora tivesse oportunidade de responder, ele continuou:

— Tenho de lhe pedir que vá imediatamente para a esquadra de Waybridge e peça a protecção da comissária Summers. Ela já recebeu a informação. Nem consigo imaginar o que está a fazer neste momento, a andar por aí como se nada fosse. Não pode ser.

— Sim, mas eu já falei com ela… e não creio que haja o perigo de…

— Ouça. Estou, no mínimo, estupefacto por não ter visto as notícias desta manhã e percebido que tem de ir imediatamente para um sítio seguro. É possível que o Hix tenha voltado a matar. Encontraram o corpo de uma mulher perto de Dorchester. Ainda não divulgámos pormenores, mas existem muitos indícios que sugerem que possa ter sido o Hix. Waybridge fica demasiado próximo para que seja seguro andar por aí sozinha.

— Sim, mas ele não estava a ser procurado em todo o Reino Unido? O mais certo é estar a tentar sair do país neste preciso momento. E como é que ele poderia saber onde eu estou? — indagou Nora depois de se recompor um pouco.

— Menina Sand. Está disposta a correr esse risco? Eu não. Não sabemos onde ele está. E enquanto não soubermos, a menina precisa de protecção. Não tem com que argumentar.

Nora reflectiu por instantes sobre a opinião dele.

— Está bem. Percebo o que quer dizer. Irei para a esquadra de Waybridge — prometeu-lhe.

— Óptimo. Ficarei a aguardar o telefonema da Summers a informar que a menina está com ela em segurança nos próximos trinta minutos. Adeus — disse.

— Só tenho de tratar de um assunto antes — resmungou.

Mas Spencer já tinha desligado.

Ao cabo de uma caminhada de cinco minutos, chegou ao sombrio edifício cujo nome era mais apropriado a uma mansão no Sul Profundo da América com pilares na fachada e vista para o pântano. Uma designação mais apropriada seria: Última Paragem, Destino Final ou Monte de Trastes.

A entrada principal estava trancada e era preciso inserir um código para entrar. Nora praguejou em voz baixa e, depois de pensar um pouco, premiu 1-2-3-4. Escutou um ténue estalido. Era normal em sítios como aquele, onde técnicos, visitas e familiares tinham de entrar e sair rapidamente. Um código assim tão simples provavelmente de nada servia, a não ser para garantir às pessoas que a administração se preocupava com a segurança dos residentes idosos.

Nora entrou. Não havia ninguém na recepção, mas conseguia ouvir barulho numa sala nos fundos, o que deixava adivinhar que o pessoal estava na pausa para o chá da manhã. Conseguia ouvir o tilintar de chávenas e colheres de chá, e sentiu o ténue odor do fumo de um cigarro que alguém estava a fumar à janela.

Passou resoluta pelo balcão. Fora uma das primeiras coisas que aprendera sobre o acesso a lugares onde as pessoas normalmente expulsavam os jornalistas antes de estes terem tempo de se apresentar. O segredo era dar sempre a entender que se estava ali com um propósito que tinha de ser tratado o mais depressa possível.

Virou à direita para um comprido, sombrio e estreito corredor ladeado por portas com números. Sentiu-se agastada ao pensar que teria de inspeccionar possivelmente quarenta quartos até encontrar o Sr. Thompson.

Quase ao fundo do corredor, vislumbrou uma porta aberta e ouviu murmúrios e o tinido de talheres. Encaminhou-se rapidamente para lá e fez figas para não se cruzar com a leoa da outra vez.

Estava uma anciã sentada diante da janela, remexendo com uma colher numa taça de papa. A taça estava quase vazia e Nora percebeu imediatamente que a mulher era cega. As vozes vinham de um gravador de cassetes antiquado em que alguém lia *Orgulho e Preconceito*, na fase em que Elizabeth Bennett se atormentava com as aventuras da irmã mais nova.

— George? És tu? — disse a mulher, sentindo imediatamente que estava alguém à porta.

Nora aclarou a garganta.

— Não. Não é o George. Sabe onde posso…

— Mas onde está o George? Prometeu que vinha visitar-me hoje. Sei que sim, porque hoje é quarta-feira — disse a mulher. Parecia perturbada.

— Deve vir a caminho — alvitrou Nora, tentando acalmá-la antes que ficasse agitada. De facto, as suas palavras fizeram a mulher entrar num estado de paz interior.

— Estou à procura do Sr. Thompson.

A mulher encolheu os ombros.

— Oh. Ele está sempre na horta. Sempre. Até parece que é o jardineiro. Mas é bom homem. Às vezes, traz-me flores para eu cheirar — explicou a mulher.

— Obrigada — conseguiu dizer Nora, antes de a mulher entrar outra vez em desespero.

— Quero o George. Quero que ele venha *já*!

Nora recuou e olhou à sua volta para ver se via algum técnico. Não se via vivalma. Deixou a mulher sozinha e continuou a caminhar até ao fundo do corredor, onde umas portas duplas com dois ferrolhos davam acesso a um jardim cerimoniosamente disposto. Os simétricos canteiros de rosas eram flanqueados de arbustos de alfazema.

O relvado parecia perfeito para jogar *croquet*, mas estava tudo calmo. Havia bancos ao longo de uma pérgula à espera das visitas de domingo.

Nora avançou pelo jardim e acabou por chegar a uma brecha no cercado que dava acesso a um talhão de terra do tamanho de um campo de futebol. Estava dividido em pequenos lotes separados por cercas, assemelhando-se a uma versão mais pequena dos lotes municipais. Na extremidade mais afastada, Nora conseguiu distinguir dois idosos atarefados a sachar ervas daninhas, e um terceiro a empurrar um carrinho de mão cheio delas.

Ali perto, estava sentada uma mulher gorda de cabelo preto puxado para trás e um cigarro sem filtro dependurado no canto da boca. Estava a falar ao telefone com alguém que tratava por «querido Darryl», enquanto olhava ocasionalmente para os três homens.

Conforme Nora se aproximou, conseguiu perceber que um dos homens estava a arrancar as ervas daninhas de um canteiro de cenouras, enquanto o outro fora encher um velho regador de zinco a uma torneira isolada. Quando o homem levantou a cabeça, ela reconheceu o Sr. Thompson da fotografia do jornal. Nora acenou-lhe e o Sr. Thompson retribuiu-lhe o aceno com uma expressão de culpa por receio de aquela ser outra cara que a sua memória apagara durante os últimos anos da maneira mais cruel imaginável.

A mulher olhou para Nora com um misto de hostilidade e curiosidade e tapou o bocal do telemóvel sem interromper a conversa.

— Sim? Posso ajudá-la?

Nora gesticulou para o Sr. Thompson.

— Tenho uma mensagem para o Sr. Thompson. Da família dele — disse Nora, o que não era propriamente mentira.

Por instantes, pareceu que a mulher iria interromper Nora, mas então o «querido Darryl» disse alguma coisa que exigiu a sua atenção, e deixou Nora passar com uma careta.

— Não, não, querido. Sabes que só gosto de ti — disse, timidamente.

Nora dirigiu-se para o Sr. Thompson, que tinha na mão um regador cheio. Quando Nora chegou ao pé dele, sorriu-lhe receosamente.

— Olá, menina — disse, amavelmente.

— Sand — apresentou-se Nora. — O seu filho pediu-me que viesse dizer-lhe «Olá» e o informasse

de que virá cá hoje mais tarde buscá-lo para o almoço de domingo — disse antes que ele pudesse fazer alguma pergunta.

— Ah… o Dennis — disse distraidamente e dirigiu-se para um canteiro de alfaces por trás das cenouras.

Nora seguiu-o.

— Tem um minuto para falar comigo?

Ele olhou-a, atónito.

— Sobre o quê? O Dennis?

Ela abanou a cabeça e conduziu-o até um banco vacilante que estava encostado a um barracão de ferramentas pintado de preto. O Sr. Thompson empoleirou-se na beira do banco, olhando nervosamente para a mulher que ainda estava a falar ao telefone.

— Só posso sentar-me um bocadinho. Eles não gostam que façamos pausas muito demoradas — explicou.

Nora assentiu e foi direito ao assunto.

— Sr. Thompson. É sobre o seu barco. Sobre uma descoberta que o senhor fez numa pescaria.

O Sr. Thompson abanou a cabeça e pareceu confuso.

— Mas o barco agora é do Dennis. Desculpe, mas se a menina é da Autoridade Marítima Nacional, terá de falar com ele — disse.

Nora tentou chamar a sua atenção.

— Quer dizer que não veio aqui por causa do Dennis? — perguntou, ansiosamente.

— Foi naquele dia, Sr. Thompson, em que o cadáver de um jovem ficou preso na sua rede. Recorda-se?

Nora percebeu logo que se tratava de uma memória que não escapara ao pescador. Apesar de estar sentado ao sol, estremeceu, e Nora viu-o comprimir os lábios.

— Sim. Foi um dia horrível.

— Que aconteceu, Sr. Thompson? Pode dizer-me o que aconteceu nesse dia?

O homem levantou a cabeça e fitou o horizonte.

— Eu e o Albert tínhamos apanhado uns bacalhaus e a ideia era, no regresso, lançarmos a rede mais uma vez. Quem me dera nunca o ter feito. — Engoliu em seco. — Nós tentámos… tentámos olhar para a cara dele para ver se era alguém conhecido…

Os cantos da sua boca formaram um ângulo para baixo denotando repulsa ou pesar. Nora não conseguiu decifrar a expressão.

— Mas a cara dele fora apanhada pela hélice.

Nora deixou a frase suspensa.

— Reparou se ele tinha tatuagens?

O Sr. Thompson fechou os olhos para se concentrar.

— Um enorme bisonte no braço. Lembro-me de não tirar os olhos da tatuagem para evitar olhar-lhe para a cara, que estava desfeita. E os peixes tinham-lhe comido os olhos.

Voltou-se para Nora e agarrou-a pelo braço.

— Tinham-lhe comido os olhos!

De seguida, abanou a cabeça e fitou-a nos olhos.

— Desculpe, menina, mas eu ando muito esquecido. Eu conheço-a? Porque veio aqui?

Nora não teve tempo para abrir a boca, pois a mulher que estivera a falar ao telemóvel assomou à sua frente. Fora obrigada a interromper a conversa com o «querido Darryl», o que só contribuíra para a deixar mais abespinhada.

— Quem é a senhora e o que pensa que está aqui a fazer? — exigiu saber.

— Bem, eu vim…

— Mostre-me a sua identificação, por favor — insistiu a mulher.

Nora fincou pé.

— O Sr. Thompson é um homem adulto. Não tenho de lhe mostrar a minha identificação para falar com ele sobre um assunto particular — disse, afoita.

— Está em propriedade privada — retorquiu a mulher.

— Sim, mas estou a visitar um dos seus hóspedes. A pedido dele. Não é verdade, Sr. Thompson? — perguntou, apelando-lhe com a esperança de que a sua resposta pusesse cobro à altercação.

Mas o Sr. Thompson já se tinha levantado.

— Vou ver as cenouras — disse, encaminhando-se para o fundo da horta sem olhar para trás.

A funcionária não cedeu e Nora decidiu ir embora.

— Muito bem, já transmiti a mensagem ao Sr. Thompson, de modo que posso ir embora — disse.

Levantou-se tão abruptamente, que a carteira caiu da bolsa e o cartão de jornalista britânico aterrou com a fotografia virada para cima, deixando ver as letras pretas sobre o fundo amarelo-claro anunciando que Nora Sand pertencia à imprensa britânica e que quem duvidasse da validade dessa informação podia pedir a confirmação à Scotland Yard.

— A senhora não vai a lado nenhum — rosnou a mulher, obrigando-a a sentar-se novamente no banco. — Tenho de falar com a minha chefe sobre isto. Ninguém deu autorização a uma jornalista para andar por aí a bisbilhotar. Isso sei eu.

A raiva de Nora avolumou-se, transformando-se numa indignação glacial perante a demonstração de poder da mulher. Sabia que, em três microssegundos, poderia deitar a mulher por terra numa agonia que a faria esquecer Darryl por muito tempo.

Porém, Enzo ensinara-lhe que as coisas não funcionam assim. Desde o início, deixara bem claro que só iniciava os seus alunos na nobre arte do *kickboxing*, na condição de nunca se servirem do que aprendiam a não ser no ringue.

— Quando há sinais de batalha, que faz um verdadeiro guerreiro? — perguntava vezes sem conta, e todos os seus alunos sabiam a resposta tão bem, que respondiam em uníssono:

— Usa a cabeça e afasta-se.

Nora respirou fundo e focou-se novamente na mulher.

— Sabe uma coisa? Eu vim aqui falar com o Sr. Thompson sobre um assunto privado — disse, fazendo uma pausa de retórica. — Mas o seu comportamento dá-me a entender que tem alguma coisa a esconder. E que a sua chefe iria adorar que a senhora me provocasse a ponto de eu querer investigar o que possa ser.

Nora vislumbrou uma sombra de dúvida trespassar os olhos da mulher. A usual técnica de atemorização da funcionária, extremamente eficaz com os idosos frágeis e perto da senilidade e com os seus receosos familiares, não surtia efeito em Nora.

Restavam duas opções à funcionária: deixar a repórter ir embora ou concretizar a ameaça de implicar a chefe.

Nora observou a luta interior como um leitor hesitante a formar as palavras com a boca. Por fim, o desejo de evitar a censura e o receio de ser responsabilizada levaram a melhor; o salário não justificava o risco.

— Tenho de perguntar à Dona Rosen — disse a mulher, rodando sobre os calcanhares. Três passos mais adiante, virou-se para trás e fincou os olhos asperamente maquilhados em Nora. — Não saia daí — ordenou, rispidamente.

Nora encolheu os ombros. Tinha todo o tempo do mundo. Mesmo com a sua fraca memória, o Sr. Thompson confirmara, tanto quanto conseguira, que fora o cadáver de Oluf que resgatara. Na opinião de Nora, as probabilidades de ser outra pessoa com a tatuagem de um bisonte eram ínfimas. Só faltava saber o que estivera a fazer ao largo de Brine, e se estava relacionado com Hix. Estaria relacionado com Lisbeth e Lulu? Teria ido Oluf procurá-las ali? Não fazia sentido. Ele viera a Inglaterra para praticar pugilismo. Isso era evidente e não havia nada que indicasse que o desaparecimento das raparigas o tivesse perturbado tanto, que o levasse a dedicar o resto da vida a descobrir o que lhes acontecera.

Se ainda havia alguém que se preocupava com as raparigas, por ironia do destino, era o homem que, supostamente, seria o tipo mais duro do grupo: Bjarke. Mas ele parecera sincero no seu desejo de descobrir a verdade.

Esperava que o seu encontro com a comissária Summers e o pai, Dale Moss, desse frutos e lhe permitisse perceber o que Oluf estivera a fazer tão longe da digressão de pugilismo planeada. E talvez pudessem contribuir para explicar porque tivera ele o seu fim na baía.

Os pensamentos de Nora foram interrompidos pelo barulho de passos na gravilha. A funcionária vinha a calcorrear o caminho a uma velocidade que sugeria tratar-se de um assunto urgente.

— A Dona Rosen recebe-a agora — disse, fazendo crer que acabara de informar Nora de que lhe fora concedida uma rara audiência com a Rainha.

— Eu acompanho-a ao gabinete dela — fungou. — Espero que tenha uma boa explicação, caso contrário poderemos ter de chamar a polícia — acrescentou num tom de voz que, supostamente, seria ameaçador.

Nora fitou-a calmamente.

— Por mim, pode chamar já a comissária Summers. Não tenho nada para esconder — disse.

A mulher não redarguiu, mas abriu uma porta lateral no edifício principal que dava para um pequeno átrio. Uma placa de bronze com letras em escrita comum numa pesada porta envernizada de escuro indicava que era o gabinete de Dona Rosen, directora da Cedar Residence.

A funcionária bateu timidamente à porta, como se fosse uma criada de outros tempos, e Nora pensou que se ela mostrasse aos residentes idosos o mesmo respeito, a estada deles na Cedar Residence seria muito mais agradável.

— Entre.

Era uma voz firme e Nora ainda teve tempo para imaginar uma assustadora governanta espadaúda e de tornozelos grossos envergando um fato impecável, até que a porta se abriu e deixou antever exactamente o contrário.

A Dona Rosen era bonita e agradável à vista. Trazia um vestido rosa-escuro que lhe assentava bem no corpo, e tinha o cabelo loiro apanhado num rabo-de-cavalo solto. Mais do que qualquer outra coisa, parecia saída de um anúncio a um detergente ou a caramelos *Werther's Original* — uma dona de casa imaginária que acabara de pôr uma tarte de maçã a arrefecer no peitoril da janela.

Tinha um aperto de mão firme e quente, e os seus olhos azuis perscrutaram Nora através de uns óculos de aros dourados, cujo *design* pretendia conferir simultaneamente autoridade e calma.

— Certo, quer sentar-se? Menina…

— Sand — disse Nora.

— Menina Sand — repetiu a Dona Rosen, indicando-lhe com a mão duas cadeiras de madeira diante de uma escrivaninha de nogueira, inequivocamente ali colocadas para se realizarem conversas com familiares ansiosos.

Nora sentou-se na beira de uma cadeira e olhou expectante para a Dona Rosen. Decidira deixar que fosse a directora a começar a conversa.

A Dona Rosen deixou-se ficar sentada por trás da secretária, entrelaçou os dedos à sua frente e observou Nora por instantes.

— Ora bem, Menina Sand. Constou-me que incomodou os nossos residentes e também a Dona Fletcher — começou.

Nora continuou a olhá-la fixamente sem retorquir.

— Pelo que percebi, é jornalista. Quer dizer-me exactamente o que está a fazer aqui?

Nora encolheu os ombros.

— Vim visitar o Sr. Thompson, mais nada.

A Dona Rosen fez um ar quase triste.

— E importa-se de me dizer porque quis falar com o Sr. Thompson? — continuou, num tom de voz que deixava adivinhar que não estava a acreditar em Nora.

— Sim, por acaso importo-me. Tanto quanto sei, o Sr. Thompson tem direito à sua privacidade, independentemente de estar num lar. Ou estarei enganada?

Nora viu a fúria afluir ao semblante de Dona Rosen, como se alguém tivesse accionado o travão de emergência num comboio. Mas depois refreou as emoções e recompôs a expressão facial. Nora reparou que a fúria se afundou abaixo do queixo e ficou a pulsar-lhe no pescoço.

— É claro que o Sr. Thompson tem direito à sua privacidade, claro que sim — disse a Dona Rosen num tom conciliador. — Só que me parece que existe — como dizê-lo? — outro motivo para estar aqui…

Nora não reagiu. Em vez disso, sondou a estante nas costas da Dona Rosen. Tinham feito os possíveis para fazer que o gabinete parecesse uma extensão de uma casa particular, para tentar criar a ilusão de que, na realidade, era uma instituição, uma empresa, que todos os meses cobrava somas astronómicas às famílias que não conseguiam tratar dos pais idosos, doentes, incontinentes ou senis, e que sentiam um menor peso na consciência resolvendo o problema no sector privado.

Os livros na estante asseveravam que a qualidade de vida e os cuidados eram uma prioridade. Havia livros com receitas de compota e *chutney,* sobre caminhadas nas Terras Altas da Escócia, sobre locais de interesse em Shropshire; vislumbrou inclusivamente uma cópia do Novo Testamento na prateleira do fundo.

A Dona Rosen mudou de posição nervosamente na cadeira.

— Menina Sand. Só estou a tentar compreender por que motivo acha que é adequado aparecer aqui sem uma marcação e o que pretende.

Nora voltou novamente a atenção para a mulher.

— Dona Rosen. Não lhe devo explicação alguma quanto ao motivo que aqui me traz, além daquilo que já lhe disse, que é absolutamente verdade. Vim visitar o Sr. Thompson. Apenas isso — disse maliciosamente. — Sou jornalista, isso é um facto, mas não trabalho para um jornal britânico. Trabalho para uma revista semanal dinamarquesa chamada *Globalt*. É provável que nunca tenha ouvido falar, e eu não faço tenção de divulgar as escandalosas condições do sistema de lares britânico, se é isso que a preocupa — continuou. — Embora comece a pensar que o deva fazer, ou sugeri-lo a um colega britânico, porque toda a gente daqui se comporta como se tivesse alguma coisa que esconder.

A Dona Rosen tossiu.

— Dinamarquesa? — disse.

— Sim — concordou Nora. — Por isso, pode estar descansada. O que quer que esteja a acontecer aqui, quer o seu pessoal ande a roubar o fundo de maneio, a mandar os velhotes para a cama às quatro da tarde ou a deixá-los passar fome, não é nada comigo. Estou aqui no âmbito de uma antiga investigação criminal que tem ligações à Dinamarca. Não tem nada que ver consigo nem com o seu lar, mas o Sr. Thompson pode ter alguma informação. Só isso — disse.

— Que tipo de… informação? — indagou a Dona Rosen.

— Isso é confidencial — disse Nora.

Ao fim de uma pausa que se prolongou por tanto tempo, que Nora conseguiu ouvir o tiquetaque de um relógio na porta ao lado e o tagarelar de um rádio que bem poderia estar na cozinha, a Dona Rosen inspirou profundamente e brindou-a com um sorriso forçado.

— Menina Sand. Parece-me que começámos da pior maneira. Gostaria de a ajudar com tudo aquilo de que precisar — disse.

Nora fitou-a, atónita.

— Comecemos de novo. Vou preparar um chá e a menina poderá contar-me tudo o que descobriu até agora — disse e percebeu o ar de incredulidade de Nora. — Quero eu dizer, tudo o que achar que possa revelar-me. Talvez eu possa ser útil — disse, levantando-se. — Dê-me licença. Vou só à cozinha buscar o chá.

Durante a sua ausência, Nora consultou o telemóvel.

Não recebera nenhuma chamada. Nem sequer tinha uma mensagem de texto de Andreas, apenas uma pequena janela que indicava que a bateria estava a menos de trinta por cento. Voltou a guardar o telemóvel no bolso das calças.

O tilintar de chávenas deixou adivinhar o regresso de Dona Rosen antes de esta entrar na sala, equilibrando uma bandeja com uma chaleira com um padrão de rosas, duas chávenas, um açucareiro e um jarro com leite e um pequeno prato com bolachas de chocolate.

Conforme se inclinou para servir o chá, Nora identificou um ténue cheiro a roupas que tinham sido guardadas num armário com sacos de lavanda para inibir o bolor e as traças. Era como se alguém tivesse tentado encobrir com perfume o cheiro fétido de morte, pessoas velhas e doença — no

entanto, o cheiro do que estava por baixo continuava perceptível.

Nora pegou na sua chávena. Subitamente, sentiu-se dominada pela fome e o cansaço, e ficou ansiosa de regressar a Londres, meter-se na cama e puxar o edredão por cima da cabeça. Pegou num torrão de açúcar e, antes de acrescentar o leite, deu-lhe tempo para se dissolver.

A Dona Rosen observou-a com um sorriso inflexível.

— Ora bem. Conte-me tudo. De que caso se trata?

Nora bebeu um grande trago. O chá estava perfeito, quente e doce, exactamente aquilo de que precisava.

— Dona Rosen, há quanto tempo vive nesta aldeia?

A directora encolheu os ombros.

— Há anos. Porque pergunta?

Nora pensou se deveria perguntar a Dona Rosen se ela sabia alguma coisa sobre Bill Hix e a sua ligação àquela região. De repente, pareceu-lhe uma tarefa impossível. Demasiado complicada. Na realidade, naquele instante, Nora não sabia se teria mesmo energia para se levantar e caminhar até ao carro. Estava esgotada. Exausta. De Andreas. Daquele maldito caso. De Dona Rosen, cujo rosto começava a ficar desfocado. Cujos olhos começavam a ficar cada vez maiores, até que se dilataram e contraíram, de uma maneira que deixou Nora simultaneamente fascinada e aterrorizada, mais do que conseguiria exprimir.

— Desculpe. De repente, sinto-me muito cansada. Por acaso, não tem… — começou, mas a meio da frase, esqueceu-se do que ia dizer.

— Sim, está cansada — disse Dona Rosen, e não lhe pareceu totalmente indelicada.

Era da estante. Havia alguma coisa muito errada com a estante.

— Só preciso de… — disse Nora, e ouviu a sua própria voz arrastada, como uma velha fita de cassete antes de se emaranhar.

Depois, tudo ficou escuro.

31

Quando despertou, não sabia quanto tempo passara. Por um breve instante de pânico, pensou que tinha cegado. Tinha os olhos bem abertos, mas não conseguia ver nada na total escuridão.

Voltou a si entre violentos abalos. Doía-lhe a garganta, tinha uma mordaça na boca e as mãos amarradas à frente do corpo. Sentia o cheiro de terra e palha, um traço de roupas bolorentas e ferrugem.

Aos poucos, começou a distinguir contornos. Algumas coisas eram menos escuras do que outras, cinza-escuras sobre um fundo cinzento.

Tinha os pés amarrados e fora deixada no chão naquilo que presumia ser o barracão das ferramentas à porta do qual estivera a conversar com o Sr. Thompson.

Estava frio. Conseguia sentir o ar fresco que chegava do chão de terra batida e calculou que fosse de noite. Virou-se para o lado e contorceu-se até ficar sentada, sentindo cãibras dolorosas nos gémeos. Ignorou a dor e tentou pôr-se de pé. Foi puxada para trás e ouviu o tinido de uma corrente de ferro. Uma ponta estava presa à parte de trás do seu cinto e a outra parecia estar fixa ao que lhe parecia ser um enorme corta-relva.

Como é que aquilo lhe acontecera? Num momento, estava a tomar chá com uma simpática directora de um lar; no outro, amarrada num barracão de ferramentas como um cordeiro para a matança.

Teria sido Dona Rosen? Nora tentou reconstituir o encontro. As ideias rodopiavam na sua mente num confuso mosaico. A abespinhada Dona Fletcher, a ida ao gabinete de Dona Rosen. O chá que lhe fora servido de uma chaleira com padrões de rosas, o sorriso forçado de Dona Rosen, o rádio a tocar na cozinha, a estante.

A estante tinha algo estranho. Nora tinha a certeza — se ao menos conseguisse perceber o quê. Fechou novamente os olhos e tentou recorrer à sua memória fotográfica.

Primeiro, visualizou a prateleira de cima. Dois livros sobre compotas e *chutney*. Um livro sobre trilhos para caminhadas no País de Gales. Uma estatueta de uma coruja de porcelana. Cinco romances encadernados com couro e com letras douradas, provavelmente comprados por atacado num alfarrabista para conferir ao gabinete a aparência refinada certa.

Na segunda prateleira, uma versão maltratada de *Scotland on Foot*[5] , com a lombada

completamente fissurada, devido a anos de uso. Um livro de fotografias de paisagens de Shropshire. Uma coroa de flores secas que já tinha visto melhores dias.

Frustrada, pontapeou o corta-relva na penumbra e virou-se outra vez para o lado. Não adiantara de nada e agora estava em exposição à espera de que algum maluco chegasse na escuridão e a atacasse.

Retesou-se e puxou a corrente num acesso de fúria. O corta-relva cedeu alguns centímetros quando ela conseguiu levantar do chão duas rodas, que depois caíram outra vez com um baque surdo. A sua raiva afluiu como algo que poderia ser comparável ao rugido de um animal ferido, só que a mordaça abafou o som.

Se esticasse completamente a corrente, conseguiria quase chegar à parede de madeira. Primeiro, tentou bater com os ombros na parede para chamar a atenção, mas não fez barulho algum. Em total desespero, tentou bater com a cabeça na parede, mas o barulho era diminuto e a dor considerável.

Conseguia sentir os olhos encherem-se de lágrimas, acompanhadas de um intenso pavor que não podia deixar que a dominasse. O mais importante era não pensar nas coisas que *poderiam* acontecer. Quem ou o que poderia estar do outro lado da porta quando a abrissem. Se é que alguma vez iriam abri-la. Eram pensamentos inúteis. Naquele instante, o que importava era encontrar uma saída.

Nora lembrou-se das diversas vezes em que estivera num aperto. De como estivera em plena zona de guerra e a ligação por satélite caíra três minutos antes da hora marcada. De como certa vez fora apanhada numa barricada entre a Macedónia e o Kosovo com três mercenários com gosto de carregar no gatilho e cheios de cocaína. De como o seu portátil certa vez eliminara cinco horas de trabalho num comboio expresso para Manchester, e de como ela recriara o artigo em vinte e cinco minutos, porque era esse o tempo de que dispunha.

Nora Sand resolve problemas. E fá-lo com frieza, calma e sobriedade. Depois, pode ter um colapso, se ainda lhe restarem energias.

Esse poderia ser o seu epitáfio um dia. Mas não seria hoje.

Na terceira prateleira, havia mais livros comprados por atacado. Um pisa-papéis em forma de globo de neve com um modelo de plástico da Il Duomo, a catedral de Florença financiada e erigida pela família Médici, que presumivelmente nunca imaginara que a obra da sua vida seria um dia encapsulada num globo de plástico com neve artificial. Uma pilha de papel amarelento a espreitar do interior de uma pasta de arquivo. O Novo Testamento. O Novo Testamento.

Foi no preciso instante em que Nora compreendeu o que havia de tão errado que a porta se abriu.

A luz de uma lanterna sondou o espaço até o feixe incidir na cara de Nora, obrigando-a a fechar os olhos. Então, ouviu outra vez a voz de Dona Rosen. Desta vez, despojada de falsa cortesia e simpatia.

— Oh, Menina Sand. Finalmente acordou. É muito má ideia dormir em serviço — disse com sarcasmo.

Nora tentou fitá-la, mas só conseguiu ver a silhueta dela por trás do feixe da lanterna. Só quando Dona Rosen chegou muito perto de si é que Nora reparou na seringa cheia. Tentou protestar, prometendo tudo desde que Dona Rosen não lhe injectasse o que estava na outra extremidade da agulha, mas as palavras não lhe saíram da boca amordaçada.

— Pronto, pronto… — disse Dona Rosen, como um adulto que tenta tranquilizar uma criança inquieta.

Nora contorceu-se, tentando escapar-lhe.

— Menina Sand. Eu vou injectá-la, não importa o que faça. Tive de a manter aqui por motivos práticos. Mas agora tenho de a mudar de sítio, daí a injecção. Cabe-lhe a si decidir se vai doer ou não. Se ficar quieta, só sentirá uma pequena picada.

A sua voz era calma, as frases curtas e concisas. Nora percebeu que, para Dona Rosen, capturar e drogar uma jornalista não era algo que lhe causasse algum tipo de agitação, que lhe aumentasse a pressão arterial ou que a fizesse falar mais alto. Era como se estivesse a explicar-lhe como apertar os atacadores ou a lembrá-la de comprar papa de aveia. E, mais do que qualquer outra coisa, isso assustou Nora.

Fez um esforço para se manter quieta e esperar pelo momento certo. Os músculos ficaram tensos e, subitamente, tudo aconteceu muito depressa. Dona Rosen estava em cima dela. Nora esperneou, contorceu-se e sentiu a picada da agulha entre o ombro e o pescoço. Depois, tudo voltou a ficar escuro.

32

Quando recuperou a consciência, estava amarrada a uma cadeira numa divisão que só poderia ser uma cave. Já não estava amordaçada, mas as paredes pareciam tão grossas, que ninguém ouviria os seus gritos. Perto do tecto, conseguia ver pequenas janelas que deixavam entrar uma pardacenta luz do dia. Sentia o cheiro de betão húmido, uma reserva de maçãs e óleo. A um canto, zunia uma arca congeladora. A luz verde cintilante indicava que tudo estava normal, só que nada estava normal. Ela estava presa na cave de uma louca e, à medida que voltava a si lentamente, a imagem do livro voltou a assombrá-la. Poucas pessoas no Reino Unido tinham uma cópia do Novo Testamento. A maioria dos lares britânicos que tinham uma Bíblia usava a versão autorizada pelo Rei Jaime. A lombada daquele livro estava em dinamarquês.

Se Nora tivesse as mãos soltas, teria dado uma palmada na testa. Todas as pistas haviam-na conduzido àquele lugar. Como fora idiota. Como fora cega.

O frio subia-lhe pelas pernas, tinha a bexiga a rebentar e a boca seca. Conseguiu sentir o telemóvel fazendo pressão contra a anca e chegou à conclusão de que a boa notícia do dia era que aquela cabra da Dona Rosen não tivera a presença de espírito para a revistar. Nora estava apenas a um telefonema de distância da ajuda. Um telefonema e todo um universo, pensou, e olhou para as suas mãos frias e descoradas amarradas com firmeza aos apoios dos braços.

Enquanto o telemóvel tivesse carga, havia esperança.

Nora aclarou a garganta e tentou falar.

— Olá? — Ninguém respondeu. — Olá, está aí alguém?

Nada. Nora sentiu que a sua voz parecia insignificante e desesperada. Respirou fundo e fez um esforço para se acalmar.

— Dona Rosen, está aí? — chamou.

Silêncio.

Pôs-se atenta ao mais ínfimo barulho que pudesse indicar que se encontrava num edifício com vida além do zunido da arca congeladora. Pareceu-lhe ouvir um cão a ladrar ao longe.

Depois ouviu. Primeiro indistinto, como um rangido. Depois mais alto. Estava alguém a caminhar no piso de cima. Nora conseguiu ouvir passos. Havia vida humana ali perto.

Voltou a chamar. Os passos pararam. Alguém a ouvira.

— Olá? Socorro! — tentou outra vez, agora mais alto.

Os passos aproximaram-se. Nora ouviu uma porta a abrir-se nas suas costas e sentiu ar frio.

— Caluda — ordenou a voz.

— Posso beber água, por favor?

Se a deixassem beber água, seria possível que lhe libertassem as mãos, e assim teria uma hipótese.

— Estou só a pedir um pouco de água. Só isso — tentou outra vez.

A porta fechou-se com estrondo. Silêncio. Nora sentiu soluços traiçoeiros afluírem-lhe à garganta.

Será que iriam deixá-la ali sentada até morrer de sede? Ou iria acontecer-lhe alguma coisa ainda pior? Não podia permitir-se pensar o que Dona Rosen poderia querer fazer-lhe. Só precisava de garantir que ela nunca o conseguiria.

Ouviu o ruído de passos nos degraus e a porta abriu-se outra vez. Desta vez, sentiu alguém nas suas costas.

— Feche os olhos — disse uma voz de mulher.

— Quem é você? — disse Nora com a voz mais trémula do que desejaria.

— Cale-se e feche os olhos. — A ordem foi ríspida e acutilante como uma chicotada.

Nora obedeceu. Logo de seguida, encostaram-lhe aos lábios um copo de plástico e ela bebeu sofregamente. Alguma água escorreu-lhe pelo queixo e ela engasgou-se, cuspiu e tossiu. Mas depois entrou no ritmo da mão e esvaziou o copo.

— Posso beber mais? — disse, tentando ganhar tempo.

A voz não respondeu. Pelo contrário, ouviu a porta a fechar-se outra vez e alguém a afastar-se.

— Por favor? — pediu ao espaço vazio, e sentiu ódio de si mesma por o ter feito. Pouco depois, a porta abriu-se outra vez.

— Feche os olhos.

Nora fechou-os, quase completamente. Através de uma minúscula frincha, viu os contornos de um copo de plástico branco seguro por uma mão na extremidade de uma camisola verde.

A mulher deixou-a beber em silêncio.

— Preciso de ir à casa de banho — disse Nora.

A mulher não reagiu.

— Estou a dizer-lhe que preciso *mesmo* de ir à casa de banho — insistiu Nora. — Por favor?

O ritual repetiu-se. Silêncio, ar frio, a porta a bater com estrondo e alguém a afastar-se. Desta vez, Nora teve a certeza de ter ouvido um cão a ladrar.

Estava outra vez sozinha. Durante quanto tempo, não sabia. Tentou calcular os minutos contando ininterruptamente até sessenta, como o pai lhe ensinara durante inúmeras viagens de carro a escavações arqueológicas, mas não tardou a desistir. Na verdade, não importava que horas eram. O seu instinto dizia-lhe que estivera sob o efeito da droga por volta de doze horas.

Sentia um formigueiro nos dedos, devido à falta de circulação e tentou movimentar os braços para trás e para a frente debaixo da fita-cola castanha que a prendia aos apoios de braços. Mexiam-se sempre, mas apenas milímetros. Ao fim do que lhe parecera meia hora de trabalho árduo, Nora não conseguira muito mais do que estar a transpirar e uma folga inútil de meio centímetro.

Começou a baloiçar-se para trás e para a frente na cadeira. Talvez conseguisse danificá-la o

suficiente para arrancar um apoio de braços? Olhou desesperadamente em redor à procura de alguma coisa — o que quer que fosse — que pudesse ajudá-la. Havia uma pá ao lado da arca. Se conseguisse encaixá-la por baixo do apoio de braços, talvez pudesse…

Centímetro a centímetro, Nora foi baloiçando a cadeira até à pá. Era difícil, e tinha medo de avançar depressa de mais e fazer demasiado barulho. Finalmente, conseguiu chegar-lhe.

Agora, o desafio consistia em virar a pá para a cadeira, de maneira que pudesse colocá-la debaixo do apoio de braços, empurrá-la para cima com a coxa e utilizá-la como alavanca para arrancar o apoio. Aproximou mais a cadeira com muito cuidado e empurrou a pá, que começou a escorregar para a arca, embateu na tampa com um baque surdo e ficou ali encostada como um instável pau de *Mikado*. Merda! Tentou aproximar-se mais, mas a cadeira não deixava.

Apeteceu-lhe gritar de raiva consigo mesma.

A porta abriu-se outra vez. Desta vez, apareceu Dona Rosen. De nada valia tentar fingir que não estava a meio de uma tentativa de fuga. Nora fitou-lhe furiosamente os olhos azuis, o que pareceu divertir Dona Rosen.

— Olhem para isto. A Menina Sand não desiste com facilidade, pois não?

Nora fulminou-a com o olhar.

— Eu sei quem você é — disse em dinamarquês.

Dona Rosen não respondeu, mas Nora reparou num trejeito que deixava perceber que ela ouvira e compreendera a frase.

Nora repetiu:

— Eu sei quem você é.

Dona Rosen encolheu os ombros e retorquiu num inglês perfeito:

— Ai sabe? Duvido muito.

Apontou com o queixo para a arca congeladora.

— Porque estava a tentar chegar à arca? O seu desejo pode concretizar-se muito mais depressa do que possa imaginar — disse, calmamente. — Quer mesmo saber o que está dentro do congelador? Não seria a primeira. Nem será a última. Mas você é que decide se quer ser a mais incómoda. Só tornará as coisas mais complicadas para si.

O corpo de Nora estremeceu, como que a dizer-lhe que o pânico anterior não desaparecera, apenas diminuíra um pouco.

— A casa de banho. Preciso de ir à casa de banho — choramingou.

Dona Rosen pareceu pouco interessada.

— Ouça — disse Nora. — Preciso mesmo de ir à casa de banho. Se não me deixar ir, mijo aqui mesmo. Na cadeira. No chão. Não sei quais são os seus planos para mim, mas calculo que deixar um rasto de ADN não será boa ideia.

Dona Rosen pareceu reflectir no argumento por instantes.

— Se eu… — conseguiu dizer antes de o telemóvel de Nora começar a tocar.

Nora fechou os olhos, como se assim conseguisse desligar o som, mas Dona Rosen já o tinha localizado e enfiara brutalmente a mão no bolso das calças de Nora para lhe tirar o telemóvel.

Nora tentou fazer *bluff*.

— Tenho de atender esse telefonema.

Dona Rosen consultou o visor para ver quem estava a ligar. Era um número anónimo. Pelo canto do olho, Nora conseguiu ver que tinha cinquenta e duas chamadas não atendidas.

— É da revista. Se eu não atender, ficarão preocupados e não se pouparão a esforços para me encontrar.

Dona Rosen tomou uma decisão rápida e atendeu o telefonema em alta voz.

— Está lá? Quem fala? — disse ela, com uma voz ponderada.

— Sim, está lá? O meu nome é Gareth, da Vodafone. Estou a ligar para lhe falar de uma nova oferta extraordinária…

Dona Rosen desligou sem dizer nada e revirou os olhos. Depois, desligou o telemóvel e meteu-o no bolso.

Nora jogou a sua última cartada, convencida de que o seu palpite estava certo. De que conseguira, por fim, descobrir a verdade.

— Lisbeth. Foi mesmo nisto que se transformou?

Os lábios de Dona Rosen entreabriram-se.

— Ouça, Lisbeth, não adianta. Não pode esconder a sua verdadeira identidade o resto da vida. Manter-me aqui não resolverá nenhum problema. Todos os meus apontamentos estão no portátil. Mais cedo ou mais tarde, alguém os encontrará.

Dona Rosen falou pela primeira vez em dinamarquês.

— Ah, refere-se ao *Mac* num saco turquesa que estava na bagageira daquele pequeno carro amarelo alugado que estacionou em frente da *Ladbrokes* na rua principal? Infelizmente, o carro teve um acidente. Ao que parece, o condutor aproximou-se de mais dos *rails* de protecção e caiu no desfiladeiro perto de Brine. Isso pode acontecer quando se está um pouco embriagado ou deprimido.

— Foi isso que aconteceu ao Oluf?

Lisbeth observou Nora em silêncio.

— São esses os planos que tem para mim?

Lisbeth abanou a cabeça.

— Não. Você será um presente. Ele gosta das raparigas frescas.

Deixou a frase no ar por instantes.

— E é claro que poderá espreitar o interior da arca. Se tiver coragem.

De seguida, rodou sobre os calcanhares e bateu a porta.

Nora gritou por socorro até ficar rouca e lhe doer a garganta. Depois, caiu num sono irrequieto.

33

Algum tempo depois, a porta voltou a abrir-se. Era a mulher da camisola verde. Desta vez, não mandou Nora fechar os olhos. Naquele momento, sentia a bexiga numa agonia.

Mais uma vez, a mulher levou o copo aos lábios de Nora e ela bebeu obedientemente. A mulher abriu uma embalagem de bolachas digestivas, tirou uma e deu-a a comer a Nora, mordida a mordida.

— Ela diz que você tem de comer nos próximos dois dias. Não sei exactamente o que lhe dar — disse a mulher. A sua voz tornara-se mais tímida e modesta. — Há muito tempo que não temos aqui alguém.

Nora fez um esforço para manter a calma. Tentou convencer-se de que aquilo era apenas uma entrevista. Apenas um artigo que tinha de ser redigido e que estava a reunir informações. Já entrevistara criminosos de guerra, assassinos e ditadores. Aquilo era apenas mais um trabalho.

— Por acaso não tem uma banana ou outro fruto?

A mulher encolheu os ombros.

— Posso ir ver lá acima.

Nora tentou o seu sorriso mais apaziguador.

— Agradecia muito, Lulu.

A mulher deu um salto.

— Sabe o meu nome?

— Sei, sim. Ainda há pessoas na Dinamarca à sua procura, passados todos estes anos.

— Quem?

Nora tentou ganhar tempo.

— Então, pode dar-me uma banana?

Lulu levantou-se do chão e saiu. Desta vez, deixou a porta aberta. Nora conseguia ouvir um cão a ladrar alto e algo que poderia ser o trânsito numa estrada principal a alguma distância.

Um pouco depois, Lulu voltou com duas bananas e um balde de plástico vermelho. A sua linguagem corporal fazia lembrar a de um cão amedrontado. Esgueirou-se ao longo das paredes e não levantou os olhos do chão, sem nunca olhar directamente para Nora.

— Ela diz que se quer fazer as necessidades, tem de ser aqui — murmurou Lulu tão baixinho, que

Nora quase não conseguiu ouvir.

Nora tentou olhá-la nos olhos para estabelecer algum tipo de contacto.

— Posso comer a banana agora? — perguntou, delicadamente.

Lulu encolheu demoradamente os ombros, pousou o balde no chão e começou a descascar uma banana. Ofereceu-a a Nora, que lhe deu uma dentada.

— Que me vão fazer? Vou acabar como o Oluf?

Lulu deu outro salto e olhou pela primeira vez directamente para Nora.

— O Oluf regressou para a Dinamarca — disse ela com a voz trémula, revelando como estava nervosa.

— Sabe como é a Lisbeth. Que a faz pensar que o deixou partir? — perguntou Nora, calmamente.

— Mas ela disse…

Nora abanou a cabeça, como se estivesse a falar com uma criança.

— A Lulu não é como a Lisbeth. Eu sei. Diga-me o que aconteceu. Diga-me o que aconteceu ao Oluf — disse com o tom mais autoritário que conseguiu.

— Não aconteceu nada ao Oluf — respondeu Lulu com a voz trémula. — Agora, tenho de ir.

Fugiu a sete pés, deixando Nora sozinha na cave, com o zunido da arca e o seu malévolo olho verde.

Nora sentiu a sua única hipótese esfumar-se e tentou com uma voz suplicante:

— Não duvido. Por favor… por favor, ajude-me a urinar! Estou mesmo aflita.

Lulu hesitou junto à porta, depois virou-se e voltou para junto dela. Olhou para Nora, desconfiada.

— Tenho mesmo de urinar. Faz o favor de me soltar as correntes? Só para eu me poder sentar no balde — suplicou Nora.

Lulu abanou a cabeça e comprimiu os lábios.

— Sabe que o seu pai continua à sua procura?

Lulu resfolegou tão enfaticamente, que Nora percebeu logo que cometera um erro. Assim, tentou apelar outra vez para o senso comum de Lulu.

— Olhe para mim. Se não me desamarrar, não posso urinar naquele balde. Por favor. Estou quase a mijar-me pelas pernas abaixo e sabe que a Lisbeth não iria querer isso.

Lulu olhou de relance e nervosamente para a porta, hesitou, mas depois tirou do bolso de trás uma tesoura de cozinha de pontas afiadas.

— Libertarei uma mão e as pernas. Ao menor sinal de problema, atiço-lhe os cães — avisou.

Nora concordou solenemente com a cabeça.

— Não tentarei fazer nada. Juro.

Sentiu o metal frio encostado à pele do braço e depois uma dor quando o sangue voltou às veias cuja circulação tinha sido quase completamente cortada pela fita muito apertada.

Abriu e fechou a mão, que quase nem se mexeu. Sentiu os nós dos dedos doridos e rígidos. Nora rangeu os dentes em resposta à dor e olhou humildemente para Lulu, enquanto tentava parecer o mais inofensiva possível.

— Eu porto-me muito, muito bem. Mas não consigo desapertar as calças só com uma mão.

Lulu mordeu o lábio.

— Está bem, mas depois…

— Lulu! Mas que raio pensas que estás a fazer?

Lisbeth estava na soleira da porta e a sua voz irrompeu pela divisão.

— Ia só… — começou Lulu, virando-se para o sítio de onde vinha a voz. Naquele fragmento de segundo, Nora aproveitou a oportunidade para lhe acertar com um pontapé.

Se aprendera alguma coisa com o *kickboxing*, fora que quem hesita vai ao tapete. Não havia tempo para pensar, apenas para agir.

A tesoura retiniu pelo chão. Praticamente no mesmo instante em que o seu pé embateu na mão de Lulu, Nora baixou-se, veloz como um relâmpago, agarrou a tesoura e encostou-a à garganta de Lulu.

— Mais um passo e corto-lhe a goela — rosnou para Lisbeth.

Lulu ficou paralisada como um veado tresmalhado no meio da auto-estrada a meio da noite.

Lisbeth hesitou por instantes, depois desatou a rir com desprezo.

— Força, corte-a.

Nora levantou a cabeça para ela.

— Não estou a brincar.

A voz de Lisbeth soou tão firme como quando fingira ser Dona Rosen.

— Vá lá. Para dizer a verdade, vocês, as duas idiotas, merecem-se uma à outra. Porque não passam algum tempo a conhecer-se melhor? Será a última coisa que qualquer uma das duas fará. Divirtam-se — disse.

Rodou sobre os calcanhares, bateu a porta com força e trancou a porta, rodando a chave duas vezes.

34

Com os olhos fixos em Lulu, atenta ao menor sinal de contra-ataque, Nora baixou a tesoura muito devagar.

Lulu encolheu-se ainda mais e depois desatou a chorar.

Nora libertou a outra mão, agachou-se sobre o balde e pôde finalmente esvaziar a bexiga, enquanto Lulu soluçava convulsivamente. Nora deixou-a chorar alguns minutos e depois passou-lhe uma mão por cima do ombro.

— Lulu. Isto não tem de acabar assim.

— Ai isso é que tem — disse, entre soluços.

— A Lulu pode ser livre. Eu posso ajudá-la.

— Não. Não pode ajudar-me.

— Posso. Podemos ajudar-nos uma à outra.

— Não sabe o que nós fizemos. Não sabe o que nós fizemos. — Lulu tapou a boca com a mão e abanou a cabeça, como se pudesse manter fisicamente as terríveis palavras na cabeça.

Nora ajudou-a delicadamente a sentar-se na cadeira e deu-lhe a outra banana.

— Coma isto e tente acalmar-se. Ficaremos bem — disse, com mais convicção do que efectivamente sentia.

Lulu obedeceu. Nora calculava que ela obedecia desde o primeiro minuto em que conhecera Lisbeth. Possivelmente, até antes disso. Provavelmente, toda a sua vida.

— Lulu. A Lisbeth não quer saber de si. Está disposta a sacrificá-la. Porque está a protegê-la? O Oluf está morto e a polícia sabe. Eu já lhes contei o que sei. Podem chegar a qualquer momento. E se me ajudar agora, eu ajudá-la-ei mais tarde. De certeza que a polícia vem a caminho — mentiu Nora.

Lulu encolheu-se ainda mais, voltando atrás no tempo, transformando-se numa tímida adolescente forçada a confessar uma asneira ao professor. Os seus cabelos negros haviam rareado e apresentavam riscos grisalhos, tinha olheiras e rugas que lhe repuxavam para baixo os cantos da boca, conferindo-lhe uma expressão triste e abatida. Mas era Lulu, a querida e doce Lulu, como o seu pai toxicodependente lhe chamara. Lulu da Vestergården.

Nora tentou olhá-la nos olhos.

— Que aconteceu ao Oluf? Como foi que o encontraram?

— Aconteceu alguns anos depois… depois de termos vindo para aqui. Ninguém nos conhecia. Eu, a Lisbeth e o Bill fomos… foi apenas uma saída à noite. Nunca tínhamos saído os três, e o Bill queria mesmo ver o pugilismo. Um colega tinha-lhe arranjado bilhetes. Por isso, fomos de carro até Liverpool. Era para ser uma noite de diversão.

— Mas não foi isso que aconteceu?

— Não, não foi — respondeu Lulu. — Quando lá chegámos, correu tudo bem. Arranjámos excelentes lugares, mesmo à frente. Os pugilistas estavam a combater, mas eu não me interessei por isso. Mas gostei de tudo o resto. As mulheres com os seus belíssimos vestidos, os homens sempre a gritar.

Soltou um suspiro.

— Aconteceu no fim do terceiro combate. Eu não reparei, mas a Lisbeth viu-o imediatamente. O Oluf estava no ringue. O nosso conhecido Oluf. Eu quis ir embora antes que ele nos visse, mas a Lisbeth riu-se e disse que não. Poderíamos falar com o Oluf no fim do combate, e ela garantiria que ele manteria a boca fechada o resto da vida. Porque ela o vira a fazer uma coisa no *ferry* naquela noite em que… na noite em que zarpámos para Inglaterra.

»Eu não escutei a conversa que tiveram, mas depois o Bill disse-me que esperasse junto ao carro e eu obedeci. Obedecia sempre ao Bill.

Semicerrou os olhos e Nora ficou na dúvida se seria para evocar uma recordação mais clara daquela noite ou para a afastar.

— Meia hora mais tarde, chegaram ao carro. O Oluf estava bêbedo. Não sei como se embebedou tão depressa. Talvez lhe tivessem deitado alguma coisa na cerveja. O Bill estava sóbrio, porque ia conduzir e a Lisbeth estava apenas a fingir ter um grãozinho na asa. Foi para o banco de trás com o Oluf.

A voz de Lulu definhara e soava assustada.

— Ela fez-lhe tantas perguntas sobre a investigação que estava a decorrer na Dinamarca. Se nos tinham procurado durante muito tempo. Se a polícia tinha alguma pista. Se havia testemunhas.

Engoliu em seco antes de continuar.

— O Oluf estava mesmo embriagado. O Bill ficava possesso sempre que o Oluf falava em dinamarquês e estava constantemente a gritar para o banco de trás: «Em inglês! Em inglês!» Mas a Lisbeth só se ria. O Bill estava cada vez mais chateado. Eu tentei passar despercebida e olhei pela janela sem dizer uma palavra, mas não serviu de nada. Como ele não conseguia chegar à Lisbeth, desatou a espancar-me.

— E depois, que aconteceu? — interpôs Nora.

— Quando estávamos quase a chegar a casa, o Oluf começou a beijar a Lisbeth e o Bill conseguiu vê-los pelo retrovisor. Estava a fervilhar de raiva. Acho que nunca o vi tão encolerizado. Foi muito, muito assustador. Quando entrámos para o pátio, ele estacionou sem dizer uma palavra. Eu e ele ficámos sentados em silêncio, a ouvir a Lisbeth a dar risadinhas entre os chochos.

Lulu fechou outra vez os olhos. Desta vez, demorou algum tempo para voltar a abri-los e retomar o relato.

— Não há muito para dizer, na verdade. O Bill mandou-me ir para a cama. Mandou-me esperar por

ele. Eu estava aterrorizada. De um modo geral, ele era calmo e comedido. Mesmo quando nós… Bem. Quero dizer que ele era sempre calmo. Ponderado. Mas naquela noite, estava afogueado de raiva. Eu fui ver como estava a Dona Hickley e, como ela estava a dormir, fui deitar-me. É possível que tenha ouvido a Lisbeth a gritar uma vez durante a noite. Lembro-me de ter acordado sobressaltada sem saber porquê.

Lulu falava num tom monocórdico, como se tivesse de desbobinar a sua narração para acabar de uma vez por todas.

— Nessa noite, o Bill não foi ter comigo, pelo que calculei que estivesse com a Lisbeth. Na manhã seguinte, desceram para tomar o pequeno-almoço como se nada tivesse acontecido, mas o Oluf não estava com eles. Mais tarde, perguntei à Lisbeth, mas ela fez uma careta e perguntou se eu estava com ciúmes por o Oluf não me querer. Quando lhe perguntei outra vez mais tarde, ela disse que o Oluf tinha voltado para a Dinamarca e que jurara não dizer nada a ninguém sobre nós. Pensei que ela tinha dito a verdade, porque nunca ouvimos nada.

— Eles atiraram-no à água na doca e os peixes comeram-no — disse Nora asperamente.

Lulu tapou a boca com a mão e, nesse instante, assemelhou-se à menininha de quinze anos que desaparecera do *ferry*. Tinha os olhos redondos e crédulos, e uma expressão de perplexidade, como se estivesse constantemente a fazer uma pergunta cuja resposta já sabia que iria ser uma forte bofetada na cara.

— Não!

Nora disse que sim com a cabeça.

— Eu vi uma fotografia do corpo. Não restam dúvidas. Ele foi encontrado ao largo de Brine.

— Não — repetiu Lulu, mecanicamente.

O silêncio preencheu a cave, enquanto Lulu fitava o vazio como um morto-vivo. Nora perscrutou a divisão. Além da pá e da arca congeladora, que conseguia agora ver que estava trancada com um cadeado, havia um armário castanho-escuro, também trancado. Estremeceu e depois subiu para a arca, para ver se conseguia chegar às pequenas janelas perto do tecto.

O vidro era fosco e grosso e não deixava ver para fora. Mesmo que conseguisse partir o vidro, a abertura era demasiado pequena para que ela ou Lulu conseguissem sair e pedir ajuda. Além de que era elevado o risco de Lisbeth dar conta do que ela estava a tentar fazer antes que conseguisse quebrar o vidro com a pá.

— Onde é que estamos, Lulu? Que sítio é este?

Nenhuma resposta.

A única saída era a porta. Mas como?

Nora verificou se seria possível forçar a porta, mas a lâmina da pá era demasiado grossa para ser inserida entre a porta e a armação. Decidiu abrir o armário, para ver se tinha alguma coisa que pudesse usar.

Nora desferiu um pontapé bem calculado no trinco do armário.

Sentiu a dor subir-lhe da planta do pé ao joelho. Era completamente diferente de desferir um golpe num adversário de carne e osso com um corpo flexível protegido por almofadados. O trinco não cedeu. O armário permaneceu incólume.

Nora tentou despertar novamente a sua companheira de cativeiro.

— Lulu. Estamos no campo? Estamos na cidade? Onde está a Lisbeth? Fale comigo.

Lulu fechara-se sobre si mesma. Estava sentada em silêncio a abanar a cabeça.

Nora tentou desferir novo golpe no trinco. Desta vez, utilizou a outra perna e certificou-se de que lhe acertava com o calcanhar, como Enzo lhe ensinara. Não foi tão doloroso e a porta pareceu ceder um pouco.

A luminosidade na divisão estava a diminuir. Os quadrados pardacentos de luz que entravam pelas janelas haviam mudado lentamente de madrepérola para cinza-escuro. Lulu observou-a passivamente.

Nora assestou outro golpe no armário. Uma dobradiça cedeu o suficiente para que fosse possível meter a pá por baixo e soltá-la. Nora pegou na pá. Lulu continuou sentada como se havia muito tivesse deixado o seu corpo na cave como uma carapaça vazia.

Nora tentou chamá-la de volta à realidade: foi até junto dela e fitou-a nos olhos.

— Lulu, diga-me onde estamos!

— Mas estamos em casa — disse ela, entorpecida, como se tivesse despertado de um sonho.

— Onde é que fica a casa?

— Mudámos para aqui quando aquela coisa horrível aconteceu. Quando a polícia levou o Bill. Dantes, a casa era do avô dele, mas nós nunca vimos os polícias, porque nos mudámos para aqui antes de eles irem a casa da Vanessa, da Dona Hickley. O pai da Vanessa morrera havia muito tempo e a sua casa estava desabitada. Só cá estavam os cães.

Nora continuou a debater-se com o trinco, enquanto olhava de relance para Lulu. Finalmente, pousou a pá e concentrou toda a sua atenção em Lulu.

— Fale-me sobre o Bill. Como foi que o conheceram? — perguntou-lhe com a voz mais afável que conseguiu. Sentia uma palpitação na mão e uma dor ininterrupta no tornozelo, que fez por ignorar, enquanto Lulu inspirava profundamente e começava a falar.

— Conhecemo-lo no *ferry*. Ele disse que se chamava Ian e que era fotógrafo. Queria tirar-nos fotografias. A Lisbeth queria ir para Londres e ser supermodelo. Ele disse que conhecia o George Michael e que talvez conseguisse que entrássemos num videoclipe, como aqueles da MTV. Caímos que nem patinhos. A Lisbeth queria-o só para si e tentou convencer-me a voltar para junto dos outros. Não sei quantas noites passei em claro a desejar que o tivesse feito. Mas o Bill não lhe deu ouvidos. Disse que nós nos completávamos e que queria fotografar-nos juntas.

Lulu procurou nos bolsos e encontrou o que parecia ser o seu último cigarro. Continuou a remexer os bolsos até encontrar um isqueiro branco com publicidade. Pouco depois, a ponta do cigarro tinha um brilho laranja.

— Fotografou-nos no tombadilho. A máquina fotográfica tinha um aspecto muito profissional e ele disse todas as coisas que um fotógrafo diria. Que nós tínhamos uma aparência fantástica, mas que a luminosidade era má. Que estava muita claridade no tombadilho… — interrompeu-se e olhou fixamente para a ponta do cigarro. — Acompanhámo-lo ao seu camarote. Lembro-me de ter pensado que nada de mal poderia acontecer desde que estivéssemos juntas. — Mostrou um sorriso amargurado. — Ainda me lembro do número do camarote dele. 317. Não sei porquê. Tinha lá uma garrafa de rum e alguma *Coca-Cola*. Preparou as bebidas e falou sobre clavículas, como elas destacavam as nossas feições, como a única maneira que poderia realmente mostrar a nossa beleza dependeria de se estivéssemos dispostas a mostrar as clavículas, mas que a decisão era nossa, claro.

Se é que queríamos conhecer o George Michael.

— Foi assim que ele as convenceu a despirem-se? — indagou Nora.

— A Lisbeth foi a primeira a despir o *top*, de maneira que tive de a imitar. Que palerma que fui! Ah! — disse, com um breve e ríspido riso. — A princípio, escondi os seios com as mãos, mas depois começámos a competir pela atenção dele. Ele deu-nos mais rum, mas deve ter-lhe juntado alguma coisa. A última coisa de que me lembro é da Lisbeth a rir. — O cigarro tinha chegado quase ao fim e Lulu tinha as mãos trémulas.

— Não me parece que tenha sido culpada, Lulu — disse Nora, baixinho.

— Mas não ouviu a história toda — interrompeu-a Lulu. — Quando despertei, estava escuro, tinha o corpo dorido e doía-me a cabeça. Tinha vontade de vomitar, mas não podia. Tinha sido amordaçada… Tentei gritar, mas não consegui. Estava nua e a tremer de frio. Sentia cãibras nas pernas, mas não podia esticá-las. Estava numa divisão minúscula. Primeiro, pensei que fosse um caixão e fartei-me de gritar, mas quase não saía som algum. Quando me acalmei, percebi que estava na mala de um carro em movimento. Deveríamos ter saído do *ferry*. Estava aterrorizada. Convencida de que ele matara a Lisbeth e que eu seria a seguir.

Ficaram durante algum tempo em silêncio na penumbra, atentas a quaisquer sinais de que Lisbeth estivesse a aproximar-se. Depois, Lulu prosseguiu:

— Não sei durante quanto tempo o carro continuou a andar. Uma hora. Perdi a noção do tempo. Estava a soluçar, mas ninguém me ouvia. Finalmente, senti o carro a abrandar e acedemos a um caminho acidentado. Depois parámos e ouvi a porta do carro bater. Tinha a certeza de que ia morrer. Tive tanto medo que me mijei.

O semblante de Lulu era como uma máscara inexpressiva.

— No início, não consegui ver nada. Alguém estava a apontar uma lanterna para a minha cara, mas depois ouvi-os. À Lisbeth e ao Bill. Estavam a rir de mim. O Bill chamou-me puta. Ainda chama. Não percebi qual era a piada. Conseguiam ver que eu estava acordada, mas falavam sobre mim como se eu não estivesse lá. A Lisbeth disse que eu poderia ser útil. Poderá ter salvado a minha vida.

O pio de uma coruja quebrou o silêncio da noite e Nora deu um pulo. Lulu estava longe e alheia ao barulho.

— Entrámos na casa. O Bill conduziu-nos até à cave. Só conhecemos a mãe dele mais tarde. Eu não queria estar ali. Estava a chorar e a implorar que me deixassem ir. Primeiro, o Bill trancou-me numa pequena divisão malcheirosa sem janelas. Deixaram-me ali alguns dias, creio. Havia uma torneira, de modo que tinha água para beber, mas nenhuma comida. Encontrei um lençol no qual podia embrulhar-me.

Estava a tremer, como se o seu corpo ainda se lembrasse do frio e do terror.

— A Lisbeth desceu sozinha. Primeiro, pensei que viesse libertar-me. Supliquei-lhe. Lembrei-a do Bjarke e da vida na Vestergården. Disse-lhe que podíamos ir a Londres procurar os outros. Qualquer coisa para que ela tomasse o meu partido, mas a sua voz era mordaz. Mostrou-me fotografias que me tinham tirado enquanto eu estava inconsciente. Numa delas, o Bill estava a ter relações comigo, noutra a Lisbeth estava a enfiar-me uma garrafa. Reconheci as mãos dela naquela fotografia, aquelas unhas roídas só podiam ser suas. A Lisbeth disse-me que se eu não fizesse o que me mandavam, enviariam as fotografias para o meu pai.

Uma lágrima escorreu-lhe pelo canto do olho e ela enxugou-a.

— O meu pai. Eu faria tudo para que isso não acontecesse. Acabei por concordar. Não tinha alternativa. A Lisbeth estava na casa na qualidade de namorada do Bill e eu era a criada deles. A mãe dele simplesmente aceitou a situação. Nunca perguntou de onde viéramos nem quem éramos. Não saímos de casa durante meses. A Lisbeth pintou o cabelo e cortou-o curto. Começaram a discutir quase logo a seguir. Às vezes, quando as contendas eram mesmo feias, à noite, o Bill vinha procurar-me à cave. Eu deixava-o fazer o que queria. Não era pior do que o meu pai.

Lulu abanou a cabeça e prosseguiu o relato.

— No princípio, chorei muito. A Lisbeth prometeu-me que me deixariam ir embora ao fim de seis meses. Eu só teria de lhes fazer um pequeno favor, e então entregar-me-iam os negativos das fotografias e deixar-me-iam partir. Eu acabei por concordar, mesmo sabendo que era errado.

— Que teve de fazer, Lulu?

— Não me lembro do nome dela. Acho que podia ser… Angela… ou uma coisa assim. Encontrámo-la no Cais de Brighton. Foi o Bill quem a avistou — disse Lulu, e ficou imóvel por instantes.

— E que aconteceu? — acabou por perguntar Nora.

Lulu suspirou profundamente.

— A Angela… ou lá como se chamava… saiu banhada em lágrimas da tenda de uma cartomante. Acabara de fazer uma leitura de tarô. Nós seguimo-la. Ela estava a dirigir-se para a vila, e eu e o Bill abordámo-la juntos. Ele achava que se estivesse outra mulher presente, a rapariga não recearia acompanhá-lo. E estava certo. Convencemo-la a ir connosco até ao estúdio do Bill para lhe tirar uma fotografia. Eu concordei quando o Bill disse que ela era bonita. É claro que ela foi connosco. É fácil enganar as jovens com elogios, e eu estava lá para lhe dar a entender que era totalmente seguro. A Lisbeth estava à espera no estúdio. Eu sabia que alguma coisa má iria acontecer-lhe. Afinal de contas, acontecera comigo, mas eu achava que era a vez de outra pessoa. Queria sair dali. Não fazia ideia de que eles iriam… que iriam…

— Que iriam fazer o quê? — perguntou Nora.

— Deram-lhe um copo de água com uma coisa qualquer, não sei o quê. A rapariga baixara a guarda, porque eu e a Lisbeth estávamos lá. Nunca lhe passou pela cabeça que alguma coisa pudesse acontecer-lhe.

— Mas a Lulu sabia?

— Pensei que fossem tirar-lhe fotografias, como tinham feito comigo. Não podia impedi-los. Iriam fazê-lo de qualquer forma, com a minha ajuda ou sem ela, e eu pensei que antes ela que eu. Tinha a esperança de que depois de os ajudar, me deixassem ir embora. E pensei que… bem… pelo menos, ela estava drogada.

Nora tentou relembrar-se dos nomes das muitas raparigas desaparecidas, mas não se recordava de nenhuma Angela.

— Que aconteceu depois?

Lulu inspirou profundamente e expeliu o ar em curtas baforadas.

— Que aconteceu depois? — insistiu Nora.

— Ela perdeu os sentidos antes de conseguir posar para uma só fotografia. Eles amarraram-na a

uma cadeira. E depois fizeram-no.

Silêncio.

— Que foi que fizeram, Lulu? — perguntou Nora, tentando soar o mais neutra possível.

— Cortaram-lhe a língua! Com um bisturi. Abriram-lhe a boca e o Bill cortou-a, só que o último pedaço não saía, pelo que começou a puxar. Ele arrancou a língua da boca dela e enfiou-a na sua. Eu não parava de gritar. Tentei fugir, mas a Lisbeth agarrou-me e obrigou-me a ver. O Bill estava a rir.

Acho que a Lisbeth também estava com medo, mas não me largou. Eu não podia sair dali. Não podia sair dali. Não podia sair dali.

Repetiu a frase como uma prece de encerramento, que terminou com um soluço árido.

— Havia tanto sangue. Muito mais do que se possa imaginar. Não parava de jorrar. Ela morreu no estúdio. Penso que se esvaiu em sangue. Quando parou de se mexer, o Bill arrancou-lhe os olhos. O chão era de linóleo. Lavei-o repetidas vezes com lixívia, chorando de joelhos no chão. Estava aterrorizada. Finalmente, a Lisbeth foi buscar-me. Levou todos os panos de limpeza e, quando chegámos a casa, queimámo-los numa fogueira no jardim. Depois, eu perguntei o que tinham feito à rapariga, mas a Lisbeth não quis falar sobre isso. Passaram-se semanas antes de o Bill começar a ir outra vez à cave.

— Porque não fugiu? — disse Nora.

— A Lisbeth disse que eu era cúmplice de homicídio. E para onde teria ido? Ela disse que faria que parecesse que tinha sido eu. Como se eu fosse a responsável de tudo. Que eu teria sido vista a falar com a rapariga no Cais de Brighton. Que tinha sido eu a limpar tudo depois do crime e que as minhas impressões digitais estavam por toda a parte. De modo que fiquei, e houve mais raparigas. Muitas mais.

— Quantas?

— Não sei. Montes delas.

— Mais de dez? Vinte?

O silêncio envolveu-as outra vez e Lulu olhava para o chão.

— Que fizeram eles aos corpos das raparigas?

— O Bill ficava sempre com as línguas. Mas o resto… — olhou nervosamente para Nora.

— O resto… era retalhado e dado de comer aos cães.

Nora sentiu um suor frio.

— Aos cães?

— Sim. Em pequenos pedaços, para que não restassem provas. Os cães de caça da Vanessa comem qualquer coisa. Temos aqui um canil. Há sempre pelo menos dez cães famintos.

A repulsa de Nora deveria ser perceptível, porque Lulu olhou directamente para ela e disse:

— Você vai acabar como as outras. A Lisbeth ajuda o Bill. Quando menos esperar, ela corta-lhe a língua e dá-a ao Bill. Ela leva-lhe sempre uma língua quando vai visitá-lo à cadeia. Mete-a numa sanduíche. Eles revistam o almoço que ela preparou, mas nunca abrem o pão para ver o que tem dentro.

Lulu desatou às risadinhas como uma rapariguinha.

— Ela contou-me que uma vez, quando foi visitar o Bill, eles lhe perguntaram o que tinha na sanduíche. E ela respondeu: «Língua.»

Nora abanou a cabeça.

— Lulu, quer ajudar-me? Quer sair deste sítio?

— E ir para onde?

Nora desistiu e voltou para junto do armário. Golpeou a dobradiça com força renovada e bateu com a pá nas portas uma e outra vez, até ouvir o barulho da madeira a estalar quando a porta se desprendeu da dobradiça. Puxou a madeira e sentiu-a ceder.

Quando percebeu que o armário estava praticamente vazio, apeteceu-lhe chorar. Não tinha lá nenhuma caixa de ferramentas, nada que pudesse ser usado como arma. Apenas um monte de panos velhos e dois frascos de líquido de limpeza. Nora pegou num. Era lixívia. O outro era um pequeno frasco de plástico azul com diluente. Uma ideia começou a ganhar forma.

Lulu estava passivamente sentada com as mãos sobre o regaço.

— Dê-me o seu isqueiro — ordenou Nora.

Lulu fitou-a letargicamente.

— Dê-me o seu isqueiro.

Lulu rebuscou o bolso, encontrou o isqueiro e entregou-o com indiferença a Nora, que pegou no frasco de diluente. Tinha o suficiente. Agora, era uma questão de oportunidade.

— Lulu. Ouça. Onde acha que a Lisbeth está? Ainda está lá em cima?

Lulu encolheu os ombros.

Nora rangeu os dentes e sentiu vontade de a abanar. A rapariga que desaparecera do *ferry* para Inglaterra havia muito que deixara de existir. A rapariga cuja dócil índole Bjarke ainda recordava não passava de uma carapaça vazia.

Utilizou a tesoura para cortar os panos em tiras. Ainda lhe doeram as mãos ao utilizar a tesoura. De seguida, embebeu as tiras em diluente e enfiou-as pelo frasco. Um cheiro pungente entrou-lhe pelo nariz. Recordou-lhe aquelas manhãs de Inverno em que descia até à sala de estar em Bagsværd e acendia a salamandra.

Depois, pegou outra vez na pá, fez pontaria a uma das pequenas janelas e desferiu-lhe um forte golpe. Apareceu uma fissura no vidro, que se alastrou formando uma estrela, até que finalmente conseguiu abrir um buraco para deixar entrar ar puro.

Nora conseguia ouvir cães a ladrar estridentemente muito perto e sentiu o ar frio a entrar com um silvo. Inspirou profundamente e gritou com todas as forças:

— Lisbeth! Venha cá baixo imediatamente ou eu incendeio a casa!

Nenhuma resposta.

— Deixe-me sair ou deito-lhe fogo! Os bombeiros virão! Como irá explicar-lhes que me tinha presa na cave?!

Subitamente, percebeu que o ladrar mudara, como se alguém estivesse a tentar acalmar os cães. Pegou no isqueiro e aproximou-se da porta com o seu *cocktail* Molotov improvisado em riste.

Quando ouviu passos no andar de cima, acendeu o isqueiro. Nesse instante, viu Lulu levantar-se.

— Pare! Não pode fazer isso — gritou Lulu.

A porta abriu-se.

Nora ateou a chama e, assim que esta deflagrou, arremessou o frasco na direcção de Lisbeth. Ouviu o frasco embater na parede e viu a labareda laranja pelo canto do olho ao empurrar Lisbeth para o

lado e subir as escadas a correr. Finalmente, estava livre e foi parar a um jardim nas traseiras, cercado por um muro alto. Uma enorme casa cinza-escura entrepunha-se entre ela e a liberdade.

O ladrar subiu de intensidade e viu os cães. Quase perdeu a força nas pernas quando um rafeiro a rosnar lhe agarrou a perna das calças. Livrou-se dele com dificuldade e foi a correr para a casa. Conseguia ouvir Lisbeth a gritar atrás dela.

Nora torceu o tornozelo ao subir aos tropeções os degraus que davam para a porta das traseiras. Percorreu o último trecho a coxear e conseguiu abrir a porta enquanto pontapeava os dois cães que lhe mordiam os calcanhares e não paravam de ladrar.

De seguida, fechou a porta e trancou-a.

Percorreu um pequeno corredor e foi parar a uma cozinha imunda. A pia estava cheia de louça suja, a torneira estava a pingar e os cortinados fechados. Voltou para o corredor e embrenhou-se na casa, procurando um telefone, e foi desembocar numa sala de jantar com mobiliário pesadão e sombrio. Daí, Nora conseguiu ver para uma sala de estar atafulhada que se encontrava na penumbra. Coxeou sobre o tornozelo dorido e espreitou por cima do ombro. Conseguia ouvir os cães a raspar a porta e a ladrar de frustração por terem deixado escapar a presa.

Sondou rapidamente a sala de estar. Na pequena mesa junto à janela, avistou um telefone antiquado com um disco de marcar os números. Nora fez uma oração em silêncio ao cambalear para lá.

— Quem é você? E onde está a Liz?

A voz era simultaneamente frágil e ríspida. Nora deu um pulo e tentou perceber de onde vinha.

No canto mais afastado da escuridão, afundada em frente de uma televisão bruxuleante com o volume no mínimo, estava uma velha senhora de óculos a olhar para ela.

A mulher subiu o tom de voz.

— Quem é você e que está a fazer em minha casa?

Nora tentou pensar numa resposta enquanto se aproximava da mesa com o telefone, desesperada por ganhar tempo.

— Dona Hickley… Eu sou…

Não conseguiu dar mais um passo antes de a mulher desatar a gritar.

— Acudam! Acudam! Ladrão!

Nora levantou o auscultador e discou 112. Não ouviu nenhum sinal. Abanou o auscultador e seguiu o cabo para ver se o telefone estava ligado à ficha.

Sentiu o ar frio antes de ver a porta abrir-se. Depois, levantou a cabeça e fitou directamente dois olhos negros que a miravam por baixo de uma farripa de cabelo.

— Eu avisei-te, puta! — disse Bill Hix.

35

Hix caminhou lentamente para ela com um sorriso glacial nos lábios. Tinha numa mão uma faca de cozinha que fora amolada tantas vezes, que a lâmina parecia um estilete.

Nora não se atreveu a desviar os olhos dele.

— Bill, que se passa? Porque estás aqui? Quem é essa rapariga? Onde está a Liz? — A tagarelice desnorteada de Dona Hickley não mereceu sequer um olhar de relance de Hix.

Nora perscrutou freneticamente a divisão à procura de uma arma. Alguma coisa que lhe desse uma pequena vantagem. Hix sorriu indulgentemente quando viu os seus olhos adejarem pela sala.

— Oh, Nora, Nora, Nora — entoou. — Sabes que quanto mais resistires, mais eu gosto. Que linda menina me saíste — disse, repuxando os cantos da boca numa arrepiante imitação de um sorriso.

Ouviu-se uma agitação na porta dos fundos que Nora trancara. Depois, o tilintar de chaves e, ao longe, o histérico ladrar dos cães. A porta das traseiras abriu-se e, pouco depois, uma furiosa Lisbeth assomou à sala de estar. Primeiro, olhou para Nora e, só depois, vislumbrou Hix.

— Bill! Vieste! — gritou.

Hix não se virou para olhar para ela.

— Não te metas nisto. Esta é minha — limitou-se a rosnar.

Lisbeth permaneceu na soleira da porta, sem saber bem o que fazer. Nas suas costas, os cães ladravam enfurecidos.

— Disse-te para saíres daqui! — berrou Hix, olhando selvaticamente para Lisbeth.

Nessa fracção de segundo, Nora viu a sua oportunidade. Veloz como um relâmpago, lançou-se para a frente e agarrou num castiçal de cobre que estava em cima da mesa de apoio, e com um movimento quase fluido, bateu com toda a força na mão com que Hix segurava a faca.

Enzo ensinara-lhe um princípio: «Para a melhor hipótese de venceres, desarma sempre o teu inimigo.» Perante um Hix desarmado, agora distraído por uma Lisbeth aos gritos na soleira da porta e uma velha confusa do outro lado da sala, tinha uma hipótese.

Hix largou a faca, berrou de dor e fechou o punho instintivamente. Nesse instante, Nora desferiu-lhe um gancho de esquerda, que o mandou contra um enorme vaso e um aquecedor.

A dor que lhe chegou aos nós dos dedos dois segundos depois foi tão intensa, que quase fechou os

olhos, mas não cedeu. Foi a correr para o corredor e deparou com Lisbeth a obstruir a porta da frente.

Nora voltou a correr para a cozinha, batendo a porta nas suas costas e colocando uma cadeira a escorar o puxador, enquanto tentava raciocinar. Abriu a gaveta de cima e encontrou um enorme garfo de trinchar com compridos e afiados dentes. O faqueiro em cima da mesa estava vazio e Nora calculou que a única faca afiada da casa estaria actualmente na mão não magoada de Hix.

Ouviu-o rugir na passagem.

— Grande puta! Já vais ver! Vou apanhar-te!

Ele estava, portanto, do outro lado da frágil porta de contraplacado, segura apenas por uma cadeira de cozinha. Sentia a mão a latejar de dor e os nós dos dedos inchados.

Viu a porta a ceder. De cada vez que Hix a pontapeava, a porta movia-se alguns milímetros. Nora procurou freneticamente algo com que se defender debaixo da pia. Encontrou duas garrafas de plástico com os rótulos esfarelados, que davam a entender que já estariam ali havia anos. Verteu metade do conteúdo numa toalha de mesa que encontrara à beira do fogão e, com o resto, formou um pequeno charco em frente da porta. O líquido soltou um forte cheiro a químicos. Hix parara de gritar e estava a dedicar-se metodicamente à porta. Conseguia ouvi-lo respirar e ver a velha porta de cozinha estremecer sob pressão.

Tacteou os bolsos à procura do isqueiro de Lulu, mas percebeu que deveria tê-lo perdido ao fugir da cave. O pânico percorreu-lhe o corpo como uma motosserra a aproximar-se das ligações neuronais.

Então, subitamente, junto ao rádio numa prateleira em cima da mesa da cozinha, viu uma caixa de fósforos e abriu-a. Tinha três. O primeiro fósforo partiu-se-lhe nas mãos.

Quase soltou um grito de terror. Prendeu o garfo no cinto das calças e subiu para a mesa da cozinha, preparando-se para fugir pela janela no último instante, sem largar a caixa de fósforos.

A janela não se mexeu. Havia anos que não era aberta e estava coberta de decénios de musgo e trepadeiras.

Não lhe restava tempo. As dobradiças da porta estavam a ceder. O ângulo da janela impossibilitava a sua abertura, pelo que se deitou em cima da mesa de cozinha e tentou desferir um último e desesperado pontapé na caixilharia da janela, que se abriu um pouco com um gemido. Empurrou-a e, finalmente, conseguiu abri-la. Subiu para o peitoril e passou as pernas para o outro lado, enquanto murmurava outra prece, riscando o segundo fósforo, que se acendeu. Nora atirou-o para o charco junto à porta no preciso instante em que o puxador cedeu com um último estalido, e vislumbrou os olhos negros de Hix a perscrutar a cozinha.

Depois, aterrou em cima da relva. Teve tempo para sentir a fetidez da atmosfera queimada antes de um cão de dentes arreganhados se atirar a ela.

Três segundos depois, estava outro cão ao lado dela em posição de ataque, aguardando ordens do dono, que entretanto aparecera.

Lisbeth tinha manchas vermelhas na cara, provocadas por queimaduras durante a fuga de Nora da cave. Conferiam-lhe um ar ainda mais furioso.

— Senta! — ordenou aos cães que seguiam todos os movimentos de Nora com os olhos raiados de sangue.

Labaredas e fumo negro emanavam pela janela da cozinha. Lisbeth olhou para a janela. Depois para Nora. Depois novamente para a janela.

— Ao mais pequeno movimento, eles desfazem-na — disse Lisbeth, voltando a correr para a casa.

Nora sentou-se muito devagar. Os dois cães olhavam-na com um ar sequioso de sangue e o seu rosnar aterrorizou-a. Estavam tão perto dela, que conseguiu ver a saliva escorrer-lhes dos dentes afiados como agulhas, mas eles obedeceram às ordens.

Calmamente e sem fazer movimentos bruscos, levou a mão que não estava magoada atrás das costas para agarrar o garfo.

— Pronto, pronto, lindo menino — disse, com a voz mais branda. O cão maior inclinou a cabeça e pareceu confuso. — Anda aqui, lindo — tentou, aproximando-se dele.

O rosnar era cavo e agoirento. Como que para deixar bem claro que não era um cãozinho de colo, ladrou-lhe agressivamente. Nora afastou a mão. Hora do plano B. E não podia perder tempo. Não demoraria muito até que Lisbeth — ou Hix — viesse atrás dela.

Levantou-se com o garfo em riste para se defender. O cão maior aproximou-se, pronto a atacar, enquanto o mais pequeno ladrava histericamente.

Então, atirou-se aos tornozelos de Nora e tentou morder-lhe a perna até que ela conseguiu afastar o pé, desferindo-lhe o mais forte *uppercut* de toda a sua vida.

O cão caiu de patas para o ar sobre a relva, como o tronco de uma árvore, o que pareceu desnortear o seu companheiro de quatro patas o suficiente para esquecer por instantes a sua missão de vigiar e rosnar para Nora. Ganiu enquanto correu para o seu amigo inconsciente e lhe farejou ansiosamente o focinho. Pareceu aturdido e um pouco chocado com Nora. Contudo, ela não tinha tempo para explicações demoradas e contornou a casa a correr.

Havia fumo a sair pela porta da frente e Nora pensou que isso poderia atrasar Hix, se ele quisesse salvar das chamas a mãe idosa.

Tinha a esperança de que alguém já tivesse visto o fumo e chamado os bombeiros. Contudo, na realidade, a corporação de bombeiros mais próxima ficaria provavelmente a quilómetros de distância e seria formada por voluntários, que teriam de ser contactados de antemão. Antes de chegar ajuda, aquele demente do Hix teria tempo de sobra para assassinar e enterrar uma jornalista dinamarquesa. Nora não tinha vontade de ficar à espera de que ele cumprisse esse desígnio particular.

36

Nora avistou um edifício que parecia um velho estábulo, dentro do qual estavam estacionados uma *pick-up* vermelha em mau estado e um *BMW* cinza-escuro. A carrinha tinha a porta destrancada, mas não tinha a chave na ignição. Perdeu preciosos segundos à procura debaixo do assento do condutor, na pala e, finalmente, no porta-luvas, mas não encontrou.

Voltou a correr para a cave.

Lulu continuava sentada no chão, agarrada à cabeça, enroscada como uma criança. Quando viu Nora, olhou-a com os seus enormes olhos banhados de lágrimas.

— Ela empurrou-me — foi tudo o que disse, como se fosse uma menina de sete anos a fazer queixinhas ao professor.

Nora olhou nervosamente para a casa, onde labaredas tremulantes brilhavam num tom alaranjado no crepúsculo. Hix, Lisbeth ou algum cão poderiam aparecer de um momento para o outro.

— Lulu. Venha comigo já! — ordenou.

— Oh, está bem — disse Lulu, levantando-se mecanicamente.

— Depressa!

Lulu apressou-se um pouco e chegaram finalmente ao edifício exterior.

— Onde é que guardam as chaves do carro?

Lulu apontou em silêncio para o lado esquerdo da porta do estábulo. Nora foi para lá a correr e começou a procurar. Cortou-se num prego ferrugento e praguejou.

— Onde está a maldita chave? — berrou, frustrada.

Lulu aguardou.

— Está sempre aí, no prego…

Nora olhou freneticamente em redor. Só havia um prego, mas nenhuma chave. Começou a deitar ao chão latas de uma prateleira que havia junto à porta, mas não encontrou chave alguma.

— Lulu. Precisamos mesmo dessa chave. Onde mais poderá estar?

Enraivecida, Nora pontapeou o carro e, ao fazê-lo, vislumbrou o cintilar de metal num monte de trapos junto à porta. Remexeu o monte de trapos com a mão magoada e, finalmente, encontrou um molho de chaves. Agarrou-o e entrou na *pick-up*.

Felizmente, pegou à primeira. Lulu fitou-a, mas permaneceu imóvel.

— Entre, por amor de Deus! JÁ! — gritou Nora.

Após o que pareceu uma eternidade, Lulu finalmente obedeceu. Nora arrancou e conduziu como uma louca pelo caminho de gravilha, pela floresta, afastando-se daquela maldita casa.

— Lulu. Preciso da sua ajuda. Onde é que estamos?

Lulu não respondeu.

Seguiram em frente, enquanto Nora tentava perceber onde estava e o que fazer de seguida. Teria de estar muito longe de Hix antes que se atrevesse a respirar fundo ou a parar para procurar um sítio de onde pudesse telefonar à polícia.

Por fim, chegaram a uma estrada alcatroada.

— Temos de virar aqui à esquerda — pipilou finalmente Lulu.

Nora virou o guiador com tanta força, que quase se despistou. Conseguiu recuperar o controlo do veículo e seguiu pela serpenteante estrada rural, rezando para que não viesse ninguém de frente. Escurecera e Nora sabia muito bem que se Hix ou Lisbeth as seguissem, os faróis da *pick-up* denunciariam a sua localização, mas não se atreveu a apagá-los.

Seguiram em frente. Nora conseguia sentir a adrenalina estabilizar abaixo do nível de pânico, mas bastante acima da emergência extrema. Não divisava tabuletas nem casas.

— Aquele pequeno caminho vai dar onde? — perguntou a Lulu.

— À quinta de batatas do Brown.

Nora decidiu arriscar e virou para a lamacenta estrada secundária.

Pouco depois, chegaram à quinta. Nora estacionou nas traseiras de um celeiro, de maneira que não conseguissem ver a *pick-up* da estrada de alcatrão.

Não havia luzes acesas e a quinta parecia deserta.

— Lulu. Mora aqui alguém que possa emprestar-nos um telefone?

Lulu abanou a cabeça.

— Não, acho que já foram todos para casa.

Nora desligou o motor e apagou as luzes, foi a correr até ao celeiro e tentou abrir a porta. Estava trancada. Levou as mãos à cabeça. Perdera vários minutos. Minutos que Hix poderia aproveitar para a apanhar. Tomou uma decisão rápida.

O melhor seria permanecerem ali durante algum tempo, na esperança de que Hix passasse sem as ver. Ficaram muito quietas dentro do carro na penumbra e Nora conseguia ouvir ténues estalidos do motor a arrefecer. Virou-se para Lulu.

— Muito bem. Teremos de ficar aqui e esperar pelo melhor.

Lulu resfolegou.

— Com o Bill, é sempre o pior — disse enfaticamente.

Então, o silêncio da noite foi quebrado pelo rugido de um motor bem afinado, muito provavelmente de um *BMW*. O ruído ficou cada vez mais próximo.

— Tenho medo — choramingou Lulu.

Nora não disse nada, mas rodou a chave na ignição e carregou na embraiagem, a postos para arrancar de um momento para o outro.

Não teve de esperar muito na escuridão. Logo de seguida, viu os faróis amarelos do *BMW*

aproximarem-se. O clarão pelo meio das árvores por trás do celeiro deixou Nora perceber que o carro deveria ter virado para a estrada secundária. Agora, era uma questão de oportunidade, de modo que o *BMW* não lhes obstruísse a passagem.

Nora mordeu o lábio e esperou… e esperou… e esperou. Então, abruptamente, foi tudo muito rápido. O *BMW* contornou o celeiro e aproximou-se pela traseira. Nora ligou a *pick-up* com um rugido e acelerou em direcção à estrada de alcatrão. Quando sentiu o alcatrão sólido debaixo dos pneus, o *BMW* cinza-escuro estava mesmo colado à sua traseira. O condutor ligara os máximos. O reflexo no retrovisor fazia-lhe doer os olhos e não lhe permitia ver quem ia a conduzir.

— Oh, não. Oh, não. Ele vai apanhar-nos — lamuriou-se Lulu.

Apesar de Nora não discordar da análise de Lulu, queria que ela se calasse.

— Onde é que esta estrada vai dar? A algum sítio onde haja carros? Muitas pessoas? Um telefone? — perguntou, desesperada.

— Vai dar ao lar.

37

Três minutos depois, chegaram ao fim da estrada, que desembocava no parque de estacionamento da Cedar Residence. Nora travou a fundo e a carrinha derrapou diagonalmente, obstruindo a estreita passagem para o parque de estacionamento. Isso não deteria Hix, mas poderia valer-lhes alguns segundos.

Agarrou Lulu por um braço e correu em direcção ao lar o mais depressa que o seu tornozelo dorido lhe permitiu. A porta estava trancada. Marcou 1-2-3-4, mas o ansiado estalido não se fez ouvir. Sentia o coração na boca. Experimentou desesperadamente outras combinações óbvias. 4-3-2-1 também não resultou. Os seus dedos adejaram por cima do teclado, enquanto espreitava nervosamente por cima do ombro. Lulu estava a gemer.

— Ele vem atrás de nós. Ele vai apanhar-nos.

— Esteja calada! — silvou Nora.

Completamente frustrada, carregou quatro vezes no número 1 e foi recompensada com um seco estalido do trinco ao abrir, e entraram aos tropeções na recepção do lar. Nora bateu a porta com força atrás de si. Vislumbrou Hix a investir por cima do capô da *pick-up* e o reflexo da luz a incidir numa faca.

Lulu estava agora a soluçar descontroladamente.

— Venha comigo — disse Nora, puxando-a pelo braço. Porém, Lulu ficou especada.

— Não, é melhor separarmo-nos — insistiu.

Nora não tinha tempo para discutir, pelo que desatou a correr o mais depressa que pôde pelo corredor mais próximo. Parou a meio, entrou por uma porta e deu por si numa enorme sala na penumbra.

Foi tacteando à sua volta, com medo de acender a luz e denunciar a sua localização. Sentiu superfícies de aço e inúmeros armários. Estava numa cozinha. Estava ciente de que Hix não demoraria muito a arranjar maneira de entrar no lar.

Entrou mais para o interior da cozinha em bicos de pés, tacteando as paredes e as superfícies à procura de um telefone. Era preciso ter azar para ter ido parar à única divisão que provavelmente não tinha um telefone. Se tivesse entrado num dos gabinetes ou num dos quartos dos residentes,

estaria agora a ter uma agradável conversa com os serviços de emergência. Em vez disso, a reconhecida repórter da *Globalt* estava a olhar para uma pilha de panelas industriais. Excelente trabalho, Nora Sand!

Ouviu um estrondo que parecia ser uma porta a bater com toda a força. Pronto. Hix conseguira entrar.

Nora ficou muito quieta e pôs-se à escuta com todo o seu ser alerta. Reviu mentalmente a última vez que ali estivera e tentou calcular o caminho mais rápido para o gabinete de Lisbeth. Tinha de haver lá um telefone. Nora estava convicta de que vira um em cima da escrivaninha.

Abriu cuidadosamente uma frincha na porta para o corredor. Sob o feixe de luz que entrou do corredor deserto, divisou um telefone de parede ao lado do enorme frigorífico na cozinha. Apressou-se a fechar a porta outra vez e foi aos apalpões até ao telefone, pegou no auscultador e carregou no botão maior na esperança de obter uma linha externa.

Pi-pi-pi.

— Merda — exclamou ao perceber que não era um telefone. Acabara de accionar o intercomunicador e anunciado através de todos os altifalantes do lar que era um zero à esquerda no que dizia respeito a tecnologias. Ah, além de que informara Hix de que ainda estava no edifício.

Encheu-se de coragem, abriu a porta, olhou para um lado e para o outro, atravessou o corredor e foi a correr outra vez para a recepção onde quase tropeçou numa cadeira de rodas que alguém ali deixara. Tentou abrir a porta da secretaria da recepção, pois conseguia ver um telefone do outro lado do vidro da porta, mas estava trancada. Onde estava o técnico de serviço?

Ouviu o barulho de alguém a arrombar uma porta, seguido de um breve grito estridente. Depois, fez-se silêncio. Um silêncio assustador.

Nora fez um esforço para conter a náusea e tentou perceber de onde teria vindo o barulho. O silêncio foi quebrado pelo que parecia uma cadeira a cair ao chão e um rugido abafado vindo do gabinete de Lisbeth.

Atravessou outro corredor a correr, com o coração a palpitar, e só parou quando chegou à porta, que estava escancarada, e, sob a luminosidade do corredor, conseguiu ver as silhuetas de duas pessoas abraçadas. Conseguiu lobrigar os olhos esbugalhados de Lulu e ouvir a sua respiração ruidosa. Foi então que Nora percebeu que Hix estava a tentar estrangular Lulu com o cabo do telefone com o qual ela deveria ter tentado pedir ajuda. Hix estava de costas voltadas para Nora, que entrou instintivamente para o gabinete. Tinha de causar uma distracção, fazê-lo soltar Lulu. Olhou à sua volta à procura de algo para usar como arma, avistou o peso de papéis com a Catedral Duomo e arremessou-o violentamente à cabeça dele. Nesse momento determinante, Hix desviou-se inesperadamente para um lado e a cúpula de neve só lhe acertou de raspão numa orelha, sem causar grande dano. Hix rugiu de raiva, mas não soltou Lulu.

Numa última tentativa desesperada, agarrou a parte de cima da estante e puxou-a para cima do par. Os livros caíram em catadupa para o chão, ouviu Hix resmungar, e desatou a correr a toda a pressa pelo corredor seguinte. Naquele instante, ouvia-se uma cacofonia infernal de estridentes campainhas de alerta e tinham-se acendido várias luzes.

Ela sabia que era apenas uma questão de tempo até Hix ir no seu encalço, pelo que percorreu o corredor à desfilada e acedeu a outro. A quarta porta que tentou abrir estava destrancada e entrou

atabalhoadamente para a divisão.

Estava lá uma anciã deitada numa cama de hospital de olhos arregalados. Por cima dela, uma luz de presença lançava pelo quarto um brilho dourado. Nora reconheceu o local onde estava. O gravador em que ouvira a narrativa de Jane Austen. A velha que estivera sentada e entristecida no seu cadeirão a chamar George.

Nora sondou rapidamente o quarto. Na mesa-de-cabeceira, junto a um cântaro de estanho com flores, estava aquilo que parecia ser um antigo telemóvel *Nokia* preto. Fazendo o mínimo barulho, foi em bicos de pés até junto da cama, tentando controlar o coração que lhe batia desenfreadamente no peito. Quando se encontrava a três passos da cama, tão perto que quase conseguia tocar no telemóvel com a ponta dos dedos, a anciã despertou.

— Olá. Está aí alguém? — perguntou.

— Chiu — Nora tentou acalmá-la. — Não posso explicar agora, mas por favor, não faça barulho.

— Quem está aí? — insistiu a mulher, transparecendo medo na voz.

— Chiu. Por favor, não faça barulho. É uma questão de vida ou de morte — tentou Nora antes de deitar a mão ao telemóvel, só que a mulher foi mais rápida. Num movimento habitual, agarrou o telemóvel e escondeu-o debaixo do edredão.

— Vou ligar ao George. Vou ligar-lhe agora mesmo!

Nora ignorou toda a decência, meteu a mão debaixo do edredão e arrancou o telemóvel das mãos da mulher.

— Desculpe, lamento muito. A sério que sim. Explicarei mais tarde.

— Socorro! Socorro! Ladrão! — gritou a velha.

Nora consultou o visor, que ostentava duas palavras num tipo de letra infantil: *Fisher Price*. Tinha na mão um inútil brinquedo que tinham dado a uma idosa desorientada que «ligava» a George várias vezes ao dia.

Era uma questão de tempo até os gritos da velha a denunciarem a Hix. Nora pegou no cântaro de estanho e despejou a água e as flores. Era pesado e sólido. Depois, apagou a luz de presença e pôs-se detrás da porta. Depois de pensar melhor, arrastou o andarilho da mulher, que estava encostado ao lado da cama, e colocou-o à frente da porta para empatar Hix, quando este chegasse.

Conseguiu escutá-lo a percorrer o corredor. A velha não parava de gritar.

— Socorro! Socorro! George! Quero que o George venha imediatamente!

Finalmente, a porta abriu-se com estrondo. Nora estava preparada com o cântaro de estanho e apontou à nuca de Hix. Porém, este tropeçou no andarilho e o jarro acertou apenas na atmosfera.

Hix caíra ao chão e estava a tentar levantar-se ao mesmo tempo que tentava arrastar Nora para baixo. Ela pontapeou-o, mas desequilibrou-se quando ele lhe desferiu um murro no joelho.

Nora sentiu as mãos de Hix à volta do pescoço. Viu os seus penetrantes olhos negros e o sorriso arrogante muito perto da sua cara. O efeito era quase hipnótico. Conseguia sentir o início da vertigem e começou a ver pontos brancos diante dos olhos. Com um enorme esforço, conseguiu meter as mãos entre os braços dele e tentou exercer pressão nos olhos dele com os polegares, conforme Enzo lhe ensinara a fazer «num caso de emergência extrema».

A manobra surpreendeu Hix, que não estava acostumado a que as suas vítimas ripostassem; estavam sempre drogadas e incapacitadas. Diminuiu o aperto por um segundo, o suficiente para Nora se

conseguir libertar e pôr de pé a custo. Tacteou freneticamente o chão e encontrou o cântaro de estanho. Assim que se baixou para o apanhar, Hix investiu contra ela, fazendo que batesse com a cabeça na caixilharia da porta. Todavia, deixou-se rolar com ele, pelo que Hix encontrou muito menos resistência do que esperara, e desequilibrou-se. Nesse instante, Nora aplicou o que lhe pareciam ser as suas últimas forças e acertou-lhe com o cântaro na têmpora. Hix perdeu os sentidos, como se alguém lhe tivesse desligado o interruptor.

— Fora de combate — sussurrou Nora com os seus botões, acendeu a luz, olhou para o cântaro que tinha na mão e viu as palavras gravadas: «Para George Ashcroft, pelos louváveis serviços prestados à Cornwall Miners' Association.»

— Fico a dever-lhe esta, George — murmurou.

Com a adrenalina a correr-lhe nas veias, foi à casa de banho e tirou o cinto de um roupão, com o qual atou as mãos de Hix atrás das costas. Encontrou no armário da casa de banho três rolos de ligaduras, com as quais lhe amarrou os tornozelos o mais depressa que conseguiu. Tinha de ser rápida. Ele poderia despertar a qualquer momento. Foi a correr até à recepção, encontrou a cadeira de rodas esquecida e empurrou-a até ao quarto.

— Que se passa? Quem está aí? Onde está o George? — a anciã estava transtornada.

— Dona Ashcroft? — disse Nora, o mais tranquilizadoramente que conseguiu.

— Sim, sou eu.

— Não posso explicar-lhe tudo agora, mas vem já aí alguém tratar de si. Juro.

Ao ser tratada pelo nome, a mulher pareceu acalmar-se um pouco. Nora remexeu o guarda-roupa da mulher e tirou de lá o cinto de uma gabardina carcomida pela traça e amarrou Hix à cadeira de rodas. Este estava agora a gemer baixinho e prestes a recuperar a consciência.

Nora empurrou-o para o corredor e até ao fundo, onde havia a porta que dava para o jardim. A chave estava na porta. Destrancou-a e empurrou-o para o terraço. O ar fresco da noite fez Hix agitar-se novamente. Nora conseguia ver que tinha as pálpebras a tremer.

Com as suas últimas forças, empurrou a cadeira de rodas pela gravilha até ao relvado e em frente. Ele começava a mostrar resistência e quando finalmente falou, Nora arrependeu-se de não o ter amordaçado.

— Certificar-me-ei de que te farei sofrer tanto, que suplicarás que te mate. Mas não deixarei que morras. Torturar-te-ei até nem saberes quem és — disse, com um gemido.

Nora fez um esforço para o ignorar, mas estava quase esgotada. Entretanto, chegaram. Ela parou a cadeira de rodas e tentou abrir a porta, que estava destrancada. Empurrou Hix para o interior da penumbra do barracão das ferramentas e bateu a porta.

No exterior, encontrou uma vassoura esquecida, com a qual calçou a porta antes de perder a força nas pernas. Quando se recompôs alguns segundos depois, estava encostada à porta e uma furiosa Dona Fletcher estava a olhar para si com as mãos nas ancas.

— Esta está boa! Que se passa aqui? Desta vez, foi longe de mais. Quem pensa que é? E não me venha com mais histórias. Não vai sair daí. Já chamei a polícia e eles vêm a caminho.

Nora brindou-a com um sorriso de gratidão.

— Obrigada. Agradeço-lhe do fundo do coração.

Não chegou a ouvir a resposta de Dona Fletcher, pois perdeu totalmente os sentidos.

38

Acordou com o tilintar de chávenas. Experimentou abrir um olho. Estava deitada em lençóis brancos, num hospital. Na mesa-de-cabeceira, havia um copo de água e um vaso de aço sem flores. Na parede em frente da cama, encontrava-se uma televisão apagada e um póster com uma enorme rosa amarela com gotículas de orvalho nas pétalas. Era horrendo, pensou Nora, e voltou a fechar o olho. Ouviu uma porta a ranger ao longe. A pequena enfermaria estava em silêncio. Nora tentou sentar-se, mas sentiu uma dor lancinante na nuca e levantou a mão. Sentiu uma ligadura. Tocou-lhe com cuidado e tentou recordar os acontecimentos.

Bill Hix. Os olhos negros e quase hipnóticos que a haviam trespassado. A súbita dor na nuca. Os cães a ladrar.

A porta abriu-se e entrou uma enfermeira bronzeada.

— Bom dia, Nora. Posso tratá-la por Nora? Sou a Melinda.

Nora tentou anuir, mas o mais pequeno movimento provocava-lhe náuseas.

— Onde estou?

— No St. John's Hospital. Sofreu um traumatismo. O médico vem fazer a ronda dentro de meia hora. Como se sente?

— Como vim aqui parar?

A enfermeira brindou-a com um sorriso radioso.

— Chegou na noite passada. Teve uma boa noite de sono e agora está em observação por causa do traumatismo. E pelo sim, pelo não, demos-lhe a vacina contra o tétano por causa das mordidas.

— Mordidas?

— Sim. Mordidas de cães.

Nora tentou assimilar toda a informação, mas Melinda interrompeu-a.

— Tem dores?

Como já aprendera a lição, Nora não mexeu a cabeça. Em vez disso, respondeu que sim.

Melinda deitou dois comprimidos para um pequeno copo de plástico e passou-lho para a mão.

— Tome-os com água — disse.

Nora obedeceu e começou a sentir-se sonolenta.

— O meu telemóvel — conseguiu dizer. — Onde está o meu telemóvel?

— Não sei. Mas agora também não é importante. Além disso, não é permitido usar telemóveis nesta enfermaria. Contudo, há um homem que tem ligado várias vezes para se inteirar do seu estado.

— Spencer? — indagou Nora.

— Não, não é isso. Andre… Andreas, algo assim? Foi muito persistente.

Nora sorriu, depois adormeceu.

Despertou por breves instantes quando o médico fez a ronda, mas só conseguiu dar respostas monossilábicas. Após uma breve consulta, o jovem médico, cujo nome Nora não percebeu, informou que ela ficaria internada mais 24 horas.

— Repouso absoluto — ordenou, e foi embora.

Nora voltou a adormecer. Quando abriu outra vez os olhos, deu de caras com Spencer.

— Menina Sand — disse, com ar severo. — Da próxima vez que for numa das suas aventuras, queira por favor informar as autoridades relevantes. A coisa poderia ter corrido muito, muito mal. Para si e para nós.

Nora tentou retorquir, mas só conseguiu soltar um leve gemido. Esticou o braço para o copo de água e Spencer inclinou-se para a frente para a ajudar.

— Que aconteceu?

Spencer ficou algum tempo a esfregar a cara. Parecia que tinha passado a noite em claro. E, provavelmente, a noite anterior a essa também. Tinha a camisa relativamente limpa. Era bem possível que tivesse levado uma muda de roupa e trocado de camisa pela manhã, mas, quanto ao mais, parecia amarfanhado como Nora nunca o vira.

— O Hix vai a caminho de Wolf Hall. Uma mulher que dá pelo nome de Dona Rosen foi detida. Encontrámo-la na casa com a mãe de Hix, que está em estado de choque. A Dona Rosen ainda não falou muito, mas falará. Encontrámos uma mulher morta no gabinete dela no lar.

Nora sentiu compaixão por Lulu. Uma vida que correra mal, quase desde o primeiro dia, e que agora acabara.

— Demos com o Bill Hix num barracão tentando libertar-se de uma cadeira de rodas. Um mistério que a menina poderá ajudar as autoridades a deslindar? — disse Spencer, soerguendo as sobrancelhas.

— Como foi que me encontraram?

Spencer abanou a cabeça.

— A menina não nos facilitou a vida.

Nora fitou-o inquisitivamente.

— Ao fim de algumas horas sem que a Summers confirmasse que a menina estava bem, tive de agir. Para ser franco, fiquei furioso por termos de desperdiçar recursos destinados à nossa investigação em algo tão trivial.

— Mas… — Nora tentou interromper.

— É melhor que me deixe falar — atalhou Spencer. — Terá muito tempo para se explicar mais tarde.

Alguém bateu à porta, três vezes, e Spencer levantou a cabeça.

— Ah, comissária Summers. Entre. Ela está acordada.

A comissária Summers era uma mulher alta de feições angulosas com o cabelo preto e curto, e uns olhos severos por baixo de umas sobrancelhas farfalhudas que faziam lembrar Frida Kahlo.

— Menina Sand. Não ficámos de nos encontrar para almoçar? — disse, com um sorriso sardónico.

Nora retribuiu-lhe o sorriso.

— Desculpe. Era para lhe ligar, mas…

Spencer explicou como a comissária Summers recebera um telefonema de dois ornitólogos amadores galeses que iam a percorrer a costa e que tinham visto o carro de aluguer amarelo danificado, tendo-se servido dos binóculos para ver a matrícula. Summers ia mesmo investigar a matrícula e contactar a empresa de aluguer para saber em nome de quem estava o contrato, quando recebeu um telefonema de Spencer relacionado com a protecção de uma jornalista dinamarquesa, precisamente a mesma mulher com quem Summers iria encontrar-se ao almoço. Enquanto Summers aguardava os serviços de emergência, Spencer pusera os seus técnicos a detectar o telemóvel de Nora.

— Tentámos ligar-lhe várias vezes, mas sem êxito. Ao mesmo tempo, conseguimos perceber que o seu telemóvel continuava ligado e que não estava no carro alugado. Quando finalmente conseguimos ligação e foi outra pessoa que atendeu o telefone, percebemos que algo de errado se passava.

— Mas vocês nunca ligaram!

Spencer sorriu mordazmente.

— Nós não somos amadores. Eu percebi logo que não era a sua voz. O Gareth da Vodafone? Era eu.

— Obrigada — disse Nora, baixinho.

Summers puxou uma cadeira para junto da cama e sentou-se.

— Menina Sand, de que se lembra até esse momento?

— De tudo, acho.

Spencer tirou do bolso um gravador antiquado e ligou-o. Nora fitou-o.

— Estamos num hospital. É proibido usar telemóveis — disse ele, encolhendo os ombros.

Durante a meia hora seguinte, Nora revelou-lhes tudo aquilo de que se lembrava. Spencer preencheu as lacunas e, quando a voz de Nora começou a falhar, Summers foi ao quiosque buscar *Coca-Colas* frescas.

Nora tentou concentrar-se, mas não conseguia esquecer uma coisa: Andreas telefonara.

A última coisa de que teve consciência foi da voz de Melinda que, algures do outro lado da Terra, disse:

— Pronto, por hoje, chega…

39

Spencer tratara de arranjar um carro-patrulha relativamente confortável e um jovem agente para os conduzir de volta para Londres. O jovem agente agarrava o volante com força e não tirava os olhos do velocímetro, enquanto Spencer seguia no lugar do passageiro.

Virou-se para trás e continuou o interrogatório a Nora, que tivera autorização para se enroscar no banco traseiro com uma almofada e um cobertor. Só tinham passado dois dias desde que estivera amarrada numa cave, à espera de que lhe cortassem a língua, e ainda não tivera tempo para esquecer as memórias daquela divisão assustadora com a horripilante arca congeladora.

A estrada zunia do lado de fora. Sempre que tentava cravar o olhar num ponto fixo para aliviar as náuseas, este desaparecia a uma velocidade estonteante. Tentou concentrar-se no telemóvel, que estava agora em silêncio a carregar no lugar do isqueiro do carro.

Quando recebera alta hospitalar, Summers entregara-lhe solenemente o portátil e o telemóvel. Tinham encontrado o portátil no gabinete de Lisbeth.

— A Dona Rosen, ou Lisbeth Mogensen, como a conhecemos agora, permanecerá sob custódia. Mesmo que se recuse a falar, existem provas suficientes para passar o resto da vida atrás das grades. E depois temos o testemunho de Lulu Brandt, através da sua pessoa. Não sei se será válido em tribunal, mas formará a base da nossa investigação. Estamos convencidos de que o Hickley estava a organizar tudo na sua cela — explicou Summers. Era tudo quanto estava preparada para revelar.

Nora fez-lhe inúmeras perguntas, mas Summers conhecia bem a lei e salientou que qualquer informação que pudesse revelar poderia prejudicar um futuro julgamento, desbobinando a frase feita que, suspeitava Nora, todos os agentes da polícia tinham de saber de cor antes sequer de poderem passar uma multa de estacionamento.

Spencer não demonstrou muito mais abertura. Nem sequer no carro estava disposto a revelar muito, ainda que Nora apertasse com ele no meio dos seus acessos de náuseas.

— Que acontecerá à Vanessa Hickley? — perguntou durante um dos momentos em que as náuseas aplacaram para depois voltarem com o dobro da intensidade.

Spencer encolheu os ombros.

— Não sei. Talvez acabe os seus dias na Cedar Residence. Está velha e confusa. Pensa que a

Lisbeth é sua filha e não tem noção de onde está. Estamos convictos de que deitou fora a mala sem saber que tinha as fotografias lá dentro.

— Mas como foi parar a um contentor do lixo nas traseiras da Cedar Residence? — perguntou Nora.

— Menina Sand, pela enésima vez: quem faz as perguntas sou eu — disse Spencer, esboçando um ténue sorriso.

— Mas eu só quero saber se a Hannelore e o Helmuth conseguirão ficar em paz — acabou por dizer, lembrando-se do casal de alemães idosos que todos os Verões iam a Londres para implorar à Scotland Yard que continuassem a investigar o destino da filha Gertrud.

Acertou na muche.

Spencer virou-se e olhou pelo pára-brisas durante algum tempo.

— Sim, creio que agora ficarão em paz. Se assim se pode dizer. Os nossos técnicos forenses ainda estão a trabalhar, mas foi à conclusão que chegaram: são as raparigas. Sempre estiveram aqui. A Vanessa Hickley herdou a casa e os cães do pai quando ocorreu a morte deste, mas nenhum elemento da investigação inicial teve conhecimento do facto. Iniciámos escavações no canil. Há muito trabalho forense para realizar. Demorará meses, mas estou convicto de que a Hannelore e o Helmuth encontrarão a paz possível ao fim de todos estes anos — acabou por dizer.

Após uma breve pausa, prosseguiu:

— Todas aquelas viagens a Underwood que o Hickley organizava para procurar raparigas — disse, com amargura. — Deveria estar a rir de nós. Um piquenique à custa dos contribuintes… e todo aquele sofrimento profundo, aquela amargura.

Recompôs-se e continuou no seu tom de voz normal.

— Autorizei o James McCormey a interrogar o Hickley. Acho que ele merece. É provável que venha a contactá-la — acrescentou.

— Sobre que poderei escrever de tudo isto? — intercedeu Nora.

— Sobre quase tudo, creio — respondeu Spencer. — Terá de aceitar que a história é do conhecimento geral, mas a menina conhece o Hix pessoalmente. É o crime-sensação do ano. Passaremos por uma banca de jornais a caminho do seu apartamento. Contudo, aconselho-a vivamente a não falar com ninguém — disse Spencer laconicamente.

Nora adormeceu outra vez. O cansaço levou a melhor sobre ela e teve tempo para desaparecer num abismo negro antes de acordar estremunhada com os sinos do Big Ben. Tinham finalmente chegado a uma zona com cobertura de rede móvel e o primeiro a perceber isso fora, claro está, o Lagostim.

— Que raio, Sand. Que se passa? Há dias que não dás notícias. E agora, de repente, estás envolvida no crime mais sensacional desde o Violador de Yorshire.

O Lagostim não era pessoa de perder tempo com conversas de circunstância.

Nora sentiu despertar a jornalista que havia dentro de si, com traumatismo ou sem ele. Descreveu o caso e explicou resumidamente o seu papel.

O Lagostim estava incaracteristicamente calado. Ou se calhar a cobertura da rede tinha falhado outra vez enquanto seguiam pela auto-estrada. Nora consultou o visor. Tinha quatro barras.

— Essa está boa. Com que então, um traumatismo? — acabou por dizer. — Mas agora estás bem, não estás?

— Sim, ainda consigo escrever, se é a isso que te referes.

O Lagostim fez uma pausa diplomática, deixando bem patente que era precisamente isso que o preocupava.

— Não estou a dizer que seja urgente. O prazo é sexta-feira, por isso…

— Hum — disse Nora.

— Sim, então que me dizes a sexta-feira depois do almoço? E dá ênfase à tua intervenção no caso. É uma perspectiva exclusiva que podemos proporcionar aos nossos leitores. Caso contrário, estaremos apenas a relatar a mesma notícia que os outros.

Nora sentiu uma forte vontade de abrir o vidro e atirar o telemóvel para a berma da estrada, juntamente com as suas embalagens de piza encharcadas e latas de cerveja vazias, e nunca mais ir buscá-lo, mas depois lembrou-se de que estava num carro-patrulha e que seria uma total perda de tempo tentar abrir o vidro.

Como prometera, Spencer mandou o condutor pouco falador parar numa estação de serviço assim que chegaram a Londres. Regressou com o *The Times*, o *Daily Telegraph*, o *Guardian*, o *Daily Mail* e o *Sun*. Os dois tablóides haviam afixado os homicídios nas primeiras páginas com fotografias desfocadas em preto-e-branco de um Hix com um aspecto demoníaco.

«A fã do assassino em série!», apregoava o *Sun* com enormes letras. O fotógrafo do *Daily Mail* tinha-se aproximado das fitas amarelas da polícia e fotografado o canil onde os técnicos forenses de fato-macaco branco estavam a trabalhar, de modo que o jornal pudesse mostrar com sinistro pormenor a forma como as raparigas haviam perdido as vidas com a insensível parangona: «Raparigas desaparecidas comidas por cães raivosos.»

Quando o carro parou à porta do seu apartamento no Belsize Park, estava lá reunido um grupo de fotógrafos. Nora não tinha energia para os enfrentar. Porque quereriam uma fotografia de uma jornalista destroçada a sair do carro? Ela nunca almejara esse tipo de jornalismo e, no seu íntimo, sempre ficara a cismar no modo como era retratado nos filmes. Certamente, os fotógrafos não poderiam ser assim tão turbulentos na vida real. Agora, porém, encontrava-se na mira de dez câmaras e de homens aos gritos que tentavam constantemente apanhar a sua cara com as objectivas.

— Nora, aqui! Ei, Nora, aqui! É verdade que apanhou o assassino? Nora Sand, conhecia as raparigas?

Tudo se misturou numa insuportável cacofonia que a fez perder a força nas pernas. Se Spencer não a agarrasse por um braço, teria caído ali mesmo. Assim que deu o passo em falso, as máquinas dispararam mais freneticamente.

Spencer assumiu o controlo da situação.

— Basta, cavalheiros. Como podem ver, a Menina Sand está evidentemente cansada. Se quiserem mais comentários, terão de contactar o jornal para o qual ela trabalha.

Os disparos diminuíram, mas não pararam totalmente. Nora procurou as chaves no bolso e entregou-as a Spencer, que abriu a porta e a ajudou a subir as escadas até ao apartamento, que estava abafado. Nora inclinou-se sobre o lavatório, abriu a torneira de água fria e bebeu sem parar. As tonturas recusavam-se a deixá-la.

Spencer abriu alguns armários da cozinha e inspeccionou o frigorífico.

— Não tem nada para comer. Não pode ser. Ainda não está recuperada.

— Oh, eu fico bem — disse Nora debilmente. — Não tenho fome.

— Assim nunca mais melhora — contrapôs Spencer, com determinação.

Nora empurrou um monte de roupas que estavam num cadeirão e deixou-se cair nele.

— Vou mandar o motorista comprar as coisas básicas. Terá de poder preparar uma chávena de chá, caso contrário será o fim da civilização conforme a conhecemos. E pão. E *bacon*. E bananas. É claro que não terá de enfrentar os fotógrafos outra vez. Só demora dez minutos — disse Spencer num tom que não admitia contestação.

Depois de conseguir fazê-la prometer que iria à Scotland Yard dentro de três dias e de ir embora, Nora despiu a roupa, arrastou-se até à casa de banho e vestiu o seu velho roupão *Marks & Spencer*. Era confortável como um abraço de um ursinho de peluche e percebeu como estava fisicamente exausta quando pôs a chaleira ao lume e procurou uma embalagem de bolachas de queijo que pensava estar esquecida algures num armário. Desistiu da procura quando a água começou a ferver e, em vez disso, começou a procurar o chá. Descobriu um saco amarrotado de chá de camomila e baunilha, uma amostra grátis que vinha numa revista, e deitou-o na primeira chávena que encontrou.

Levou o chá até ao cadeirão, soprou, depois pousou a chávena no chão para o chá arrefecer e fechou os olhos por instantes. Acordou sobressaltada quando ouviu três fortes pancadas na porta.

A primeira reacção foi pensar que era Hix e o coração bateu-lhe tresloucadamente no peito. Mas era claro que agora estava em segurança em casa. Então, lembrou-se dos fotógrafos. Oh, não. Sentou-se direita. Doía-lhe a cabeça e sentia a cara inchada. Pela primeira vez desde que se mudara para ali, desejou ter um olho mágico na porta. Foi então que percebeu que deveria ser o motorista a levar-lhe as compras. A barriga roncou de fome. Compôs o cabelo, arranjou a roupa, amarrou o cinto do roupão e foi abrir a porta.

40

Ele não falou. Simplesmente ficou ali. E ela ficou especada, como se alguém tivesse desligado todas as suas ligações neuronais, pousado as ferramentas e terminado o turno.

— Tu não ias casar-te? — acabou por dizer.

— Eu nunca disse isso. Eu disse que *ela* queria casar-se. Para jornalista, és uma péssima ouvinte — disse ele, dando um passo para ela.

Nora permaneceu colada ao chão.

— Mas eu…

— Queres estar calada? — ripostou.

E os lábios dele encontraram os dela, e ela sentiu uma sensação de vertigem e de leveza ao mesmo tempo. Algures num distante recanto da sua mente, sabia que continuava de pé, mas a sensação era diferente. Era como se se tivesse derretido e transformado num pequeno charco de manteiga aos pés dele.

E depois havia a camisa branca, que não tardou a ser despida, havia a cama, os braços dele, os olhos dele por cima dela e o imperscrutável sorriso que ela vira milhares de vezes, mas nunca daquela maneira.

*

Na manhã seguinte, encontraram um pão ressequido e um quartilho de leite grumoso num saco à porta. Andreas decidiu ir comprar víveres frescos.

Enquanto ele estava fora, Nora consultou a BBC News no telemóvel. Até ao momento, fora a única emissora a descobrir uma ligação real entre as duas raparigas dinamarquesas desaparecidas e a carnificina de Hickley. Tinham entrevistado McCormey, o investigador que quase deslindara o caso, e que poderia agora antever a sua resolução. Copiou a ligação e percorreu a sua lista de contactos até encontrar Bjarke e lhe encaminhar a ligação como mensagem de texto com as simples palavras: «Tudo de bom. Nora», que ele não tardou a responder com: «Obrigado. Dou notícias.»

Dormitou por algum tempo até Andreas lhe aparecer à porta com pão fresco e um sorriso ridículo, que ela teve de beijar o mais depressa possível.

41

Antes de começar a escrever o artigo, telefonou para a joalharia de Lyngby. Benita Svaneholm atendeu logo o telefone e Nora revelou-lhe o destino de Oluf.

— Pronto, está bem. Portanto, posso deixar de o procurar na secção de desporto — disse. A campainha por cima da porta tocou e Benita desligou.

*

Três dias depois, quando Nora dera os últimos retoques no artigo e estava prestes a pô-lo nas garras do Lagostim, recebeu uma mensagem de texto. Era uma ligação para a agência de notícias Reuters. A mensagem era breve.

Dizia que o Ministério da Administração Interna britânico iria criar uma comissão de investigação especial para realizar um abrangente inquérito à segurança nos estabelecimentos prisionais do Reino Unido, na sequência de um espancamento que deixara às portas da morte um recluso nos balneários do Estabelecimento Prisional de Wolf Hall. Segundo a mensagem, a vítima fora o famoso assassino em série William Hickley, mais conhecido por Bill Hix, cujo processo estava a ser revisto depois das novas e tenebrosas descobertas relacionadas com os seus crimes.

Nora meditou por instantes, depois acrescentou uma única frase na conclusão do seu artigo:

«William Hickley está agora novamente no Estabelecimento Prisional de Wolf Hall, onde deverá passar o resto da vida.»

Depois carregou em «Enviar».

Ouviu alguém pigarrear atrás de si.

— Acabaste?

— Mais ou menos. Só preciso de ver uma coisa. Tenho de trabalhar, sabes?

— Desafio-te a vires aqui e repetires essas palavras — disse Andreas, atirando o edredão para o lado.

Ela estava completamente disposta a isso — só que, de repente, não se lembrava propriamente do

que teria de repetir. Nem porquê.

Agradecimentos

Os meus agradecimentos a Søren e Sune que apareceram em Londres e me trouxeram *chaihitos* por acreditarem na Nora. Um agradecimento especial aos adoráveis e atentos editores da L&R, que reviram o livro e assim me salvaram das principais gralhas e erros grosseiros que, se ainda existem, não será certamente por culpa deles.

Muito obrigada aos meus fantásticos amigos, que leram e por vezes me fizeram companhia ou, no geral, me toleraram e incentivaram, enquanto eu ficava sentada a escrever em casas de férias, cafés ou no pico de um monte nos arrabaldes de Amalfi e nas salas de jantar de outras pessoas.

Obrigada, Viv. Tenho milhares de coisas por que te agradecer, e a pontuação é a última delas.

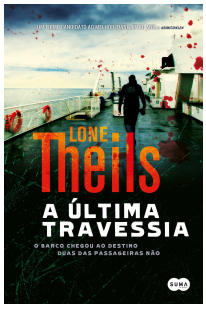
Obrigada também a John Stead, o simpático e versado bombeiro que me ajudou a resolver alguns problemas técnicos relacionados com o modo como desencadear um incêndio. A sua prestabilidade foi imprescindível.

Obrigada, Hazel, a «fotógrafa de leitura», pelas tuas extraordinárias fotografias e amizade.

Para terminar, um agradecimento especial a Alex e Errol por manterem a minha sanidade mental durante a edição, deixando que eu os esmurrasse e pontapeasse (ou aos almofadados) algumas vezes por semana. Isso fez toda a diferença.

A Última Travessia é uma obra de ficção. As personagens, o enredo e os locais, como Wolf Hall e Brine, são resultado exclusivo da imaginação da autora.

«UMA ESTREIA ADMIRÁVEL.»
Alt for damerne



Duas jovens dinamarquesas desaparecem, sem deixar rasto, a bordo de um barco com destino a Inglaterra, em 1985. Vários anos depois, a jornalista Nora Sand, que trabalha em Londres para a revista dinamarquesa Globalt, compra uma mala velha numa loja de antiguidades, numa cidade do litoral. Quando a jornalista abre a mala, encontra uma série de fotografias, e uma delas, onde aparecem duas jovens a bordo de um barco, chama-lhe a atenção. Nora lembra-se imediatamente do famoso caso das duas raparigas desaparecidas em 1985, que nunca fora encerrado. Nora Sand não pode deixar de pensar no caso e viaja até à Dinamarca para descobrir o que aconteceu às duas jovens. Rapidamente depara com a história de um assassino em série que está a cumprir pena de prisão perpétua e que parece ter a chave do caso... Mas, para Nora, qual será o preço a pagar?

«Um thriller extremamente bem construído e eficaz. Lone Theils está familiarizada com os métodos do géneo e escreve com um sentido acutilante nos pormenores e com requinte macabro.»p
POLITIKEN

«Um firme candidato ao melhor thriller do ano.»
KRIMI-CIRKLEN

«Uma estreia admirável.»
ALT FOR DAMERNE

«Um thriller de estreia com uma qualidade que surpreende.»
KRISTELIGT DAGBLAD

«Um bom thriller com uma protagonista que vai querer voltar a encontrar.»
BERLINGSKE

LONE THEILS foi, durante anos, correspondente em Londres dos jornais dinamarqueses *Berlingske Tidende* e *Politiken*. Durante os dezasseis anos que viveu em Londres, trabalhou também para a televisão e para a rádio nacional da Dinamarca. Actualmente, e desde que voltou para o seu país, em 2016, escreve artigos para a revista online POV International e dedica-se inteiramente à escrita.

O seu primeiro romance, *A Última Travessia*, que foi um bestseller imediato na Dinamarca e será publicado em mais catorze países, foi inspirado numa história verídica. Algumas fotografias de jovens desconhecidas, tiradas na Estação Central de Copenhaga, apareceram misteriosamente nas mãos de um assassino em série americano.

Título original: *Fatal Crossing*

Edição em digital: Abril 2018

© 2015, Lone Theils
© 2018, Penguin Random House, Grupo Editorial Unipessoal, Lda.
Av. Duque de Loulé, 123
Edf. Office 123 — Sala 3.6
1069-152 Lisboa

Tradução: José Remelhe
Revisão: Manuel Matos
Capa: adaptação de Teresa Coelho

ISBN: 978-989-665-599-0

Composição digital: leerendigital.com

Suma de Letras é uma chancela de:

Penguin Random House Grupo Editorial

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Índice

A última travessia

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37

Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Agradecimentos

Sobre o livro
Sobre Lone Theils
Créditos
Notas

[1] Alimentar o Mundo. *(N. do T.)*
[2] Assassínios do Século. *(N. do T.)*
[3] «Cruz Cristã», numa tradução literal. *(N. do T.)*
[4] Rua no centro de Londres, famosa pelas várias lojas de roupas caras para homem, especialmente fatos. *(N. do T.)*
[5] Escócia a Pé, numa tradução literal. *(N. do T.)*